

Ricardo Luis Meirelles dos Santos

A desordem dos dias: Rubem Braga
e a Segunda Guerra

Dissertação apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Teoria Literária

Orientador: Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
2001

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

| | |
|------------|-------------------------------------|
| UNIDADE | BP |
| Nº CHAMADA | UNICAMP |
| | Sa 59d |
| V | EX |
| TOMBO BC/ | 53861 |
| PROC. | 124103 |
| C | <input type="checkbox"/> |
| D | <input checked="" type="checkbox"/> |
| PREÇO | R\$ 11,00 |
| DATA | 20/05/03 |
| Nº CPD | |

CM00184055-B

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
IEL - UNICAMP

B.B ID 290967

Sa59d Santos, Ricardo Luís Meirelles dos
A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra / Ricardo Luís Meirelles dos Santos. – Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientador: Francisco Foot Hardman
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

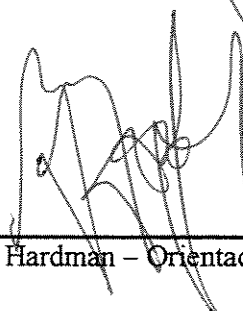
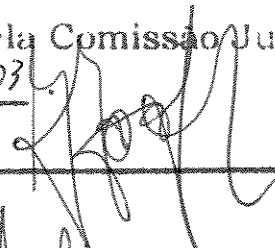
1. Braga, Rubem, 1913-1990. 2. Literatura brasileira. 3. Crônicas brasileiras. 4. Guerra mundial – 1939-1945 – Literatura e a guerra. I. Hardman, Francisco Foot. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Este exemplar e a redação final da tese defendida por Ricardo Luis

Meinelles dos Santos

e aprovada pela Comissão Julgadora em

28/04/2003



Prof. Dr. Francisco Foot Hardman - Orientador

Prof. Dr. Antonio Alcir Bernardes Pécora

Prof. Dr. Leonardo Pereira

200817332

Várias pessoas contribuíram, direta ou indiretamente, para o desenvolvimento desta dissertação; apontá-las todas seria trabalhoso a mim e enfadonho ao leitor. No entanto, não posso deixar de registrar aqui agradecimentos especiais ao professor Alcir Pécora, pelas valiosas dicas apresentadas no exame de qualificação; ao Foot, pela paciência, orientação e motivação; ao Artur Araújo e ao Rogério, amigos e cariocas, pelo apoio e pelas informações precisas sobre detalhes do Rio de Janeiro; a meus pais, Wilma e Carlos, pelo exemplo de fé e por me ensinarem a aprender sempre; a meus irmãos, Caíto e Felipe, pelo companheirismo da vida toda; e à Gabriela, pelo incentivo incessante, pelas conversas inspiradoras e pela ternura imprescindível.

Eis-me aqui: tagarelarei dia após dia; não dando ordens, apenas procurando resumir a desordem dos dias que vão. Nem ao menos tenho um programa; e para que programa? Tenho olhos, vejo as coisas, leio as notícias; e tenho mão, e conto e escrevo, e depois sai no jornal.

Rubem Braga, *Diário Carioca*, 15/2/44

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Apresentação | 11 |
| 1) Introdução – Desenvolvimento da crônica no Brasil | 15 |
| A) Crônica e jornal | 15 |
| B) As crônicas de Rubem Braga | 19 |
| 2) Imprensa brasileira e Segunda Guerra | 25 |
| A) O <i>Diário Carioca</i> , a imprensa e o governo Getúlio | 25 |
| B) Novidades e velharias no Estado Novo | 37 |
| C) O Brasil guerreira, os jornais torcem | 47 |
| 3) O cronista e a guerra | 63 |
| A) O cronista na retaguarda | 63 |
| B) O cronista vai à guerra | 99 |
| A neve, a mina, o pracinha..... | 114 |
| 4) Conclusão | 131 |
| 5) Anexos – textos de Rubem Braga publicados no <i>Diário Carioca</i> | 139 |
| 5) Bibliografia | 211 |
| A) De e sobre Rubem Braga | 211 |
| B) Geral | 212 |

RESUMO

Esta dissertação trata da série de textos escritos por Rubem Braga entre fevereiro de 1944 e abril de 1945 para o jornal *Diário Carioca*, que têm como tema central a Segunda Guerra, seus efeitos no Brasil (então sob o jugo da ditadura do Estado Novo) e a participação dos soldados brasileiros nos combates na Itália. Esses textos são divididos em duas fases: os produzidos entre fevereiro e junho de 1944, quando Braga manteve a coluna *Ordem do Dia* (grande parte desses textos é inédita em livro), e os feitos na Itália, quando o escritor atua como correspondente de guerra junto à Força Expedicionária Brasileira (esses escritos deram origem ao livro *Com a FEB na Itália*). Foi dada atenção especial ao modo como o cronista constrói a intimidade com o leitor nesses dois períodos.

– Apresentação

Duas das características importantes da crônica são seu hibridismo e a relação de proximidade, por vezes intimidade mesmo, estabelecida entre escritor e leitor. Boa parte dessas marcas é emprestada do meio em que tais textos são originalmente veiculados: a imprensa, o jornal. Gênero literário, gênero também jornalístico, gênero com raízes na História, gênero essencialmente de fronteira, ela conjuga lirismo com comentários da atualidade, prosa poética com crônica de costumes. Sua feição moderna começou a ganhar os primeiros contornos na França, através dos folhetins. No Brasil estabeleceu-se rapidamente, e logo foi exercida pela pena de escritores renomados do final do século XIX e começo do século XX, como José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac e Lima Barreto. Nas décadas seguintes, paralelamente ao desenvolvimento da imprensa, consolidou-se e ganhou particularidades que depois se consagrariam como brasileiras, talvez sobretudo cariocas. Abrigou uma leva de escritores que se tornariam conhecidos principalmente por suas atividades de cronista, mais do que poeta ou romancista, como Paulo Mendes Campos, Antônio Maria, Otto Lara Resende e, principalmente, Rubem Braga.

Braga é provavelmente o caso mais ilustre de cronista que se celebrou apenas por ser isso, cronista – ou, mais exatamente, cronista de jornal. Paulo Mendes Campos tem uma produção poética importante, Antônio Maria talvez seja mais conhecido como compositor (*Ninguém me ama* é seu maior sucesso), Otto Lara escreveu romance e contos. Dois outros cronistas da mesma geração, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade, também fizeram coisas notáveis em outros gêneros.

Mais que seus colegas, o escritor capixaba esteve quase sempre ligado à rotina acelerada das redações, em cujos textos já se chama de *ontem* o dia de hoje. Há um momento, em especial, em que mescla de maneira ainda mais aguda as funções de jornalista e cronista: a série de escritos produzidos durante a cobertura da atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial, que resultaria no livro *Com a FEB na Itália*. É dessa obra que se tratará aqui.

Rubem Braga na época era cronista do jornal *Diário Carioca*, uma publicação pequena mas influente. Entre fevereiro e junho de 1944, escreveu uma coluna chamada *Ordem do Dia*, publicada na página 3 – a qual também será objeto desta dissertação. Em setembro do mesmo ano, embarcou para a Itália como correspondente de guerra (num navio que também levava parte dos combatentes brasileiros), e acompanharia a FEB até abril de 1945; com rapidez e oportunidade que só seriam vistas na imprensa a partir da década de 80, Braga voltou para o Brasil e publicou no mesmo ano uma seleção dos textos que fizera na Itália. Na Biblioteca Nacional foi possível encontrar todas as diferentes edições da obra¹.

No livro e na série de colunas para a *Ordem do Dia*, as duas características destacadas no começo deste texto (o hibridismo da crônica e o tom de proximidade que ela estabelece com o leitor) aparecem de maneira bastante peculiar. O primeiro ponto talvez desse muito pano pra manga; ele será abordado nesta dissertação, mas julgou-se que seria tão equivocado quanto inútil tentar apontar o que há de “literatura” e o que há de “jornalismo” nesses textos, ou escrever sobre as diferenças entre um e outro gênero – a tarefa não parece ser própria a uma dissertação de mestrado e provavelmente erraria ao centrar foco na distinção entre jornalismo e literatura e não na confusão entre ambos, o que, supõe-se, é um dos atrativos da crônica.

O outro ponto, a proximidade entre leitor e cronista, merecerá atenção especial. Braga, como se verá, herda e aprofunda um tipo de crônica fundada na construção de uma intimidade entre o escritor e seu público, fala sobre coisas que seu leitor conhece bem, como praias do Rio de Janeiro, a rotina da cidade grande, a vida solitária, decepções amorosas e pequenas paixões. Quando o cronista vira correspondente de guerra, no entanto, quando se desloca para um outro país e precisa reportar acontecimentos de um outro cotidiano, a relação de proximidade vê-se em xeque: como escrever crônicas sobre

¹ Somente na primeira edição do livro, lançada em 1945, o título é *Com a FEB na Itália*. A segunda, que saiu em 1964, chama-se *Crônicas da Guerra*. A terceira edição, com o nome de *Crônicas da Guerra na Itália*, foi publicada em 1985 e inclui, além do livro primitivo, artigos para revistas sobre a Segunda Guerra, uma entrevista concedida por Rubem Braga ao *Jornal da Tarde* e quatro crônicas de outros livros.

rotina militar e combates sob a neve na Itália ao leitor carioca que acompanha e sofre, sim, com a guerra, mas não tem intimidade com o dia-a-dia dos combatentes?

A essa e outras perguntas semelhantes se tentará responder no capítulo 3 desta dissertação. O mesmo capítulo se debruça sobre os textos produzidos para a seção *Ordem do Dia* – trata-se de um conjunto de 50 escritos, apenas três deles publicados em livro. Parte deles foi copiada dos exemplares microfilmados disponíveis na Biblioteca Nacional, parte foi obtida no arquivo do escritor, guardado na Fundação Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro (RJ). Buscou-se descrever os principais temas abordados pelo cronista capixaba e alguns procedimentos por ele utilizados – com foco mais demorado sobre a construção da intimidade entre leitor e escritor. O principal assunto é o cotidiano do Rio de Janeiro afetado indiretamente pela guerra: os reflexos na economia, a especulação sobre o preço do leite, as manifestações de autoritarismo e o dia-a-dia de uma população que faz seus projetos à espera do fim dos conflitos. Braga também faz as vezes de comentarista do noticiário internacional, ao analisar o desenvolvimento dos combates na Europa.

No mesmo capítulo serão feitas, esporadicamente, menções a outros textos que Rubem Braga escreveu antes de ir à guerra, como os reunidos no livro *Uma fada no Front*, publicado já depois da morte do autor pela editora Artes e Ofícios; trata-se de um conjunto de crônicas produzidas para o jornal *Folha da Tarde*, de Porto Alegre, de julho de 1939 (portanto antes do começo da Segunda Guerra Mundial) a outubro do mesmo ano. Nelas, o escritor faz comentários, entre outras coisas, sobre o cenário internacional (o avanço do nazismo em particular) e suas repercussões no Brasil. Morando no Sul do País e escrevendo para um jornal porto-alegrense, refere-se e por vezes se dirige aos imigrantes alemães, e entra em temas como raça pura e, com menor frequência, anti-semitismo.

À descrição do conjunto de 83 narrativas que compõem o livro de Rubem Braga e dos textos feitos para a coluna *Ordem do Dia*, antecedem-se, porém, outras considerações, que têm como objetivo contextualizar o trabalho do escritor capixaba.

No capítulo 1, há um breve relato sobre o surgimento e o desenvolvimento da crônica no Brasil – da época do folhetim aos cronistas modernos contemporâneos de Braga. É ainda nesse capítulo que serão descritas algumas das principais características do estilo do autor de *Ai de Ti, Copacabana*.

No capítulo 2 faz-se um panorama da imprensa brasileira nos tempos de Getúlio Vargas, com destaque maior para o *Diário Carioca*. Nos jornais da época, coexistiam modernização gráfica e seções especializadas (para saciar demandas específicas do público leitor), censura e profissionalização dos jornalistas, engajamento político e propaganda governista. Em uma consulta na Biblioteca Nacional a exemplares microfilmados do *Diário Carioca* (janeiro de 1944 a setembro de 1945) foi possível observar como o periódico abordava os principais assuntos da época (Segunda Guerra Mundial, principalmente).

Essas informações organizadas nos dois primeiros capítulos servirão de base para o terceiro. Como já comentado parágrafos acima, no capítulo 3 é que se deterá sobre a seção *Ordem do Dia* e o livro *Com a FEB na Itália*, destacando os procedimentos do cronista para (re)construir a proximidade com seu público leitor e as estreitas relações entre o texto e a estrutura de relatos informativos.

No quarto capítulo, o que conclui esta dissertação, tenta-se mostrar como a produção da intimidade entre o autor e seu público, característica marcante da crônica, em especial da crônica de Braga, adquire um significado especial quando contrastado ao ambiente de construção de um espírito de comunhão nacional no Estado Novo. A hipótese é que a série de textos de Rubem Braga, embora não possa ser vista como uma obra uniforme, se imbuí de um tom dissonante em relação à retórica oficial.

1 – Introdução: Desenvolvimento da crônica no Brasil

A) Crônica e jornal

A crônica, em sua vertente moderna, está intimamente ligada à imprensa, pelo menos desde seus tempos de folhetim, no século XIX. Inicialmente era um rodapé da primeira página destinado ao entretenimento. Nele, escrevia-se sobre quase tudo, do lançamento de uma peça ao crime da semana, de receita de cozinha a mexericos da alta sociedade; havia também uma função pedagógica nesses textos, que no Brasil colocavam parte do público em contato com as idéias políticas e estéticas da Europa. Pouco depois, o eclético espaço passa a abrigar textos de ficção e romances publicados em capítulos separados, no estilo “continua amanhã”. Aos poucos, esses assuntos mais leves, que se diferenciavam da aspereza das notícias sobre Política e Economia, ganham espaço maior e vão para as páginas internas dos jornais, na seção de variedades. No lugar do folhetim (agora quase restrito à divulgação de romances), nasce a crônica². E é a partir da consolidação da imprensa que surgem as produções freqüentes e sistematizadas desses escritos curtos.

No Brasil, a crônica se estabelece definitivamente no final do século XIX e começo do XX, por meio de assíduos freqüentadores de páginas de jornal, como José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, Lima Barreto e João do Rio. Escritores mas também jornalistas, eles se debruçam sobre esse gênero essencialmente de fronteira, que toma emprestados alguns procedimentos do Jornalismo, ao mesmo tempo em que se diferencia do texto noticioso, puramente informativo, privilegiando o fato corriqueiro, banal, circunstancial, a linguagem mais próxima do coloquial, o comentário dos acontecimentos presentes, não raro acompanhado de lirismo. Ou, como resume Alencar em uma de suas colaborações para a *Revista da Semana*, na sessão *Ao correr da pena*:

²MEYER, Marlyse. “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica”, in CANDIDO, Antonio et alli., A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil, Campinas, Unicamp; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, páginas 93 a 133.

*Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho.*³

Um dos traços mais marcantes desses escritos é o enfoque centrado no ramerrão do leitor, vale dizer, do morador das grandes cidades (Rio de Janeiro, principalmente). Não por acaso, vários textos partem de seus vizinhos de página – as notícias publicadas no jornal:

*A Gazeta de Notícias conta hoje o caso de um menino de seis anos que, por um prodígio de atenção e de vontade, aprendeu a ler, por si mesmo, só com o estudo pertinaz e constante dos programas de cinematógrafos (...). O caso é digno de registro e comentário (...).*⁴

Ainda que crescendo lado a lado, crônica e notícia quase nunca são vistas e tratadas da mesma maneira. A primeira se inspira na segunda, mas procura se diferenciar do texto puramente informativo. Como destaca Margarida de Souza Neves, “o objeto da crônica, sua matéria-prima, é o cotidiano construído pelo cronista através da seleção que o leva a registrar alguns aspectos e eventos e abandonar outros”.⁵ A afirmação é reforçada pelo próprio Bilac:

³Citado por MEYER, op. cit., página 107.

⁴ BILAC, Olavo. “Nova Carta de ABC”, in *Vossa Insolência*, org. de Antonio Dimas, São Paulo, Cia. das Letras, 1996, páginas 202 e 203.

⁵NEVES, Margarida de Souza. “Uma escrita do tempo: Memória, ordem e progresso nas crônicas”, in CANDIDO, op. cit., página 76.

*Os noticiaristas registram; os cronistas comentam. O noticiarista retira da mina a ganga de quartzo em que o ouro dorme, sem brilho e sem prestígio; o cronista separa o metal precioso da matéria bruta que o abriga, e faz esplender ao sol a pepita rutilante.*⁶

Essas características vão se acentuando com o desenvolvimento dos jornais e revistas, que cada vez mais ganham tiragem regular e diária, obrigando o cronista a enfrentar uma rotina desafiadora: escrever todos os dias e se adequar aos prazos industriais dos órgãos de comunicação. Além desses obstáculos, o escritor tem de lutar também contra outros fatores que já se embrenhavam no mercado de publicações jornalísticas: concorrência, distorções de informação por razões políticas e/ou financeiras. A partir do começo do século XX, essas transformações tornam-se mais freqüentes. Essa revolução na imprensa acarreta uma diversificação do conteúdo e ampliação do número de seções permanentes, para atrair um novo público leitor: a emergente classe média. Jornais e revistas se desdobram, então, em cadernos, suplementos, editorias específicas.

Os fatores que emprestam à crônica um importante valor histórico – o fato de ser calcada no cotidiano dos leitores, sujeita a vontades e humores do dono do jornal ou ao dinheiro dos anunciantes, espaço de comentário de fatos político-sociais – estão também intimamente ligados ao local em que esses textos são publicados: o jornal. De fato, a crônica geralmente muito se aproxima das características essenciais dos textos jornalísticos: atualidade, oportunidade e difusão coletiva⁷.

Com o desenvolvimento do gênero, a crônica moderna começa a abandonar o caráter de artigo, defesa virulenta de uma idéia (como por vezes era comum nos tempos de Bilac e Machado de Assis). Mas segue acompanhando, de perto, as mudanças tecnológicas, urbanas e culturais do novo século, sua rotina comezinha. Ou, como afirma Antonio

⁶BILAC, Olavo. “Metrópole de desocupados”, op. cit, página 232.

⁷MELO, José Marques de. A Opinião no Jornalismo Brasileiro, Petrópolis, Vozes, 1985, página 118.

Candido, esses textos curtos, em linguagem leve e acessível, comunicam “a visão humana do homem na sua vida de todo o dia”.⁸

Entre os cronistas que despontam em meados do século, a proximidade a esse dia-a-dia é característica recorrente. Pode-se encontrá-la em um escritor que carrega a tinta no lado humorístico, como Sérgio Porto/Stanislaw Ponte Preta, quando, por exemplo, comenta a (falta de) qualidade das comidas em alguns lugares do Rio de Janeiro:

*Você aí já reparou que enormidade de porcarias vendem os botecos do Rio? Empadinhas de um remoto camarão, pastéis de onde se escorre uma banha de que o próprio porco recusaria admitir a paternidade, pudins de pão (...), aquele doce chamado “sonho” mas que, comido no balcão de botequim, pode transformar-se em terrível pesadelo (...).*⁹

Outro tema freqüente entre os cronistas são as máquinas que começam a fazer parte do cotidiano do morador da grande cidade, confundindo-o, intrigando-o, isolando-o ainda mais dos outros seres humanos. É o caso do telefone:

*Quando não é sobrecarga, é defeito. E aquele sinal de ocupado que vem depois que a gente liga, pensa que me enganam? Aquele sinal é falso, não está ocupado coisa nenhuma.*¹⁰

Ou do ônibus:

⁸CANDIDO, A. “A Vida ao rés do chão”. In ANDRADE, Carlos Drummond et alli, Para Gostar de Ler, Vol. 4, São Paulo, Ática, 1980

⁹PONTE PRETA, Stanislaw. “Coma e emagreça”, in Primo Altamirando e Elas, 6ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980, páginas 165 e 166.

¹⁰SABINO, Fernando. “O ricochete telefônico”, in Deixa o Alfredo Falar!, Rio de Janeiro, Record, 12ª edição, 1987, página 133.

*O lotação ia de Copacabana para o centro,
com os lugares vazios, cada passageiro pensando
em sua vida; é o gênero de transporte onde menos
viceja a flor da comunicação humana.¹¹*

Ou dos alto-falantes:

*E agora já não existe condição que faculte a
uma criatura o direito de não ouvir música, a não
ser na sonoterapia do tûmulo. A música se fez
compulsória como o imposto de renda e o trovão.¹²*

B) As crônicas de Rubem Braga

Nesse ambiente jornalístico e literário, Rubem Braga (12/01/1913 – 17/12/1990) tem importância fundamental. Na literatura moderna brasileira, ele talvez seja o único caso de escritor que se tornou célebre e admirado quase que exclusivamente escrevendo crônicas. Coincidentemente ou não, seus dois únicos livros não compostos de narrativas curtas são pouco expressivos – *Três Primitivos*, lançado em 1954 pelo Ministério da Educação, no qual comenta a vida e obra de três pintores, e *Livro de Versos*, publicado em 1980 pelas Edições Pirata, do Recife. Ou, como nota o próprio Braga, em entrevista ao *Jornal da Tarde*, em 1972: “Escrever para mim sempre foi uma coisa ligada a jornal, não me lembro de ter escrito nada que não fosse para ser publicado no dia seguinte ou na semana seguinte”.¹³

¹¹ANDRADE, Carlos Drummond. “Areia Branca”, in *A Bolsa & a Vida*, in Poesia e Prosa. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 8ª edição, 1992, página 1600.

¹² Campos, Paulo Mendes. “Música, doce música”, in O amor acaba, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000, página 155.

¹³Citado por FRANCHETTI, Paulo e PECORA, Alcir. Rubem Braga – Literatura Comentada, São Paulo, Abril Educação, 1980.

Sua trajetória pela imprensa começou em 1928, aos 15 anos; escrevia para o *Correio do Sul*, jornal de propriedade de seu irmão, em Cachoeiro de Itapemirim, sua terra natal. Quando se mudou para Belo Horizonte, para cursar faculdade de Direito, colaborou com o mineiro *Diário da Tarde*. A partir daí, passou por incontáveis órgãos de comunicação, desde as publicações dos *Diários Associados*, conglomerado do magnata Assis Chateaubriand, até outros com forte ligação com a Aliança Nacional Libertadora (movimento de frente popular presidido por Luís Carlos Prestes), como *Folha do Povo*, fundado por Braga em Recife em 1935, e *A Manhã*, lançado no mesmo ano no Rio de Janeiro. Como repórter ou editor – quase sempre como cronista – ele ainda participou de outros periódicos de esquerda, como as revistas *Problemas* e *Diretrizes*, essa última dirigida por Samuel Wainer, com tom de oposição ao governo de Getúlio Vargas. Braga colaborou também com quase todos os jornais de grande circulação, como *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, e com a revista *Manchete*. A partir de 1975, virou uma espécie de consultor de textos de alguns telejornais da TV Globo.

Durante essa trajetória, teve que se submeter à censura e aos interesses de empresários. Na biografia de Assis Chateaubriand, Fernando Morais relata um caso em que Rubem Braga havia sido obrigado a fazer uma reportagem bajulatória sobre um condomínio construído pelo dono de uma importadora de bebidas. A matéria encomendada era o pagamento de 20 caixas de champanhe que Chateaubriand comprara para dar a uma amante¹⁴. Pouco depois de começar a trabalhar como cronista e jornalista, Braga teve que enfrentar uma época difícil para a imprensa – o Estado Novo (1938-1945). Ele chegou a ser perseguido pelo regime de Getúlio Vargas, tendo que se esconder no sítio de Carlos Lacerda. Em 1939, foi preso em Porto Alegre e colocado em um navio em direção a Santos.

É dessa colaboração em empresas de tão diferentes tendências que nascem seus 17 livros – a quase totalidade deles reuniões de textos publicados anteriormente em jornais ou revistas. Em sua obra, Braga desenvolve um estilo particular, que tem como uma das características principais a evocação de momentos significativos de sua vida. Evocação essa que, ampliando um fato banal, pode ser deflagrada por um objeto, uma atmosfera, um sorriso de mulher, uma brincadeira de crianças na praia.

¹⁴ MORAIS, Fernando. *Chatô, o Rei do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

Mas de repente houve alguma coisa – a visão de um muro, o som de uma vitrola distante, algum rosto no meio da multidão? – alguma coisa que me devolveu ao meu ser antigo. Sou um rapaz magro nesta mesma rua, sou o verdadeiro estudante de 1929 (...). Mas logo, por um instante, sou o homem dramático e silencioso de 1938, e caminho carregado de angústia por essa calçada que, entretanto, é a mesma de hoje.¹⁵

Não raro, em uma mesma crônica circula entre fatos da semana e recordações da infância, amores adultos e paixões de Cachoeiro de Itapemirim – um universo que inclui árvores, pássaros, peixes, praias, lembranças capixabas brotadas da rotina da cidade grande. Une, assim, a aspereza do noticiário a um estilo rico em lirismo. Um exemplo é “O presidente voador”, texto publicado em 1957 em que o escritor, num tom de conversa-puxa-conversa, começa falando das viagens freqüentes de Juscelino Kubitschek e remete a suas memórias de criança, mesclando nostalgia com sátira política. Esparramando ironia pela narrativa, Braga defende o estranho hábito do presidente, argumentando que “anima o interior e conforta o país”; lamenta que, na sua infância, não tenha contado com o privilégio de ver o chefe da nação em Cachoeiro de Itapemirim. A cidade recebera, porém, um secretário estadual:

E achei ótimo aquilo, os foguetes na estação, a formatura do grupo escolar e das escolas, nós todos ali, e banda de música, Hino Nacional, guaraná grátis, o prefeito, o juiz, todos os locais bem-vestidos, cumprimentando, sorrindo, dizendo por favor, por obséquio, tenha a bondade, vossa

¹⁵BRAGA, Rubem. “O homem e a cidade”. In: Ai de ti, Copacabana. São Paulo, Circulo do Livro, 1985, página 180.

*excelência, todos felizes. E quando Sua Excelência falou de Cachoeiro de Itapemirim só disse coisas a nosso favor, senti-me importante pela importância de minha cidade indubitavelmente ou inquestionavelmente (não me lembro mais, era um desses advérbios de modo assim bonitos, um advérbio de discurso) um grande centro progressista industrial, cultural, outros adjetivos em al (...).*¹⁶

Outra marca do estilo de Rubem Braga é a tematização das pequenas coisas do cotidiano da cidade moderna, seus absurdos, sua rotina tola, seus instantes de magia. A essa aproximação temática com o dia-a-dia do leitor (principalmente do leitor de jornal, concentrado nas grandes cidades) corresponde uma sintaxe próxima à linguagem coloquial, ao tom de bate-papo entre amigos. Essa produção da intimidade entre escritor e leitor permite que se trate com familiaridade alguns lugares da cidade.

*Se você, meu amigo leitor, vai hoje à Casa Cecília Louro, aí na rua da Praia, comprar por três mil réis um ingresso para a Festa da Primavera de amanhã (...).*¹⁷

*Hoje, pela volta do meio-dia, fui tomar um táxi naquele ponto da Praça Serzedelo Correia, em Copacabana.*¹⁸

Moradores de Copacabana, comprei vossos peixes na Peixaria Bolívar, Rua Bolívar, 70, de

¹⁶BRAGA, Rubem. "O presidente voador". Idem, páginas 43 e 44.

¹⁷BRAGA. "Uma festa". In: Uma fada no front. Porto Alegre, Artes e Ofícios Editora, 1994, página 75.

¹⁸BRAGA, Rubem. "A primeira mulher do Nunes". Idem.

*propriedade do sr. Francisco Mandarino. Porque eis que ele é um homem de bem.*¹⁹

Ou que se trate com familiaridade alguns problemas da cidade:

*Sugiro-lhe que a cidade cresce muito depressa, que há edifícios onde havia casinhas, as pessoas se mudam mais que antigamente (...). O pessoal anda muito desorientado.*²⁰

Houve um concurso para escriturário de determinada autarquia. A moça inscreveu-se, tomou cursos, estudou meses, fez as provas, foi aprovada, foi classificada, chorou de alegria quando a mãe a beijou, ficou esperando a nomeação, passaram-se dois anos, ela não foi nomeada e o concurso não vale mais.

*O Estado, no Brasil, é um brincalhão.*²¹

Vá o leitor assistir, de manhã ou de tarde, a uma partida ou chegada dos trens suburbanos em que viajam essas máquinas de carne e osso. Ali, sim, é possível observar o desgaste violento, quase aflitivo, das maquinarias. É difícil acreditar que estamos ali diante da mesma espécie de animal que se exhibe nas areias de Copacabana. A maioria das

¹⁹BRAGA. "A tartaruga", *ibidem*.

²⁰BRAGA. "O pessoal", *ibidem*.

²¹BRAGA. "Um mundo de papel", *ibidem*.

*mulheres e dos homens, inclusive das crianças, tem um ar de coisa usada – e abusada.*²²

Não deixa de ser sugestivo que, mesmo quando se aproxima do tom fantástico, o autor não perca de vista a rotina da cidade. Em uma crônica-conto em que relata seu encontro com o Diabo, por exemplo, Braga apresenta um Satanás com fortes traços humanos, que acompanha o cotidiano urbano do narrador – Belzebu vai ao cinema, trabalha, toma cerveja até ficar sem dinheiro na carteira:

*Muitos homens, e até senhoras, já receberam a visita do Diabo, e conversaram com ele de um modo galante e paradoxal (...). Quanto a mim, o caso é diferente. (...) Passou um dia inteiro comigo. Descemos juntos do elevador, andamos pelas ruas, trabalhamos e comemos juntos.*²³

²²BRAGA. “Ginástica”. In: Um pé de milho, Rio de Janeiro, Record, 1993, 5ª edição, página 23.

²³BRAGA. “Eu e Bebu na hora neutra da Madrugada”, *idem*, página 7.

2 – Imprensa brasileira e Segunda Guerra

A) O *Diário Carioca*, a imprensa e o governo Getúlio

Fundado em 1928, o *Diário Carioca* nasceu na oposição. Seu diretor, José Eduardo de Macedo Soares, e o primeiro chefe de redação, Leônidas de Rezende, não eram novatos nem no jornalismo nem nos entraves com o poder. O primeiro fora deputado pelo Estado do Rio de Janeiro, comandara o nascimento de *O Imparcial*, surgido em 1912 na esteira de movimentos contra o grupo do presidente Hermes da Fonseca, e estivera à frente do *Correio da Manhã* na campanha contra Artur Bernardes; em 1928, em um relatório encaminhado ao Ministério da Guerra, ele e seu irmão, o empresário José Carlos de Macedo Soares, são identificados como “o centro de maquinação” de revoltas contra o governo federal¹. Já Leônidas de Rezende, classificado pelo mesmo relatório como “agitador conhecido”, ressuscitara em 1926 o jornal *A Nação*, transformando-o em porta-voz de ideais comunistas – no cabeçalho havia o dístico “Proletários de todos os países, uni-vos” (retirado do Manifesto Comunista), versos da *Internacional Comunista* e uma frase de Lenin²; sob nova direção e novo viés, *A Nação* durou pouco: foi fechado em 1927 pela polícia. Tanto Rezende quanto Soares haviam sido presos durante o estado de sítio decretado por Hermes da Fonseca, na esteira da Revolta da Chibata³. Da primeira redação do *Diário Carioca* ainda faziam parte Osório Borba, o ilustrador Adres Guevara, Mauro

¹ PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, página 78. O autor encarrega-se, no entanto, de mostrar a desmesura da acusação, principalmente no que se refere a José Carlos de Macedo Soares, então presidente da Associação Comercial de São Paulo e que seria, décadas depois, ministro das Relações Exteriores do governo Juscelino Kubitschek.

² Ibidem, pág. 79. Paulo Sérgio Pinheiro cita um breve perfil de Leônidas de Rezende feito por Astrojildo Pereira: “Sem se desprender totalmente de certas concepções de Augusto Comte, Leônidas de Rezende aproximou-se resolutamente das posições revolucionárias do marxismo-lenismo, e nessa disposição de espírito é que procurou a direção do PCB, em fins de 1926, novembro ou dezembro, propondo-lhe retomar a publicação do jornal [*A Nação*] como órgão comunista a serviço do partido”.

³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

de Almeida e Paulo Mota Lima, que anos depois, em 1935, fundaria o jornal *A Manhã*, umbilicalmente ligado à agremiação comunista Aliança Nacional Libertadora.

O *Diário Carioca* surgiu em uma época fértil para a imprensa brasileira, o que é visto por alguns historiadores como reflexo de dois fatores bastante interligados: crescimento industrial e progressiva ascensão da burguesia (classe média inclusive)⁴. De fato, depois da Primeira Guerra Mundial o Brasil passou por um processo de industrialização mais intenso; mesmo concentrada em poucos ramos de atividade e ainda dependente do setor agrário-exportador, a produção fabril mais do que dobrou de 1914 a 1930⁵. Esse movimento transbordou para jornais e revistas, que cada vez se consolidariam mais como grandes empresas e menos como empreendimentos individuais, artesanais; ou, como resume Nelson Werneck Sodré:

*Se, com o após guerra, profundas alterações se denunciam na vida brasileira, tais alterações, para a imprensa, acentuam rapidamente o acabamento da sua fase industrial, relegando ao esquecimento a fase artesanal: um periódico será, daí por diante, empresa nitidamente estruturada em moldes capitalistas.*⁶

Simultaneamente, as principais cidades brasileiras (leia-se: Rio de Janeiro e São Paulo) vêem crescer o número de pequenos empresários e comerciantes, funcionários públicos, profissionais liberais, autônomos e assalariados. Uma comparação entre o Recenseamento de 1920 e o Censo Paulista de 1934⁷ (ambos, é verdade, de precisão questionável) permite arriscar uma estimativa de que, no período, a classe média paulistana, por exemplo (profissionais ligados à produção, transformação e distribuição de riqueza,

⁴ Idem. *Ibidem*.

⁵ FAUSTO, Boris. *A Revolução de 30 – Historiografia e História*. São Paulo, editora brasiliense, 1979, página 22. O autor, citando trabalho de Roberto Simonsen, indica que nesse período a produção industrial apresentou crescimento ponderado de 160%. Ainda assim, era menor que a da Argentina, por exemplo.

⁶ Sodré. *Op. cit.*

⁷ As duas contagens aparecem em Fausto, Boris. *Op. cit.*, páginas 19 a 28.

administração e profissionais liberais), passou de algo em torno de 180 mil pessoas para 370 mil. O crescimento dessa faixa da população parece ter repercussão nos meios de comunicação, já que “nessa camada social estava a maioria do público da imprensa: esse público influía nos jornais e era influenciado pelos jornais”.⁸

Nesse sentido, é significativo que em um período curto o Brasil tenha visto uma profusão de novos veículos, todos eles de vida relativamente longa: do até hoje tradicional *O Globo* (1925) até *A Manhã* (de 1929 a 1959; trata-se de um pasquim comandado por Aparício Torelly, o Barão de Itararé; o nome do periódico é uma sátira a *A Manhã*), passando por *A Noite* (1929 a 1957), *Diário da Noite* (1929 a 1962, pertencente à rede dos *Diários Associados*), *Diário de Notícias* (1930) e, claro, *Diário Carioca* (1928 a 1966). Esse último, informa Nelson Werneck Sodré, “tirava, de início, 5 mil exemplares, mas logo ganhou prestígio, montou oficinas próprias e instalou-se à praça Tiradentes, 77, onde permaneceu por 20 anos”.⁹

O surgimento de novos títulos não parece ser a única forma de saciar o crescente público. O caráter empresarial dos jornais se expressaria em tentativas contínuas de seduzir o leitor: os periódicos criavam suplementos para atender novos públicos ou manter o já conquistado e preocupavam-se ainda mais com sua apresentação. “É a embalagem do produto que começa a ser trabalhada. É também a preocupação em fazer um produto mais digestivo, menos *highbrow*, mais acessível e sedutor. É a preocupação em *cativar* o leitor que está presente aí”.¹⁰ A segmentação e preocupação em dar atenção ao público ficam claras, por exemplo, em uma crônica um tanto debochada de Rubem Braga, escrita em 1934 (provavelmente para os *Diários Associados*):

*Existe, no jornal em que trabalho, como
existe em muitos jornais, um redator essencialmente
agrícola. É um homem encarregado de explicar*

⁸ Sodré. Op. cit.

⁹ Idem. Ibidem.

¹⁰ TASHNER, Gisela. *Folhas ao Vento*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, página 42. Nesse trecho a autora refere-se especificamente a transformações na *Folha da Noite*, mas deixa claro que a característica vale também para outros jornais: “é uma característica que vai ganhar cada vez maior proeminência, sobretudo nos jornais vespertinos, e que se tornará objeto de cuidados cada vez mais sistemáticos das redações”.

*diariamente aos seus leitores qual o melhor meio de plantar batatas. (...) É um ofício heróico, remediar à distância a dor de barriga de um porco ou matar os insetos que atacam um pé de abacate situado a novecentos e cinqüenta quilômetros da redação do jornal.*¹¹

Esse caráter cada vez mais empresarial, essas preocupações técnicas e esse crescente profissionalismo não significam, contudo, que os jornais haviam abandonado seu explícito engajamento político. No final da década de 20, justamente quando surgia o *Diário Carioca*, a política de defesa permanente dos preços do café já colhia os frutos de um endividamento crescente, como mostra Boris Fausto¹². Baseada principalmente na produção cafeeira, a economia brasileira era sujeita aos inúmeros sobressaltos de um mercado externo que ainda se recuperava da Primeira Guerra Mundial. A tentativa de manter de pé a agricultura implicava a transferência de recursos para a oligarquia do café, “generalizava prejuízos e afetava sensivelmente os segmentos não-vinculados à exportação”¹³. O endividamento acentuou a alta do custo de vida (de 1914 a 1930 a inflação subiu 137,3%¹⁴) e acirrou o descontentamento de parte da oligarquia que não estava diretamente ligada ao café (mineiros, paraibanos e gaúchos, sobretudo), da imprensa e de parcela das classes médias dos centros urbanos, bem como de militares, que organizariam vários levantes tenentistas durante a década de 20¹⁵.

¹¹ BRAGA, Rubem. “A carta”, in *O conde e o passarinho*, Rio de Janeiro, Record, 1982.

¹² Fausto. Op. cit.

¹³ GARCIA, Nélon Jah. *Estado Novo, Ideologia e Propaganda Política*, São Paulo, Edição eBooksBrasil.com, 2000.

¹⁴ Citado por Boris Fausto, op. cit.

¹⁵ Boris Fausto (op. cit.) e Paulo Sérgio Pinheiro (op. cit.) destacam que nem o proletariado nem a burguesia industrial tiveram participação importante nos movimentos que desembocariam na Revolução de 1930. Para Fausto, “o proletariado tem no episódio revolucionário uma ‘participação difusa’. Certamente não intervém na revolução como *classe* (...)”. Pinheiro afirma que “a classe operária e a burguesia industrial jamais aderiram” a esses movimentos.

A crise econômica, que se aprofundaria com a quebra de Bolsa em 1929, era acompanhada de uma crise política em que a oligarquia paulista parecia pressionada a fazer concessões àqueles setores, organizados em torno na Aliança Liberal. O descontentamento foi agravado pelo fato de Washington Luís escolher outro paulista para sucedê-lo, Júlio Prestes, rompendo a política do Café com Leite – o acordo que previa mineiros e paulistas revezando-se no poder.

Os jornais tiveram papel importante nesses entraves. “Essa imprensa empresarial (...) se transformava e (...), nessa fase, preparava uma luta política profunda”, segundo Werneck Sodré¹⁶. Luta que se daria, sobretudo, em prol da Aliança Liberal, como frisa o autor. Fernando Moraes reforça essa observação: “O movimento oposicionista já contava com a simpatia dos maiores jornais do Rio e de São Paulo, mas [Assis] Chateaubriand insistia em que isso não era suficiente: mais que a mera aquiescência, era preciso jornais declaradamente militantes, que assumissem como sua a causa aliancista”.¹⁷

O *Diário Carioca* “seria um dos órgãos principais” no movimento de apoio a essa agremiação oposicionista¹⁸. Quando a campanha para a sucessão do presidente Washington Luís saiu às ruas, boa parte dos jornais apoiava a candidatura de Getúlio Vargas – *Diário Carioca* entre eles – e atacava a chapa governista, encabeçada por Júlio Prestes, do Partido Republicano Paulista (PRP), e com Vital Soares na vice-presidência. Nos relatos jornalísticos “a caravana aliancista era invariavelmente recebida com ‘demonstrações extraordinárias de regozijo público’, os comícios e concentrações organizados pelos partidários de Júlio Prestes redundavam sempre em ‘ruidoso fracasso’”.¹⁹

¹⁶ Sodré. Op. cit.

¹⁷ MORAIS, Fernando. *Chatô – o Rei do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, página 201. O autor mostra que desde 1927, quando Getúlio Vargas ainda era ministro da Fazenda, Assis Chateaubriand colocou “seus jornais, e sobretudo o influente *O Jornal*, escancaradamente a serviço de Vargas”. Já então Chateaubriand escrevia artigos dizendo que o gaúcho era “um desses temperamentos de que tanto o Brasil precisa para restabelecer a harmonia da República”. Mostrando acuidade impressionante em suas previsões, o empresário/jornalista chegou a escrever que se paulistas e mineiros se chocassem Vargas seria “a única ponte para que todos atravessassem”. Dois anos mais tarde, quando a campanha começou, o magnata da imprensa chegou a receber dinheiro para comprar ou fundar jornais oposicionistas (*O Estado de Minas*, *Diário da Noite*, do Rio, *Diário de Notícias*, de Porto Alegre).

¹⁸ Sodré. Op. cit.

¹⁹ Moraes. Op. cit., página 209.

Júlio Prestes venceu o pleito, graças à máquina estatal que agira durante a eleição, utilizando-se de expedientes fraudulentos e, mesmo antes, lançando mão da truculência, sem poupar jornalistas do praticamente recém-nascido *Diário Carioca*: “[após levantes em 3 de outubro de 1929 o governo] começou a agir, fazendo numerosas prisões: além de políticos, foram particularmente visados principalmente jornalistas: redatores e operários de *A Batalha*, *A Esquerda*, *Diário Carioca*, *O Jornal* e *Diário da Noite* foram detidos”.²⁰

O resultado da eleição foi contestado pela oposição – como ocorrera em vários pleitos anteriores, sobretudo os de 1910 e 1922. Jornais que apoiavam a Aliança Liberal indignavam-se com os números que surgiam da contagem dos votos. Algumas manifestações irromperam pelo País, a maioria delas pacíficas; o próprio Getúlio Vargas, que havia sido ministro da Fazenda de Washington Luís entre 1926 e 1927, lançou em maio de 1930 um manifesto em que criticava os “truques e ardis” da legislação eleitoral, mas pregava modificações “dentro da ordem e do regime”.²¹ Em geral, o assassinato de João Pessoa, candidato à vice-presidência pela Aliança Liberal, em 26 de julho, na Paraíba, tem sido visto como o estopim da revolução armada, defendida por jovens políticos (como Oswaldo Aranha e Lindolfo Collor) e militares dissidentes²². Fosse como fosse, a imprensa oposicionista tratou de injetar indignação antigovernista no homicídio. “Na manhã seguinte o *Diário da Noite* do Rio (...) estampava a manchete escandalosa, em três linhas (...): ‘JOÃO PESSOA ASSASSINADO! O criminoso: João Duarte Dantas. O responsável: o governo federal’. Com pequenas diferenças de estilo, era esse o tom geral da cobertura dos demais jornais”.²³ No *Diário Carioca* o enfoque não foi diferente, como comenta Assis Chateaubriand:

No cais Mauá, deparei com dois pequenos colegiais que choravam nervosamente. Um lia para o outro o esplêndido artigo do sr. Macedo Soares no Diário Carioca de hoje, e no olhar de ambos

²⁰ Sodré. Op. cit.

²¹ SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

²² Skidmore, op. cit. e BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. *Nos tempos de Getúlio*, São Paulo, Atual, 1990.

²³ Moraes. Op. cit., página 219.

*chamejava uma fogueira de revolta e de indignação
contra os covardes que mataram o extraordinário
Lidador.*²⁴

O movimento armado ganhou corpo a partir de 3 de outubro de 1930, quando a marcha dos revoltosos partiu do Rio Grande do Sul. No mesmo dia, os principais jornais do País foram submetidos a censura, uma vez que parte da imprensa não apenas apoiava a revolução, mas participava dela ativamente e de modo destacado, como sugere um editorial do conservador *A Ordem*, governista e portanto livre dos olhos dos censores:

*Há, enfim, uma tentativa revolucionária em
Minas e Rio Grande do Sul. Será o início da guerra
de secessão (...)? Não sabemos. Mas esse
movimento chefiado pelos srs. Artur Bernardes,
Assis Chateaubriand [grifo meu], Antônio Carlos,
Macedo Soares [grifo meu] e Borges de Medeiros
constitui o maior escárnio até hoje lançado aos
sentimentos de pudor e de dignidade do povo
brasileiro.*²⁵

A censura permaneceu até 24 de outubro, quando uma junta militar chefiada pelo general Augusto Tasso Fragoso depôs e prendeu o presidente Washington Luís²⁶. Em 3 de novembro, Vargas assumiu a cadeira no Palácio do Catete. Pela primeira vez desde a proclamação da República, em 1889, o candidato do governo não conseguiu assumir a Presidência.

²⁴ Idem, *Ibidem*, página 221.

²⁵ Citado por Moraes. Op. cit., página 232.

²⁶ Observa Thomas Skidmore: "Em 1930, os comandantes do Exército e da Marinha encontraram-se colocados numa posição que se deveria tornar cada vez mais familiar na subsequente história do Brasil: o papel de árbitros finais da política interna", in Brasil, de Getúlio a Castelo, op. cit., página 25.

Embora tivesse chegado ao poder com o apoio escancarado de boa parte da imprensa, a aliança entre tenentes, oligarquia mineira e oligarquia gaúcha, comandada por Getúlio Vargas, logo descontentaria alguns jornais, o *Diário Carioca* em particular. Os novos donos do poder até cumpriram algumas bandeiras levantadas na campanha revolucionária: ameaçaram investigar a corrupção do governo anterior e fizeram concessões ao operariado, ofereceram incentivos para tentar diversificar a produção brasileira, ainda amarrada ao café, e deram um verniz mais moderno à exploração de riquezas naturais (Código de Minas, Código de Águas)²⁷. Umbilicalmente dependente dos dólares da exportação cafeeira para fomentar a importação de maquinário industrial, o governo não poderia simplesmente colocar a velha oligarquia paulista de escanteio, mas tentou reduzir a influência dela nos rumos da economia nacional: o Conselho Nacional do Café trataria de centralizar as decisões do setor na mão governamental. Era um sinal claro de que o timoneiro seria o Estado centralizado e que a ele caberia dirigir a economia²⁸.

No entanto, o perfil centralizador de Getúlio Vargas faria com que fossem proteladas tanto quanto possível algumas mudanças no código eleitoral e na Constituição, defendidas nos jornais sempre que a oportunidade pedia e a censura permitia. E a censura quase nunca permitia: os primeiros anos do governo Vargas foram “um estado de exceção, uma ditadura como nunca havia se visto antes”.²⁹ O legislativo, do Congresso Nacional às câmaras municipais, foi abolido – suas funções ficaram sob o comando do chefe do executivo.

A linha dura, alimentada sobretudo por certa ala tenentista, não poupou os jornais ligados ao ex-presidente Washington Luís. Também não foi mais paciente com a imprensa oposicionista que surgia “das divergências entre as correntes vitoriosas no movimento de outubro”. O *Diário Carioca*, “que ganhara autoridade com aquele movimento, romperia com o governo pouco depois desse instalado”.³⁰ Defensor da redemocratização, o jornal foi

²⁷ Fausto. Op. cit. (páginas 106 a 110) e Skidmore. Op. cit. (páginas 32 e 33)

²⁸ Garcia. Op. cit. Wilson Cano destaca que a crise de 29 secou a fonte de financiamentos estrangeiros: “Para sustentar a economia cafeeira era necessária vigorosa ação do governo dada a impossibilidade do socorro externo”, (CANO, Wilson. “Brasil: o sonho acabou?”, in Soberania e Política Econômica na América Latina, São Paulo, Editora Unesp, 2000, página 162).

²⁹ Pinheiro. Op. cit., página 269.

³⁰ Sodré. Op. cit.

o primeiro alvo escolhido pelos repressores quando Vargas fez meio palmo de concessão aos constitucionalistas e assinou um novo Código Eleitoral, em 24 de fevereiro de 1932. No dia seguinte, cerca de 150 pessoas ligadas ao Clube Três de Outubro invadiram e empastelaram o *Diário Carioca*. A redação, na praça Tiradentes, foi depredada pelos oficiais do exército. Noticiado pelos outros jornais, o atentado precipitou a saída de ministros importantes (Lindolfo Collor e Maurício Cardoso, que se juntariam ao grupo antigetulista) e desencadeou uma rara greve nos veículos de comunicação, que pararam durante 24 horas.³¹ Assis Chateaubriand, também descontente com a toada do governo Vargas, “determinou que [a revista] *O Cruzeiro* fotografasse os escombros e entrevistasse os gráficos feridos pelos assaltantes (...). Além disso, colocou as máquinas instaladas na rua Treze de Maio à disposição de Macedo Soares, para que o jornal empastelado pudesse ser impresso lá até que seu funcionamento se normalizasse, o que acabou levando três meses”.³²

A tesoura governamental funcionou com freqüência ainda maior em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, em que paulistas, oligarcas descontentes e legalistas se juntaram para tentar derrubar Getúlio Vargas. Com os revoltosos presos, jornais oposicionistas seriam fechados ou então submetidos à forte censura, inclusive os do grupo Diários Associados³³.

Os jornais respirariam ares um pouco mais tranqüilos apenas no ano seguinte. Mesmo tendo derrotado os paulistas e constitucionalistas, Vargas deu sinal verde para a Assembléia Constituinte, cujos membros foram eleitos em maio de 1933. Dela saiu a Constituição de 1934 e a eleição indireta de Getúlio. A nova Carta assegurava algumas reivindicações que vinham sendo feitas pela imprensa oposicionista: garantia eleições livres (as mulheres passaram a poder votar) e ampliava garantias sociais e trabalhistas (propunha

³¹ Sodré. Op. cit., Skidmore, op. cit. e Fausto, op. cit.

³² Morais. Op. cit., página 278.

³³ Foi durante a Revolução Constitucionalista que Rubem Braga, com 19 anos, fez o que talvez seja seu primeiro trabalho importante. Trabalhando em Belo Horizonte, foi escalado por Assis Chateaubriand para cobrir a frente governista na Serra da Mantiqueira. Lá, talvez por ser correspondente dos Diários Associados, grupo explicitamente simpático à revolta, acabou sendo preso como espião paulista e levado a Divinópolis, onde ficou encarcerado por alguns dias (Morais, página 283 e CASTELLO. José. Na Cobertura de Rubem Braga, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1996, páginas 135 e 136).

salário mínimo, pluralismo sindical). Por outro lado, ainda que proibisse a reeleição presidencial, a nova Constituição centralizava a definição das políticas econômicas e sociais no governo federal.³⁴

A lupa da censura, no entanto, logo voltaria a ser utilizada com frequência, em resposta aos movimentos sociais com propostas mais radicais que, mal a Constituição saía do forno, começavam a brotar no Brasil. À direita surgia a Ação Integralista, de inspiração fascista, que afirmava a propriedade como direito fundamental, criticava o comunismo (“destrói a família, para melhor escravizar o operário ao Estado; destrói a personalidade humana, para melhor escravizar o homem à coletividade; destrói a religião para melhor escravizar o ser humano aos instintos”) e pregava uma nação “organizada”, sem partidos nem regionalismos³⁵. À esquerda organizava-se a Aliança Nacional Libertadora (ANL), de inspiração comunista, que defendia moratória das dívidas com “nações imperialistas”, nacionalização de empresas estrangeiras, liberdades públicas e reforma agrária, entre outras coisas³⁶.

A rápida expansão do grupo esquerdista, que recebeu apoio de eleitores de classe média, transformou-o em alvo constante de repressão – uma amostra de que a Constituição não extirpara o pendor autoritário do governo federal. Rubem Braga, então escrevendo para os *Diários Associados*, fez vários textos criticando, com doses de ironia, a truculência da polícia política no início do novo mandato de Vargas, como mostram os dois trechos a seguir, o primeiro de janeiro e o segundo de maio de 1934:

*Um automóvel da polícia é um animal
sagrado, como o ibis e o elefante branco. Nós
outros, pedestres e populares, devemos venerá-lo.*

³⁴ Pinheiro. Op. cit, páginas 270 e 271. Skidmore. Op. cit, páginas 39 e 40. Pinheiro frisa que poucos dos avanços trabalhistas e sociais foram concretizados; destaca também que a garantia de “eleições livres” deixava de fora os analfabetos (75% dos brasileiros adultos).

³⁵ *Manifesto de Outubro*, de 1932, da Ação Integralista Brasileira, in FENELON, Dea Ribeiro (org.). 50 Textos de História do Brasil, São Paulo, Hucitec, 1974. Samuel Wainer, judeu e jornalista, vê no Integralismo um forte estimulador do anti-semitismo que “já se manifestava de modo inquietante no Brasil”. In WAINER, Samuel. Minha Razão de Viver, Rio de Janeiro, Record, 1988, página 48.

³⁶ Pinheiro. Op. cit., página 273.

*Respiremos a fumaça que sai de seu escapamento como se fora um incenso divino. Ouçamos a descarga de seus motores como se fora música do infinito. Beijemos o rastro de seus pneumáticos como se nossos lábios osculassem a marca sagrada dos pés do Senhor. Nosso ideal supremo, nosso Nirvana, é morrer um dia sob suas rodas sacrossantas.*³⁷

Dia do Trabalho... Houve uma reunião de operários em São Paulo, mas havia tanto soldado de polícia que não se sabia se era uma reunião de operários ou de soldados de polícia.

*A ordem foi mantida. Os operários não permitiram que a polícia praticasse nenhum distúrbio.*³⁸

Braga, claramente antigetulista e simpático à ANL, fez parte do primeiro diretório da entidade, em 12 de março de 1935.³⁹ Sua trajetória nessa época ilustra as desventuras da imprensa oposicionista brasileira na segunda metade da década de 30. Ainda em 1935, por exemplo, deixou os Diários Associados, por causa de uma briga com Alceu Amoroso Lima, e participou em Recife da fundação da *Folha do Povo*, jornal destinado a apoiar, ostensivamente, a agremiação de esquerda – mais tarde ele diria sobre esse periódico: “um jornalzinho pobre e livre, malcriado e atrapalhado, heróico e sujo, que nós fizemos no Recife e que a Polícia fechou”.⁴⁰ De Recife, chegou a mandar uma colaboração ao satírico *A Manhã*, de Aparício Torelly, o Barão de Itararé; escreveu um artigo em resposta a Assis

³⁷ BRAGA, Rubem. “Cuspir”, in *O Conde e o Passarinho*, op. cit., página 20.

³⁸ Idem. “Pequenas notícias”, ibidem, página 31.

³⁹ Pinheiro. Op. cit., página 273.

⁴⁰ REVERBEL, Carlos. “O jornalista Rubem Braga”, prefácio a BRAGA, Rubem. *Uma fada no front*, Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1994, página 10.

Chateaubriand, que criticara a ANL e o comunismo: “são coisas de humoristas malucos, de gente *détraqué*”, dissera o magnata. Em seu texto, Braga defendeu Prestes, a ANL e, para ira do empresário-jornalista, referiu-se a seu ex-patrão o tempo todo como “Chateaubriand, o Nauseabundo”.⁴¹ Enquanto trabalhava na *Folha do Povo*, o cronista foi preso por alguns dias, sob a suspeita de ser agente comunista. De volta ao Rio de Janeiro, ainda em 1935, colaborou com *A Manhã*, jornal dirigido por Paulo Mota Lima (ex-*Diário Carioca*), também a serviço da ANL e também fechado no mesmo ano pela polícia, depois da eclosão da Intentona Comunista.⁴²

O fechamento de jornais e a prisão de “subversivos” talvez fossem apenas o lado mais visível do endurecimento do regime. No plano político-partidário, o Congresso, temendo a “ameaça bolchevista”, aprovou estado de sítio no final de 1935 (e iria prorrogá-lo outras vezes em 1936) e itens mais duros na Lei de Segurança Nacional⁴³. Era sob esses ares pouco democráticos que o País se prepararia, já em 1937, para a campanha que deveria escolher o sucessor de Getúlio – tal como determinara a Constituição.

O assunto logo tomou manchetes e artigos dos jornais. O *Diário Carioca* apoiava a candidatura de José Américo de Almeida, político sustentado por uma estranha base que incluía desde interventores de confiança de Vargas (o que parecia torná-lo o candidato oficial, apesar de não ter recebido o apoio explícito do presidente) até esquerdistas que, anos antes, haviam sido esmagados pelo mesmo Vargas na Aliança Nacional Libertadora. Parte da imprensa apoiaria o governador paulista Armando Salles de Oliveira, defensor do constitucionalismo liberal.⁴⁴ O líder da Ação Integralista, Plínio Salgado, também lançou sua candidatura.

Ainda que, nos jornais, o palavrorio, as rixas e o tom da campanha tenham se assemelhado aos da sucessão de Washington Luís, o processo foi interrompido pelo golpe de Getúlio, em 10 de novembro de 1937. Graças a uma bem costurada estratégia de transferências de oficiais tenentistas (para afastar o risco de possíveis resistências nos Estados) e à hábil maneira com que fermentou o temor a levantes comunistas, Vargas deu

⁴¹ Moraes. Op. cit., página 359.

⁴² Reverbel. Op. cit., página 12.

⁴³ Skidmore. Op. cit., páginas 43 e 44.

⁴⁴ Idem. Ibidem, página 45.

início ao Estado Novo e impingiu nova Constituição ao País sem enfrentar ataques importantes.⁴⁵

Assim, o gaúcho de São Borja colocava o Brasil em caminho semelhante ao de algumas nações européias, como Alemanha, Itália e Portugal, em que governos ditatoriais conduziam políticas com forte tom autoritário e corporativista – no caso de Portugal as semelhanças se estendem até à nomenclatura, já que a revolta que derrubara a Primeira República, em maio de 1926, e que colocara Oliveira Salazar no poder também fora batizada de Estado Novo. Alguns historiadores, no entanto, frisam que o regime brasileiro se distinguia de suas fontes inspiradoras por não estar ligado a partido algum (os partidos foram abolidos por decreto, pouco depois da elaboração da Constituição de 1937), não ter apoio ativo da população e não estar ligado a uma base ideológica consistente.⁴⁶ É portanto sobre uma base personalista, centralizando cada vez mais as decisões na tecnoburocracia federal, que os programas e tendências que haviam acompanhado Vargas desde a Revolução de 1930 seriam aprofundados no Estado Novo.

B) Novidades e velharias no Estado Novo

Logo em seu discurso justificando o golpe, na noite de 10 de novembro, o presidente mostrou alguns pilares em que iria basear seu governo: a necessidade de restaurar a “autoridade nacional” para fazer frente à “desintegração” e aos “particularismos de ordem local” (leia-se: rixas entre oligarquias). Contra as “influências desagregadoras”, para manter o País coeso, concentrava-se o poder nas mãos do ditador, representante privilegiado da nação.⁴⁷ Getúlio concretizava, assim, teorias políticas recorrentes na época – alimentadas, por exemplo, por pensadores como Oliveira Vianna, Azevedo Amaral e Francisco Campos –, que avaliavam que a “conversão da autoridade do presidente em

⁴⁵ Skidmore. Op. cit., páginas 46 a 51.

⁴⁶ SOLA, Lourdes. “O Golpe de 37 e o Estado Novo”, in Mota, Carlos Guilherme (org.), Brasil em Perspectiva, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968, página 289. Skidmore (op. cit.) observa que “a despeito das roupagens corporativistas, o seu [de Vargas] Estado Novo era uma criação altamente pessoal”, páginas 53 e 54.

⁴⁷ Sola. Op. cit. Edgar Carone (A Terceira República, São Paulo, Difel, 1982) transcreve o discurso de Getúlio Vargas nas páginas 8 a 12.

‘autoridade suprema do Estado’ e em ‘órgão de coordenação, direção e iniciativa da vida política’” era imprescindível para a construção de uma “nova democracia”, que, no contrapelo do liberalismo político, considerava partidos políticos e legislativos instituições lentas, ineficazes e custosas, promovedoras de “antagonismos sociais”.⁴⁸

Essa “nova democracia”, para a imprensa, traduziu-se na velha censura que a vigiava desde os tempos da República Velha. O aparato autoritário era comandado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que colocava censores nas redações, planejava campanhas de apoio ao Estado Novo e distribuía verbas a emissoras e jornais. A lei que o instituiu, de 27 de dezembro de 1939, afirma sem rodeios que entre suas funções estavam:

c) fazer a censura do Teatro, do Cinema, de funções recreativas e esportivas de qualquer natureza, da rádio-difusão, da literatura social e política, e da imprensa, (...)

*q) autorizar mensalmente a devolução dos depósitos efetuados pelas empresas jornalísticas para a importação de papel para imprensa, uma vez demonstrada, a seu juízo, a eficiência e a utilidade pública [grifo meu] dos jornais ou periódicos por elas administrados ou dirigidos.*⁴⁹

O DIP ainda mantinha braços regionais, os Departamentos Estaduais de Imprensa (DEI), que faziam a fiscalização dos órgãos de comunicação – de modo que, no auge da repressão, texto algum ia para a impressora sem o visto das autoridades. Como resume

⁴⁸ GOMES, Ângela de Castro. “A Política Brasileira em busca da Modernidade: na Fronteira entre o Público e o Privado”, in SCHWARCZ, Lília Moritz (org.). História da Vida Privada no Brasil, volume 4, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, páginas 507 a 517. Em seu discurso após o golpe, Vargas afirma que “nos períodos de crise, como o que atravessamos, a democracia de partidos (...) subverte a hierarquia, ameaça a unidade pátria e põe em perigo a existência da Nação (...)”. Carone (op. cit.), página 10.

⁴⁹ Citado por Carone. Op. cit., páginas 47 a 49.

Werneck Sodré, “os jornais passaram, assim, por gosto ou a contragosto, a servir à ditadura”.⁵⁰

As mudanças nos artigos de Assis Chateaubriand, narradas por Fernando Moraes, mostram como, pouco depois do golpe, o noticiário e as colunas de opinião tiveram que se afastar dos assuntos ligados à política nacional:

Quem se informasse sobre a situação política nacional pela coluna de Chateaubriand, no entanto, levaria muitos dias para saber da existência do golpe. De repente, e sem nenhuma explicação, a partir de 10 de novembro Chateaubriand parou de falar de política. Se no dia 9 ele debochava do candidato oficial, chamando-o de “pirarucu de aquário”, no dia seguinte o jornalista gastou nove laudas de texto para falar da importância do Instituto Agrônomo de Campinas. No dia 11 dissertou sobre o preço do café nos mercados de Nova Iorque e Londres. No dia 12 defendeu a doutrina Monroe. No dia 13 falou sobre a pujança econômica de São Paulo. No dia 14, cinco laudas sobre a “deseuropeização” da Turquia promovida por Mustafá Kemal. A cada dia o artigo de Chateaubriand voava para mais longe da crise brasileira: no dia 15 ele festejou a perspectiva de uma “concórdia política” entre a Europa e a Ásia; no dia 16 comentou a matéria de

⁵⁰ Sodré. Op. cit. Uma das exceções seria a revista *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer, que se destacaria por driblar a censura sempre que possível. Lançada em março de 1938, a publicação teve como colaborador Rubem Braga, escrevendo crônicas para a seção *O Homem da Rua* (Wainer, op. cit., página 50). Como artifício para tentar escapar dos censores, Wainer chamou para o conselho diretor da revista a poetisa Adalgisa Nery, “casada com Lourival Fontes, o todo-poderoso chefe do DIP”. (página 51)

*capa do Times Weekly sobre a deportação de Haj Amim Effendi Al Hussein, o mufti de Jerusalém, e defendeu o Mandato britânico na Terra Santa (...)*⁵¹

Síntese aguda dos modos com que o Estado Novo tratava a imprensa foi feita por Aparício Torelly, o Barão de Itararé. Às seguidas investidas da polícia política no escritório de seu pasquim *A Manhã*, freqüentemente acompanhadas de bordoadas no jornalista, ele respondeu com uma placa à porta da redação: “Entre sem bater”. É dele também a célebre definição do governo ditatorial de Vargas: “O Estado Novo é o estado a que chegamos”.⁵²

A repressão era a face mais violenta do DIP, mas o órgão responsável pela construção do mito Vargas também fermentava a doutrinação que garantia apoio às políticas presidenciais. O governo incentivava artistas e comediantes a tratar de temas nacionais, exaltar o trabalho e produzir textos que exalasses patriotismo. Nicolau Sevckenko observa que “[além das emissões radiofônicas] o envolvimento da imagem do presidente com o cinema, o teatro, o disco, o humor gráfico, o Carnaval e a gravura popular revelava que a prática inédita de produzir o consenso por meio de apelos sensoriais e conotações afetivas se mostrava muito mais eficiente que a racionalidade dos discursos”.⁵³ Em alguns casos, chegava-se a censurar e alterar trechos de marchinhas carnavalescas, de modo a encaixar versos de louvor ao trabalho.⁵⁴

⁵¹ Moraes. Op. cit., páginas 374 e 375. Moraes narra uma conversa entre Chateaubriand e seu braço direito nos Associados, Dario de Almeida Magalhães, em que o magnata teria afirmado: “Vamos ter que apoiar o Estado Novo para que nossos jornais possam sobreviver”. Chatô, ao que parece, cumpriria tão eficientemente a determinação que seus artigos passaram a ser distribuídos pela Agência Nacional, de propriedade do governo (página 376).

⁵² SALIBA, Elias Thomé. “A dimensão cômica da vida privada na República”, em SEVCENKO, Nicolau (org.). História da Vida Privada no Brasil – volume 3, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, página 356.

⁵³ SEVCENKO, Nicolau. “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”, in História da Vida Privada no Brasil – volume 3 (op. cit.).

⁵⁴ Bercito, op. cit., páginas 42 e 43. A autora, citando artigo de Sérgio Cabral, conta o caso do samba *O bonde de São Januário*, de Wilson Batista, de 1941, que incluía os versos “O bonde São Januário/ Leva mais um sócio otário/ sou eu que não vou mais trabalhar”. O DIP achou uma rima e uma solução para esse incômodo *sócio otário* e o trecho foi substituído por “O bonde São Januário/ Leva mais um operário/ Sou eu que vou trabalhar”.

Para esse clima de comunhão coletiva contribuía até mesmo as peças publicitárias veiculadas nos jornais impressos ou nas crescentes emissoras de rádio: “a publicidade, embora tardiamente, iria incorporar, pela tonalidade pedagógica, esse discurso popular, integrador e unitário, que buscava, afinal, menos do que realçar qualidades do produto, criar uma atmosfera propícia no sentido de se construir a modernização da nação brasileira”.⁵⁵ Parece significativo, nesse sentido, que no discurso que instituiu o Estado Novo Vargas tenha dito que sua decisão fazia parte das responsabilidades de sua “alta função”, “delegada pela confiança nacional [grifo meu]”. O tom emocional reaparece no trecho em que diz que continuava no poder (ou que sacrificava “o justo repouso a que tinha direito”) respondendo “aos generalizados apelos dos meus concidadãos”.

Esse universo emocional povoado de discursos radiofônicos (nessa época é que foi instituída a “Voz do Brasil”) e civismo compulsório possuía uma contrapartida “racional”, ligada à centralização das decisões políticas e econômicas no poder executivo. Durante o Estado Novo, Getúlio consolidou o programa de intervenção do Estado na economia, enfraquecendo assim o poder das oligarquias regionais. Multiplicaram-se órgãos técnicos, códigos, pesquisas, comissões e repartições, que eram habitat privilegiado da espécie de agente social que tanto cresceu no período Vargas – o tecnoburocrata.⁵⁶ A esse segmento do funcionalismo público Rubem Braga já atentara, em crônica de 1935, reproduzindo nas frases curtas e diretas e na repetição de palavras a rotina bestificante das repartições:

O velho estará perguntando ao filho se o chefe da repartição já está bom. Na véspera o filho dissera ao pai que o chefe da repartição estava doente. O velho é aposentado. O filho está na mesma repartição onde ele esteve. A filha está em outra repartição. Eles têm um amigo que é importante na Prefeitura. Todos os três gostam de

⁵⁵ Saliba. Op. cit., página 352.

⁵⁶ Skidmore. Op. cit., páginas 56 e 57; Saliba. Op. cit., página 355. Ângela Gomes (op. cit.) destaca como essa fusão de propaganda emocional e complexa estrutura burocrática combinava a tradição política brasileira (poder personalizado no patriarca rural) e “os imperativos da política da época”, página 523.

*conversar a respeito da repartição. Talvez mesmo não gostem de conversar a esse respeito. Mas conversam. A casa da família é uma repartição.*⁵⁷

É esse Estado fortalecido que guiaria o desenvolvimento econômico brasileiro e faria florescer com maior força a indústria e o mercado consumidor interno. Boa parte da produção fabril de então foi fomentada por dinheiro saído direta ou indiretamente dos cofres públicos, por meio de financiamentos para importação ou fabricação de maquinário industrial (bens de capital) e mesmo bens de consumo. Em alguns casos, o próprio Estado colocou suas mangas de fora e montou empresas, sobretudo ligadas à indústria pesada – como a Companhia Siderúrgica Nacional (regada a dólares do norte-americano Export-Import Bank), a Vale do Rio Doce (que também contou com um empurrão do Eximbank) e a Usina de Volta Redonda –, além de setores como ferrovias e navegação. Na agricultura, do mesmo modo, embora o café continuasse sendo o carro chefe da economia brasileira, a mão estatal também estava presente, principalmente no sentido de tentar diversificar a produção agrícola. Para incentivar a pesquisa e conceder crédito ao setor foram criadas autarquias especiais, como por exemplo os institutos do Açúcar e do Alcool, do Mate e do Pinho.⁵⁸

A expansão industrial e a criação de infra-estrutura para o desenvolvimento do Brasil logo entraram para o já vasto universo cívico-emocional do governo Vargas. Afinal, o incremento do parque fabril não era visto apenas como um passo importante para ascensão social ou contenção das tensões provocadas pelo êxodo rural, mas também como questão de soberania nacional. A própria Constituição de 1937 tratou do assunto, em seu artigo 144, pregando “a nacionalização progressiva das minas, jazidas minerais e quedas d’água ou outras fontes de energia, assim como das indústrias consideradas básicas ou essenciais à defesa econômica ou militar [grifo meu] da Nação”.⁵⁹ Como escreve Lourdes

⁵⁷ Braga, “A empregada do Dr. Heitor”, in *O Conde e o Passarinho*. Op. cit., página 55.

⁵⁸ Sola. Op. cit., páginas 294 a 309, Skidmore páginas 64 a 71. Wilson Cano chama a atenção para a política cambial de Vargas, que desvalorizou o cruzeiro, tornou os produtos importados mais caros e, assim, deixou “o mercado interno praticamente cativo para a indústria nacional” (op. cit. página 166).

⁵⁹ Skidmore (op. cit., página 69 e 419) e Carone (op. cit., página 153).

Sola: “na década de 30, ela [industrialização] deixava de ser uma categoria econômica, já não designava apenas um processo, mas se convertia numa noção ideológica: entrara para o domínio das representações coletivas”.⁶⁰

Para esse clima de comoção nacional ainda contribuiriam as normas trabalhistas instituídas por Getúlio no Estado Novo – um aprofundamento, organizado e propagandeado, do que já se havia feito desde a Revolução de 1930. Vargas distribuiu jornada de 8 horas, férias remuneradas, estabilidade de emprego, indenização por demissão sem justa causa e previdência social, entre outros direitos.⁶¹ Esses benefícios deram grande popularidade ao presidente, um tanto inflada pelas técnicas de propaganda do DIP, pelos discursos do chefe da Nação e do ministro do Trabalho, Alexandre Marcondes Filho, na Voz do Brasil e pelas grandes manifestações públicas no 1º de maio, nas quais Getúlio, abrindo a fala com o indefectível bordão “trabalhadores do Brasil”, invariavelmente anunciava a concessão de novos direitos.⁶² Mais do que simplesmente criar o colchão social que acompanharia a expansão da indústria, o Estado Novo igualmente instalou novas formas de intermediar os conflitos entre empregados e patrões: reestruturou a Justiça do Trabalho (tribunais hierarquizados) e os sindicatos.⁶³

A ambigüidade desse período que mescla racionalização e comoção pública, carteira registrada e discursos de 1º de Maio, também marcou a imprensa. Por um lado, os meios de comunicação firmavam-se como empresas capitalistas, investindo em maquinário importado, contratando a peso de ouro profissionais de renome e firmando-se como grupos poderosos e influentes. O *Diário Carioca* também acompanharia essa mudança: a direção do jornal, por exemplo, passou a Horácio de Carvalho, “industrial que se fazia jornalista”,

⁶⁰ Sola. Op. cit., página 295.

⁶¹ Skidmore. Op. cit., páginas 62, 63 e 67. Sola, op. cit., páginas 302 e 303.

⁶² Sola. Op. cit., página 311; e Gomes, op. cit., páginas 525 a 528.

⁶³ Sola, op. cit., página 303 e 304, Skidmore, op. cit. páginas 62 e 63, Bercito, op. cit. páginas 11 a 13, e Gomes, páginas 518 a 522. Skidmore e Lourdes Sola destacam que a reformulação da estrutura sindical significou um controle maior das atividades políticas dos trabalhadores e que o assunto logo foi rebaixado à esfera burocrática e deslocado do plano político – as greves e as “interferências ideológicas”, por exemplo, eram proibidas pela Constituição de 1937. Ângela Gomes, no entanto, frisa que, mesmo controlado e presidido pelo Estado, o modelo sindical fez com que as associações trabalhistas fossem respeitadas pelo patronato.

na expressão de Werneck Sodré.⁶⁴ Samuel Wainer, jornalista tarimbado que no início dos anos 50 fundaria a *Última Hora*, apresenta da seguinte forma sua visão sobre a imprensa da época:

No Brasil dos anos 40, o clube da imprensa era extremamente restrito, franqueado a umas poucas famílias eleitas. No Rio Grande do Sul, reinava o Correio do Povo, comandado pelo jovem Breno Caldas. (...) Em São Paulo, o 'Estadão', da família Mesquita, já era hegemônico, embora também tivessem influência A Gazeta, do velho Cásper Libero, e o tradicional Correio Paulistano (...). No Norte e Nordeste, só tinha algum peso A Tarde, da Bahia, pertencente à família Simões, o Jornal do Commercio, de Pernambuco, controlado pelos Pessoa de Queiroz, e O Liberal, do Pará. Mas os grandes jornais brasileiros, os que realmente contavam, eram editados no Rio de Janeiro.

O maior deles era o Correio da Manhã, o poderoso feudo de Paulo Bittencourt, seguido pelo Diário de Notícias, da família Dantas. O Globo ainda alcançava repercussão reduzida (...). Havia vários outros jornais, e alguns deles tinham boa penetração, mas não se podia compará-los de modo algum com o que representavam os grandes (...). Nos anos seguintes, o Brasil assistiria à escalada dos Diários Associados, liderado por Assis Chateaubriand, que conseguiu ingressar no fechado clube dos donos da imprensa. (...) Para a massa popular, 90% da qual constituída por analfabetos, a

⁶⁴ Sodré. Op. cit. A propriedade do jornal continuou com José Eduardo Macedo Soares.

*imprensa era algo inacessível, misterioso, poderosíssimo. “Saiu no jornal”, dizia-se, num tom de quem afirma uma verdade incontestável, irremovível. Era natural que, na sociedade dirigente, o dono de jornal tivesse status de marajá.*⁶⁵

Por outro lado, sobreviviam pelas páginas dos jornais e revistas as matérias pagas, os textos impostos pelo governo. Na revista *O Cruzeiro*, por exemplo, talvez a mais badalada publicação da época, textos de Mário de Andrade, Jorge Amado, Érico Veríssimo ou Augusto Frederico Schmidt dividiam página com reportagens encomendadas: “duas, três, quatro páginas sobre a Light, sobre a Usina Santa Terezinha de Açúcar, em Pernambuco, sobre os modernos escritórios da fábrica de charutos Suerdieck, na Bahia, sobre a importância de Uberaba na economia de Minas Gerais (escrita por Wady Nassif, prefeito da cidade), ou até, em três páginas, uma profusão de fotos sobre a eficiência e os bons serviços de uma certa Drogaria Alexandre”.⁶⁶

O *Diário Carioca* igualmente apresentava uma face moderna – principalmente no tratamento da linguagem jornalística – e outra nem tanto. Samuel Wainer conta que, durante o Estado Novo, o periódico que enviaria Rubem Braga para a Itália conseguiu recursos para construir um prédio próprio, na avenida Presidente Vargas, desenhado pelo arquiteto do Vaticano, Redig de Campos. Num relato que parece se aproximar mais de “causos de redação” do que da descrição histórica, Wainer conta algumas extravagâncias de José Eduardo Macedo Soares, que recebia o tratamento de “senador” do pessoal da redação:

A sede do Diário Carioca tinha requintes surpreendentes. A cozinha, por exemplo, era a mais luxuosa jamais encontrada em qualquer jornal do mundo, em alumínio brilhante. Havia salões com colunas de madeira exóticas, um jardim de inverno

⁶⁵ Wainer. Op. cit., páginas 135 e 136.

⁶⁶ Moraes. Op. cit., página 370.

no quarto andar. A sala de José Eduardo abrigava um busto do próprio dono e, entre outras extravagâncias, uma mesa negra em S, de ônix, feita especialmente para o “senador”. Em contrapartida, o equipamento era extremamente precário, pois os homens do Diário Carioca nunca se haviam preocupado em investir nessa área. (...) As impressoras estavam desgastadas e eram insuficientes para imprimir sem sobressaltos um jornal moderno. Essas deficiências eram compensadas pelo brilho dos redatores, que escreviam com malícia e ironia, características que fizeram do Diário Carioca um dos grandes renovadores da linguagem da imprensa brasileira.⁶⁷

Tratava-se de um jornal de poucas páginas (10 a 12 de terça a sábado, geralmente 24 aos domingos), mas com um público leitor composto principalmente por formadores de opinião. “Era um jornal pequeno, mas barulhento e muito influente”, diria Braga, décadas depois de ter trabalhado no periódico⁶⁸. Entre seus colaboradores prestigiados não estava apenas o cronista capixaba; seu polpudo suplemento dominical, por exemplo, chegou a exibir nomes como Manuel Bandeira (traduzindo poemas de, entre outros, Paul Verlaine), Jorge Amado, Gilberto Freyre (a partir de 1946), Sérgio Buarque de Hollanda, Wilson Martins, Barbosa Lima Sobrinho, Vinícius de Moraes (como crítico de cinema), Carybé e

⁶⁷ Wainer. Op. cit., página 128. O *Diário Carioca* lançou, no começo da década de 50, o primeiro manual de redação da imprensa brasileira, e é por isso considerado um dos renovadores da linguagem do jornalismo impresso. Organizado por Pompeu de Souza, o manual introduzia, por exemplo, o conceito norte-americano de *lead*: “Ocupar o primeiro parágrafo das notícias com: a) um resumo conciso das principais e mais recentes informações do texto, esclarecendo o maior número das seguintes perguntas relativas ao acontecimento: quê?, quem?, onde?, como?, e por que?” (a íntegra do documento está no site do Instituto Gutenberg – www.igutenberg.org/regrasdc.html).

⁶⁸ Em entrevista ao Caderno de Cultura do *Estado de S. Paulo* (24 de outubro de 1987, páginas 1 a 4, ano VII, número 382).

Moacir Werneck de Castro. No comando da redação destacavam-se Danton Jobim (editor chefe) e Pompeu de Souza (diretor).

C) O Brasil guerreia, os jornais torcem

A colaboração de nomes importantes da imprensa e da cultura brasileiras era um traço de modernização dos jornais importantes da época, que também desembolsavam parte de seu faturamento na compra de textos de agências internacionais de notícias (como *Reuters*, *Associated Press* e *United Press*) e de publicações estrangeiras (como *New York Times* e *Newsweek*, no caso do *Diário Carioca*). Esse último recurso ganhou importância após a eclosão da Segunda Guerra Mundial. “Esta [a guerra] certamente respondeu, junto com a censura do Estado Novo, pelo aumento das notícias internacionais, que chegavam pelas agências como a Havas e a UP, e pelo fato de elas ocuparem espaço nas manchetes e também em páginas internas”⁶⁹.

O noticiário internacional, bélico, começou a ganhar importância maior na primeira metade da década de 30, quando pipocaram conflitos que posteriormente seriam vistos pelos historiadores como uma espécie de “preâmbulo” esparso e regionalizado da Segunda Guerra. Foi o caso da invasão japonesa do norte da China e sul da União Soviética (região da Manchúria, em 1931, e do Jehol, em 1933), a invasão da Etiópia pela Itália, em 1935, a intervenção alemã e italiana na Guerra Civil Espanhola, entre 1936 e 1939, a invasão da Áustria e de parte da Tchecoslováquia pela Alemanha, em 1938, a ocupação italiana da Albânia e o avanço da Alemanha sobre outra parte do território tcheco, em 1939. A invasão da Alemanha sobre o território polonês, em setembro de 1939, marcou a europeização do conflito, e é visto como o marco do início da Segunda Guerra Mundial. O rápido avanço das tropas alemãs pela Europa, norte da África e Oriente Médio, nos anos seguintes, acentuou a tensão mundial; em 1941, a invasão alemã da União Soviética e a entrada dos EUA no combate, após o bombardeio a Pear Harbour, dariam dimensões efetivamente mundiais para os entraves.⁷⁰

⁶⁹ Taschner. Op. cit., página 57.

⁷⁰ VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. “A crise e os conflitos periféricos (1929-1939)”, in Segunda Guerra Mundial: as relações internacionais do século 20 (segunda parte), Porto Alegre, Ed. da Universidade/ UFRGS, 1996. HOBBSAWN, Eric. “A era da guerra total”, in A Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991), São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

No Brasil, Getúlio Vargas, simpático a ideais do nazi-fascismo mas dependente de capitais norte-americanos para fomentar o desenvolvimento nacional, adota inicialmente uma postura ambígua, uma neutralidade útil para tentar barganhar favores dos dois lados. Em 2 de setembro de 1939, um dia depois de a Alemanha invadir a Polônia, o presidente assinou um decreto anunciando a posição do Brasil sobre a guerra. No documento, o país se abstinha de “qualquer ato que, direta ou indiretamente, facilite, auxilie ou hostilize a ação dos beligerantes”, proibia o uso de seu território para fins ligados à guerra e “a exportação de artigos bélicos, dos portos do Brasil para os de qualquer das potências beligerantes”.⁷¹ À postura de neutralidade oficial, no entanto, contrapunham-se aproximações e elogios ora aos alemães, ora aos norte-americanos; dentro da própria equipe de Vargas havia divisões: o ministro do Exterior, Osvaldo Aranha, e o chefe do Departamento de Imprensa e Propaganda, Lourival Fontes, nutriam simpatia por Washington; o ministro da Justiça, Francisco Campos, e o chefe da polícia do Rio de Janeiro, Felinto Muller, viam com simpatia manifestações de apoio ao nazismo dentro do Brasil. “A política oficial se caracterizou, portanto, por idas e vindas, por técnicas de protelamento e de contemporização, que não implicavam em adesão definitiva, mas apenas em compromissos parciais”.⁷²

Na imprensa, mesmo antes da invasão da Polônia pela Alemanha, em setembro de 1939, surgiam críticas às políticas totalitárias de Hitler e, até onde permitiam os fiscais do DIP, às manifestações nazi-fascistas no Brasil. Imigrantes alemães, mas também italianos e japoneses, e seus descendentes eram vistos com desconfiança, que freqüentemente descambaria para preconceito nos anos seguintes. Vinte dias antes do início formal da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, Rubem Braga escreve um texto sobre Joinville (SC) para a *Folha da Manhã*, jornal de Porto Alegre para o qual colaborava. Nem Inglaterra nem França haviam declarado guerra a Hitler, e o Brasil só entraria no combate contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) quatro anos mais tarde, mas o cronista já discutia a necessidade de cativar os alemães que moravam no Brasil.

⁷¹ A quase totalidade do decreto está reproduzida em Carone, Edgar, op. cit., páginas 50 a 55.

⁷² Sola. Op. cit, páginas 305 e 306.

*Tudo aquilo era Alemanha e entretanto eu me obstinava em ver ali um vago ar de Brasil, em doce conjugação. (...) Porque não cuidemos apenas de conquistar para o Brasil pedaços da terra do Brasil – mas também, na medida do possível, gente nascida no Brasil. Contra a insolência, o remédio é o castigo rápido, o castigo que deve ser fulminante quase tanto como um castigo nazista – mas contra o sentimento o remédio é o sentimento.*⁷³

Em vários textos desta época escritos para a *Folha da Manhã* o escritor capixaba abordava o assunto – provavelmente influenciado pelo debate mais intenso sobre migrantes travado nos Estados do Sul, onde a presença de europeus, em especial alemães, é mais marcante que em outras regiões do Brasil. Braga elogia um jornal antinazista escrito em alemão, prega a necessidade de conquistar os descendentes germânicos que moram no Brasil (empreender uma “colonização sentimental”) e condena as políticas implementadas por Hitler. Em uma crônica de 27 de julho, usa denúncia e ironia ao tratar do arianismo:

*O sr. chefe de polícia podia, por exemplo, mandar uma pessoa à Alemanha saber como é que lá são tratados os estrangeiros e os nacionais de origem estranha, como os judeus, por exemplo. Conhecendo, então, em todos os seus segredos e delícias, os métodos nazistas, nós aplicaríamos aqui direitinho aos arianos, como prova de respeito e consideração ao “espírito da raça”.*⁷⁴

⁷³ BRAGA, Rubem. “Nossos Aliados”, in *Uma fada no front*, op. cit., página 31. Esse texto foi publicado na *Folha da Manhã* em 11 de julho de 1939.

⁷⁴ Idem. “Arianismo”, *ibidem*.

Quando a França e o Reino Unido declararam guerra contra o Eixo, o debate se acirrou no Brasil, e boa parte dos meios de comunicação tentava evitar a ambigüidade neutra da ditadura Vargas. Já em 1939, a revista *Diretrizes*, dirigida por Samuel Wainer, publicou um manifesto de apoio aos Aliados, chamado “Declaração de princípios”. Redigido pelo então apenas jornalista Carlos Lacerda, foi subscrito por Samuel Wainer, Astrojildo Pereira, Moacir Weneck de Castro, Graciliano Ramos e Rubem Braga, entre outros.⁷⁵ A partir da entrada dos EUA na guerra, no final de 1941, as manifestações contrárias ao nazi-fascismo aumentaram, especialmente entre os estudantes, e cresceriam ainda mais após a série de bombardeios alemães a navios brasileiros: de fevereiro a agosto de 1942, 13 navios foram atacados, o que resultou na morte de 607 pessoas⁷⁶. Em 21 de agosto do mesmo ano, o Brasil declarava guerra contra a Alemanha e a Itália. A construção de um clima de união nacional, inflado pela propaganda oficial, daria à imprensa oportunidade de criticar indiretamente o governo ditatorial.

*No decorrer dessa evolução, a imprensa teve condições para desafogar progressivamente as suas manifestações. A maioria dos jornais tomou o partido dos países que combatiam o nazi-fascismo: a propósito do que ocorria no exterior, as críticas visavam o que acontecia no próprio Brasil.*⁷⁷

O tom de união cívica, já fomentado pelo Estado Novo e ampliado na época da guerra, transbordava para a economia – era aí que, efetivamente, se construía o *front*

⁷⁵ Moraes. Op. cit., página 424.

⁷⁶ SILVEIRA, Joel. *II Guerra – Momentos Críticos*, Rio de Janeiro, Mauad, 1995, página 184. PINSK, Jaime. “O Brasil nas relações internacionais: 1930-1945”, in MOTA, Carlos Guilherme (org). *Brasil em perspectiva*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968. Roney Cytrynowicz frisa, no entanto, que a pressão para um rompimento com os países do Eixo partiu da classe dominante, parte da classe média e da pequena burguesia, mas “não houve um movimento que se poderia chamar de fervor patriótico” (CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra – A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*, São Paulo, Geração Editorial/ Edusp, 2000).

⁷⁷ Sodré. Op. cit, página 441.

interno. A industrialização e, posteriormente, o racionamento de alguns produtos eram fundamentados em um discurso de campanha de mobilização; o desenvolvimento da produção local era visto como questão de soberania nacional, e a privação por que passava a classe média brasileira era vista como um “esforço de guerra” do “exército de retaguarda”, uma união nacional em torno de um inimigo comum.

O combate na Europa estimulou os planos do governo Vargas de intervenção estatal na economia – a Constituição de 1937, como já foi dito, pregava a “nacionalização progressiva de minas, jazidas minerais e quedas d’água ou outras fontes de energia, assim como das indústrias consideradas básicas ou essenciais à defesa econômica e militar da Nação”⁷⁸; a guerra aceleraria esse processo. O conflito minava a economia dos países europeus e dificultava a chegada, no Brasil, de produtos estrangeiros, estimulando a implementação de uma política de substituição de importações, direcionada sobretudo à criação de uma infra-estrutura para o desenvolvimento do capitalismo no país. Os investimentos irrigaram principalmente a indústria de base, com a criação de siderurgias, todas elas controladas pelo Estado; para isso, foram fundamentais os financiamentos de longo prazo concedidos pelos Estados Unidos – a contrapartida econômica à colaboração do Brasil na luta antinazista. O presidente tentava, por meio da propaganda oficial, se apoderar dos dividendos políticos gerados pela aceleração industrial. “Vargas (...) tentava capitalizar essas mudanças; daí a intensidade com que foram utilizadas técnicas de propaganda, as paradas públicas, os discursos associando poderio militar e a industrialização de que seu governo fora o principal promotor”⁷⁹. A imprensa também participava desse esforço nacional, chamado por Rubem Braga, em texto para a *Folha da Manhã*, de “política de libertação econômica”.⁸⁰

Ainda no plano econômico, a Segunda Guerra disseminaria pelas principais cidades do Brasil o racionamento e o reajuste de preços. A produção nacional parecia não ser suficiente, em vários setores, para compensar o estancamento das importações, o que resultou no racionamento de combustível, álcool, alimentos (como pão, leite, carne e açúcar), tabelamento de preços e estabelecimento de cotas de consumo. O governo, para

⁷⁸ Carone. Op. cit., página 153. O trecho e o tema também são destacados por Thomas Skidmore (Op. cit., páginas 69 e 419).

⁷⁹ Sola. Op. cit., páginas 311 e 312.

⁸⁰ Braga. “Fora do Barulho”, in *A Fada no Front*, op. cit., página 61.

fazer frente ao “estado de emergência econômica existente no mundo”, criou a Comissão de Abastecimento, impôs multa aos comerciantes e criou a Coordenação da Mobilização Econômica. O decreto-lei que dá origem a essa comissão indica o tom com que a ditadura Vargas tratava o assunto: “Ficam mobilizados, a serviço do Brasil, todas as utilidades e recursos econômicos existentes no território nacional, seja qual for sua origem, caráter, propriedade ou vínculo de subordinação”, dizia o artigo primeiro. O parágrafo único desse item frisava: “Inclui-se na mobilização o trabalho humano”⁸¹. A imprensa participa com fervor dessa *mobilização*, cria campanhas, distribui tabelas de preços e, em vários casos, põe-se no papel de fiscalizadora dos especuladores.

A entrada do Brasil na guerra canaliza investimentos para setores bélicos e de infraestrutura, e agrava os problemas de racionamento e a espiral inflacionária. O envio de tropas para a Europa acentua a construção de um clima cívico-emocional no período. O assunto ocupa a maioria das páginas dos jornais⁸², que tentam oferecer aos leitores desde informações sobre o desenvolvimento dos combates nas frentes de batalha européias até detalhes pitorescos sobre o conflito; o *front* interno também recebia destaque.

No *Diário Carioca* a cobertura da guerra tinha um tom de torcida. Claramente favorável à participação do Brasil nos combates travados na Europa, o jornal via a derrota das forças do Eixo como fator fundamental para o avanço da democracia no mundo, ainda que para isso fosse necessário pôr em risco a vida de soldados (brasileiros inclusive) – como demonstra o editorial de uma edição de domingo, excepcionalmente alçado da página 4 para a capa:

*Devemos dar à expressão “nossos mortos”,
neste minuto angustioso da vida humana, um
sentido mais amplo. Os “nossos mortos”, de fato,
são todos aqueles que, de armas nas mãos, caíram e*

⁸¹ Carone. Op. cit., página 206.

⁸² O diário de uma adolescente da época conta o dia em que Japão, Alemanha e Itália declararam guerra ao Brasil. Sua narrativa sugere a importância que a imprensa tinha na ocasião, e que a mobilização muitas vezes se restringia à compra de jornais: “+ tarde passou 1 jornaleiro gritando que fora declarada a guerra entre esses países e o Brasil; todo mundo comprou jornal.” (citado por Cytrynowicz, op. cit.).

estão caindo em todos os setores da luta contra os exércitos de Adolfo Hitler (...)

Não devemos esquecer que a liberdade do mundo, as garantias dos direitos do Homem, a restauração dos grandes princípios democráticos, a implantação de uma nova ordem universal baseada na justiça social, estão dependendo do sacrifício e do heroísmo de todos que se batem contra o banditismo internacional do nazi-fascismo.⁸³

O editorial de 1º de janeiro de 1944, intitulado “Ano Novo, Novas Esperanças”, utiliza tom semelhante, e não seria disparatado dizer que parece mirar a ditadura do Estado Novo, em especial na última frase, na qual toda a fileira de expressões poderia ser facilmente relacionada ao governo Vargas:

O mundo de amanhã, esse mundo que surgirá, ainda este ano – se Deus quiser – e como todos esperam, será um mundo diferente do de ontem. Não comportará regimes de força, de opressão, de domínio unipessoal, de cerceamento de liberdades, de asfixia do pensamento.⁸⁴

O projeto de enviar um correspondente para acompanhar a ação dos brasileiros não é ato isolado na cobertura da guerra. De janeiro a dezembro de 1944, todas as manchetes do *Diário Carioca* foram relacionadas ao conflito mundial. O assunto também tomava a

⁸³ “Reverenciemos os nossos mortos”, *Diário Carioca*, 2 de julho de 1944, página 1.

⁸⁴ *Diário Carioca*. “Ano Novo, Novas Esperanças”, 1º de janeiro de 1944, página 4. Os votos de ano novo publicados por anunciantes freqüentemente faziam alusão à guerra, embora ficassem restritos a comentários genéricos, sempre mirando o cenário externo. No mesmo 1º de janeiro, E. Fraga Cruz, corretor de Bolsa de Imóveis, publica um anúncio no *Diário Carioca*; agradece os amigos e clientes pela “honrosa preferência dispensada” e acrescenta, no segundo e último parágrafo: “A todos auguro ano novo de prosperidade e paz com a vitória das Nações Unidas”.

maioria dos editoriais (a seção “Nossa Opinião”) e dos títulos da contracapa do jornal, espaço nobre do noticiário. Às informações sobre combates, negociações e estratégias travados no palco da guerra – alimentadas sempre por agências internacionais de notícias –, juntava-se um material extenso produzido no Brasil.

Esses textos locais incluíam, por exemplo, comentários de articulistas brasileiros acerca dos embates em solo europeu. Um deles, Antonio Bento, escrevia praticamente todos os dias sobre o assunto; um outro, comandante Renato Guilhobel (“observador naval do *Diário Carioca*”, como o definia o jornal), era responsável pela seção semanal “Panorama da Guerra nos Mares”. Ao leitor ainda eram oferecidos relatos jornalísticos sobre pronunciamentos, decisões e portarias do presidente Getúlio Vargas ou do ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, notícias sobre os quinta-colunas (brasileiros e estrangeiros que demonstrassem apoio à causa nazi-fascista) e uma série de desdobramentos da guerra no Brasil, e até coisas prosaicas como “o uso das vitaminas em nossa marinha de guerra” (texto publicado em 4 de fevereiro de 1944) ou “a situação dos animais selvagens em face da guerra” (de 27 de fevereiro), sobre o extermínio de animais.

O maior conflito internacional do século, por si só, já teve proporções capazes de interferir no dia-a-dia do brasileiro, quanto mais do morador bem-informado da Capital Federal – público alvo do *Diário Carioca*. De fato, a destruição de lavouras e fábricas na Europa, o deslocamento da mão-de-obra das empresas e propriedades rurais para os pelotões de combate e o desvio de parte da produção brasileira para os países mais arrasados teve impacto significativo na economia conduzida pelo governo Vargas. As páginas do jornal em que Rubem Braga trabalhava destacavam freqüentemente os reajustes constantes de preços, causados em parte pela guerra e em parte pela especulação dos comerciantes, de acordo com avaliação do periódico. Em 1944, abundaram no periódico notícias e comunicados oficiais sobre racionamento de açúcar, álcool, combustível, leite e carne⁸⁵.

⁸⁵ A escassez atingiu também a imprensa. A Finlândia, importante produtora de papel, foi ocupada pela União Soviética e depois invadida pelos alemães, o que bloqueou a exportação para o Ocidente. Os perigos envolvendo o transporte de mercadorias por navio também ajudaram a reduzir a entrada de papel no Brasil. Vários jornais, incluindo o *Diário Oficial*, reduziram a tiragem e o número de páginas (Moraes. Op. cit., páginas 427 e 428). O *Diário Carioca* suspendeu sua edição especial de aniversário. As desculpas vieram na capa do jornal. “Era intenção do Diário Carioca apresentar no dia de hoje, aniversário da sua fundação, uma grande edição, honrada com a cooperação valiosa dos nossos anunciantes. A guerra, entretanto, criou uma série de dificuldades que a simples boa vontade não pode vencer (...)” (*Diário Carioca*, sem título, 16 de julho de 1944, página 1).

Essas restrições eram, de fato, o que instituíam no Brasil a sensação da guerra. A escassez, como mostra o historiador Roney Cytrynowicz, era sempre relativa, “nunca um limite objetivo incontornável e que, fundamental, jamais significou fome em decorrência da guerra na Europa”.⁸⁶ De qualquer maneira, o racionamento revela uma opção por tentar solucionar o problema da escassez com uma ênfase não na produção ou na distribuição, mas na esfera do consumo, “aquela que permite normatizar a vida da população”, como nota Cytrynowicz. Nesse sentido, medidas como a criação de um “pão de guerra” (que consumia menos trigo), o lançamento da Campanha de Vitaminas para o Povo, o racionamento de combustível e a criação de um suporte propagandístico para a instalação de gasogênio nos automóveis particulares visam, menos do que resolver de fato falhas estruturais do planejamento industrial e urbanístico do país, produzir uma mentalidade de guerra. “Não foi a guerra que provocou a falta relativa de pão em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Foi a falta de pão e as filas que trouxeram a sensação da guerra, o efeito da guerra, ao cotidiano de São Paulo”, afirma Cytrynowicz. O autor observa, mais adiante, que a sensação de guerra “possibilitava a imposição de uma certa ordem – econômica – e de um certo modelo político, em que a mobilização, a fila, a apologia do trabalho militarizado, o desfile organizado e o alinhamento foram impostos, criando o que se pode considerar o ‘*front* interno’ (...). A guerra européia permitiu definir efeitos e práticas de alinhamento com ampla legitimação, criando a ilusão da necessidade coletiva e da solidariedade interclasses na frente interna”.⁸⁷

A leitura das edições de 1944 do *Diário Carioca* deixa claro que suas páginas estavam quase sempre imbuídas desse tom de mobilização. O jornal não se limitava a registrar reflexos do conflito europeu no cotidiano brasileiro; o noticiário tinha um caráter aguerrido: os registros não eram apenas registros – cobria-lhes um tom de alarme, de indignação seja contra os “especuladores” que aproveitavam a oferta escassa de produtos para reajustar suas mercadorias, seja contra os indícios de atuação de quinta-colunas no País. Em 11 de janeiro, por exemplo, o matutino do Rio de Janeiro deu início a uma série de matérias sobre o aumento dos preços, batizando-a com o slogan “A vida pela hora da morte”; o texto que deu início à série informava em seu título o impacto da guerra no custo de vida: “De 1939 até 1943 subiu mais de 100 por cento”. Três dias depois, o tema era o

⁸⁶ Cytrynowicz. Op. cit., página 52.

⁸⁷ Idem. Ibidem, páginas 66 e 87.

reajuste nos preços do vestuário, apresentado novamente com jocosidade: “Acabaremos de tanga se não baixar o preço dos tecidos”.

O tom de campanha espalhava-se por boa parte dos textos. Antes de os soldados brasileiros colocarem efetivamente os pés na Europa, o jornal fez uma série de reportagens mostrando que o empenho nacional não começaria apenas com pracinhas nas linhas de tiro: matérias-primas de equipamentos ou utensílios de combate e outros produtos do Brasil também eram importantes na Segunda Guerra, como minerais, borracha, tecidos, ferro e cimento.

As matérias não se restringiam a mostrar ao brasileiro que o País colaborava no combate ao nazismo, mas também convidavam o leitor a fazer parte desse esforço nacional. Esse convite às vezes era diretamente ligado aos combates, como na divulgação dos nomes dos convocados à guerra ou em uma matéria sugerindo que se enviassem agasalhos “aos nossos compatriotas que se encontram na Itália”. Outra vezes, tentava-se convencer o público a fazer a sua parte na recuperação da economia e na superação da carestia, como mostram o título e a linha fina (subtítulo) dessa entrevista com um representante das fábricas de cigarro:

Ajudar o Brasil Fumando
Patrioticamente, os fumantes contribuirão
com maiores recursos para o Tesouro Nacional;
500 milhões de cruzeiros de impostos de consumos
*sobre o fumo*⁸⁸

É nessa linha que o *Diário Carioca*, já notório por suas campanhas (como a que apoiara a Aliança Liberal, ainda em tempos pré-Getúlio), lança uma série de matérias com o bordão “Seja assíduo no trabalho”. No primeiro texto, sob o título “Quando o Operário Falta ao Trabalho, está Atrasando o Esforço de Guerra do País”, o jornal expõe seus argumentos:

⁸⁸ “Ajudar o Brasil Fumando”, *Diário Carioca*, 20 de agosto de 1944, página 5

A carestia da vida, a ascensão vertiginosa e assustadora dos preços, tem uma outra fonte muito diversa daquela que geralmente se supõe. A guerra, constantemente acusada como causa única das aflições por que estamos passando, não é merecedora de toda a culpa. A mão-de-obra, o serviço prestado ao país em guerra, pelos homens da retaguarda, também pode contribuir com seu quinhão para isso.

Havendo abundância de produtos no mercado, aumentam as vendas, crescem as margens de lucro, desaparece o "câmbio negro" e os preços serão estabilizados numa base a todos acessível. Para isso, porém, faz-se mister a presença assídua, cotidiana do operariado, o exército de retaguarda, nas indústrias onde desempenham suas funções, contribuindo valorosamente para o progresso e a pujança do país.⁸⁹

Há que se destacar, nesse texto, não apenas a estranha lógica econômica (o aumento da oferta elevaria a demanda), mas o fato de dar ao cidadão que foi dispensado da Força Expedicionária Brasileira responsabilidade sobre o destino do País. A expressão "exército de retaguarda" coloca pracinhas e operários em pé de igualdade, desempenhando funções diferentes para atingir o mesmo objetivo: "o progresso e a pujança" do Brasil. Logo depois de lançada, a campanha do *Diário Carioca* ganharia o aval de sindicatos do Rio de Janeiro. Não demorou muito e o Ministério do Trabalho é que veio a lhe bater nos ombros, em sorridente apoio oficial – a iniciativa vinha ao encontro do ideal de colaboração nacional

⁸⁹ "Quando o Operário Falta ao Trabalho, está Atrasando o Esforço de Guerra do País", *Diário Carioca*, 7 de julho de 1944, página 3.

propalado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que distribuía panfletos exortando os brasileiros ao trabalho “fecundo e criador”.⁹⁰

Noticiário à parte, o leitor do jornal em que Rubem Braga escrevia ainda se deparava com referências à guerra nos anúncios publicados no periódico. Em setembro de 1944, por exemplo, eram veiculadas peças publicitárias dos postos Texaco em que o frentista era chamado de “soldado da Paz”. Outra empresa do ramo, a Atlantic, também fazia questão de atrelar seus serviços às forças aliadas, e ainda tentava dar uma justificativa cívica para a falta de combustível no país:

*Somos tão indispensáveis ao seu carro como à Vitória! (...) Por agora, servimo-lo apenas indiretamente, auxiliando as Nações Unidas em todos os “fronts” trabalhando no Brasil onde nosso concurso não pode ser protelado. Mas terminada a guerra (...) retornaremos ao seu carro para servi-lo ainda melhor.*⁹¹

Também eram freqüentes as propagandas da sala de cinema Cineacs, que costumava exibir o que classificava de “filmes verdadeiros” – imagens, quase sempre produzidas por aliados, de batalhas, operações em solo europeu, viagens de navio, rotina da guerra etc. Na edição de 2 de julho de 1944, por exemplo, os anúncios chamavam atenção para “os primeiros filmes nazistas capturados aos alemães e exibidos em Berlim como propaganda anti-aliados” e a “caçada aos fascistas em Roma”. Nesse dia, e em vários outros, os “filmes verdadeiros” apareciam com maior destaque na página do que as fitas, digamos, convencionais – como *A Mulher do Padeiro* e *Tico-tico no Fubá*. Até os personagens de Walt Diney entravam na onda, como mostrava um anúncio de 1º de janeiro de 1944: “Quinta colunas da pior espécie tornam a vida de Pluto em “A sentinela” um inferno”.

⁹⁰ Bercito. Op. cit.

⁹¹ *Diário Carioca*. “Espere por nós... voltaremos com a Vitória”, 27 de fevereiro de 1944. A gasolina foi um dos primeiros produtos que entraram no racionamento, o que obrigou os carros particulares a usarem o gasogênio, equipamento que transforma carvão vegetal em combustível.

“Naquela época não havia TV, as pessoas iam ao cinema todas as semanas e havia sempre uma edição nova dos newsreels (ou carretel de notícias) americanos – peças de propaganda a favor dos aliados, contra o nazifascismo –, nos quais trabalharam grandes diretores de Hollywood”.⁹²

O tom de campanha ganhava ares épicos e festivos quando o assunto envolvia os membros da Força Expedicionária Brasileira. Em 1º de abril de 1944, quando os soldados brasileiros fizeram seu primeiro desfile antes de partirem para a Europa, o *Diário Carioca* saiu com a seguinte manchete comemorativa: “Desfilam entre aplausos os combatentes da FEB”. A linha fina (subtítulo) espantava-se: “Incrível o entusiasmo popular”. No dia 23 do mesmo mês, a junção da FEB com a elite carioca (incluindo alguns anunciantes de jornal...) em um evento cívico produziu um texto que despeja adjetivos e bajulação:

*A solenidade realizada ontem, às 16,30 horas, pelo Tijuca Tênis Clube, para a entrega da Bandeira Nacional ao “Regimento Sampaio”, unidade que integra a força expedicionária brasileira, adquiriu brilho invulgar, caracterizando-se por uma espontaneidade impressionante, prova cabal do ânimo viril que agita o povo brasileiro na difícil hora que o país atravessa.*⁹³

Em 25 de maio, quando o primeiro batalhão da FEB deixou o porto do Rio de Janeiro em direção à batalha da Europa, o matutino carioca deu dimensão grandiosa ao acontecimento, fazendo referência a toda história brasileira. Dizia a manchete, acima de uma foto do desfile dos soldados: “Pela primeira vez em quatro séculos vamos lutar em

⁹² CANELA, Guilherme. “Marcha do Tempo – entrevista com Ramos Calhelha”, in *Observatório da Imprensa* (site www.observatorio.com.br), 20 de outubro de 1998. Moacyr Ramos Calhelha foi um narrador dos jornais cinematográficos durante a Segunda Guerra.

⁹³ *Diário Carioca*, “Bandeira Brasileira para os campos de combate na Europa”, 23 de abril de 1944, página 3.

outro continente”. Destaca-se, na formulação do título, o uso da primeira pessoa do plural, envolvendo o próprio jornal e o leitor – todos os brasileiros – no combate às forças do Eixo. A matéria começava na primeira página e prosseguia na terceira. Ao lado, na página 4, na seção “Nossa Opinião”, o *Diário Carioca* mostrava como interpretava a estréia dos brasileiros na Segunda Guerra Mundial:

*A missão dos nossos soldados é a de levar aos nazistas, cruéis e bárbaros, a saudação de um povo que eles afrontaram (...). A saudação da bala e do canhão (...). O Brasil terá o seu nome ligado ao esmagamento da Alemanha de Hitler, o que vale dizer à restauração no mundo, da ordem jurídica e de todos os princípios de direito e de liberdade.*⁹⁴

Com os pracinhas já em solo italiano, o entusiasmo continua. Os brasileiros eram “bravos” e “bem equipados”, embora vez ou outra o jornal destacasse as baixas entre as tropas da FEB. O que predominava era mesmo o tom de júbilo, como o da manchete de 19 de julho de 1944, quando as forças brasileiras chegaram à Itália: “Os soldados do Brasil recebidos com indescritível entusiasmo em Nápoles”.

Nesse contexto, é significativo que o *Diário Carioca*, quando comunica aos leitores que Rubem Braga será seu correspondente de guerra, apresente a novidade como uma adesão à campanha antinazista. Na primeira matéria em que toca no assunto, em 21 de maio, o título é “O DIÁRIO CARIOCA Na Força Expedicionária”; o texto explica que é Rubem Braga quem cumprirá “essa importante missão [grifo meu]” e será “incorporado às forças nacionais que partem para a luta”.⁹⁵ Três dias depois, o jornal volta a noticiar o tema. Há uma foto em que Braga aparece de farda (era obrigação dos correspondentes usá-la durante a guerra), ilustrando a reportagem que traz como título: “DIÁRIO CARIOCA Junto

⁹⁴ *Diário Carioca*, “O Brasil e a missão de seus soldados”, 25 de maio de 1944, página 4.

⁹⁵ Idem, “Demonstrada a Eficiência da Artilharia Divisionária no Brasil – O DIÁRIO CARIOCA Na Força Expedicionária”, 21 de maio de 1944, página 1. A íntegra do texto está no item anexo, ao final desta dissertação.

às Forças Expedicionárias Brasileiras”. Nos quatro parágrafos que se seguem, o cronista é apresentado como representante do jornal junto à FEB: “No desfile de hoje das Forças Expedicionárias o DIÁRIO CARIOCA far-se-á representar pelo nosso companheiro Rubem Braga, que seguirá com aquelas tropas como correspondente de guerra”. Mais adiante, Braga é o representante do jornal “no teatro das operações de guerra”⁹⁶. Era como se enviar um repórter para cobrir a atuação da FEB fosse, mais do que uma operação jornalística, um ato de patriotismo.

⁹⁶ Idem, “DIÁRIO CARIOCA Junto às Forças Expedicionárias”, 24 de maio de 1944.

3 – O cronista e a guerra

A) O cronista na retaguarda

Em 15 de fevereiro de 1944, o *Diário Carioca* estréia uma nova coluna. Ilustrada (provavelmente por Carybé¹), encaixada no canto superior direito da página 3 (o espaço mais prestigiado de um jornal, depois da capa e da contracapa) e destacada dentro de um quadro, ela trazia um título que claramente remetia ao noticiário sobre a guerra, que já então monopolizava as manchetes do jornal: *Ordem do Dia*. Em corpo menor, logo abaixo do título, a identificação de seu autor: Rubem Braga. O escritor capixaba, cujo nome já aparecera em anúncios de revistas literárias no próprio *Diário Carioca*, ocuparia esse espaço com regularidade até junho, quando começou a se preparar para cobrir a atuação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália.

O autor já escrevera sobre guerra no tempo em que trabalhou na *Folha da Tarde*, em Porto Alegre (julho a outubro de 1939), quando freqüentemente dirigia-se à comunidade alemã do Sul e seus descendentes, enveredando por temas como “raça pura” e, mais raramente, anti-semitismo. A experiência, pois, não era nova. Nos artigos escritos para a *Ordem do Dia*, Braga lança mão de uma vasta diversidade temática. Fala dos restaurantes do Rio de Janeiro, comenta o noticiário internacional (leia-se: a guerra e fatos a ela relacionados), escreve sobre peças de teatro e rusgas literárias, critica os especuladores. Com muita freqüência, o assunto ou o pano de fundo é o reflexo da Segunda Guerra no Brasil, sobretudo no cotidiano do brasileiro. Publicadas em uma página que quase sempre destaca um acontecimento ligado à política ou à economia do Brasil, suas crônicas ajudam a formar no leitor do *Diário Carioca* uma idéia sobre os significados do conflito mundial, uma espécie de arcabouço informativo sobre as batalhas que se desenrolam na Europa.

¹ Hector Júlio Paride Bernabó, o Carybé, (1911-1997), argentino radicado no Brasil, fez ilustrações para diversos livros e revistas na época, e colaborava com o *Diário Carioca*. Muito próximo a Rubem Braga, ele fez com o cronista uma viagem na década de 50 ao redor do Espírito Santo, que resultou no livro Uma viagem capixaba de Carybé e Rubem Braga, publicado apenas em 1981 pelo Departamento Estadual de Cultura.

O escritor capixaba, no entanto, certamente usava procedimentos diferentes dos de outros autores para tratar do assunto. Entre eles, ressalte-se a tentativa de construir uma intimidade com o leitor – uma característica fundamental da crônica de Braga. Essa construção se dá, por exemplo, na busca por aproximar jornalista e público; um dos recursos é relativizar – logo no texto de estréia – seu posto de articulista, como que minimizando as diferenças entre escritor e leitor.

*Tenho olhos, vejo as coisas, leio as notícias;
e tenho mão, e conto e escrevo, e depois sai no
jornal. Falarei bem dos amigos, mal dos inimigos,
sem dar muito na vista. Não é também um juiz este
aqui, a julgar homens e coisas; apenas um sujeito
que fala disso e daquilo e de si mesmo.²*

Chama atenção, nesse trecho, o tom de sem-cerimônia com o qual o cronista descreve sua função: usa ações banais (ver coisas, ler notícias) para desempenhar seu ofício, e sua especialidade (escrever e contar) parece decorrência natural de uma situação natural (ter mãos). Do mesmo modo, a diferença inescapável entre o cronista e os leitores (seus textos saem no jornal) surge quase como uma coincidência, ou um fato sem maior importância – impressão que é reforçada pela repetição de *e*: “e tenho mão, e conto e escrevo, e depois sai no jornal”. A confissão explícita de uma parcialidade injustificável em um articulista (falar bem dos amigos e mal dos inimigos, “sem dar muito na vista”) também pode ser vista como um procedimento que o aproximaria de uma pessoa comum.

A construção da intimidade entre cronista e leitor ganha força, igualmente, com outro recurso recorrente nessa série de escritos produzidos para o *Diário Carioca*: a utilização da primeira pessoa do plural. Com ela e por meio dela, Rubem Braga faz ser também do leitor as suas opiniões, dúvidas, angústias, constatações. Destaque-se que a primeira pessoa do plural é com frequência utilizada no modo subjuntivo, em tom próximo da conclamação: *façamos, peçamos, vejamos, baixemos*. Mas raramente se trata de uma

² BRAGA, Rubem. Sem título, coluna “Ordem do Dia”, *Diário Carioca*, 15 de fevereiro de 1944, página três. A íntegra do texto está nesta dissertação, no item Anexos.

conclamação patriótica, programática, tão comum nos tempos de getulismo. Nos textos em que os traços argumentativos predominam, esse uso da primeira pessoa do plural vez ou outra aparece (“pensemos antes nos que matam e fazem fascismo não por leviandade, mas por negócio”³), porém é mais comum em trechos em que o cronista desenvolve observações sobre histórias pessoais ou detalhes do cotidiano.

É o caso, por exemplo, da história de uma mulher (Leda) que jogou amônia nos olhos de seu amado (fuzileiro Maciel), por flagrá-lo com outra (Arminda). Braga nota que o fuzileiro cometeu “o crime de ver; pois Maciel viu Arminda”. E prossegue, chamando o leitor para a narrativa:

*Ah, não vejamos Arminda. Quando ela passar, essa Arminda ou qualquer Arminda (as Armindas andam soltas neste Rio de Janeiro, ninguém toma a menor providência), baixemos os olhos, baixemo-los ao chão, ao duro chão, ao triste chão.*⁴

No entanto, o que predomina, no uso da primeira pessoa do plural, é mesmo o modo indicativo, com que o cronista “puxa” seu público para dentro do texto e compartilha suas aflições. Isso ocorre mesmo quando Braga desenvolve observações particularíssimas, regadas a ironia. Tome-se como exemplo desse caso um texto em que o escritor comenta um raquítico despacho da agência internacional de notícias “United Press” sobre um desmentido envolvendo o líder soviético Joseph Stalin. O cronista elenca os poucos fatos descritos no telegrama da agência e em seguida dispara perguntas que a notícia não responde, o que pode ser visto como uma ironia à paranóia da guerra e uma crítica aos serviços noticiosos que abasteciam os jornais brasileiros (e mesmo as crônicas de Braga) com informações sobre a guerra. A crítica sutil é dividida com o leitor, por meio do uso da primeira pessoa do plural:

³ Idem, 17 de março de 1944.

⁴ Idem, 26 de fevereiro de 1944. É interessante notar que, nesse caso (literalmente), o personagem masculino é um fuzileiro, função com claras ligações com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.

*Ficamos, portanto, na dependência exclusiva da United Press para saber o que aconteceu depois, isto é, depois que o marechal Stalin não deu com uma garrafa na cabeça do general Timoshenko. Estamos aflitos!*⁵

Em algumas crônicas de lirismo destacado, o uso de “nós” reforça a tentativa de compartilhar com o leitor as aflições de seu tempo. Um exemplo é o texto em que Braga comenta os planos do governo de construir metrô no Rio de Janeiro; o cronista repudia a idéia:

*Seremos tatus, tristes e cansados tatus circulando por debaixo do chão: seremos burros de mina. Todo mundo está sonhando, para depois da guerra, com autogiros e balões: por favor, senhores engenheiros, não ameacem nos condenar a viver por baixo do chão. Nós queremos céu, sol, nuvens, ar. Por favor, não estraguem nossos planos secretos de Depois da Guerra – esse Depois da Guerra de que toda gente alimenta hoje suas tontas esperanças.*⁶

Outras ferramentas tradicionalmente utilizadas por Rubem Braga, e que passaram a ser características marcantes da crônica escrita no Brasil, são repetidas na sessão *Ordem do Dia*, como a citação de lugares conhecidos do leitor (especialmente do Rio de Janeiro),

E já que estamos no Municipal, vamos descer até o Assírio. Ali embaixo, onde era o

⁵ Idem, 18 de fevereiro de 1944. Timoshenko era o comandante das tropas da União Soviética.

⁶ Idem, 29 de março de 1944.

*cabaré, vai ser inaugurado amanhã um restaurante do SAPS que servirá de escola para cozinheiros, copeiros e garçons.*⁷

...a utilização de um registro coloquial, semelhante ao de conversa, ou com perguntas dirigidas ao leitor

*Outro dia, um amigo meu alugou um apartamento na Lagoa.*⁸

*Quem viu Arminda? Acaso alguma vez viste Arminda? Vós vistes Arminda?*⁹

...e a “confissão” de fatos íntimos, ligados à infância, ou a casos amorosos. As reminiscências de Cachoeiro do Itapemirim, o relato de fatos de sua vida particular, o desabafo sobre angústias pessoais são recorrentes nos textos da *Ordem do Dia*. O cronista busca, assim, construir um universo pessoal e ao mesmo tempo comum ao leitor, como quem compartilha histórias e *causos*; trata-se de mais um recurso utilizado pelo autor para produzir um efeito de intimidade com seu público. Parece ser esse, por exemplo, o objetivo de encaixar uma referência à terra natal (vale dizer: à infância) em um texto que traça o perfil de um líder dos trabalhadores mexicanos:

*Tem cara de sujeito da terra da gente; podia ser muito bem, com aquela cara mesmo, um agrimensor de Cachoeiro do Itapemirim.*¹⁰

⁷ Idem, 1º de março de 1944. O Assírio, um salão do Teatro Municipal, era um cabaré bastante famoso no Rio de Janeiro. Foi inicialmente concebido como local para restaurante e café, mas esse uso foi abandonado porque o cheiro da comida chegava até o teatro. O SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social) era o órgão responsável por coordenar campanhas de alimentação e de instalação de restaurantes dentro de fábricas, num contexto em que a alimentação sadia era vista como garantia da defesa nacional.

⁸ Idem, 16 de fevereiro de 1944.

⁹ Idem, 26 de fevereiro de 1944.

¹⁰ Idem, 19 de março de 1944.

Se o objetivo de Braga fosse apenas tentar dar a seu público brasileiro uma idéia sobre as características do líder mexicano Vicente Lombardo Toledano, bastaria a primeira comparação (“cara de sujeito da terra da gente”). Ao acrescentar, contudo, a referência a Cachoeiro, o cronista capixaba não só abre seu universo particular como o aproxima do leitor – a aproximação entre “terra da gente” e “Cachoeiro do Itapemirim” pode até mesmo sugerir que o leitor faça de Cachoeiro sua terra. Tomando-se Cachoeiro menos como uma cidade do que como um conjunto de lembranças e afetos, a referência à terra natal, neste caso, pode ser vista como um convite para que o público desfrute do universo particular, da história de vida do cronista.

Braga também compartilha com o leitor dificuldades do ofício de cronista, de quem tem de cumprir a obrigação de preencher um espaço no jornal. Ele já escrevera sobre isso em outras ocasiões, como na célebre “Ao respeitável público”, sua mais famosa crônica sobre falta de assunto¹¹; nos textos para a *Ordem do Dia* há trechos em que o autor também faz referências a sua lida diária, seja para justificar por que não a cumpriu, seja para explicar por que fugirá às regras e produzirá colunas mais curtas. São demonstrações explícitas de uma lassidão que só se confessa a pessoas íntimas – daí, mais uma vez, a produção de um efeito de intimidade com o leitor.

*E como estou escrevendo isso no sábado, e falta água no bairro, e a fila de leite está enorme, o remédio é tomar um chopp – passem bem, meus senhores!*¹²

... E que lua tão grande, que noite de puro azul. Se faltei dois dias nesta crônica, façam o favor de atribuir a esse grande luar, que dá vontade de

¹¹ “Chegou meu dia. Todo cronista tem seu dia em que, não tendo nada a escrever, fala da falta de assunto. Chegou o meu dia. Que bela tarde para não escrever”. BRAGA, Rubem. “Ao respeitável público”, in Q Conde e o Passarinho (op. cit.).

¹² Idem. Sem título, in *Diário Carioca*, página 3, 5 de março de 1944.

*fazer mil coisas, nenhuma das quais tem qualquer
ligação com o que se chama trabalho.*¹³

*Hoje estou sem vontade de escrever, mas
resolvi não deixar em branco este canto de página.
Vou transcrever.*¹⁴

É importante ressaltar que a metalinguagem, nesses casos, adquire um significado que extrapola o universo estritamente literário, o fingimento como recurso estético; ao fazer troça com os leitores (“passem bem, meus senhores”) e exibir um desleixo proposital, o cronista afronta um dos pilares da mobilização apregoada pelo getulismo na esfera do trabalho. A propaganda do Estado Novo procurava alinhar os operários à lógica da “batalha da produção” – como se viu no capítulo anterior, o decreto que criou a Coordenação de Mobilização Econômica incluía, no esforço de guerra, a “mobilização do trabalho humano”, e o discurso oficial classificava o operário de soldado do front interno. A produtividade, a pontualidade, a ordem e a disposição do trabalhador eram vistos como pontos essenciais para garantir a Vitória – o próprio *Diário Carioca* lançaria, três meses depois desses textos de Braga, uma campanha cujo mote era “Seja assíduo no trabalho”. Nesse sentido, trocar o trabalho pelo “chopp”, por desejos ligados ao “grande luar” ou pela cópia confessada de outro texto era um acinte, um pequeno ato subversivo.

Outro recurso bastante comum da crônica, a ponto de ser visto mesmo como um dos pontos fundantes desse gênero no Brasil, e bastante utilizado por Braga na *Ordem do Dia*, é o destaque a pequenos acontecimentos ligados ao cotidiano de seu público, freqüentemente acompanhado de um tom crítico.

*460 padarias resolveram instituir no Rio o
regime do pão duro matinal. Isso é uma dessas
coisas que essa gente inventa, depois de muito*

¹³ Idem, 12 de março de 1944.

¹⁴ Idem, 13 de abril de 1944

*pensar, com uma única finalidade positiva: chatear a população.*¹⁵

Um dos principais diferenciais dos textos de Braga, em relação a outros do *Diário Carioca*, parece estar justamente nesse destaque a alterações nem sempre evidentes na rotina do brasileiro em razão da guerra. Os comentários abundavam nas páginas do periódico, as informações sobre o conflito mundial ocupavam amplo espaço e mesmo notícias sobre racionamento e aumento da inflação apareciam em quase todas as edições. Braga mira ora o miúdo, ora as mudanças de comportamento que, por morosas ou pouco explícitas, acabam escapando ao enfoque apressado dos jornais diários ou recebendo destaque apenas pontual.

*Agora é isso: deram para pedir “um tanto por fora”. Não se faz mais nenhum negócio direitinho, por dentro. A fatura, o contrato, a letra, o recibo, a carta, o livro – o papel, em resumo, diz uma coisa. Mas não diz tudo. O resto vai “por fora”. E é assim, “por fora”, que essa gente se enche.*¹⁶

*A lua é bela e mansa, e sexta-feira que vem já é quarto minguante. Aproveitem que ainda está bem cheia, mas cada noite aparece menor – e quem sabe, meu Deus, nestes tempos atrapalhados, com tanto racionamento e falta de transporte, quando teremos outra vez uma lua cheia! Aproveitem! É grátis e dá para todos, não precisa levar cupom nem fazer fila.*¹⁷

¹⁵ Idem 3 de março de 1944.

¹⁶ Idem, 16 de fevereiro de 1944.

¹⁷ Idem, 12 de março de 1944.

Outra maneira de construir a intimidade com o leitor por meio do universo particular do escritor é juntar, entre os fatos que merecem estar na *Ordem do Dia*, tanto acontecimentos de caráter jornalístico quanto acontecimentos que diriam respeito exclusivamente ao próprio articulista. Assim, Braga equipara os dois fatores, o que acaba por inflar a importância dos fatos de seu universo pessoal – eles ganham destaque de notícia:

O chanceler Aranha fala da possibilidade do Brasil reatar relações com a Rússia. Os comediantes que fizeram tão bom teatro no Municipal vão a São Paulo. E Suzana foi-se embora. Já não falarei de seu valente irmão; apenas de Suzana, e é tanto! Ela foi-se embora; ao que o leitor dará de ombros, pois não a conhece. Faz mal. Entre crianças e adultos é a criatura mais graciosa do país. Eu a ensinei a falar “paralelepípedo”. Ela me contou a história do Castelo que pegou fogo, São Francisco deu sinal, acudam acudam acudam a Bandeira Nacional.¹⁸

Em alguns textos, Braga “confessa” gostos, preferências, expõe dúvidas e revela amores – nesta série de textos, amor, no singular: o cronista dirige-se sempre a Joana, uma suposta amada a quem lança convites e declarações de paixão. A primeira referência aparece em um texto de 2 de março de 1944, repleto ele todo de “confissões” do escritor. A coluna começa flertando com o noticiário, embora cite expressão conhecida de José de Alencar: informa que os “verdes mares bravios”¹⁹ andam turbulentos em Fortaleza,

¹⁸ Idem, 27 de fevereiro de 1944. O Aranha mencionado no início do trecho é Oswaldo Aranha, então ministro das Relações Exteriores.

¹⁹ A expressão aparece na abertura do romance *Iracema*: “Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandaia nas frondes da camaúba”.

“invadiram a praia de Iracema, deixaram meio metro de areia na rua, fizeram cair várias casas”. Logo em seguida, a primeira “confissão”:

*Em nenhuma cidade do Brasil eu gostaria
tanto de morar como em Fortaleza, a simples, de
carnaubeiras batidas pelo sudeste.*

Braga fala então de sua paixão pelo mar e, já no final, segreda ao leitor:

*Fiz um terrível plano secreto. Quando a
guerra acabar laço uma cavação qualquer e dou
um jeito de ir para a Europa. Chego em Paris,
mando cartões postais para os amigos e
desapareço.*

Na última frase, aparece, sem apresentações, a referência a Joana:

*E estarei em cima de uma pedra qualquer,
em qualquer lugar da Bretanha, com uma vara de
bambu na mão, pescando talvez cocoroca e
pensando certamente em ti, Joana.²⁰*

É de maneira semelhante que a personagem aparece em quase todos os textos – de chofre, sem descrições e sem antecedentes, mas não sem motivo. Ao encaixar *Joana* na crônica e não a apresentar ao público, Braga cria um efeito que colabora para, novamente, estreitar a intimidade entre escritor e leitor. Não é de se descartar, por exemplo, que na aparição abrupta da personagem seja visto um sinal de que ela dispense apresentações, como se já fosse ou devesse ser conhecida das pessoas que diariamente acompanham a coluna *Ordem do Dia*.

²⁰ BRAGA, Rubem. Sem título, coluna “Ordem do Dia”, *Diário Carioca*, 2 de março de 1944.

Ressalte-se, além disso, que o cronista sempre se dirige diretamente à amada, como se naquele momento deixasse de lado a conversa com o leitor e se dedicasse apenas a cativar e cultivar a mulher por quem está apaixonado. Nesse sentido, trata-se mais uma vez de um procedimento literário, um “fingimento”, que ajuda na construção da intimidade, da cumplicidade: o leitor presencia uma conversa pessoal no narrador, flagra-o nos momentos em que declara amor a Joana:

Mas aquele português que, segundo o telegrama, deu à noiva como presente de casamento um bacalhau – ele não tem razão. Eu, Joana, eu vos ofereço de presente o mês de abril – espumas do mar (...), noite azul, estrelas do ar frio. E este velho coração, menina.²¹

Ainda sobre Joana, cabe observar que algumas vezes ela é encaixada em situações reais, vira personagem de notícias de jornal – o que acrescenta lirismo ao texto noticioso e o “transforma” em crônica. É o caso, por exemplo, de uma coluna em que Braga reúne várias histórias de amor que viraram tragédias em razão de desavenças entre os amantes, coincidências, descuidos. Ao comentar as notícias, o escritor acrescenta Joana aos cenários e casos em que ocorreram as tragédias:

Paro de ler os jornais e fico pensando no amor (...), as doideiras do amor. E a força das coisas puxando, empurrando, matando os homens e as mulheres. Joana: se não vieres eu me queimarei; se vieres, atearás fogo às vestes. (...) Joana, eu colocarei uma pedra no quintal para me fraturar o crânio quando me derrubares. E nossos nomes sairão errados no jornal, entre a notícia da surra

²¹ Idem, 5 de abril de 1944.

*que o Flamengo levou e o avanço dos russos na Romênia.*²²

Até agora, destacou-se o esforço do cronista em estabelecer uma relação de intimidade com seu público por meio da aproximação entre cronista e leitor – esforço que, por vezes, tenta escamotear ou minimizar as diferenças entre um e outro. Os procedimentos nessa direção usados por Rubem Braga de fato aparecem com frequência, como se tentou demonstrar. No entanto, as colunas produzidas para a seção *Ordem do Dia* exibem também um tipo de texto pouco visto nas seleções de crônicas publicadas em livro pelo escritor capixaba: o texto mais próximo do comentário ou artigo²³, em que as diferenças entre leitor e autor se ampliam.

Jornalista e cronista já de renome em 1944, Braga é visto como um colaborador do *Diário Carioca* cujas opiniões possuem relevância suficiente para serem publicadas e lidas com interesse pelo público do Rio de Janeiro. Em razão disso, adota em vários textos tom de articulista, ou seja, aquele que articula informações para esclarecer, narrar ou argumentar sobre um fato. O próprio texto de estréia de *Ordem do Dia* apresenta como uma das intenções do autor “resumir a desordem dos dias que vão”.

Cabe desde logo frisar que esse tom não contrasta de todo com as características geralmente atribuídas ao escritor que na época já publicara *O Conde e o Passarinho* e *Morro do Isolamento*. Embora os textos de caráter marcadamente dissertativo não sejam muito presentes em livro – quer porque o cronista deseje ressaltar seus escritos em que predomina, por exemplo, o lirismo, quer porque procure não selecionar os escritos mais datados –, eles guardam com a produção mais conhecida de Braga semelhanças importantes.

Uma delas é o que poderia ser chamado de “adesão aos simples”. Assim como os textos do escritor primam pelo apego e realce aos detalhes, conferindo importância a fatos

²² Idem, 21 de março de 1944.

²³ José Marques de Melo (*A opinião no jornalismo brasileiro*, op. cit.) tenta estabelecer uma diferença entre artigo e comentário: “Enquanto o comentário é produzido por jornalistas que analisam os fatos em cima da sua ocorrência, o artigo é normalmente feito por colaboradores que apreendem as dimensões menos efêmeras dos acontecimentos”. A distinção não faz muito sentido nos textos publicados por Braga em *Ordem do Dia*, já que o escritor mescla os dois tipos de análise, não raro em uma mesma coluna.

comezinhos da rotina, é bastante freqüente em sua obra a simpatia por personagens indefesos, fracos – “bons e simples”, na expressão de Franchetti e Pecora.²⁴ Nas colunas para a seção *Ordem do Dia*, Braga mostra sua ternura com as vítimas da guerra e dos efeitos da guerra. O articulista do *Diário Carioca* chega a dedicar duas crônicas para tratar da história de uma garotinha que foi recusada por uma escola católica por ser índia. O escritor vê no caso um claro sinal de manifestação nazista, lança improperios contra a feira que dirige o estabelecimento de ensino (chama-a de “Soror Rosemberg²⁵” e “Madame Hitler”) e defende a menina:

(...) mas deixa que alguém possa falar em defesa dessa indiazinha que nem sabe ler nem escrever. (...) essa meninazinha enxotada das portas de um colégio, essa criança que veio dos matos do Amazonas para ser repelida pela (...) ilustre instituição católica de Ipanema – ela vale mais do que o resto.²⁶

Mesmo aos, digamos, não tão inocentes Braga reserva sua compreensão. Ele faz questão de distinguir (e mesmo perdoar) pequenos delitos cometidos por pequenos infratores e recolocar o foco nos setores que de fato sustentam regimes opressivos. Um exemplo nacional é um bateador de carteira. Em um acidente de trem em que morreram nove pessoas e várias outras ficaram feridas, ele se aproveitou do tumulto para furtar dinheiro de parentes das vítimas. A polícia o prendeu.

Por que prender “Moleque Geraldo”? Ele não é um homem, é apenas um símbolo. É o símbolo de todos os que aproveitam estas horas de sangue e

²⁴ FRANCHETTI, Paulo e PECORA, Alcir. *Rubem Braga - Literatura Comentada*. Op. cit.

²⁵ Muito provavelmente, trata-se de uma referência a Alfred Rosemberg, considerado um dos ideólogos do nazismo. Escreveu, em 1930, o livro *O mito do século XX*, em que expunha suas idéias.

²⁶ BRAGA, Rubem. Coluna *Ordem do Dia*, *Diário Carioca*, 18 de março de 1944, página 3.

*aflição da humanidade para bater carteiras. Que outra coisa estão fazendo certos cavalheiros da nossa alta finança? Falam da guerra, dizem que estão ao lado do povo – e estão mesmo batendo carteira.*²⁷

Para o plano internacional vale a mesma análise. Em um texto em que comenta a condenação à morte de uma garota francesa que “já levou um compatriota francês a um campo de concentração e dois à morte”, Braga sai em defesa da vítima, novamente mirando os “poderosos”:

*Há alguma coisa de invencivelmente desagradável em matar essa pobre Danielle, flor da frivolidade e inconsciência criminoso de uma civilização que apodrece. Pelos menos enquanto não forem punidos os industriais, banqueiros, sacerdotes, generais e intelectuais, os verdadeiros culpados e beneficiários do fascismo (...), acho estúpido lançar a pena de morte sobre essa tola mulher. Danielle é uma leviana. Pensemos antes nos que matam e fazem fascismo não por leviandade, mas por negócio.*²⁸

Há outra característica da crônica de Braga que, um pouco transmutada, aparece também nos textos de teor predominantemente opinativo: a recorrência à experiência. Esse aspecto é considerado pelo crítico literário Davi Arrigucci Júnior como um dos pontos fundantes do estilo do escritor capixaba. É por meio da experiência, destaca Arrigucci Jr., que Braga amplia os acontecimentos do cotidiano, revestindo-os de significados maiores do que faz crer a rotina.

²⁷ Idem, 4 de março de 1944

²⁸ Idem, 17 de março de 1944

Não por acaso, Braga freqüentemente se refere a si mesmo como “velho Braga”, ou “velho Rubem” – em livro a expressão aparece pela primeira vez na crônica “O Conde e o Passarinho”, de fevereiro de 1935, quando o escritor tinha 22 anos.²⁹ Na *Ordem do Dia* há algumas referências nesse sentido, quase sempre em textos que mesclam comentário com “confissões” do cronista, como em uma coluna em que ele fala sobre uma plástica recente feita por Carmen Miranda:

*Agora ela está com um nariz made in USA.
Que restará de nossa Carmen? Perdeu o nariz
torto, perdeu a bossa, inventou uma história de
mexer com as mãos que afinal não tem graça
nenhuma e faz no cinema papéis confusos de latino-
americana. (...) ela ganha dinheiro, engorda,
envelhece e inventa que é baiana; e tudo isso é
pena. Porque afinal Carmen Miranda (...) já foi um
verdadeiro patrimônio nosso. Eu me lembro, em
1929... Ah, não é Carmen, sou eu quem envelhece.³⁰*

Destaque-se que a menção ao envelhecimento, em um trecho que esbarra em temas tão caros à época, como questões ligadas a nacionalismo e identidade nacional, antecede uma segunda parte do texto, em que o cronista enfileira várias notícias do dia, seguidas de breves comentários.

Mais do que a experiência de vida do “velho Braga”, contudo, o que parece pesar mais é a experiência do Braga jornalista, leitor de despachos de agências internacionais de notícias e observador do cotidiano brasileiro. É sob esse pano de fundo que o escritor

²⁹ BRAGA, Rubem. “O Conde e o Passarinho”, in *O Conde e o Passarinho* (op. cit., páginas 71 a 74). No trecho em questão, o cronista, no estilo conversa-puxa-conversa, conta um episódio em que ele, calouro do curso de Direito, e seus colegas assaltaram um bonde. “Aquilo foi apenas uma boa molecagem. Paciência. A vida também é uma imensa molecagem. Molecagem podre. Quando poderás ser um urubu, meu velho Braga?”.

³⁰ Idem. Sem título, coluna “Ordem do Dia”, *Diário Carioca*, 7 de março de 1944, página três. A íntegra do texto está nesta dissertação, no item Anexos.

assume um tom às vezes próximo do professoral – o que é também uma maneira de construir uma relação de intimidade com o leitor. Em 1944, publicara *O Morro do Isolamento* e, em 1936, havia estreado na literatura com a coletânea de crônicas *O Conde e o Passarinho*. Sua atividade na imprensa também não era menos profícua: havia criado um jornal, duas revistas e já passara por empresas importantes, como o *Diário da Noite* (no Rio de Janeiro) e *O Estado de São Paulo*³¹.

É interessante notar que o *Diário Carioca*, ao anunciar a seu público que terá um correspondente junto à FEB, e que esse correspondente será Rubem Braga, propagandeia as duas características de seu funcionário. No primeiro texto, de 21 de maio de 1944, chama-o de “brilhante cronista que diariamente aparece em nossas colunas”, que dará “as suas impressões” sobre a participação dos brasileiros na guerra. No segundo texto, publicado três dias depois, o destaque é para o jornalista, sua experiência e independência. Diz o texto, ao apresentar “nosso companheiro Rubem Braga”:

*Rubem Braga é um jornalista brilhante, de longas tradições na imprensa brasileira, nome que se impôs no conceito do público, não somente pelo talento e pela cultura, como também pela independência das suas atitudes.*³²

³¹ *O Conde e o Passarinho*, primeiro livro de Rubem Braga, lançado pela Editora José Olympio, foi bem aceito pelo público (cf. Franchetti e Pecora, op. cit.). As qualidades do jornalista Rubem Braga já chamavam atenção de seu patrão, Assis Chateaubriand, em 1932. O magnata da imprensa brasileira, dono do *Diário Carioca*, escolheu-o para cobrir a Revolução Constitucionalista: “(...) dando ordens para que fosse mandado para a frente sul (...) o repórter Rubem Braga (...), cujo texto cuidadoso e cheio de estilo ele [Chateaubriand] já elogiara publicamente algumas vezes.” (Morais, op. cit.).

³² “DIÁRIO CARIOCA Junto às Forças Expedicionárias Brasileiras”, in *Diário Carioca*, 24 de maio de 1944. Tanto esse quanto o texto anterior, de 21 de maio, estão no item Anexos, ao final desta dissertação. Apesar dos elogios dispensados ao cronista, o primeiro jornalista convidado pelo *Diário Carioca* para cobrir a atuação da FEB não foi Rubem Braga, mas Otávio Tirso de Andrade. Diz Braga, em entrevista concedida ao *Estado de São Paulo* em 1987: “Fui convidado depois que o Otávio Tirso de Andrade desistiu de ir, porque se casara recentemente” (*O Estado de São Paulo*, Caderno d Cultura, op. cit.).

Nessas crônicas anteriores a sua viagem para a Itália, Braga mirou principalmente os efeitos do conflito mundial no dia-a-dia dos brasileiros, mesclando ataques virulentos aos especuladores, que encontravam nos combates na Europa uma justificativa desavergonhada para reajustar os preços de seus produtos, a descrições de pequenas alterações na rotina de quem acompanhava do Brasil o desenrolar dos acontecimentos. Crítico furioso do autoritarismo, em alguns textos fazia as vezes de comentarista do noticiário internacional, e então descarregava sua pena sobre o nazifascismo e os quintacolumnas (brasileiros ou imigrantes simpáticos ao nazifascismo).

É possível notar que seu estilo aproxima-se mais que de hábito do comentário raivoso e/ou emocional. Nesse sentido, talvez não seja arriscado afirmar que o escritor compreende com clareza, e aplica a seu modo, a tônica da propaganda oficial de Vargas, segundo a qual apelos sensoriais produzem mais efeito que discursos racionais. Os textos sugerem que Braga, dentro dos limites impostos pela censura e pelo exíguo espaço no jornal, avalia que a guerra traz a oportunidade de o país começar a resolver alguns de seus problemas – até escreve alguns textos com propostas para situações específicas. Pode-se dizer que o escritor capixaba se mostra, nos textos do período, mais engajado do que em outras épocas – dentro, claro, dos limites da censura e mesmo da crônica.

Tome-se como exemplo o primeiro dos dois textos mencionados algumas páginas atrás sobre a indiazinha que foi proibida de se matricular em uma escola católica de Ipanema. Destaca-se nesse caso o uso de expressões como “a providência é”, “deve”, “não pode”, “imediatamente”, indicando um tom claramente propositivo:

Ora, não vejo nisso apenas um caso de Ministério da Educação, eu vejo nisso, também, um caso de polícia. A primeira providência a tomar é pedir a ficha dessas senhoras freiras, saber quem são, quando chegaram a este país, de onde vieram e o que fazem. A diretora que fechou as portas do colégio à indiazinha Jacira deve ser chamada à polícia para explicar sua conduta. Ela não pode alegar nenhum motivo religioso, porque Jacira é

*batizada e, portanto, tão católica quanto o papa.
 (...) Essa diretora deve ser processada e sua escola
 nazista deve ser fechada imediatamente.*³³

Seu engajamento parece partir do seguinte diagnóstico da época:

*(...) os tempos são confusos; e há tanta
 história que a gente hoje não consegue saber
 direito; e os escritos desta época andam tão cheios,
 ora de inverdades, ora de subentendidos, ora de
 omissões e enganos (...). Direito por linhas tortas,
 torto por linhas diretas, assim escrevemos todos,
 sem falar no que dizemos e não dizemos nas
 entrelinhas. Pois assim são os tempos.*³⁴

É muito provável que no trecho acima, espécie de preâmbulo para apresentação de um evento em homenagem ao jornalista e humorista Aparício Torelly (o Barão de Itararé), Braga estivesse se referindo principalmente à censura durante o Estado Novo. Mas ele também pode ser visto como uma análise mais ampla sobre a própria época, o que ajudaria a explicar o esforço do cronista em reinterpretar, por meio da ironia ou de contra-argumentação factual, os discursos de empresários especuladores, de autoridades nacionais e estrangeiras. Esse esforço pode ser visto em diversos textos, seja tratando do aumento abusivo dos preços de alguns produtos, seja comentando as falas de líderes internacionais pinçadas do noticiário. E parece haver uma tentativa de, sempre que possível, assumir o papel de formador de opinião.

*É verdade que o Tribunal de Segurança,
 sendo um tribunal de exceção, acima ou fora das
 regras jurídicas vulgares, do gênero das que*

³³ Idem, 9 de março de 1944.

³⁴ Idem, 3 de junho de 1944.

*ingenuamente me dei ao trabalho de aprender (ou “colar”) nos saudosos tempos da Faculdade, lavra suas sentenças muito mais à vontade que uma corte de justiça comum.*³⁵

Nos comentários sobre o noticiário internacional, aparecem por vezes adjetivos fortes e um tom indignado, que já eram razoavelmente comuns nos textos do tempo em que trabalhou na *Folha da Tarde*, em Porto Alegre (julho a outubro de 1939). Vez ou outra Braga deixa pistas de que pode também estar se referindo ao cenário brasileiro. Eis um caso bastante claro, em que, ao tratar da política nos EUA, o autor se imbui de um tom próximo do didático (sugerido, por exemplo, pela repetição da palavra *presidente*) e faz referência a uma expressão muito usada no Brasil (*quinta-coluna*):

O presidente Roosevelt vetou a lei orçamentária, mas os deputados derrubaram o veto do presidente. O presidente Roosevelt não mandou prender os deputados. O presidente Roosevelt é presidente de uma República; não é como qualquer Hitler, dono de um país. O presidente quer que uma coisa seja assim; os deputados acham que não pode ser, que está difícil – e o presidente a única coisa que pode fazer é dizer: ora essa. E isso em tempo de guerra. E ninguém tem faniquito por causa disso, ninguém chama os outros de quinta-coluna

³⁵ Idem, 25 de março de 1944. Este é, dos textos escritos para a seção *Ordem do Dia*, aquele em que Braga faz a crítica mais direta a uma instituição da ditadura getulista. E o trecho citado é o único, no texto, em que é feita uma crítica explícita ao Tribunal de Segurança. Essa é também uma das três crônicas desta série que foram publicadas em livro. Ela saiu em *Um pé de milho* (op. cit.) sem alterações e com o título de “Ginástica”.

*nem acha que o país vai perder a guerra. Eis um governo forte.*³⁶

Quando a indicação não recai sobre uma figura do governo, Braga é mais explícito, como no exemplo a seguir, em que faz referência a Plínio Salgado e Gustavo Barroso, fundadores da Ação Integralista Brasileira, grupo de inspiração fascista.

*O presidente Ramirez, da Argentina, entregou os pontos ao general Ferrel. Esse general se diz nacionalista; muita gente desconfia que seja “nazionalista”, como os nossos plínios e barrosos.*³⁷

Ao tratar do noticiário nacional, predomina a ironia – e nesses casos é corriqueira a intervenção do escritor, com comentários que, por irônicos, explicitam o ridículo do discurso oficial ou das manobras dos empresários.

*Aqui na [estação de trem] Leopoldina e na Central não são os maquinistas, são os passageiros que estão ficando doidos. E as viagens estão demorando tanto que esse aumento que houve agora é inteiramente justo: afinal de contas para ir daqui a Entre Rios, os passageiros gastam tanto tempo mais do que antes que não estava direito que continuassem pagando a mesma coisa.*³⁸

³⁶ Idem, 26 de fevereiro de 1944. Curioso notar que, embora repita diversas vezes a palavra *presidente*, em nenhum momento neste texto Braga identifica Franklin Delano Roosevelt como presidente dos EUA. Isso pode ocorrer porque Roosevelt já era suficientemente conhecido do leitor brasileiro, mas é provável que o cronista, ao suprimir o nome do país, tenha tentado reforçar o paralelo com o Brasil.

³⁷ Idem, 27 de fevereiro de 1944.

³⁸ Idem, 7 de março de 1944.

Um dos alvos prediletos do cronista é a burocracia brasileira, cujos tentáculos se proliferaram enormemente durante a ditadura de Getúlio Vargas. O escritor demonstra ver na explosão de órgãos, repartições e departamentos uma maneira de afastar o cidadão de decisões que lhe dizem respeito, e de tentar embotar, pelo apego a tecnicidades, uma percepção sobre os problemas sociais do país.

Há hoje no Brasil uma espécie de preciosismo técnico-burocrático que vai complicando os problemas com terminologia tão pedante que desespera. Isso se manifesta em vários ramos; pululam técnicos em alergias crepusculares, em padronização do tamanho dos clips e em sociologia de ruas transversais. Parece que estamos em um país sofisticadíssimo, super-fino, e há sujeitos que não dormem porque não têm certeza de que conseguirão penicilina se por acaso precisarem de penicilina.³⁹

O Departamento dos Correios e Telégrafos inaugurou o serviço de telefone entre Rio, Recife e Porto Alegre. O sr. Ministro falou com os srs Interventores, o sr. Diretor do DIP falou com os srs Diretores dos DEIPS e o sr. Herbet Moses falou com os senhores Herbert Moses estaduais. Eu não falei com ninguém, porque não me convidaram, grande injustiça.⁴⁰

³⁹ Idem, 23 de março de 1944. Essa é uma das três crônicas desta série que foram publicadas em livro. Ganhou o título de “País difícil” e foi colocada, sem alterações, em Um pé de milho (op. cit).

⁴⁰ Idem, 8 de março de 1944. Também essa crônica foi publicada em Um pé de milho. No *Diário Carioca* ela possuía apenas um único parágrafo. No livro, ganhou título (“Telefone”) e foi dividida em três parágrafos. Com construção se assemelhando a um fluxo de consciência, trata-se de um dos textos em que Braga mais se aproxima da vanguarda modernista.

Outro alvo freqüente são os agentes do mercado financeiro. O texto a seguir é exemplar, por mostrar os procedimentos de que o escritor lança mão. Nesse sentido, merece ser analisado trecho a trecho.

Inicialmente, Braga adota um estilo jornalístico/informativo – localiza a ação, utiliza discurso indireto com verbo declaratório “neutro” (*dizer*, ao invés de *comentar*, *alegar*, *argumentar* ou *explicar*, por exemplo) e reproduz números:

*Discursando na Associação Comercial do Rio Grande do Sul, disse o ministro da Fazenda que as emissões de papel-moeda elevaram a circulação de cruzeiros de 6.246.525.340 em 1941 para 10.980.849.287 em 1943. Disse que nisso nada há de excessivo.*⁴¹

Em seguida, introduz pequeno comentário, com um verbo já na condicional (“teriam”), tratamento respeitoso que pode ser interpretado como irônico (“cavalheiros”), expressões coloquiais (“vivem por aí”) e uma palavra incomum em texto puramente noticioso (“apavorados”, ao invés, por exemplo, de *temendo*, ou *com temor*):

Não teriam razão, portanto, os cavalheiros que vivem por aí apavorados com a inflação.

O texto prossegue com uma intervenção do escritor na primeira pessoa do singular. Braga aproxima-se do leitor ao se colocar como um leigo no assunto, e passa a ironizar o discurso econômico segundo o qual a inflação é causada por excesso de moeda em circulação, e não por especulações em torno da carência de produtos (tema abordado em alguns outros textos) ou por taxas desavergonhadamente cobradas por fora. O cronista ironiza também o discurso do “esforço de guerra”, com o qual o governo tentava justificar e amenizar as privações por que passava a população, ao mesmo tempo em que emprestava a essas privações um caráter de espírito patriótico.

⁴¹ Idem, 15 de março de 1944.

Eu não entendo dessas coisas, mas aviso aos senhores que estiverem incomodados com a excessiva quantidade de papel-moeda que me disponho a aceitar gratuitamente uma boa porção, pois disponho ainda de algum espaço nos bolsos. Estou disposto a fazer esse esforço de guerra mesmo que me arrisque a entrar na triste categoria das vítimas do imposto sobre lucros extraordinários.

Em seguida, Braga, mantendo o tom irônico, usa um exemplo para ilustrar o assunto. Não raro o exemplo é explicitamente fictício, mas neste caso isso não fica claro.

Aliás, estou de pleno acordo com um capitalista desta praça, homem que vive honradamente de emprestar dinheiro a juros legais cobrando apenas por fora uma pequena taxa de uns 3 ou 4 por cento ao mês, justo prêmio de seu respeito à lei. Ele me dizia:

– Veja o senhor: agora o governo quer dinheiro e vai tirar exatamente de quem mexe com o dinheiro. Isso é um absurdo! Um sujeito como eu que trabalha com o dinheiro, que tem o dinheiro como mercadoria, é exatamente quem precisa do dinheiro. Um operário, evidentemente, não precisa tanto, porque o operário não vive da renda de seu dinheiro, vive de seu trabalho. O lavrador também, vive de suas batatas, de seu feijão, sempre tem um jeito de se arranjar. E você? Você tem a sua pena, uma pena brilhante! Mas nós, capitalistas, que

vivemos de juros, e não sabemos fazer mais nada, nem temos outra fonte de renda? Eu não falo por mim, porque essa lei não me atinge: meus negócios quase não dão lucros, quanto mais extraordinários. Estou falando em defesa dos outros, pobres coitados. Por mim não: você sabe que esta porcária deste banco me dá mais aborrecimentos do que lucro... Eu, afinal de contas, não tenho nada!

Por fim, no terceiro e último parágrafo, o cronista ridiculariza o discurso do banqueiro. Note-se que não o faz com argumentos, contra-argumentos ou fatos-exemplos, mas com um achincalhe.

E como ele silenciasse, meio abatido pela sua triste condição, eu me despedi comovido, passando-lhe, no aperto de mão, uma notinha de 5 cruzeiros com o retrato do Barão do Rio Branco, para a média e os cigarros.

É interessante notar que o texto mescla características geralmente atribuídas ao comentário (discussão de um tema atual) com traços de narrativa (uso de personagens) e da crônica braguiana (narrador em primeira pessoa, destaque para detalhes – como “notinha de 5 cruzeiros com o retrato do Rio Branco”). Esse é um procedimento freqüente nesses textos para o *Diário Carioca*; Rubem Braga, que cultivou o hibridismo em suas crônicas, mantém-se entre várias fronteiras nas colunas para a *Ordem do Dia*, mesmo nos escritos em que o tom opinativo se destaca. Nesse sentido, a criação de diálogos imaginários é um dos recursos de que o escritor capixaba mais lança mão.

Isso ocorre em textos que abordam dificuldades geradas pela guerra, como falta de produtos no mercado, e mesmo nos que tratam de notícias internacionais. Nos casos relacionados a assuntos nacionais, o tom irônico é bastante recorrente. No trecho a seguir,

por exemplo, o autor logo abandona o registro informativo/opinativo para criar uma situação e um personagem e encaixar um discurso ficcional:

Acontece em Copacabana, não sei se também alhures: as pavorosas vitrinas do patriotismo escolar. A gente passa de bonde, é noite, e se vê uma casa fortemente iluminada. A sala da frente, com janelas e portas escancaradas e luzes furiosamente acesas, está vazia. Podem-se ver as carteiras e, na parede do fundo, esticada na parede, uma Bandeira Nacional, encimada pelo retrato do presidente da República. (...) transformar uma sala de aula numa vitrina, usando essas coisas como chamariz, em um estardalhaço noturno de patriotismo de propaganda comercial, isso me parece um pouco demais. Qualquer dia uma dessas casas comerciais do ensino é capaz de contratar um camelô vestido de verde e amarelo, para ficar na calçada (...) gritando aos transeuntes:

– Entrem, entrem! Aqui! É o Instituto Superior Pedagógico Nacional do Coração do Brasil! Muito patriotismo! Religião, moralidade, civismo e ciências a granel! Aproveitem as últimas matrículas! (...)⁴²

Por vezes, é através da injeção de elementos ficcionais que Braga tenta dar um caráter simbólico para pequenos acontecimentos – procedimento que, frise-se, guarda muita semelhança com as crônicas pelas quais o escritor se tornou famoso, em que o tom opinativo é inexistente, menos explícito ou acessório. Uma pequena cena, uma pequena suspensão da rotina, serve de ponto de partida para o cronista amplificar os sentidos de um

⁴² Idem, 1º de abril de 1994.

fato. Veja-se esse trecho de um texto em que Braga destaca um telegrama da agência de notícias *Reuters* que relata uma história ocorrida numa cidade russa ocupada pelas tropas alemãs. Os prisioneiros russos estavam enforcados, já mortos, quando a corda de um deles se rompeu; ele caiu de pé e ficou um instante nessa posição, “plantado no chão, o corpo duro, os olhos mortos abertos na escuridão”, conforme descreve o cronista. Só depois de alguns instantes é que tombou no chão. Aterrorizado com a cena, o sentinela nazista que guardava o local teve um enfarte e morreu. Braga vê nisso algo de simbólico:

Pois não era apenas um enforcado que estava em sua frente: eram milhares e milhares de enforcados, de mulheres de ventre rasgado a baioneta, de crianças massacradas aos montes, de moças agarradas pela fúria bestial do invasor e conspurcadas até a morte; eram as famílias no bojo dos caminhões sinistros, abafadas pelo gás assassino (...).

E, carregando na indignação, imagina o que o corpo do enforcado russo, em pé, teria dito ao sentinela nazista:

Não foi a morte que tornou rígido o corpo do enforcado (...). Foi a força da vida, a força do homem que está no seu chão e que podia dizer: “Aqui estou eu, nazista. Dispara-me um tiro contra a nuca, tortura-me até a loucura, (...) podes me meter a baioneta no meu ventre, e se quiseres, arrancar todas as minhas unhas (...), podes cuspir na minha cara, aqui estou. Mas, cuidado, estou morto! Estou morto, mas de pé, na tua frente, nazista; estou morto e te mato (...). Por que ainda depois de morto tenho de ter, diante dos olhos

*esbugalhados, a tua figura sinistra, armada para o assassinio e para o roubo? (...) Por que ainda me vigias, assassino? Eu continuo. Eu sou um russo, há milhões de russos na terra dos russos. Esta terra já foi empapada de muito sangue e muito suor (...). Agora, morreu tu. Ninguém precisa vigiar seu corpo; nenhum corvo ou chacal da Rússia suportará comer a tua carne, corvo, chacal nazista.*⁴³

A convivência de elementos ficcionais com características dissertativas dá margem para que Braga comente, em três ocasiões, um tema caro à intelectualidade da época: é legítimo, em tempos de sofrimento e horror tão extremados como na Segunda Guerra Mundial, produzir textos líricos ou obras de arte sem conexão alguma com os acontecimentos de seu tempo? O colunista do *Diário Carioca* recorre a uma posição entre moderada e ambivalente: dá mostras de tolerância e prega que “cada um faça o que quiser”, mas ao mesmo tempo utiliza referências políticas para criticar figuras do mundo literário.

A primeira vez que Rubem Braga trata do assunto, na *Ordem do Dia*, é de maneira indireta, em um texto em que, instado por Carlos Drummond de Andrade, fala de uma decisão da poderosa Light de suspender o funcionamento do “taioba”, um bonde de segunda classe utilizado sobretudo por lavadeiras. O cronista apresenta o assunto e logo em seguida tergiversa sobre si mesmo, lembranças da infância, envelhecimento...

E falar em lavadeiras me exalta os demônios da memória, eles me carregam para a beira do Itapemirim, me dão 14 anos... Para o inferno, demônios! Olha-te ao espelho, homem, e toma tenência, como diz o vulgo: já muitas águas

⁴³ Idem, 26 de março de 1944.

*rolaram desde aquela tarde de verão, e ainda estás a dizer bobagens – e com essa cara!*⁴⁴

Linhas adiante volta ao assunto, e, não sem ironia, classifica suas angústias e saudades de “ninharias que não merecem atenção”:

Mas basta! Trata-se de escrever sobre uma questão pública: a Light, as lavadeiras. Ora, é evidente que em um momento como este, em que o nosso país se empenha em guerra, essas ninharias não merecem atenção.

Dias depois, o autor comenta uma exposição da pintora Noemia Mourão Cavalcanti no Museu Nacional de Belas Artes. Braga recomenda que o leitor veja os quadros e destaca a delicadeza dos retratos de mulheres e meninas. Numa crônica repleta de lirismo, um dos argumentos de que o escritor lança mão é relacionado com a guerra:

*E isso nunca fez mal a ninguém, e até pode ser que ajude a ganhar a guerra. A alma da gente, meus senhores, é grande. Cabem muitas imagens em seus museus: os enforcados, os torturados, os famintos, e nossos amores e parentes, e inimigos ruins e velhos amigos e conhecidos chatos e agradáveis, e um clichê de reportagem de Joel Silveira sobre os mineiros desgraçados da mina de São Jerônimo e uma triste e sensual mocinha de Noemia.*⁴⁵

⁴⁴ Idem, 31 de março de 1944.

⁴⁵ Idem, 5 de abril de 1944.

A postura moderada ou ambivalente do cronista fica mais clara em uma coluna produzida duas semanas depois. Fazendo uma espécie de crítica da crítica literária, em dois parágrafos Braga descreve e comenta disputas entre intelectuais da época, detendo-se um pouco mais sobre o que chama de “terrorismo literário”. Explicita, então, sua opinião:

Eu acho que não se pode mesmo obrigar um poeta que está pensando na doce curva do joelho da amada a meter um poema sobre Sebastopol. Cada um faça o que quiser – e muito faz quem não atrapalha. Meu triste amigo Lúcio Cardoso acha a guerra monótona e suspira na mesa do Zepellin; eu também suspiro na mesa do Zepellin e de outros bars desta praça e não acho a guerra monótona. Que fazer?⁴⁶

Curiosamente, na linha seguinte o autor comenta a retomada das atividades do crítico literário Tristão de Ataíde, e baseia seu comentário em questões mais políticas do que estilísticas. Braga repetiria o artifício em uma coluna posterior, de 20 de maio, em que traça muito a seu modo o perfil de alguns dos candidatos a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras – e pode-se dizer que nessa ocasião estão de fato envolvidas questões político-partidárias. No caso de Tristão de Ataíde, desafeto antigo do escritor capixaba, essas questões não estão diretamente envolvidas; ainda assim, diz Braga:

Entrementes, o sr. Tristão de Ataíde recomeça a fazer crítica literária, e com uma novidade importante: cansou-se da direita e volta a atuar no centro. Elogia Rui e o livro de João Mangabeira sobre Rui. É, sem dúvida, o caso de conversão mais interessante dos últimos tempos, o

⁴⁶ Idem, 18 de abril de 1944. Sebastopol é uma cidade russa, ocupada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial.

desse reacionário ultramontano que levou tanta água benta ao moinho integralista e agora retorna aos ideais democráticos.

Curiosamente, os textos em que há maior predominância do tom opinativo, mais próximo ao comentário jornalístico, são aqueles em que o escritor trata da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Esses são textos também geralmente mais longos, em que Rubem Braga faz elogios à Força Expedicionária Brasileira (FEB) e conclama os cariocas que ficaram no Brasil a apoiar a tropa nacional. Quer porque tentava escapar de trombadas com a censura, quer porque participava do clima de união nacional, o autor fez críticas apenas pontuais à preparação do Brasil para a guerra e em nenhum momento se referiu explicitamente à uma ambigüidade fundamental: um país sob ditadura levava soldados à Europa para lutar contra regimes ditatoriais.

É interessante notar que Braga, de certa maneira, acompanha a opinião oficial/nacional sobre o tema. Em textos anteriores, publicados em 1939 para o jornal *Folha do Povo*, de Porto Alegre, o escritor elogiava a decisão das autoridades brasileiras de, na época, optar por manter o país neutro – mesmo porque na ocasião o que parecia mais provável era um apoio do Brasil aos fascistas e nazistas. Em 2 de setembro de 1939, um dia depois de a Alemanha invadir a Polônia e o governo de Getúlio optar por não apoiar nenhum dos lados do embate, o cronista defendia que, mais do que manter a neutralidade, era preciso aproveitar a oportunidade para “lançar as bases de uma política de libertação econômica. Política essa cujas tarefas são a criação da indústria pesada e a luta contra todas as formas de imperialismo”.⁴⁷ Em uma outra crônica em que trata do assunto, Braga contrapunha a brutalidade da guerra à delicadeza brasileira, simbolizada pela música popular:

Enfim, Deus saberá o que fazer. Quanto a nós, tudo o que Lhe pedimos é isto: que nos deixe de fora. E se outros países nos quiserem induzir a

⁴⁷ BRAGA, Rubem. “Fora do Barulho”, in *Uma fada no front* (op. cit.), páginas 60-62.

entrar na sangueira, o Brasil deve responder com o título daquele chorinho paulista:

“Eu sou pobre e moro longe...”⁴⁸

Cinco anos depois, já no *Diário Carioca*, sua opinião é diferente. A Alemanha bombardeara alguns navios brasileiros em 1942 (causando 607 mortes), a guerra recrudescera, os Estados Unidos barganhavam apoio militar com empréstimos vultosos ao Brasil e o governo declarara, também em 1942, guerra contra a Alemanha e a Itália. Braga, em 1944, era francamente favorável à participação da FEB nos conflitos travados na Europa. Ser neutro, sugerem as colunas da seção *Ordem do Dia*, é semelhante a ser omisso, a calar-se diante da “máquina monstruosa do nazismo”.

Note-se, por exemplo, como a palavra *neutro* ganha um sentido pejorativo na seguinte passagem, em que o autor comenta um artigo de um jornalista português que, defendendo o governo ditatorial de Salazar, via em Portugal “o principal esteio da civilização Cristã no Ocidente”:

*Portugal pode ser esteio de tudo o que o sr.
Boaventura quiser, mas, enquanto a coisa vai e
vem, é um esteio neutro.⁴⁹*

Em um dos três textos em que se debruça mais demoradamente ao tema, Braga não deixa dúvidas sobre sua opinião. Usando um tom mais próximo do dissertativo e lançando mão da primeira pessoa do plural, ele conclama:

*(...) não temos dois caminhos a seguir.
Nossa tarefa é clara: ajudar a arrebentar a
máquina monstruosa do nazismo, ameaça ao Brasil*

⁴⁸ Idem. “Guerra”, páginas 63-65.

⁴⁹ Idem. Sem título, coluna “Ordem do Dia”, *Diário Carioca*, 16 de abril de 1944. Braga, como ele mesmo explica no começo do texto, refere-se a Armando Boaventura, colaborador e diretor do suplemento literário do jornal “Brasil-Portugal”, cujo primeiro número saiu em 11 de abril de 1944.

*e ao mundo. Isso é o essencial, é o urgente – é a um só tempo a necessidade, a honra e o dever. A estupidez nazista já se encarregou de vir até nós fazer demonstrações frias e covardes de si mesma. (...) Unamo-nos para a guerra.*⁵⁰

Observe-se que, nessa coluna, publicada em 21 de abril (dia do mártir Tiradentes...), o uso da primeira pessoa do plural está mais ligado à conclamação patriótica do que nos exemplos citados no começo deste capítulo. O texto começa em tom pessoal (primeira pessoa do singular) e com uma observação do articulista sobre o fato de que um dos capitães do Corpo Expedicionário⁵¹ foi seu amigo de infância; Braga recorda uma conversa que os dois, então com 15 anos, tiveram quando o colega optou por entrar para a Escola Militar. Na ocasião, afirma o cronista, a opção lhe parecera estranha (“Tanta coisa para estudar – e vai um homem aprender a matar!”), mas agora compreendia que seu amigo é que tinha razão:

Mas a vida rodou. Crescemos, ele e eu, em um mundo cheio de lutas, e esse mundo não fez outra coisa, desde os nossos 15 anos, do que preparar nosso espírito, através de conflitos e guerras parciais, para essa horrível guerra mundial. Ele é que tinha razão. Ele é o homem de seu tempo, e a tarefa que tem pela frente é a mais útil, a mais construtiva e também a mais bela que qualquer homem do Brasil pode empreender hoje.

⁵⁰ Idem, 21 de abril de 1944.

⁵¹ *Corpo Expedicionário* era o nome inicial da missão brasileira, depois mudado para Força Expedicionária Brasileira (FEB). “‘O Brasil tirou o corpo fora’ – diziam os engraçadinhos irresponsáveis, a par de inúmeras outras piadas, que demonstravam o ceticismo popular quer quanto ao embarque, quer quanto à eficiência da ajuda que se poderia prestar aos Aliados” (Schneiderman, Boris. Guerra em surdina – História do Brasil na Segunda Guerra Mundial, São Paulo, editora Brasiliense, página 22).

No mesmo texto, Braga chega a associar alguns argumentos contrários à participação do Brasil na guerra ao quinta-colunismo, à propaganda nazifascista.

(...) nenhuma espécie de quinta-colunismo me parece mais sórdida que a exploradora da tese do “não adianta”. Aplicada aqui e ali, pelo mundo afora, essa tese teria entregue o mundo inteiro às mãos ensangüentadas de Hitler.

O envio das tropas para lutar na Europa requeria, como insistia à época a propaganda oficial, uma mobilização da população. Os sacrifícios eram um “esforço de guerra”, e o apoio aos pracinhas era visto como fundamental para o sucesso dos soldados do país. Mais do que espectadores, a retórica da época fazia das famílias dos combatentes, dos brasileiros que ficaram em território nacional, parte do Exército – o “exército de retaguarda”, como se dizia então.

Braga parece imbuído dessa idéia, e se dirige aos “homens do povo” na tentativa de pregar a união nacional em prol dos membros da FEB. Conclama os leitores a esquecerem as diferenças de opinião e a fazer parte do que chama de “retaguarda moral”. O tom de formador de opinião predomina.

Não se trata neste momento de saber se eu quero um parlamento e você quer um sindicato, se fulano é a favor do ensino religioso e sicrano reclama a autonomia dos Estados. Tudo isso é grave para quem pensa e acredita nas idéias que pensa, mas há qualquer coisa de mais grave e imediato: a guerra em que entram agora a carne e o sangue dos moços do Brasil.⁵²

⁵² Idem, 2 de abril de 1944.

Quando você encontrar em qualquer lugar, na vida cotidiana, um soldado do Brasil, pense nisso. Aquele moço não usa aquela farda nem vai embarcar para discutir, nem para fazer bonito, nem por isso nem por aquilo. Aquele moço não é pobre nem rico, não é católico nem ateu, não é da esquerda nem da direita, nem do centro (...). É um moço que foi chamado para lutar, e vai lutar. Para que ele lute bem é preciso (...) principalmente que “você” o apóie. Porque é de você que ele recebe a arma secreta de todo o bom guerreiro (...). Não lhe faça perguntas, nem lhe dê boatos, nem o convide a discutir: dê-lhe apenas, da maneira mais simples, o seu apoio.⁵³

Pode-se dizer que, no primeiro trecho, o escritor tenta deslocar a discussão sobre o apoio à ida do Brasil à guerra de questões democrático-eleitorais (“parlamento”), trabalhistas (“sindicato”) e políticas (Estado laico). No segundo trecho o sentido parece ser o mesmo, com um recurso um pouco diferente: é sobre o pracinha que recai o foco, é ao isolar o soldado brasileiro de questões sociais (“não é pobre nem rico”), religiosas (“não é católico nem ateu”) e político-partidárias (“não é da esquerda nem da direita, nem do centro”) que o autor parece tentar desideologizar o debate – o que pode significar também retirar da discussão o discurso oficial.

No entanto, seria equivocado atribuir a Rubem Braga uma opinião unívoca e esquemática sobre a participação do Brasil na guerra, ou sobre a própria guerra. Esses trechos, tomados isoladamente, podem dar a falsa impressão de que o cronista reluta em questionar aspectos importantes envolvidos no tema. É possível encontrar, nos mesmos três textos em que Braga se debruça mais sobre a participação da FEB nos combates, destaques para o fato de que tanto a participação do Brasil quanto a vitória das tropas aliadas não seriam uma panacéia ou uma tarefa coberta apenas de êxito.

⁵³ Idem, 23 de maio de 1944.

O escritor tenta deixar claro, por exemplo, que a ida dos pracinhas, embora indubitavelmente necessária, envolveria perdas, dificuldades, sofrimentos. Braga dispensa, aos soldados brasileiros, o tratamento terno que costuma usar para personagens e figuras humanas que cumprem seu dever simples e honradamente, sem estardalhaço, com a resignação de quem sabe que há algo a ser feito, e faz. Nesse sentido, pode-se dizer que o procedimento do autor tem uma implicação curiosa: ao humanizar o pracinha, ao não pintá-lo como invencível ou infalível, o cronista torna-o digno de ainda maior admiração; não são homens de rara coragem ou espírito cívico que marcham com a tropa pelas avenidas antes de partirem:

Muitos homens de minha idade hão de ter sentido o mesmo que eu, vendo passar aqueles moços. Parados ali, à margem do desfile, sentimos que nosso lugar certo era lá, no meio de algum pelotão, e o meio-fio nos pareceu humilhante. (...) Na verdade eles merecem ser invejados. Vão fazer alguma coisa de certo e de simples, de verdadeiro e acima de qualquer discussão: vão lutar contra os nazistas, para matar ou morrer. Para eles não digo que não haja mais problemas; há muitos, que irão resolvendo (...)⁵⁴

O escritor capixaba também questiona alguns pressupostos sobre o contexto geral da Segunda Guerra e, embora desfile críticas pesadas contra os nazistas, frisa que do lado dos aliados também há interesses que podem não coincidir com a bandeira da “luta pela liberdade”.

Não estimo ler artigos nem ouvir discursos em que esta guerra é apresentada como um conflito entre o Bem e o Mal – o Bem de nosso lado, o Mal

⁵⁴ Idem, 2 de abril de 1944.

*do lado de lá. Os homens e os países não se dividem em anjos e demônios: dividem-se segundo uma complexa dinâmica social, correntes de sentimentos e interesses que se misturam e se chocam*⁵⁵.

Em alguns momentos, o autor tenta destacar contradições internas nas nações que travam guerra contra os nazistas; observa que há conflitos entre os discursos de alguns líderes e a política que praticam dentro de seus países – e nesse sentido parece mirar a ditadura de Vargas.

*Seria insensato querer esconder os graves problemas que a Vitória trará para o mundo. Já no desenvolvimento da guerra eles vão surgindo, às vezes de maneira inquietante. Mas se os velhos opressores e exploradores trabalham no escuro para ajeitar a Vitória a seus interesses de grupo, as grandes massas na humanidade enxergam seus próprios problemas com uma clareza cada vez maior. E tenhamos confiança: através das lutas e incompreensões o mundo irá marchando para melhor. Nós, brasileiros, temos fortes motivos para acompanhar com o maior interesse essa guerra surda que se trava na retaguarda dos exércitos.*⁵⁶

Vê-se que nesses casos o escritor faz o papel de comentarista internacional: seleciona fatos, contextualiza-os, questiona, apresenta sua opinião sobre o tema. Nesses comentários sobre a participação das grandes potências na guerra, geralmente norteia-se pela convicção de que o combate deve ser pela “libertação dos povos”, ainda que isso não

⁵⁵ Idem, 21 de abril de 1944. Não se pode dizer, no entanto, que Braga cumpra essa ressalva à risca em todos os momentos.

⁵⁶ Idem, 21 de abril de 1944.

seja esmiuçado pelo jornalista. De qualquer maneira, há sinais de que a “libertação”, para Braga, não passa apenas pela derrubada de governos ditatoriais:

*Quando Churchill diz que esta guerra, à medida que se aproxima de seu desenlace, perde seu caráter ideológico, está indo de encontro à verdade, mas acompanha, com certeza, os seus próprios desejos. O líder conservador inglês já começa a mudar de linguagem, como se agora temesse mais a paz do que a guerra.*⁵⁷

*Deflagrado pelo imperialismo faminto dos capitalistas alemães, esta guerra desde o início já foi, porém, algo mais do que uma luta anti-imperialista. (...) e a França nos deu o exemplo vergonhoso de burgueses mais ciosos de seus privilégios de classe que de qualquer sentimento de dignidade nacional e humana. Nos livros que contam a queda da França vemos muitas vezes o exemplo desses “donos do país” entregando a Hitler tudo – os soldados, a terra, o povo – na esperança mesquinha de salvar as rendas.*⁵⁸

B) O cronista vai à guerra

Viu-se, portanto, que, quando parte do “exército de retaguarda”, Braga mescla com frequência a função de cronista com a de comentarista, e tenta construir uma intimidade com o leitor por meio de recursos que ora envolvem uma aproximação entre o escritor e seu público (como no uso da primeira pessoa do plural), ora envolvem o uso de um tom

⁵⁷ Idem, 2 de junho de 1944.

⁵⁸ Idem, 21 de abril de 1944.

mais próximo do formador de opinião. Como se comportaria o autor após 22 de setembro de 1944, quando embarcou para a Itália no navio *General Mann* junto com a tropa brasileira e deu início a uma série de textos que seriam publicados entre setembro de 1944 e junho de 1945 no *Diário Carioca*, posteriormente selecionados e reunidos no livro *Com a FEB na Itália*⁵⁹?

Assim que soube ter sido escolhido pelo diretor do *Diário Carioca*, Horácio de Carvalho Júnior, para cobrir a Segunda Guerra Mundial, se propôs uma tarefa ambiciosa: fazer “uma espécie de crônica da FEB, à boa moda portuguesa antiga”⁶⁰. Em que consistiria essa tarefa (ou “sonho”, como definiu o cronista no prefácio do livro), que resultou em *Com a FEB na Itália*?

Em primeiro lugar, é provável que Rubem Braga estivesse se referindo aos escritos de Fernão Lopes, Gomes de Zurara e outros cronistas do século XV em Portugal. Estaria então o cronista brasileiro querendo construir uma narrativa calcada nos feitos de reis/marechais, príncipes/generais? De fato, o fio condutor de boa parte das obras de Fernão Lopes e outros escritores dos quatrocentos eram a vida e os combates da nobreza:

(...) os claros feitos, dignos de grande
renembrança, do mui famoso Rei Dom Joam, sendo
Meestre, de que guisa matou o conde Joam
Fernández, e como o poboo de Lisboa o tomou
primeiro por seu regedor (...) e d'i em deante como
reinou e em que tempo, breve e sãamente contados,
poemos em praça na seguinte ordem.⁶¹

⁵⁹ Como já foi dito, somente na primeira edição do livro, lançada em 1945, o título é *Com a FEB na Itália*. A segunda, que saiu em 1964, chama-se *Crônicas de Guerra – com a FEB na Itália*. A terceira edição, com o nome de *Crônicas da Guerra na Itália*, foi publicada em 1985 e inclui, além do livro original, artigos para revistas sobre a Segunda Guerra, uma entrevista concedida por Rubem Braga ao *Jornal da Tarde* e quatro crônicas de outros livros, todas ligadas à Segunda Guerra.

⁶⁰BRAGA, Rubem. “Prefácio”. In: *Crônicas da Guerra na Itália*, São Paulo, Record, 1986.

⁶¹LOPES, Fernão. *Crônica de D. João I*, Lisboa, Textos Literários, 1962, p. 5.

Não é esse, contudo, o tipo de enfoque que agrada ao escritor de Cachoeiro de Itapemirim. Nos dois livros que lançara antes de ir à Itália, *O Conde e o Passarinho* e *Morro do Isolamento*, Rubem Braga não apresentava esses traços; ao contrário, seu estilo se distancia das histórias da realeza e privilegiava o tom de conversa informal e a linguagem despojada, *ao rés do chão*⁶². Logo no prefácio de *Com a FEB na Itália* ele faz questão de destacar que não pretendia fazer um relato que interessasse “aos técnicos militares”, mas uma “narrativa popular, honesta e simples”.

Por que, então, subir à bordo do navio *General Mann* tendo como referência a crônica portuguesa antiga? No prefácio do livro, Braga afirma querer fazer uma “história da campanha” dos brasileiros na Segunda Guerra. A ligação com os textos de Fernão Lopes parece estar aí. De fato, vários autores frisam que a organização dos fatos e a construção da história estão entre as principais características do escritor português do século XV. Jorge Fernandes da Silveira, por exemplo, em “Fernão Lopes e José Saramago: Viagem – Paisagem – Linguagem: Causa de Veer”, destaca uma importante marca das crônicas *à moda portuguesa antiga*, sobretudo as de Lopes: sua estreita relação com a História:

(...) a consolidação do reino (a fixação da Terra) passou a ter forma definitiva na História, melhor, através do discurso da história nas Crônicas de D. Pedro I, D. Fernando e de D. João I, que contratado por D. Duarte, em 1418, Fernão Lopes, então, começava a compor.⁶³

O escritor brasileiro estaria, desse modo, procurando herdar a pena do cronista que, como que fiel à origem da palavra crônica (do grego *chronos*, tempo), compilava e narrava os fatos históricos segundo uma ordem cronológica.

As condições de produção, no entanto, fazem com que o sonho do correspondente de guerra do *Diário Carioca* acabe não se concretizando, ao menos segundo ele. Ainda no

⁶²CANDIDO, Antonio, “A vida ao rés-do-chão”, op. cit.

⁶³CANDIDO, Antonio et al. A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil, Campinas, Editora da Unicamp; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

prefácio de *Com a FEB na Itália*, Rubem Braga apresenta alguns obstáculos que lhe teriam barrado a empreitada: como outros correspondentes brasileiros, ele não foi para a Itália logo no primeiro navio; enfrentou, já na Europa, um ambiente de desconfiança que dificultava a obtenção de informações; foi censurado. Há ainda outro fator, absolutamente impensável no século XV português: as conseqüências inerentes à concorrência entre os jornalistas/escritores e à necessidade de dar *furos* de reportagem:

(...) sendo o único jornalista limitado exclusivamente à via aérea, eu muitas vezes deixava de cobrir assuntos importantes, explorados por meus colegas, para poder ter algum assunto exclusivo.⁶⁴

É interessante notar que todos os limites apresentados pelo autor sugerem que a tarefa “à moda portuguesa antiga” significava abarcar os vários aspectos da atuação da FEB na Segunda Guerra: viajar logo com o primeiro escalão, driblar a censura, noticiar assuntos via aérea e ao mesmo tempo não perder outras pautas. Malfadado o sonho, o cronista classifica seu trabalho final não mais como “história da campanha”, mas “histórias”, indicando a fragmentação dos relatos publicados no *Diário Carioca* e posteriormente reunidos em livro.

No entanto, mesmo fora do plano do “cronicão da FEB”, a viagem para a Itália, para cobrir uma guerra, impôs um desafio para a construção da intimidade com o leitor. Como um escritor que forja sua temática no cotidiano de seu leitor, que retrata a rotina tediosa da cidade grande, que descreve com encanto as praias e as mulheres do Rio de Janeiro, tratará uma batalha travada longe do leitor, com um dia-a-dia pouco conhecido do público consumidor de seu jornal? Como o cronista da linguagem fluida e próxima da de seu público vai lidar com expressões militares, estratégias bélicas, fuzis, Landing Craft Infantry?

Inicialmente, convém destacar algumas diferenças básicas mas importantes entre os escritos produzidos para a seção *Ordem do Dia* e os que eram mandados da Itália. Ao

⁶⁴BRAGA. “Prefácio”, in: *Crônicas da Guerra na Itália*, op. cit.

contrário da coluna, que tinha espaço fixo e delineado, os textos do correspondente se misturavam às outras matérias do jornal. Não possuíam página fixa, embora na maioria das vezes começassem na capa – um forte indício do tratamento de *grife* dado pelo *Diário Carioca* a Braga. Eram acompanhados por uma pequena foto do cronista (mas esse procedimento não foi mantido em todas as ocasiões) e de inúmeros outros recursos gráficos, nenhum deles dispensado a outro colaborador: sobretítulo (*chapéu*, no jargão jornalístico), título, subtítulo, destaque dos principais tópicos do texto, e a identificação do autor, com o nome em negrito e sua função entre parênteses: **RUBEM BRAGA** (Correspondente do DIÁRIO CARIOCA).

A peridiocidade dos textos não era tão rígida quanto na *Ordem do Dia*. As colunas que escrevera para a página 3 eram freqüentemente feitas um dia antes de sua publicação, mas em solo italiano o jornalista dependia de diversos outros fatores – o principal deles: transporte aéreo ou marítimo entre a Europa e o Brasil. Assim, poucas vezes as matérias eram *quentes*, como se diz na gíria da redação, ou seja, referente a fatos que ocorreram no dia anterior. O caso mais evidente foram as crônicas escritas durante a viagem do Rio de Janeiro a Nápoles à bordo do *General Mann*: o primeiro texto, sobre a partida da FEB, chegou aos olhos do leitor em 24 de outubro, mais de um mês depois de o navio ter deixado o porto brasileiro e nove dias após os pracinhas aportarem em solo italiano. O caso que talvez tenha gerado mais estranhamento foi o de um texto publicado em 6 de junho. Três dias antes, o *Diário Carioca* informara, por meio da agência de notícias *United Press*, que Adolf Hitler e seu ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, haviam se suicidado; no dia 6, o último parágrafo de uma matéria assinada por Braga dizia:

*Hitler e Goebbels podem arrebentar as gargantas com apelos e ameaças. Podem dizer que os aliados tratam mal os prisioneiros e afirmar que as famílias dos desertores são mandadas para o campo de concentração.*⁶⁵

⁶⁵ BRAGA, Rubem. “Oficial nazista tentou inutilmente impedir que seus homens se rendessem”, *Diário Carioca*, 6 de junho de 1945, página 3 do suplemento de domingo. No livro *Com a FEB na Itália*, o texto aparece com o título de “O cabo Clarindo” e é datado de março de 1945, mês em que foi escrito.

Vê-se, portanto, que a demora entre a produção e a publicação do texto era um problema operacional importante. Além de dar origens a tropeços como o citado acima, isso impedia que Braga lançasse mão, com a frequência habitual, de comentários de notícias veiculadas em jornais ou agências de notícias. Como se tentou mostrar no começo deste capítulo, os textos produzidos para a *Ordem do Dia* comumente dialogavam com telegramas noticiosos, matérias publicadas em periódicos concorrentes ou no próprio *Diário Carioca*. O Rubem Braga correspondente de guerra raramente usa esse procedimento; não só porque o hiato entre produção e publicação era longo, mas também porque o acesso a esse material, no front, era muito escasso. Os principais meios de informação disponíveis eram o rádio ou um jornal norte-americano que circulava na região do Mediterrâneo, *Star and Stripes* (Estrelas e Listras, uma provável referência à bandeira dos Estados Unidos), que quase sempre chegava atrasado à frente de batalha. Não é exagero afirmar que os correspondentes recebiam menos informações sobre o desenrolar geral da guerra do que um leitor carioca ou paulista.

A principal diferença, no entanto, é que a função de Braga na Itália não era a de organizar fatos ou articular informações diferentes para apresentar um novo ponto de vista ao leitor. Ele era a fonte de informações, ainda que bastante peculiar, como indica o prólogo publicado pelo *Diário Carioca* junto ao primeiro texto enviado pelo cronista:

A seguir publicamos a primeira de uma série de crônicas diárias que o nosso correspondente especial junto à FEB, Rubem Braga, nos enviou como ponto de partida de suas atividades nessa função.

Elas darão, como se vê nesta primeira, uma visão particularíssima dos acontecimentos que marcam a vida de cada dia dos nossos rapazes enviados à luta pela liberdade. O espírito e a sensibilidade do grande cronista estarão presentes no campo de batalha. O lado de dentro, o elemento

*humano que as notícias não contam, virá intacto nas crônicas de Rubem Braga.*⁶⁶

É curioso que a edição do jornal tenha frisado que o cronista destacará “o elemento humano”, porque, embora o lirismo e a subjetividade sejam constantes nos textos, em vários momentos o estilo do escritor se aproxima do jornalístico: frases curtas e diretas, discursos indiretos (fulano disse que...), a identificação do entrevistado aparecendo antes de seu nome:

*O comandante americano, tenente-coronel Mc Nair, declarou que tem transportado muita tropa nesta guerra e até agora não transportou nenhuma tão limpa e disciplinada como a nossa.*⁶⁷

Outra marca do estilo jornalístico está nas descrições constantes, seja de uma metralhadora, seja de uma ruína, ou mesmo de uma região. Predomina, freqüentemente, o tempo verbal que talvez melhor acompanhe o tom de registro – o presente:

*O canhão está no meio da barraca, sempre muito limpo e bem tratado como um deus. (...) A um canto, a munição, com seu belo metal dourado. Ao lado, uma porta estreita, com um abrigo cujas paredes e tetos são de toras de pinheiros. Ali há dois telefones, uma cadeira, uma pequena mesa, e cama para os 10 homens.*⁶⁸

⁶⁶ *Diário Carioca*, introdução à “...E a cobra fumou”, 24 de outubro de 1944, página 1. Essa é a crônica que abre o livro Com a FEB na Itália, mas foi publicada sem o trecho de apresentação e ganhou o título de “A Partida”.

⁶⁷ BRAGA, Rubem. “A noite proibida”, in Com a FEB na Itália, op. cit..

⁶⁸ BRAGA. “Bateria de 105”, *ibidem*.

Essa descrição tendendo ao pormenor (sem no entanto enfadar o leitor) é um dos artifícios de que o escritor lança mão para familiarizar ou aproximar seu público carioca dos acontecimentos da Itália. Diante da necessidade de se fazer compreendido e diante da obrigação de cativar os leitores (enquanto compradores de um jornal, fundamentais para a manutenção da empresa *Diário Carioca*, que paga o salário do correspondente de guerra), o cronista/jornalista se empenha em reconstruir para seu público a rotina dos pracinhas. Lança-se na tarefa de retratar o dia-a-dia da guerra, torná-lo, até onde é possível, familiar a seu leitor da cidade, que enfrenta um cotidiano de filas, repartições, vizinhos, apartamentos, solidão.

Para essa familiarização, Rubem Braga utiliza freqüentemente, além das descrições, paralelos entre os acontecimentos no sul da Itália e aspectos do universo de conhecimento de seu público brasileiro:

*Um quilo de pão custa 130 liras, e isso quer dizer 26 cruzeiros (...).*⁶⁹

*Um LCI (Landing Craft Infantry) é um barco bem menor que uma barca da Cantareira. Tem o fundo chato e dá para transportar uns 200 homens. Acontece que o Mar Tirreno é bem maior e mais agitado que a Baía de Guanabara.*⁷⁰

*(...) quartos aquecidos, banhos quentes de chuveiro e banheira e colchões excelentes (esses colchões que aqui chamam de materassi, muito melhores que esse tipo americano de que fazem tanta publicidade no Rio).*⁷¹

⁶⁹BRAGA. "Os moleques de Nápoles", *ibidem*.

⁷⁰BRAGA. "De Nápoles a Livorno", *ibidem*.

⁷¹BRAGA. "Em Florença", *ibidem*.

Outras vezes, a tentativa de estabelecer uma intimidade do público com o ramerrão da FEB se dá através de um acompanhamento cronológico (*chronus*, crônica...) das atividades dos militares brasileiros:

Às 10 da manhã há inspeção geral dos camarotes e compartimentos (...). Às sete e meia os oficiais têm direito a uma sessão de cinema (...). Pelas nove e pouco acaba o cinema e logo depois se apagam as luzes do salão (...). É hora de dormir.⁷²

Braga também procura abordar alguns temas que seriam de interesse dos familiares dos combatentes ou do leitor que acompanhasse o noticiário sobre a guerra – assuntos a que as agências internacionais de notícias davam pouco destaque, como a adaptação dos pracinhas a pequenos detalhes da rotina na Itália. Há crônicas descrevendo, por exemplo, o que os brasileiros comiam e bebiam:

Roupa e comida não faltam. Rações K, rações C, monótonas mas substanciais; e às vezes, como hoje mesmo, o milagre supremo do tutu, farofa, depois canja, uma verdadeira canja de galinha – e carne de vaca, uma honesta carne de vaca legítima, sem nenhum desidratamento.⁷³

Não se bebe muita água nas refeições da FEB. Em primeiro lugar, porque faz frio. Depois, porque às vezes há vinho. Além disso, quase sempre há algum suco enlatado americano (...). Finalmente, [porque] ela é clorada; tem aquele cheirinho e aquele gosto de cloro que sempre dá a

⁷²BRAGA. “A noite proibida”, *ibidem*.

⁷³BRAGA. “Em Barga”, *ibidem*.

*impressão de que a gente está tomando remédio e não água.*⁷⁴

Outro recurso utilizado pelo escritor para construir a intimidade com seu público é a “tradução” de expressões bélicas. Ainda que um brasileiro leitor de jornais fosse bombardeado por informações sobre guerras na época, por meio da imprensa, do rádio, do cinema e da publicidade, vez ou outra Braga tropeça com uma nomenclatura específica, e então recorre a um tom didático:

Ele diz pelo telefone ao sargento Antão: “Só a primeira peça. Explosiva meia dúzia instantânea. Vigilância esquerda um-dois-zero. Sítio 427. Por um. Alça 380”

Isso quer dizer mais ou menos o seguinte: que o projétil a ser usado deve ser explosivo (...). O “meia dúzia” quer dizer que deve ser usada a carga de projeção 6. Um projétil pode ser lançado com diferentes cargas, conforme a distância a que se destina. “Instantânea” quer dizer que a granada é do tipo que explode imediatamente quando toca o objetivo, e não antes (...).

Nesse trecho, depois de prosseguir com a explicação e concluí-la, o cronista volta-se ao leitor, demonstrando que tem consciência do procedimento que adotou e dando pistas sobre que tipo de público tem em mente ao escrever o texto. Ao mesmo tempo em que usa um tom professoral, Braga se aproxima do leitor ao mostrar também ele um estranhamento com as expressões bélicas:

O leitor entendido nessas coisas que desculpe a maneira pela qual as explico, pois estou

⁷⁴ BRAGA. “Água”, *ibidem*.

*me dirigindo no momento a leitores que suponho
tão ignorantes no assunto quanto eu próprio.*⁷⁵

É importante observar que o registro da rotina dos soldados brasileiros não tem por único objetivo a aproximação de cotidianos ou a familiarização do leitor carioca. Outra condição específica da produção dos textos também influencia esse procedimento: Braga é repórter de um jornal brasileiro, funcionário de uma empresa; é provável que, ao escolher o cronista para correspondente de guerra, o *Diário Carioca* já planejasse fazer uma cobertura diferenciada: notícias sobre os rumos gerais da guerra o leitor/consumidor poderia obter em qualquer outro jornal, ou ouvi-las no rádio, através dos serviços de agências internacionais de informação. Como repórter, Braga procura sempre um “gancho local” para suas matérias – o que não é difícil para quem está ao lado dos combatentes brasileiros. E tenta, sempre que possível, manter um pé em cada lugar. Assim, quando faz uma crônica sobre um determinado soldado, dá informações gerais sobre sua vida no Brasil, mas não esquece de ligá-la aos acontecimentos da guerra mundial:

*Conversei ao acaso com um praça na frente,
e calhou que era um rapaz de Barbacena (...) começou então a lembrar certos episódios da luta política local. (...) e Nelson teve este comentário raro: – Ah, isso aqui, perto de Barbacena daquele tempo, é um sossego.*⁷⁶

Fatos tão díspares em locais tão distantes são amarrados pela pena de Braga sob o mote da guerra. O soldado que foi levar uma boiada à Paraíba e por isso acabou se alistando na FEB, o brasileiro que saiu da Espanha para fugir de Franco e lutar contra os nazistas – a história da guerra é que os une de alguma forma. É com esse tema geral em mente que o cronista escreve os textos e posteriormente os reúne em livro, é por causa desse tema que ele foi enviado para a Itália.

⁷⁵BRAGA. “Bateria de 105”, *ibidem*.

⁷⁶BRAGA. “Primeiras Impressões”, *ibidem*

Se enviar um jornalista do próprio jornal era um modo de se diferenciar na concorrência com essas agências, mandar um repórter-cronista era apostar em enfoques diferentes dos órgãos de comunicação do Brasil que também enviavam seus correspondentes, como *Correio da Manhã*, *O Globo* e *Diários Associados*. O próprio Braga está consciente dessas diferenças. Em uma crônica sobre um espião capturado pelos brasileiros, ele ressalta o tipo de texto burocrático que não quer escrever:

*Seu nome não sairá (...) no meu distante jornal carioca. Seu nome não me interessa. De resto, é muito provável que ele apareça em muitos jornais, talvez junto com outros, numa notícia curta que dirá mais ou menos assim: "Condenados à morte como espiões, foram fuzilados os indivíduos: Fulano de tal, de tantos anos, nacionalidade italiana; Sicrano de tal, de tantos anos..."*⁷⁷

Por outro lado, as estratégias e as informações sigilosas, características essenciais de uma guerra, fazem com que o cronista não possa escrever tudo o que quer – e a atuação, no Brasil, dos órgãos de censura do Estado Novo limita ainda mais o trabalho do correspondente. Ao final desse mesmo texto sobre o espião preso pelos pracinhas, o autor comenta: “A metade do que ele me disse e do que se apurou a seu respeito eu não contarei, de medo que a censura corte”. Em alguns casos, os cortes comprometem até mesmo o entendimento da narrativa (isso acontece principalmente nas que deveriam descrever combates importantes). O leitor do *Diário Carioca* provavelmente teve dificuldade em compreender algumas crônicas enviadas por Braga. O leitor do livro teve melhor sorte: o escritor colocou notas com informações essenciais, como o tema original do texto.

Esta crônica, bastante truncada pela censura, refere-se ao ataque na frente de Barga, em 31 de outubro de 1944. Nossos homens

⁷⁷BRAGA. “Um espião”, *ibidem*.

*conquistaram todos os objetivos, mas os alemães recuperaram suas posições, lançando um forte contra-ataque pela madrugada (...) No dia 1º de novembro foi proibido aos correspondentes ir ao front.*⁷⁸

No entanto, apesar (ou justamente em razão) dessas limitações, não se pode dizer que Braga faz um mero registro da rotina dos combatentes brasileiros, se por registro se entende o mero desfile de fatos, com mínima intervenção do escritor. Ao contrário, mesmo quando constrói para seu leitor o dia-a-dia dos pracinhas, o autor carrega o texto de densidade dramática. É em grande parte em razão desse procedimento que os textos de Braga ainda despertam o interesse do leitor, e não apenas do historiador interessado em relatos sobre a atuação da FEB. No trecho seguinte, por exemplo, em que se descreve a entrada dos soldados no navio que os levaria para a Itália, a cena extrapola a observação pura, o que é reforçado pela repetição da palavra *sobem* e pela contagem acelerada do tempo:

*Os homens sobem para os navios. Sobem por várias escadas, em fila indiana; sobem lentamente. Passam-se os minutos, as horas, os dias, os anos, os séculos, e o navio não sai. Os homens sobem. No salão há ordens, organização da rotina de bordo, leitura de regulamentos, e conversa.*⁷⁹

⁷⁸ BRAGA. Em nota a “Em Barga”, *ibidem*. Em uma matéria publicada no *Diário Carioca* em abril de 1945, quando a ditadura já enfraquecia e os censores já não acompanhavam tão de perto a edição dos jornais, Rubem Braga atribui os cortes ou proibições de matérias mais à ação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do que ao comando do Exército. No texto, intitulado “Fazia-se no Brasil uma idéia errada da guerra”, o autor reproduz uma reportagem de outro jornalista barrada pelo DIP mas liberada pelas Forças Armadas (BRAGA, Rubem. “Fazia-se no Brasil uma idéia errada da guerra”, in *Diário Carioca*, 1º de abril de 1945, páginas 1 e 2. Há uma reprodução dessa matéria no item Anexos, ao final desta dissertação).

⁷⁹BRAGA. “A partida”, *ibidem*.

Com frequência, logo após uma descrição o cronista insere um comentário que quebra o tom “objetivo” do texto e acrescenta ironia ao relato. Se na seção *Ordem do Dia* era por vezes o questionamento do discurso oficial ou a percepção de pequenas alterações na rotina que emprestavam um tom diferenciado aos escritos de Braga, nas narrativas da Itália é a presença de observações inesperadas que permite ao autor ir além do registro – o que contribui para criar uma intimidade com o leitor, receptor privilegiado de intervenções pessoalíssimas. É o caso desses dois trechos:

A bordo, o oficial ou praça que trabalha come três vezes ao dia; quem não trabalha come duas vezes. Quem come duas vezes faz o pequeno almoço às nove e o jantar às quatro da tarde. Os americanos resolveram abrigar a comida, mas a comida foi mal traduzida.⁸⁰

(...) me aproximo da casa onde deve ser o PC – e o sentinela berra “alto”. Digo que sou brasileiro, mas ele pede a senha – e, como sempre, me esqueci da senha. Lanço mão do recurso que usei com êxito em ocasião semelhante: digo dois palavrões lamentando ter esquecido a senha – e os palavrões me dão uma espécie de atestado de nacionalidade.⁸¹

A densidade dramática é construída também pelo uso constante da segunda pessoa do plural. Recurso recorrente nos textos do cronista capixaba (tanto antes quanto depois da guerra), aqui a utilização de *vós* parece produzir uma amplificação cívica dos fatos,

⁸⁰ BRAGA, “A noite proibida”, *ibidem*.

⁸¹ BRAGA, “Torre di Nerone”, *ibidem*. “PC” quer dizer posto de comando, local que servia de base para organização de operações e abrigo de expedicionários.

acrescentando dramaticidade ao relato dos acontecimentos e um sentido heróico às conclamações dirigidas aos leitores.

*Oh! mães de família do Brasil: quando chegar aí a notícia da paz, e arrumardes a casa para esperar aquele que vai voltar, providenciai para que haja sobre a mesa o prato familiar mais querido, e ele o comerá, eu vos digo, ele comerá alegria, ele comerá felicidade, infância, ternura boa.*⁸²

*(...) as montanhas cobertas de neve vos esperam, oh! pracinhas encapotados que olhais o Arno. Guardai bem no ouvido a voz cantante das signorinas, depois será a voz do sargento, o estrondo dos canhões, o cacarejar monótono e assassino das metralhadoras. Guardai bem no corpo o carinho dos colchões, o calor das salas aquecidas: o foxhole e a neve estão à vossa espera (...).*⁸³

Rubem Braga funde o que se pode chamar de características do relato jornalístico (predomínio da descrição e da impessoalidade) a sinais explícitos de intermediação do escritor entre os fatos narrados e o leitor – se fosse possível fazer uma distinção clara entre os dois registros, dir-se-ia que mescla jornalismo com literatura. O *Diário Carioca* parece reforçar essa (con) fusão nos trechos em que apresenta ou antecipa os textos de seu correspondente de guerra: chama a atenção para o estilo lírico de Braga, classifica seus textos como reportagens e ao mesmo tempo identifica o autor como cronista:

⁸²BRAGA. "Comidas", *ibidem*.

⁸³ *Idem*. "Em Florença", *ibidem*.

A chegada do nosso companheiro às linhas da frente italiana causou o maior júbilo nesta casa e autoriza a todos os nossos leitores a aguardar crônicas da maior importância como depoimento da participação dos nossos rapazes na guerra. Cronista que conquistou uma posição acima de qualquer confronto em nossa literatura, Rubem Braga vai, certamente, nesta nova e rica experiência que a guerra nos oferece, criar páginas que ficarão como das maiores e mais belas escritas em nosso Jornalismo.⁸⁴

[O jornal anuncia a chegada de Rubem Braga a Nápoles] (...) *depois da série de crônicas que há mais de duas semanas estamos publicando e onde foi narrada a viagem, com todo o seu pitoresco e emoção. (...) aguardamos a continuidade desta reportagem em outras crônicas onde há de vir a grande força de humanidade que são as páginas de Rubem Braga.⁸⁵*

A neve, a mina, o pracinha

Viu-se, páginas atrás, que a tentativa de familiarizar o leitor carioca com o cotidiano italiano se manifesta muitas vezes através da aproximação entre os dois universos – Landing Craft Infantry e barca da Cantareira. Mas ela é feita também através de um recurso de mecanismos opostos, ainda que de efeito semelhante: o contraste como

⁸⁴ *Diário Carioca*, nota da redação à matéria “Rubem Braga no Front da Itália”, 15 de outubro de 1944, capa. A matéria era acompanhada de foto de Rubem Braga.

⁸⁵ *Diário Carioca*, “Telegrama que não foi passado”, 8 de novembro de 1944.

forma de comparar as duas rotinas, as diferenças de hábito. Destacando a diversidade entre o dia-a-dia de seu público e a rotina da guerra, Braga expõe o sofrimento dos pracinhas não só em seu aspecto mais óbvio (combates, ferimentos, mortes), mas também em pequenas privações e problemas inimagináveis no sol quente do Rio de Janeiro:

*Descobriram que nos corredores e escadas [do navio] sempre há algum vento. E na noite mais quente da viagem formaram-se essas filas que o carioca não conhece, e que devem servir de consolo aos que esperam o ônibus, a carne ou o leite; as filas do ar...*⁸⁶

O correspondente Joel Silveira me adverte de que estou escrevendo demasiado sobre a neve:

– Você vai constipar todos os seus leitores lá no Rio (...)

*Sim, a neve é monótona (...), mas não tenho alternativa. Que o leitor se lembre de que o soldado também não gosta da neve e nem por isso ela deixa de cair quando bem entende – e quando ele pega uma pneumonia, a pneumonia é verdadeira e não literária.*⁸⁷

Esse contraste, esse estranhamento, por vezes dá margem para que Braga deflagre um processo de ressignificação. O dia-a-dia da guerra transforma as relações entre os homens, inocula desconfianças, desmitifica paisagens e cobre as coisas com um novo sentido. Se como cronista Rubem Braga se notabilizou por apontar novos sentidos a aspectos mezinhos da cidade grande, ou a ver simbolismos em acontecimentos a que se dá pouca importância, como enviado especial do *Diário Carioca* sua tarefa será descobrir

⁸⁶BRAGA. “A noite proibida”, *ibidem*.

⁸⁷BRAGA. “Neve”, *ibidem*.

os novos sentidos engendrados pela guerra e apresentá-los ao leitor. As armas, por exemplo, que os guerrilheiros da resistência italiana, os *partigiani*, roubam dos nazistas não são apenas armas:

*São armas – e ao mesmo tempo são troféus
desses rudes libertadores.*⁸⁸

Uma boa informação não é uma informação boa, ao menos no sentido que podem entender os leitores cariocas.

*“Uma informação muito boa”. Essas palavras, que esse belo rapaz de pouco mais de 20 anos está me dizendo com esse ar calmo e resignado do empregado que conta o seu ajuste com o patrão, querem dizer isto: uma informação capaz de causar a perda de um batalhão brasileiro inteiro, por exemplo; uma informação capaz de ajudar concretamente a matar muitos homens, mandar para o hospital muitos outros, com os corpos cheios de estilhaços de granada.*⁸⁹

Do mesmo modo, e essa é uma das constatações que mais espantam o correspondente do *Diário Carioca*, o chão pode não ser só um chão, pode ser um campo minado:

*É difícil acreditar. Repugna crer que a morte mais brutal nos espreita sob a relva tão macia, nos campos dourados pelo sol do outono.*⁹⁰

⁸⁸ Idem, “Partigiani”, ibidem.

⁸⁹ Idem, “Um espião”, ibidem.

⁹⁰ Idem, “Minas”, ibidem.

Belas montanhas, paisagens de cartão postal, escondem a artilharia alemã:

*Aponto as montanhas dos Apeninos, para
um lado e outro:*

*– Isso aqui não parece com São José ou
Itabira, Simplicio?*

– É sim senhor...

E depois de uma pausa:

*– Mas aqui não tem ouro nada. Tem é
tedesco!⁹¹*

Olho essas montanhas. São belas inimigas.⁹²

A descrição de cenas explícitas, de carnificina, praticamente não aparece nos textos de Braga – opção do cronista, imposição da censura militar ou do governo no Brasil, ou os três fatores somados. A descrição de cenas mais fortes, como fuzilamento de civis, aparece apenas nas matérias produzidas em abril de 1945, quando a lupa do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) já não aparecia com tanta frequências nas redações; além disso, são cenas em que alemães promovem barbaridades contra italianos (os brasileiros, portanto, não estão envolvidos diretamente). E, além disso, são narradas com poucos adjetivos, sem dramaticidade.⁹³

Em algumas matérias o escritor dedica-se a contar a rotina e suas impressões sobre hospitais e enfermarias improvisados no meio dos campos de batalha, e em várias

⁹¹ Idem, “Passeio na montanha”, *ibidem*. “Tedesco” é como, por influência dos italianos, os pracinhas chamavam os alemães.

⁹² Idem, “Primavera”, *ibidem*.

⁹³ Trata-se de duas matérias em que o jornalista recolhe, em cidades italianas, relatos do que fizeram os alemães quando ocupavam a região. Logo na primeira reportagem, Braga avisa: “O que vou contar é um crime monstruoso. Mas eu me esforçarei para contá-lo da maneira mais seca. Acho que não se deve “dramatizar” este tipo de coisas. Não são “atrocidades de propaganda” (BRAGA, “Os alemães em Vidiciatico”, *idem*).

narrativas faz menção ao ataque incessante das metralhadoras alemãs – o “cantar das lurdinhas”, como se dizia entre os soldados brasileiros. Mas os textos de duas das batalhas em que morreram mais pracinhas – as tentativas frustradas de tomar o Monte Castelo – não chegaram ao leitor do *Diário Carioca*, como explica Rubem Braga na nota de uma crônica publicada em *Com a FEB na Itália*. À primeira incursão das tropas do Brasil, o cronista, assim como os outros correspondentes de guerra credenciados junto à FEB, pôde assistir do começo ao fim, em 29 de novembro de 1944; ele escreveu “uma crônica de mais de vinte páginas. Essa crônica nunca chegou à redação do jornal, sendo de notar que nessa ocasião nossas reportagens ainda sofriam a censura do DIP.”⁹⁴ O segundo ataque, em 12 de dezembro, o de maior número de baixas, não pôde ser acompanhado pelos jornalistas.

No entanto, o autor encontra outras maneiras de falar sobre o horror da guerra. Diferentemente dos textos produzidos para a *Folha do Povo*, em 1939, ou para a seção *Ordem do Dia*, aqui Braga destaca o absurdo dos combates menos em artigos de tom dissertativo do que em crônicas feitas a partir de pequenos símbolos, como uma estátua de Cristo desfigurada por uma explosão ou uma garotinha de 10 anos atingida por estilhaços de granada:

*Pelo corpo inocente, pelos olhos inocentes
da menina Silvana (sem importância nenhuma no
oceano de crueldades e injustiças), pelo corpo
inocente, pelos olhos inocentes da menina Silvana
(mas oh! hienas, oh! porcos, de voracidade
monstruosa, e vós também, águias pançudas e
urubus, oh! altos poderosos de conversa fria ou voz
frenética, que coisa mais sagrada sois ou conheceis
que essa quieta menina camponesa?), pelo corpo
inocente, pelos olhos inocentes da menina Silvana
(...) – por esse pequeno ser simples, essa pequena
coisa chamada uma pessoa humana, é preciso*

⁹⁴ BRAGA, Nota a “Ataque ao Castelo”, *ibidem*.

*acabar com isso, é preciso acabar para sempre, de
uma vez por todas.*⁹⁵

Nesse trecho, Braga lança mão de um recurso que aparece em alguns outros momentos dessa série de textos: destaca um caso específico e o amplia, mas não se restringe ao movimento de tornar geral um caso particular – o horror da guerra não está simbolizado apenas nos ferimentos graves sofridos por uma menina inocente, mas no fato de esse ser um caso banal, “sem importância nenhuma no oceano de crueldades e injustiças”. O caso é cruel porque envolve uma criança, e a guerra é absurdamente cruel porque nela “é impossível, até certo ponto, evitar essas coisas”, como comenta o cronista sobre a garotinha Silvana.

Em muitos textos o escritor se debruça sobre pequenas cenas do cotidiano da guerra, humildes gestos de camponeses italianos, instantes de descontração entre os pracinhas, buscando o significado profundo no fato corriqueiro. Ou, como escreve Davi Arrigucci Júnior: “Os olhos do cronista, treinados no jornal para o flagrante do cotidiano, afeitos às experiências do choque inesperado em qualquer esquina, estão preparados, em meio à vida fragmentária, aleatória e fugaz dos tempos modernos, para a caça de instantâneos (...). Ao contar histórias do que parece hoje tão sem importância, o narrador recobra para nós a dignidade dos objetos, o esforço e o trabalho que custaram, a dor, alegria ou o prazer que deram alguma vez”.⁹⁶

Ao destacar fatos corriqueiros, aparentemente banais, o escritor sintetiza angústias, expõe mínimas alegrias e paixões, resume o horror da guerra; enfocando o gesto miúdo de um pracinha e a persistência de um morador de vilarejos italianos, o cronista contrapõe a simplicidade e a humildade dos pequenos protagonistas à arrogância daqueles que, em última instância, foram responsáveis pelas destruições e mortes. É como se o olhar singelo, um lento e incansável empilhar de tijolos, uma demonstração de afeto, apontassem para a única superação possível do absurdo da guerra:

⁹⁵ BRAGA, “A menina Silvana”, *ibidem*.

⁹⁶ ARRIGUCCI JR, Davi. “Braga de novo por aqui”. In *Enigma e comentário*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

Comissões de arquitetos italianos desenham planos de reconstrução de bairros e cidades (...). Discutem com afinco, tentando estabelecer dados objetivos, mas sabendo que tudo depende de tanta coisa que nenhum plano pode ser estabelecido. Enquanto isso, aquele homem faz outra vez sua casa (...). No meio da cidadezinha aflita, em que a vida é um jogo de expedientes e humilhações (...), trabalhando quieto, quase sem comer, de sol a sol, para refazer sua casa, indiferente a tudo o mais, ele tinha no seu gesto uma segura beleza que superava o egoísmo da casa. Parecia que estava fazendo mais: estava ali sozinho, solitário, começando a reconstruir o mundo.⁹⁷

Se Miranda [bonita camponesa de 18 anos] entrasse naquele instante em certo posto americano, a reação seria a mesma. E mais ainda. Se Miranda entrasse em certo posto nazista, seria recebida com a mesma cordialidade – durante três ou quatro minutos a guerra seria suspensa em homenagem ao seu claro sorriso.⁹⁸

As apreensões obviamente geradas pelos efeitos da guerra (mortes, ferimentos, seqüelas) servem de mote para que o cronista estabeleça mais um modo de construção da intimidade com o leitor. Braga se imbuí da tarefa de intermediar um diálogo entre os pracinhas e os parentes e amigos dos combatentes brasileiros (sobretudo mães, irmãs, esposas e namoradas). O cronista/jornalista parece se colocar, algumas vezes, como um

⁹⁷BRAGA. "Árvores", ibidem.

⁹⁸BRAGA. "Impressões de moça", ibidem.

emissor de recados tranquilizadores: entrevistei seu filho, logo ele ainda está vivo e bem. Seria essa a função da identificação detalhada de certos militares citados nos textos:

*O primeiro-tenente Carlos Cairolí, da Artilharia (Rua Conde do Bonfim, 593, apartamento 203) (...). O soldado Osvaldo Antônio de Barros (Rua Oliveira Fausto, 43) é um funcionário do DNC (...).*⁹⁹

O testemunho do escritor, observador privilegiado da atuação dos brasileiros na Segunda Guerra, é a garantia, para os parentes e amigos no Brasil, de que aquele combatente está bem. Em um conflito em que, dos 25.445 pracinhas enviados para a Itália, 443 morreram e cerca de 3 mil ficaram feridos, em que a maioria das notícias diárias eram enviadas por agências internacionais (com poucos detalhes, portanto, sobre os brasileiros), em que as informações oficiais do Exército demoravam às vezes meses para chegar ao Brasil, a presença cuidadosamente identificada de um soldado no texto do jornal era um alívio e tanto para os familiares. A identificação dos combatentes – forte traço jornalístico nessas crônicas de guerra – parece ter ainda um segundo objetivo: a glorificação (mas não bajulação) dos feitos dos brasileiros, principalmente dos soldados, da parte “menos nobre” da tropa. Essa seria a função de, depois de narrar uma vitoriosa ação de uma patrulha brasileira, listar os nomes de seus participantes.

*Outros homens que participaram dessa patrulha: José Marcelino Vieira, Pedro José Mendes, Benedito Canuto dos Reis, João Alves de Lima, Sebastião Cassiandro, Cecílio Sousa Ferraz Filho e José Pinto de Freitas.*¹⁰⁰

⁹⁹BRAGA. “Em Florença”, *ibidem*.

¹⁰⁰BRAGA. “Confusões”, *ibidem*.

Não é essa, porém, a única intermediação de Rubem Braga entre os combatentes e as famílias no Brasil. Em belas crônicas sobre a solidão dos pracinhas, o escritor se dirige diretamente a seu público e pede insistentemente que escrevam cartas aos soldados:

*Escrevam, telegrafem, meus senhores e – muito especialmente – minhas senhoras! Escrevam cartas numerosas e enormes contando coisas, muitas coisas, coisas de toda a espécie (...). Como vai aquele namoro da Dirce com o tal estudante? Afinal, você resolveu devolver os móveis? O Tigre ainda late muito de noite? Já comprou outro par de sapatos para o André? Ah, por favor, conte como está a praia (...). Quem é que você viu, o que é que lhe disseram, o que foi que você pensou, o que está querendo fazer, o que fez, o que não fez? Fale mal de alguém!*¹⁰¹

Várias vezes, manda recados aos familiares, indicando como proceder em alguns casos:

*Se a senhora é parente de algum praça ou oficial da FEB, lá vai um recado: “Ele foi filmado, fotografado e estereofotografado. Quando passar algum filme, a senhora pode ir ver, com certeza de que ele está lá (...).”*¹⁰²

Cabe destacar, ainda, que esses recados são direcionados em sua maiorias às leitoras, provavelmente porque o cronista as considerasse mais aflitas com o destino de

¹⁰¹BRAGA. “Cartas”, *ibidem*.

¹⁰²BRAGA. “Fotografias”, *ibidem*.

seus parentes combatentes. Mas há recados mais singelos, como no caso de um soldado que batizou seu teco-teco de Luly, apelido de sua namorada.

Saiba, portanto, uma pequena carioca chamada Luly, que seu nome está pairando quase diariamente sobre os Apeninos, a uns três quilômetros de altura, saudado pelo fogo das metralhadoras alemãs ponto 50 e ponto 60.¹⁰³

Esse trecho é um exemplo de como o cronista em diversos momentos serve de uma espécie de correspondente de afetos, e manda recados dos combatentes para as famílias no Brasil. Na maioria dos casos o recado é explícito, num sinal de que o jornal optou por se fazer de intermediário entre as duas partes. Em uma ocasião em que visita uma enfermaria improvisada, Braga recheia o texto de recomendações, nomeando tanto as enfermeiras que mandavam lembranças quanto o longínquo receptor das mensagens:

(...) Gemma Immaculata Ottolograno, que manda dizer a D. Rafaela (rua do Riachuelo, 143, 1º andar) que vai bem e que escreve. (...) Arminda Célia Barroso é cearense, e Jandira Bessa de Meireles é baiana – e são vizinhas de leito. Ambas me encham de recados – diga isto a mamãe, saudades para Sônia e Ony, diga a minha mãe, que se chama D. Odila, que já recebi a carta etc, mas os recados ficam misturados em meu caderno de notas – porque as duas falavam ao mesmo tempo.

(...) O sargento Darci Moderno, quando me vê tomar nota desse recado, pergunta se eu não posso mandar dizer ao tio dele, Luís do Nascimento, gabinete do ministro da Guerra, que recebeu a carta mas não a encomenda. Respondo

¹⁰³ BRAGA. “O teco-teco”, *ibidem*.

*que não; sou pombo-correio exclusivo das enfermeiras.*¹⁰⁴

A atenção e o espaço dispensados ao combatente brasileiro, nos campos da Itália, podem ser vistos como demonstração do que se chamou, no começo deste capítulo, de adesão aos simples: se nos textos para a *Ordem do Dia* Braga lança sua compaixão a personagens do noticiário (uma indiazinha rejeitada por uma escola de Ipanema, um moleque preso pela polícia, uma garota francesa que colaborava com os nazistas), o correspondente de guerra destina vários trechos ou crônicas inteiras a alguns pracinhas, contando como eles foram parar na FEB, destacando certo feito heróico e – assunto tão constante quanto melancólico – relatando o que eles pretendem fazer quando (e se) a guerra acabar. Se há destaque para o “lado de dentro, o elemento humano”, como propagandeou o *Diário Carioca* na apresentação da primeira crônica de seu correspondente, é o “lado humano” do pracinha que é ressaltado, preponderantemente.

*O soldado inglês é um tommy, o francês é um poilu, o brasileiro é o pracinha. Agora o pracinha vai para a guerra. O pracinha está num compartimento onde há muitos pracinhas. Há um pracinha no beliche de lona embaixo do seu e há dois pracinhas nos dois beliches acima do seu. Dentro do compartimento, a bombordo, a boroeste, a ré, a vante, por baixo e por cima, há mais 379 pracinhas empilhados.*¹⁰⁵

¹⁰⁴ BRAGA. “Enfermeiras”, *ibidem*. Cabe destacar nesse trecho o gracejo final, que rompe com o tom de relato/recado que predominava no texto. Cabe também uma pergunta: se Braga dá o nome completo dos brasileiros que estão na Itália, e se isso basta ao receptor da mensagem, por que dar também o endereço completo da pessoa a quem se destina o recado? É possível que o procedimento tenha como função possibilitar que a mensagem chegasse a seu destino por meio de terceiros: um conhecido leria o texto no *Diário Carioca* e passaria o recado ao parente mencionado.

¹⁰⁵ BRAGA, Rubem. “Viagem do pracinha”, in *Crônicas da Guerra na Itália*, op. cit..

Mas, se de um lado o escritor refere-se ao soldado brasileiro como *Mestre Pracinha*, de outro dá pouca atenção aos militares em posto de comando. Ainda que esse recurso seja bastante comum no estilo de Braga, antes e depois dos textos produzidos na Itália, é possível que seu uso neste período de correspondente de guerra tenha sido estimulado por um fator alheio e mesmo contrário ao cronista: a censura. Na orelha da segunda edição de *Com a FEB na Itália*, a cargo da Editora do Autor (neste caso literalmente do autor: pertencia a Braga, em sociedade com o cronista e romancista Fernando Sabino), os editores explicam que a ausência de alguns nomes, “principalmente de oficiais superiores”, era uma “contingência da censura militar”.¹⁰⁶

De qualquer modo, é possível dizer que, assim como em sua antológica crônica “O Conde e o Passarinho” o escritor diz que “devo confessar preliminarmente que entre um conde e um passarinho, prefiro o passarinho”, nos textos produzidos na Itália a simpatia é endereçada principalmente aos pracinhas:

*O “moral da tropa” ergueu-se. Os praças formam choros e cantam sambas e canções. Os oficiais fazem o mesmo, porém com menos bossa.*¹⁰⁷

O tratamento dispensado aos soldados brasileiros é, em alguns aspectos, semelhante ao que predominava na seção *Ordem do Dia*. Braga não questiona a decisão de enviá-los à Europa e não critica opções de estratégias de combate, mas não os trata como heróis, como sobre-humanos. Como já se disse no começo deste capítulo, a humanização dos combatentes brasileiros torna-os merecedores de admiração maior do que a dispensada a um herói, e os aproxima dos leitores, dos parentes que, em terras brasileiras, esperam e torcem pelos pracinhas. Em um texto escrito em dezembro de 1944 e, no livro, intitulado “Nossa gente”, o cronista aborda o assunto de maneira mais detida e insinua uma comparação entre as falsidades da propaganda de guerra fascista e o discurso oficial que

¹⁰⁶ BRAGA, Rubem. *Crônicas de Guerra – Com a FEB na Itália*, Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1964. A autoria da “orelha” do livro é desconhecida. Não é de se descartar que seja do próprio Braga ou do outro dono da editora, Fernando Sabino.

¹⁰⁷ Idem, “A noite proibida”, *ibidem*.

superlativava a atuação da FEB. O autor começa destacando a distorção dos fatos pelos fascistas, por meio da “mais negra das censuras” e da “mais audaciosa das propagandas”, e comenta que uma dessas distorções exagerava as virtudes dos soldados alemães. Lembra que os brasileiros combatiam os alemães de igual para igual, mas repudia a glorificação dos pracinhas.

Para acabar, deve dizer que causou má impressão, entre os homens da FEB com quem conversei, a notícia de uma manchete de um jornal brasileiro que exagerava a atuação de nossas forças. Os nossos homens que estão na frente não apreciam essas coisas. Eles sabem que são uma parte muito pequena de uma guerra muito grande.¹⁰⁸

Braga passa então a desvencilhar o pracinha de traços heróicos: descreve uma rotina de avanços e retrocessos, de uma guerra lenta, sofrida e continuada (lentidão e monotonia reforçadas pela repetição da palavra *luta*), e lembra que os soldados brasileiros são, mais que soldados, pessoas que têm sua vida e profissão no Brasil.

Nossos homens têm, de um modo geral, avançado. Às vezes são obrigados a parar, às vezes sofrem contra-ataques – e depois avançam outra vez – tudo isso lentamente, como não pode deixar de ser (...) Esses homens que estão na frente não pretendem ser bichos sobrenaturais, nem pensam em derrotar os nazistas a gritos ou a pelego. Eles lutam. Não são muitos, mas lutam – e lutam honradamente, lutam direito, lutam dia e noite, ao frio e à chuva, uma luta penosa. Não precisam que

¹⁰⁸ Idem, “Nossa gente”, *ibidem*.

ninguém – aqui ou aí – exagere o que fazem, em tralalás patrioteiros. Eles não são monstros: são lavradores, trabalhadores de vários ofícios, moços de escritórios, simples filhos de família – são rapazes brasileiros que foram mandados para aqui ou vieram como voluntários.

E eles dão conta do seu recado.

Em uma matéria em que conta como o soldado brasileiro está enfrentando a neve, o autor reforça essa humanização dos pracinhas (ele é *não muito, é comum*) e tenta construir uma ligação entre eles e os brasileiros que não foram à Itália.

Não o pintem como um belo herói, um formoso guerreiro da neve. Ele não é o super-homem. É exatamente um sujeito – um desses sujeitos não muito fortes, não muito altos, não muito brancos – um desses sujeitos como há aí em qualquer trem de subúrbio, em qualquer sítio do interior. Esse tipo de brasileiro comum, mais feio que bonito, mais desajeitado que elegante – o João da Silva, o Severino Magalhães, o Moacir Ferreira, o José Nunes, empregado da farmácia, o Tico da Leopoldina.¹⁰⁹

Essa tentativa de humanização do pracinha, de aproximá-lo do leitor, é feita também por meio de um tratamento individualizado do soldado brasileiro – o que não ocorria nas colunas para a *Ordem do Dia*. Já se mostrou acima que Baga com frequência identifica detalhadamente os combatentes que cita nos textos – dá nome e endereço completos. A convivência diária com a FEB permite que o escritor conheça lembranças e histórias, aflições e projetos dos pracinhas. Há crônicas inteiras dedicadas a um único

¹⁰⁹ Idem, “Mestre Pracinha e a neve”, *ibidem*.

pracinha, à sua história. Em especial nos primeiros textos, a pergunta “como veio parar aqui?” aparece constantemente, assim como “o que fazia no Brasil?”, ou “o que pretende fazer depois que acabar a guerra?”. Seria o recurso de “humanizar” o pracinha um contraponto à desumanização provocada pela guerra? O fato é que os casos guardam implícita uma ponte entre o soldado e sua rotina no Brasil; a terra natal é o ponto de partida, o ponto de referência – como no trecho que se segue, já citado mas que vale ser repetido:

*Conversei ao acaso com um praça na frente,
e calhou que era um rapaz de Barbacena. Chama-
se Néelson Neves, e trabalhava na Central (...)
Começou então a relembrar certos episódios da
luta política local (...). E Néelson teve este
comentário raro:*

*– Ah, isso aqui, perto da Barbacena daquele
tempo, é um sossego...¹¹⁰*

*– Depois da guerra você vai viver no Brasil,
Juan?*

*Diz que sim. Seu ideal é casar e levar a
noiva para São Paulo.¹¹¹*

Em alguns casos, a remissão ao dia-a-dia do pracinha, antes de ele virar pracinha, produz um contraste com a rotina da guerra, o que acaba por ressaltar traços de valentia dos personagens, ao mesmo tempo em que lembra que eles são brasileiros comuns, com atividades tão banais quanto a de qualquer outro brasileiro.

*O terceiro-sargento Pascoal Caputo, nº 3.294,
é um rapaz forte e bem-apegoado, filho de Cruzeiro,*

¹¹⁰ Idem, “Primeiras impressões”, *ibidem*.

¹¹¹ Idem. “O pracinha Juan”, *ibidem*.

*Estado de São Paulo, onde vive (Rua Dr. Carlos Varela, 384) seu pai, Sr. José Caputo. Pascoal tinha lá uma casa de comércio, lidava com ferro velho, fábrica de banha e muitos outros negócios. Mas há dois anos deixou todos os negócios, vestiu uma farda – e hoje é um homem que fez 23 prisioneiros nesta guerra.*¹¹²

João Santana tem 24 anos de idade e um bigodinho preto. Até 1943, quando foi convocado, trabalhava como “acabador” numa fábrica de tecidos de Jacareí, São Paulo, onde mora sua família, à Rua Bernadino Campos, 442.

João Santana veio no primeiro navio e já lhe aconteceram muitas coisas. A pior foi quando ele ficou prisioneiro dos alemães.(...)

*– (...) eu nasci outra vez naquele dia. Também agora nesta guerra tenho certeza de que não acontece mais nada. Quer dizer, qualquer um está sujeito... Mas eu não sei não, eu tenho certeza de que isso acaba e eu volto para Jacareí...*¹¹³

Essa remissão à terra natal, como território físico mesmo ou como conjunto de lembranças e histórias ao qual se agarra o pracinha, empresta uma nova roupagem a dois temas recorrentes nas crônicas de Braga: a solidão e a saudade. Geralmente ligada à rotina burocrática e burocratizante da cidade grande, no caso da primeira, e à infância em Cachoeiro do Itapemirim, na segunda, em *Com a FEB na Itália* elas florescem graças à dificuldade de adaptação do pracinha na terra estrangeira (mulato brasileiro em neve italiana) e à distância da família e do Brasil – condição essencial de um soldado em guerra.

¹¹² Idem. “Prisioneiros fáceis”, *ibidem*.

¹¹³ Idem. “Um caso”, *ibidem*.

Esses procedimentos cobrem com um tom de melancolia vários dos textos produzidos pelo correspondente de guerra do *Diário Carioca*, e carregam de dramaticidade os escritos de Braga. Pelo prisma do cronista, o combate contra as tropas alemãs se refrata freqüentemente em pequenas e incessantes provas contra os pracinhas.

*Essa poeira esbranquiçada dos avanços da primavera foi para nossos homens uma desgraça tão grande quanto a lama do outono e a neve do inverno. O historiador poderá dividir a campanha em três capítulos: lama, neve e poeira. Poeira assassina, que fez muito carro despencar no abismo.*¹¹⁴

A esses obstáculos impostos pelo clima inóspito da Itália, conta-nos o correspondente do *Diário Carioca*, somam-se algumas regras e censuras dos batalhões da FEB; nos telegramas que tentam enviar aos familiares, por exemplo, os combatentes ficam restritos a 124 frases fixas, cada uma correspondendo a um número (“Saudades” é a frase número 29). Do mesmo modo, a nostalgia que toma conta dos pracinhas e de parte das crônicas do livro está também relacionada à falta de pequenos hábitos e informações absolutamente corriqueiras:

*Todo mundo agora está escrevendo cartas para a família (...) Um deles (...) fez um enorme lero-lero sentimental do começo ao fim, disse que está morrendo de saudades, viver sem ti é uma desgraça, eu não sei como agüento esta separação, é uma agonia medonha, choro pensando em ti, e no fim de tudo isso meteu esse P.S. – “manda me contar o resultado do jogo do Bangu”.*¹¹⁵

¹¹⁴ Idem. “Fim de guerra”, *ibidem*.

¹¹⁵ Idem. “De Nápoles a Livorno”, *ibidem*.

4 – As entrelinhas da intimidade – uma conclusão

Uma intimidade dissonante?

No último texto em que escreve para a *Ordem do Dia*, no *Diário Carioca*, em junho de 1944, Rubem Braga adverte:

Quando amanhã alguém quiser escrever a história da vida brasileira deste último quarto de século terá, com certeza, muita dor de cabeça. (...) entre as linhas e entrelinhas dos documentos o historiador ficará a coçar o queixo – se for um homem prudente.¹

Depois de relembrar algumas das características da crônica, em especial da crônica de Rubem Braga, de descrever o jornal em que Braga colaborava e o ambiente em que o escritor produzia seus textos, e depois de apresentar um levantamento dos procedimentos usados pelo autor capixaba, cabe agora tentar ligar esses pontos. Buscou-se mostrar, no capítulo anterior, como o cronista, na retaguarda ou próximo da linha de combate, constrói a intimidade com seu público. É preciso frisar algo aqui. Esse recurso aparece em textos produzidos pelo cronista capixaba durante toda sua carreira, e pode-se mesmo dizer que se trata de um dos traços constitutivos do gênero no Brasil; no entanto, em tempos de Estado Novo essa construção ganha um significado amplificado.

Braga está escrevendo em uma época em que a ditadura, por meio do influente Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), tenta produzir um efeito de mobilização em todas as esferas da sociedade brasileira. O debate intelectual e literário não foge a isso; o DIP, por meio do lançamento de revistas, de programas de rádio, de produções

¹ Braga, Rubem. Sem título, in *Diário Carioca*, seção *Ordem do Dia*, 3 de junho de 1944, página 3.

cinematográficas, de jornais, avança suas teias sobre jornalistas, escritores e intelectuais, oferecendo remuneração atraente para quem quisesse colaborar em suas publicações. O discurso ditatorial interfere nas discussões sócio-políticas, na educação e até na composição de músicas carnavalescas; o objetivo, com muita frequência, é disseminar uma retórica orientada pelo redirecionamento e pela ressignificação, que encaixa as palavras e expressões no discurso de comunhão nacional. Um pronunciamento de Vargas de 1942 mostra com clareza esse procedimento: o presidente questiona os governos anteriores para mostrar que a palavra *democracia* já foi imbuída de tantos significados que acabou por não ter significado algum; ao final, despreza a polissemia e pinça dela sua própria definição, ligada à união nacional.

Consideramos mero bizantinismo indagar se o novo regime é ou não democrático. As oligarquias antigas e modernas, os regimes de privilégio, muitas vezes se apelidaram democráticos. E o eram, na verdade, para uma parte da população que lhes usufruía as vantagens.

Não devemos, por conseguinte, preocupar-nos com os vários sentidos emprestados à palavra democracia. Para os espíritos retardados ela é o velho jogo político-eleitoral, com restrições maiores ou menores; é a oposição crônica entre governantes e governados, é o liberalismo degenerado em licenciosidade. Quanto a nós, com a experiência dos cinco anos decorridos, torna-se fácil verificar que a democracia é a forma de governar em benefício do povo como um todo, em função dos interesses supremos da Pátria, acima das imposições de grupos, de clã ou de região.²

² Discurso de Vargas de 10 de novembro de 1942. Citado por Bercito, op. cit..

É, portanto, a lógica do alinhamento e da comunhão coletiva que se destaca no ideal democrático esboçado pelo presidente. É essa lógica, também, a que prevalece em outro caso de reconstrução de significados, o que envolve a figura do malandro nas canções populares, em especial nos sambas cariocas. Numa ideologia que pregava a mobilização pelo trabalho, que via na guerra travada na Europa uma ocasião para estabelecer no Brasil um regime militarizado de trabalho, o malandro não se encaixava – pelo menos com os traços que os sambistas lhe davam. Assim, por meio de intelectuais e músicos, o DIP tenta dar um novo perfil ao personagem: cria-se o malandro regenerado, que canta as virtudes do trabalho. O historiador Roney Cytrynowicz destaca que na Era Vargas também o Carnaval passou por uma adaptação. Criou-se a União das Escolas de Samba, com subvenções estatais, e disciplinou-se a festa popular. “O governo Vargas disciplinara o Carnaval com um decreto-lei de 1935 e impôs que os enredos das escolas passassem a ter temas ligados à história do país e fossem didáticos e patrióticos (...). Antes das escolas de samba, o Carnaval era uma festa de cordões e ranchos, que nada tinham a ver com o desfile organizado”.³

Num contexto em que os discursos todos eram intermediados pelo Estado, em que a guerra na Europa e a *sensação de guerra* no Brasil alimentavam a ideologia do alinhamento, o coletivo era a palavra de ordem – destaque-se que Getúlio discursava no rádio aos *trabalhadores do Brasil*, no plural. “A ideologia do Estado Novo enfatizava ideais militares, povo em marcha, disciplina, bravura e lealdade, destreza e resistência muscular, desbravamento e coragem, organização e vigilância, sacrifício e união”.⁴

O que representa a crônica num ambiente como esse? À ênfase no coletivo, a crônica, em especial o tipo de crônica desenvolvido por Rubem Braga, contrapõe um tratamento de proximidade. “A crônica”, escreve Antonio Candido, “em sua despreensão, humaniza”; ela está “sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”.⁵ Nesse sentido, a construção de uma intimidade entre o escritor e seu público pode ser vista como uma dissonância em meio ao discurso estado-novista, uma resistência à mobilização.

³ Cytrynowicz. Op. cit., páginas 187 e 188.

⁴ Idem. Ibidem, página 19.

⁵ Candido, A. “A vida ao rés do chão”, op. cit.

Não se está aqui querendo dizer que Braga faz da série de escritos para a *Ordem do Dia* um libelo contra o Estado Novo ou contra Getúlio Vargas. Como se tentou mostrar na primeira parte do terceiro capítulo, há críticas (quase sempre dissimuladas) aos métodos ditatoriais do governo, há textos que são tomados por um tom de artigo, há propostas e há defesa de idéias – algumas próximas às do governo, como a de que o Brasil deve mandar tropas à guerra. Mas seria equivocado tentar ver nesses escritos uma apresentação coerente e organizada de argumentos sobre determinado assunto. A crônica não costuma ser espaço para esse tipo de procedimento – e nunca o foi na obra de Braga, como tentou-se apontar no capítulo 1. Escrevendo sobre o autor capixaba, e também sobre os cronistas Fernando Sabido, Paulo Mendes Campos e Carlos Drummond de Andrade, diz Antonio Candido:

Neles todos, e em alguns outros, como por exemplo Raquel de Queirós, há um traço comum: deixando de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica deixasse de lado qualquer seriedade nos problemas.⁶

Note-se que o crítico literário observa um processo de afastamento entre a crônica e os discursos predominantemente dissertativos, mas usa “aparentemente” e “como se” ao descrever o distanciamento entre esses escritos curtos e os problemas sociais. Porque afinal, como de resto demonstra a série de textos publicados por Braga no *Diário Carioca*, a crônica também envereda por esses assuntos – a seu modo. No caso da série de escritos publicados sob a rubrica *Ordem do Dia*, há uma recusa em aderir ao processo de mobilização. A construção de uma intimidade com o leitor vai de encontro a uma tendência tão cara ao discurso do Estado Novo: ver em qualquer tema uma questão de soberania nacional. À coletivização do debate, a crônica contrapõe a subjetividade do escritor; ao discurso técnico, bélico e burocrático, contrapõe a “quebra do monumental e da

⁶ Idem, *ibidem*.

ênfase”.⁷ Destaque-se, nesse sentido, a apresentação que Braga faz de sua série de crônicas, no texto de estréia no periódico carioca:

*Esta não é, nem será, a Ordem do Dia de um general, nem a de uma assembléia, apenas a de um pobre homem. Eis-me aqui: tagarelarei dia após dia; não dando ordens, apenas procurando resumir a desordem dos dias que vão. Nem ao menos tenho um programa; e para que programa? (...) Não é também um juiz este aqui, a julgar homens e coisas; apenas um sujeito que fala disso e daquilo e de si mesmo.*⁸

Nota-se que, no trecho, o autor nega o discurso militar (“não é, nem será, a Ordem do Dia de um general”), o discurso programático (referência a assembléia, “nem ao menos tenho programa”) e autoritário (“não dando ordens”) – justamente algumas das características fundantes da ideologia do Estado Novo. Em um ambiente de controle através do planejamento burocrático, o escritor guia-se pelo descompromisso (“um sujeito que fala disso e daquilo”); em meio ao clima de comunhão nacional e à retórica governamental que filtra o debate em vários campos, o cronista fixa-se em si mesmo, faz de si mesmo, e não do Estado, o ponto de vista a partir do qual são relatados os acontecimentos.

*Mas eu não sou um tribuno do povo nem um escriba do governo: apenas um pobre diabo particular.*⁹

Essa ênfase no universo pessoal é um diferencial importante – é ela um dos principais recursos que distancia os procedimentos de Braga dos utilizados pelo discurso

⁷ A expressão é de Antonio Candido (op. cit.).

⁸ Braga, Rubem. Sem título, *Diário Carioca*, 15 de fevereiro de 1944, página 3.

⁹ Idem. *Ibidem*, 2 de março de 1944.

oficial. Pode-se argumentar que a política de alinhamento do Estado Novo também lança mão de artifícios como o tratamento individualizado do leitor/ espectador/ ouvinte (o uso, por exemplo, de pronomes na primeira pessoa e de perguntas dirigidas ao receptor são comuns em especial nas peças publicitárias), mas são próprias da crônica, em especial da crônica de Braga, a construção de um Eu, o tom de confissão e memória, que fazem desse tipo de escrito curto “um modo de expressão pessoal e um meio de apreender e exprimir certos valores”.¹⁰

O foco centrado na primeira pessoa, que traz como contrapartida o diálogo com o leitor (e portanto a produção de uma intimidade entre ambos), predomina mesmo nos casos em que o texto se aproxima menos da prosa poética do que do comentário ou do relato jornalístico, como se procurou mostrar no capítulo 3. Seria impróprio não detectar semelhanças entre o discurso mobilizatório do Estado Novo e, por exemplo, as colunas em que Braga defende a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial, mas mesmo esses casos são pontuados de observações pessoais, escritos sob um prisma pessoal. Significativamente, dois dos três textos em que Braga trata mais detidamente da ida dos soldados brasileiros à Itália começam com referências a fatos particulares:

*Meu primeiro sentimento na tarde de sexta-feira, vendo o desfile dos rapazes do Corpo Expedicionário, foi de melancolia.*¹¹

*Foi com emoção que eu soube, por uma notícia de jornal, que um amigo de infância está entre os oficiais do Corpo Expedicionário.*¹²

Do mesmo modo, nos textos produzidos na Itália o correspondente de guerra se apega menos aos combates e ao rumo geral do confronto do que à rotina, ao pormenor envolvendo os *pracinhas*. A construção da intimidade, nesse caso, parece contribuir para

¹⁰ Arrigucci Jr., Davi. “Fragmentos sobre a crônica”, op. cit.

¹¹ Braga, Rubem. Sem título, *Diário Carioca*, 2 de abril de 1944, página 3.

¹² Idem. *Ibidem*, 21 de abril de 1944.

dar, a seu relato sobre a atuação dos soldados brasileiros na Europa, um caráter menos de campanha nacional do que de aventuras de certa maneira individuais; como se frisou no capítulo anterior, no prefácio a *Com a FEB na Itália* Braga classifica seu trabalho não como “história da campanha”, mas “histórias” – ainda que esse seja o único livro temático de crônicas de Rubem Braga.

É interessante frisar, também, que, nos textos de que se tratou aqui, com muita frequência os elementos usados para a construção de uma intimidade com o leitor aparecem de maneira um pouco diferente das crônicas que o escritor capixaba selecionou em livros durante sua carreira. Alguns textos são mais ligados ao comentário, ao factual, e se distanciam em parte da prosa poética que a crítica costuma destacar na obra de Braga; mas, como se procurou mostrar, são recheados de pequenas ironias (um punhado delas já datadas, é verdade) e de observações argutas sobre o noticiário.

Esse é, de fato, um lado ainda pouco explorado do cronista – o lado do articulista, do repórter. Um trabalho futuro que se detenha sobre os textos de Braga não publicados em livro certamente revelaria algumas facetas novas de sua obra; matéria-prima para isso não faltará: o escritor capixaba produziu cerca de 15 mil crônicas e é provável que menos de 10% delas tenham ido parar em livro. Trabalho árduo, não resta dúvida. E em aberto.

ABSTRACT

This dissertation talks about the series of texts written by Rubem Braga between February of 1944 and April of 1945 for *Diário Carioca* newspaper; these texts have as central subject the Second World War, its effects in Brazil (that was under the Estado Novo dictatorship at that time) and the participation of the Brazilian soldiers in the Italian combats. These texts are divided in two phases: the ones written between February and June of 1944, when Braga had the column *Ordem do Dia* (most of them unpublished in books), and the ones written in Italy, when Braga acted as a war correspondent at FEB, the Brazilian expeditionary force (almost all of them were published in the book *Com a FEB na Itália*). This dissertation gives special attention to the way how the chronicle built the intimacy with the reader in these two periods.

– ANEXOS

Estão reunidos, nas próximas páginas, textos escritos por Rubem Braga entre fevereiro e junho de 1944 para a coluna que mantinha no *Diário Carioca*, chamada “Ordem do Dia”. São 50 escritos, apenas três deles publicados em livro, recolhidos do arquivo do cronista na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e de exemplares microfilmados do *Diário Carioca* na Biblioteca Nacional. Os textos, feitos antes de o cronista cobrir a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB), eram publicados no canto superior direito da página 3 – o espaço de mais prestígio de um jornal, depois a capa e da contracapa.

Constam também, nestes anexos, textos enviados por Rubem Braga da Itália publicados no *Diário Carioca*, mas, em alguns casos, não na reunião de crônicas feitas pelo autor nas três edições de seu livro.

Interventor al Peixoto

es — O Preço da Carne Não Sofrerá Altera-
cimento do Povo — Adiar Obras e Dificul-
tada Entre vista do Comandante Amaral Peixoto



Interventor quando fazia declarações aos jornalistas

controle da fiscalização, que se continua, a cargo da polícia civil e do povo. Estamos tentando uma articulação com todas as comissões abastecimento existentes nas cidades nacionais fornecedoras gêneros alimentícios ao Rio Janeiro, para a indispensável harmonia das tabelas em vigor.

e a experiência que vamos em prática com o charque resultado — como espero —

será aplicada imediatamente a outros produtos, convido desde logo frisar que só nos iremos ocupar daqueles que se acham classificados entre os consumidos nos lares pobres.

O PROBLEMA DO ABASTECIMENTO

Referindo-se aos problemas ligados ao abastecimento, o Sr. Amaral Peixoto acentua:

— Os problemas ligados ao

(Conclua na 10.ª pag.)

Ordem do Dia

Rubem Braga

Gloria a Deus nas alturas, paz na terra entre os homens de boa vontade, morte ao invasor alemão! 16 de fevereiro de 1944, terça-feira da semana que desemboca no Carnaval, primeira depois de domingo de estreia de Domingo da Guia no Corintians contra o Flamengo. Os casinos fecharam. Brigam pelos jornais George Bernanos e Otto Maria Carpeaux; briga de brancos. Derrotado Von Kesselring ao sul de Roma; os russos avançam...



E bom dia para todos. Esta não é, nem será, a Ordem do Dia de um general, nem de uma assembleia, apenas a de um pobre homem. Eis-me aqui; tagarelaré dia após dia; não dando ordens, apenas procurando resumir a desordem dos dias que vão. Nem ao menos tenho um programa; e para que programa? Tenho olhos, vejo as coisas, leio as notícias; e tenho mão, e conto e escrevo, e depois sai no jornal. Falarei bem dos amigos, mal dos inimigos, sem dar muito na vista. Não é também um juiz cete aqui, a julgar homens e coisas; apenas um sujeito que fala disso e daquilo e de si mesmo. Um sujeito em geral triste, mas fácil de alegrar; logo vereis.

E para começar bem com todos, e distinto, saúdo Genolino Amado e o grande, o grande Barão; e a senhora Majoy, e todos os que, neste jornal e nos outros, escrevem todos os dias alguma coisa sobre qualquer coisa. Salve Estacio, Salgueiro, Mangueira!



Dito o que, confessarei muita melancolia sobre este anúncio de domingo: "vende-se uma colônia rica por 200 cruzeiros e uma baiana rica, com bastante colares, por 300 cruzeiros". Há outros assim, inclusive uma bela mexicana por 100 cruzeiros. Não são anúncios de casas comerciais, são particulares. São realmente ciganas, baianas e mexicanas que estão se vendendo às portas do Carnaval; fantasias já usadas, a querer mudar de corpo; almas efêmeras volantes.



Ninguém as comprará; oh, que ninguém as compre. Que envelheçam inuteis, lembrando algum belo Carnaval que já se foi. Oh! fantasmas de velhas loucuras, guardai o ester dos anos antigos, o aperto de mãos esquecidas. Enterremos nossos velhos carnavales dignamente, não os aluguemos, é uma traição. Suportemos uma longa quaresma — talvez definitiva — com uma pobre tristeza. O que fazeis, baianas, ciganas mexicanas, é ofereci a venda os dentes de ouro do defunto; de vosso sonho, de vosso delírio defunto.

Uniforme Unico Para os Escolares de Todo o Brasil

MEDIDA DE GRANDE ALCANCE ECONOMICO -- O TIPO DE UNIFORME CUJA
ADOÇÃO SE PRECONISA -- ADAPTAÇÃO ÀS POSSIBILIDADES CLIMATICAS

FALA AO "DIARIO CARIOCA" O DR. EDMUNDO CORRÊA DE AZEVEDO

do coordenador da Mobilização Econômica. E diz:

— A referida comissão preconizou a adoção de um uniforme cômodo, higiénico, barato, e cujo aspecto se me

de resolver o problema, cuja relevância é indiscutível.

OS ESCOLARES E SUAS REAÇÕES PSÍQUICAS

O dr. Corrêa de Azevedo discorre, agora, sobre outros as-

DO EXERCITO E DO BRASIL

ira e os Feitos do Marechal José Antonio Correia da Camara, Visconde de Pelotas

ponde fim á cruenta luta contra Solano Lopez. Tal era o seu conceito, que, a seu respeito, expendeu o Duque de Caxias o seguinte aviso:

"Não me surpreenderam, portanto, os seus feitos em Cerro-Corá e a prova está em que, quando aqui cheguei ao Paraguai, perguntando-me o imperador o que eu julgava dos generais que tinha então deixado no Exército, eu não tive duvida em dizer que a melhor cabeça militar que tinha ali deixado era, infelizmente, o brigadeiro mais novo deles, pois se não o fosse, seria, sem duvida, quem eu proporia para substituir-me."

Por decreto de 17 de março de 1870 foi o bravo soldado agraciado com o titulo de Visconde de Pelotas. Por decreto de 18 de fevereiro de 1865, foi nomeado Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. Foi ainda agraciado com a "Dignitaria" dessa Ordem. Quanto á Ordem da Rosa, foi, por decreto de 2 de dezembro de 1845, considerado com o Hábito. Por decreto de 18 de novembro de 1865, foi condecorado Cavaleiro, pelos serviços prestados na Campanha do Uruguai. Por decreto de 14 de março de 1867 foi condecorado de Oficial, por distincão na batalha de 24 de maio de 1855 e nos combates de 3 e 22 de novembro de 1866. Da Ordem de São Bento de Aviz, foi, por de-

creto de 16 de abril de 1861, condecorado com a mercê de Cavaleiro. Por decreto de 3 de agosto de 1870, foi agraciado com a Grã-Cruz. Recebeu a medalha de prata relativa á campanha de 1851-1852, no Uruguai. Foi condecorado com a Medalha do Mérito Militar, em atenção aos seus atos de bravura, praticados em diversos combates da guerra do Paraguai. Foi-lhe conferida a medalha da Campanha do Paraguai.

Desempenhou o marechal José Antonio Correia da Camara varias funções de relevo, as quais deu sempre o melhor de sua intelligencia e capacidade.

Em varias campanhas empregou com o êxito que hoje todos lhe louvamos os seus méritos de soldado. A guerra dos Farrapos (1835-1845) tomou parte na Campanha do Uruguai (1851-1852) e na campanha contra o Estado Oriental (1864-1865), para, na guerra do Paraguai, revelar, na sua plenitude, as suas excepcionais qualidades de bravura, sangue-frio, pericia e intrepidez. Fez essa guerra do principio ao fim. Ao recordar a ação que então desenvolveu, não podemos senão encher-nos da mais profunda admiração pelo grande soldado.

A data de 17 de fevereiro deve ser, por todos esses motivos, particularmente grata aos brasileiros.

A Historia das Relações Comerciais, Entre o Brasil e os Estados Unidos

O sr. Charles Lyon Chandler, em conferencia ontem pronunciada no University Club do Rio de Janeiro, falou sobre a historia das relações comerciais entre o Brasil e os Estados Unidos desde 1800.

Iniciando sua interessante palestra, o sr. Chandler salientou que os primeiros contactos entre o Brasil e os Estados Unidos datam de mais de três séculos, desde quando Pernambuco e New Amsterdam (a actual cidade de Nova York) eram colonias holandesas, e "havla um consideravel commercio entre o berço de Wall Street e as colonias holandesas do Brasil".

Referiu-se ainda o sr. Chandler ao desenvolvimento do commercio com o Brasil no ultimo do século passado. Equivale, as exportações dos Estados Unidos para o Brasil, somavam 1.041 dólares, em 1801, subiam a 671.417 dólares em 1911.

Ordem do Dia

Rabem Braga

Dirigentes democraticos — conta um espantoso telegrama de Washington — revelaram que o presidente Roosevelt declarou que é falsa a informação attribuida a um diplomata neutro de Londres segundo a qual na festa do aniversario de Churchill em Teerá o marechal Stalin teria dado com uma garrafa na cabeça do marechal Timoshenko. Eis o que nos informa a United Press. Então quem foi que deu a garrafada? E deu na cabeça de quem? Quebrou-se a garrafa? Era garrafa de que? Estava cheia ou vazia? E quem é o diplomata neutro? E o agredido reagiu? E o commissario do distrito não encanou os desordeiros? Não há policia em Teerá? Havia mulheres na festa? Foi discussão na hora de pagar a conta? Foi negocio de mulheres? Quando um marechal dá uma garrafada num general o que acontece? Que deve fazer nesses casos um diplomata neutro de serviço em uma capital de outro continente? Que acham dessa historia os dirigentes republicanos? Estarão de accordo com os democraticos? E qual é a atitude de uma agencia telegrafica ao saber que em uma determinada festa um cidadão não deu uma garrafada em outro? Eis um mundo de mistérios suscitados pelo telegrama da United Press. Infelizmente as outras agencias ainda não trataram do caso. Ficamos, portanto, na dependencia exclusiva da United Press para saber o que aconteceu depois, isto é, depois que o marechal Stalin não deu com uma garrafa na cabeça do general Timoshenko. Estamos aflitos!



O interventor Amarel Peixoto, chefe do Serviço de Abasacimento, contou, numa longa entrevista, que está ás voltas com o Tribunal de Segurança um exportador de sal que pediu "um tanto por fora" para despachar a mercadoria. Agora é isso: deram para pedir "um tanto por fora". Não se faz mais nenhum negocio direitinho, por dentro. A fatura, o contrato, a letra, o recibo, a carta, o livro — o papel em resumo, diz uma coisa. Mas não faz tudo. O resto vai "por fora". E é assim, "por fora", que essa gente se enche.

Outro dia um amigo meu alugou um apartamento na Lagoa. O proprietario, um cavalheiro rico, não teve a menor vergonha de cobrar 1.500 cruzeiros "por fora". Meu amigo gemeu, deu uns pulos e pagou, porque precisava do apartamento.

Que fazer? Dizer aqui o nome desse rico sem vergonha, usurario, ladrão? Mas não há provas: a coisa foi feita "por fora". Eu ainda poderia ser processado por crime de calúnia. Qual é o remedio?

Senhor proprietario de um prédio ás margens da Lagoa: o senhor alugou um apartamento ao sr. L. E., um apartamento terreo. Pois o sr. L. E. me contou. E como agora eu comeci a escrever no jornal me lembrei disso e, sem pedir licença ao sr. L. E., venho lhe dizer isto que o sr. L. E. não lhe diria nunca porque é um rapaz muito bem educado e além do mais é seu inquilino e não quer saber de encrencas: o senhor é um ladrão. O senhor roubou 1.500 cruzeiros de um homem pobre que vive do trabalho. Isso é sujeira, está ouvindo? O senhor está pôde de rico, já era tempo de parar com essas sujeiras. O senhor não vai preso; ninguem o denunciara. Mas pelo menos ouça isso mais uma vez: o senhor é um ladrão, é um sujo. E não fique ofendido: tudo o que escrevi ai por cima vai "por fora"...



o Trecho da Brasil, Ligando o Campo Aionso

do ciais e demais auxiliares da Escola de Aeronautica, numa demonstração eloquente do seu reconhecimento ofereceram um lauto almoço aos engenheiros da Central do Brasil, o qual transcorreu num ambiente de mais viva camaradagem.

Ontem, no Rio Negro

O presidente da Republica recebeu, ontem, para despacho, no Palacio Rio Negro, ex-Tropopolis, o sr. Apolinio Sales, ministro da Agricultura.

O sr. Bernardes Mascarenhas esteve, ontem, no Palacio do Catete, a fim de agradecer ao presidente da Republica a sua nomeação para vogal representante dos empregadores da Junta de Conciliação e Julgamento de Trabalho.

NOTICIAS DO ESTADO DO RIO

CAMPAÑA PELA CARCEIRA PROFISSIONAL NO ESTADO DO RIO

O Serviço de Fiscalização e Estatística do Trabalho do Estado do Rio continua sua

1808. O primeiro açúcar brasileiro chegou a Portsmouth, New Hampshire, em 1803, a primeira botacha e cacáu brasileiros chegaram a Nova York em 1810; enquanto que os primeiros couros procedentes do Rio Grande do Sul foram postos á venda em Philadelphia, no mesmo ano.

E assim, repleto de dados, tu-

VÊ MUNDIAL CAVALCANTI, INSPE-

UM QUADRO GERAL DA O DO INIMIGO

quando deixarmos de dar corpo e atenção às coisas secundárias.

O ESFORÇO DE GUERRA NACIONAL

O esforço de guerra de uma nação não se positiva sem que os homens creiam e confiem. A guerra é duríssima para os que a enfrentam, e estamos vendo que de preparo e decisão ela exige no fogo das batalhas.

Além da crença e do espírito de confiança, a guerra é sangue e dinheiro. Sangue e fé é crença, é vontade.

E, pois, o holocausto que ninguém nega à bandeira da Patria. O dinheiro é o instrumento sem o qual é impossível tentar a guerra.

O dinheiro, porém, não é obra de milagres — resulta do equilíbrio com que se exerceram e exercem as faculdades do homem ante os interesses vitais da Nação e seus compromissos de honra.

O Feijão Preto e a Farinha de Mandioca Têm Novos Tabelamentos

O chefe do Serviço de Abastecimento assinou resolução estabelecendo para o feijão preto e farinha de mandioca tabela mento idêntico ao que foi adotado para o charque.

A Princesa Que Tinha o Nome Maior do Mundo

LISBOA, 15 (A. P.) — Comentando a noticia de Viena, da DNE, sobre a morte da arquiduquesa Tereza, de 89 anos, viúva do arquiduque Carlos Luiz, irmão do imperador Francisco José, da Austria, o "Diario de Lisboa" lembra que a arquiduquesa era filha do rei Miguel, de Portugal, e que o seu nome todo era — d. Maria Tereza da Imaculada Conceição Fernanda Eulalia Leopoldina Adelzide Isabel Carolina Micaela Rafaela Gabriella Francisca de Assis e de Paula Gonzaga Inês Sofia Bartolomeu dos Anjos, princesa de Bragança e Alteza Real de Portugal.

Citando o livro sobre a descendência do rei Miguel de autoria de Caetano Ecirão, o

Diretoria Nacional do Serviço de Defesa Civil

Encontram-se nesta capital, desde ante-ontem, afim de participarem de um estagio de 25 dias na sede da Diretoria Nacional, no decorrer do qual farão um Curso de Especialização sobre assuntos afinentes ao Serviço de Defesa Civil, os seguintes diretores regionais desse Serviço nos Estados:

- Da Baía — dr. Tobias Netto.
- Do Espirito Santo — major Pedro Maia de Carvalho.
- De São Paulo — dr. Olavo de Fretas e seu assistente, dr. Paulo Lacerda de Godoy.
- Do Paraná — capitão Fernando Flores.
- De Santa Catarina: — dr. Rogerio Vieira.

Além desses diretores regionais, participarão desse 1º turno de estagio e especialização os senhores, dr. Lourenço Mega, e dr. Sodré Borges, respectivamente, diretores regionais do S. D. C. do Distrito Federal e do Estado do Rio.

Sob a direção e orientação do diretor nacional do S. D. C. foi já iniciado, ontem, o Curso de Especialização a ser assistido por tão destacadas figuras do Serviço Nacional de Defesa Civil. Curso que prosseguirá até o dia 10 do proximo mês de março.

Isentos do Imposto do Selo os Atos de Constituição da Companhia Nacional de Alcalis

O presidente da Republica assinou um decreto-lei isentando do imposto do selo os atos de constituição da Companhia Nacional de Alcalis.

Ordem do Dia Rubem Braga

O Serviço de Meteorologia disse que a onda de calor que invadiu o sul do país não vem ao Rio. Vai regressar o embaixador Souza Dantas; com ele vem o pessoal da embaixada, inclusive um Tavares Bastos que



provavelmente é o Charles Lucifer, beueno homem agitado, advogado no Brasil, locutor na Franca. O nosso velho Lucifer, sempre ás voltas com suas "criaturas" e "criaturinhas", telefonando espasmódicamente, fazendo versos em francês. Quando ele foi embora deixou um gato na casa de Santa Rosa. De vez em quando o gato dava um pulo, estremezia, rodava, corria, miava. E Santa Rosa explicava que o gato estava "atuado" porque com certeza naquele momento o Tavares estava recebendo telefonema de alguma "criatura" em Paris. Vem tambem Paulo Carneiro, que foi secretário da Agricultura em Pernambuco, um homem alto, bem falante, positivista, químico; na França ganhou um premio por seus estudos sobre o "curare". Enfim, é gente boa que vem aí, saída das mãos dos nazistas. Não conheço os diplomatas nazistas trocados por esses, mas tenho certeza de que nós ganhamos na barganha.

Os portugueses que estão torcendo pela vitória das Democracias podem desanimar: o jornal "A Voz" de Lisboa, escreveu que é uma ilusão pensar que a vitória dos aliados provocará a queda do governo autoritário de Portugal. O Salazar não sai. Pelo menos é o que ele pensa, e "A Voz" diz. Fugiu da cadeia Volta Seca, antigo lugar-tenente de Lampeão. Esse rapaz matou muita gente a frio, mas parecia regenerado: na cadeia aprendeu o ofício de marceneiro e fazia tricô e florezinhas artificiais. Devia ficar 30 anos preso, mas fugiu, pulando um muro eletrificado. Se um homem se liberta assim de repente, que dirá um povo? E' possível obrizar um povo a fazer tricô e florezinhas artificiais a vida inteira? E ainda mais quando não é um povo de canaceiros e sim um povo inocente! C Ferro, sim, pode ficar a vida inteira sob Salazar a fazer sua literatura de tricô e florezinhas artificiais para enfeitar os membros do governo. Mas o povo não é de ferro.



A Remonta do Exército Cede, Gratuitamente Aos Fazendeiros, Animais Puro-Sangue Para Reprodução

O DEPOSITO DE MONTE BELO, E M BENFICA — A CESSÃO GRATUITA, DE REPRODUTORES



segue do Deposito um puro-sangue, responsabiliza-se pelo seu alojamento e alimentação durante o tempo em que o reprodutor estiver na fazenda e para isso deverá ter um boxê fechado, bem situado e com todas as condições de conforto e segurança.

A Formação Veterinaria, continua o capitão Denys, esta afeta a parte tecnica do Deposito e aos oficiais veterinarios cabe o serviço de seleção das eguas aqui trazidas para padreação e visitas periodicas aos postos onde destacamos os nossos garanhões. E desse modo, têm os oficiais oportunidade de realizar um dos mais importantes trabalhos...

Que o Carioca Mais Amiu no Carnaval

LIXI E A BANANA TIVERAM A PREFERENCIA

na Granel — Interessantes Declarações do Assistente do Presidente da C. E. F.



O sr. Mario Monteiro, quando prestava suas declarações

com, foi a multiplicação desses "estabelecimentos" de emergência nesses dias.

Em fins de dezembro ultimo, já a cidade apresentava, em muitas de suas ruas e esquinas, um numero consideravel desses taboleiros. O publico era francamente beneficiado, pois os ambulantes, isentos do pagamento da licença municipal, promoviam a venda das frutas nacionais ou estrangeiras por preços ao alcance de quaisquer bolsos.

UMA INICIATIVA INTERESSANTE

Coube a Comissão Executiva das Frutas, no desempenho da finalidade que determinou sua criação, promover a venda, em todos os bairros da cidade, afim de que se escoasse a produção e, tambem, para colocar no alcance de todos esses alimentos saudaveis e nutritivos.

A C.E.F. entrou em entendimentos com a Prefeitura afim de que ficassem isentos de quaisquer onus todos aqueles que se dedicassem a venda de frutas em logradouros publicos.

Com plena aquiescencia do prefeito Henrique Dodsworth a C.E.F. passou a fornecer aos interessados carteiros gratuitos, permitindo aos mesmos o exercicio de sua atividade altamente interessante para a população.

NUNCA SE VENDEU TANTA FRUTA

O sr. Mario Monteiro, assistente do presidente da Co-

missão, falando-nos sobre o assunto, disse-nos:

— Nunca se vendeu tanta fruta como neste carnaval. Pode-se mesmo afirmar que uma grande parte da produção de frutas nacionais e estrangeiras, foi consumida durante o periodo de Momo.

AS FRUTAS QUE MAIS SE VENDERAM

A laranja, o abacaxi, as bananas, foram de preferencia, as que mais se venderam. Não temos, no momento, dados necessarios que nos permitam saber a quantidade de frutas que o carioca consumiu durante os festejos carnavalescos, adquirindo-as nas barracas ou taboleiros dos vendedores. Basta dizer que foram expedidas duzentas carteiras. Vendedores há que apenas no sabado tiveram, livre de despesas, mais de duzentos cruzeiros. E sua feria excelente e que bem revela a quantidade de fruta vendida. A venda de laranja pode ser avaliada em mais de mil caixas, durante aqueles dias. E o que os senhores viram será suplantado o ano que vem, com medidas oportunas e verdadeiramente interessantes. A C. E. F., terá assim, como teve desta vez, indiscutivel participação no carnaval carioca, disse, concluindo, o sr. Mario Monteiro.

Ordem do Dia

Rubem Braga

E lá se foi o Carnaval — e o diabo que o carregue. Carregue a ele e carregue a mim tambem se no ano que vem eu tiver outra vez a idéia de sair do Rio nesses dias. Sim, é verdade, andei um pouco a cavalo, respirei o ar dos campos — e havia quaresmas floridas, paineiras floridas, acácias floridas — e havia a cachoeira, e o Rio onde não consegui pegar o mais miseravel lambari (e me falavam em bagres e traíras, até em plauzinhos!) e a mata, com seu verde escuro onde brilhavam as folhas de prata mole das embaúbas... Mas quanta baldeação! Baldear, baldear, baldear! E que trens, e que horarios e que apertos! Sim, é verdade, viagem pela Central, a excelente ferrovia que separa o Rio de Janeiro de São Paulo, Minas e Estado do Rio.



Mas não há de ser nada. Um homem é um homem e um gato é um bicho. Houve até um agente de estação que recebeu palmas e vivas porque fez esta coisa prodigiosa: arranjou um trem. Houve outro agente que ao saltar de um trem no escuro caiu num buraco enorme ao lado dos trilhos, e quando voltou lá de baixo tinha lama ate nas orelhas. Houve o diabo. Mas afinal chegamos ao Rio — e a Quaresma. Excelente Quaresma, que eu inicii fazendo jejum de carne, eu e muita gente mais. Peio menos isto será um motivo de otimismo: jamais, neste país, houve uma Quaresma tão propicia como esta á abstinencia e ao jejum. Avante, consumidores cariocas: a jejuar, a jejuar!

O embaixador do Chile recebeu, outro dia, as pessoas que de um modo ou outro deram acolhida aos chilenos que estão no Rio com bolsos de estudos. Nunca se falou tanto do Chile no Brasil. Esse extraordinario pais está invadindo o nosso com dois produtos que ele produz melhor que qualquer outro da América: vinhos e poetas. Eis o que nos mandam, além do nitrato, as terras livres do Chile: mistrais, perudas, conchalis, santa-ritas, san-carlos... Vinhos e poetas, e agora um senhor Rio Seco, que veio estudar literatura brasileira. E seguramente temos ainda muita coisa a aprender com o Chile, além de nitratos, vinhos e poetas. Seguramente temos exemplos. Ora, bebamos cachaca com "pisco", e viva o Chile.



Nova Tabela de Preços Para Especialidades Farmaceuticas

Aprovadas Pelo Coordenador da Mobilização Economica as Tabelas Apresentadas Pela Comissão Executiva do Convenio Farmaceutico

O ministro João Alberto, Coordenador da Mobilização Economica, assinou portaria aprovando novas tabelas de preços apresentadas pela Comissão Executiva do Convenio Farmaceutico para as especialidades farmaceuticas participantes do grupo de preços reduzidos organizada pela Portaria n. 151, de 28 de outubro de 1943, na forma do item 1.º do Convenio Farmaceutico.

de produtos farmaceuticos promover a ampla publicação de uma e outra, conjuntamente e distribui-las entre as formas sob a sua jurisdição.

O "Diario Oficial" de ontem, publica o referido ato, acompanhado da relação do grupo de especialidades farmaceuticas cujos preços baixam de 20% de acordo com o aludido Convenio.

As tabelas de preços ora referidas vigorarão obrigatoriamente, sob as penas legais, a partir de 23 do corrente, substituindo inteiramente a lista de especialidades que acompanhou

Mais Moedas Para Circulação

As Fibras Nacionais de Juta Não Poderão Ultranassar o

14 ?

Ordem do Dia

Rubem Braga

Leda amava o jovem fuzileiro Maciel. Encontrou-o ao lado de Arminda, e despejou um copo de amônia nos olhos dele. Leda está na cadeia, Maciel no Hospital, Arminda anda solta por aí — e outros olhos a olham,



outros olhos bebem o veneno de seus cabelos, de seus braços, de sua boca, de seus joelhos. Maciel já não vê Leda nem Arminda; e já não mais verá talvez ninguém. Passarão Rute e Maria; uma de branco, alta e morena, com olhos azuis sensacionais; outra alva e pequena, de azul, sorrindo ao sol. E passarão Clotilde, e Joana, a Fácil, e Juliana, a Impossível. E o fuzileiro Maciel não verá uma nem outra, nem nunca mais talvez mulher nenhuma. Pois seus olhos ficaram cegos pelo crime de ver; pois Maciel viu Arminda. Ah, não vejamos Arminda. Quando ela passar, essa Arminda ou qualquer Arminda (as Armindas andam soltas neste Rio de Janeiro, ninguém toma a menor providência) baixemos os olhos, baixemos-os ao chão, ao duro chão, ao triste chão. Quem viu Arminda? Acaso alguma vez tu viste Arminda? Vós, vistes Arminda? Sim, eu vos confessarei que uma vez eu vi Arminda: sim, era seguramente Arminda. Era Arminda... Não vejamos Arminda! Dentro de seus olhos cegos o fuzileiro Maciel ficará talvez para sempre vendo Arminda, vendo Arminda... Leda, pobre e ruim Leda: ele ficará para sempre vendo Arminda...

As galinhas vivas foram tiradas do tabelamento; dentro da tabela elas não podiam lutar com as galinhas mortas dos matadouros. Diz um jornal que agora virão muitas galinhas; galinhas às mancheias e vivas. Sejam bem-vindas as galinhas vivas. Vivam as galinhas vivas e morram as galinhas mortas! Vinde, oh galinhas, vinde ao Rio, cá estamos e cá vos queremos. Nada de tabelamentos; galinha não pode ter tabelamento. Galinhas são livres. Salve o Serviço de Abastecimento. Nós queremos galinhas, nós queremos galinhas.



O presidente Roosevelt vetou a lei orçamentaria, mas os deputados derrubaram o veto do presidente. O presidente Roosevelt não mandou prender os deputados. O presidente Roosevelt é presidente de uma República; não, é como qualquer Hitler, dono de um país. O presidente quer que uma coisa seja assim; os deputados acham que não pode ser; que está difícil — e o presidente a única coisa que pode fazer, é dizer: ora essa. E isso em tempo de guerra. E ninguém tem faniquito por causa disso, ninguém chama os outros de quinta-coluna nem acha que o país vai perder a guerra. Eis um governo forte.



Ordem do Dia

Rubem Braga

O presidente Ramirez, da Argentina, entregou os pontos ao general Farrell. Esse general se diz nacionalista: muita gente desconfia que seja "nacionalista", como os nossos plintos e barrocos. Ramirez assinou uma declaração dizendo (eu me guio pela tradução das agencias) que "fatigado por intensas tarefas do Governo que exigem que eu tome descanso, delego o mandato, que desempenho, ao vice-presidente, etc." Parece, portanto, que as tarefas do Governo é que exigiram que ele tomasse descanso. Pois descanse em paz. Um jornal levanta uma grave duvida: houve deposição, renuncia ou delegação de poderes? O fato é que o homem deu o fora, e no lugar ficou um outro que parece ser vinho da mesma pipa — talvez um pouco mais azedo.

O chanceler Aranha fala da possibilidade do Brasil reatar relações com a Russia. Os comediantes, que fizeram tão bom teatro no Municipal, vão a São Paulo. E Suzana foi-se embora. Já não falarei de seu valente irmão; apenas de Suzana, e é tanto! Ela foi-se embora: ao que o leitor dará de ombros, pois não a conhece. Faz mal. Entre crianças e adultos é a criatura mais graciosa do país. Eu a ensinei a falar "paralelepipedo". Ela me contou a historia do Castelo que pegou fogo, São Francisco deu sinal, acudam acudam acudam a Bandeira Nacional, Passeamos de bicicleta. E' minha professora de innocencia (do Leblon) e tenho um medo secreto de sua malicia. Foi pelos ares para o belo país das montanhas; anjos aerovisarios a levem e a tragam de volta. Na volta com certeza já terá esquecido a palavra "paralelepipedo". E terá feito bem: é uma felicidade esquecer a palavra "paralelepipedo". Afinal, eu sou um espirito de potco: ensinei Suzana a falar "paralelepipedo". Mas não importa: ela se esquecerá conversando com as andorinhas e as nuvens.

Trecho da tese apresentada pelo sr. J. Rodrigues Vale, delegado da Associação Commercial de Juiz de Fóra, professor catedratico da Faculdade de Ciencias Economicas do Rio de Janeiro, e docente da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, sob o titulo "Considerações contra a inflação monetaria", ao Primeiro Congresso Brasileiro de Economia: "Numerosos dispositivos legais, em vigor, em nosso país, favorecem essa gente mais incapaz. Basta lembrar que se concede um premio um aumento de retribuição, aos mais incapazes, aos mais imprevidentes, aos que têm mais filhos".

C\$ 14.000,00

Ordem do Dia

Rubem Braga

A Sociedade Brasileira de Escritores elgeu uma nova diretoria. Anibal Machado, é o presidente. Malba Tahan pediu providencias contra a mania de editar livros escritos do além tumulo. Disse que tem em casa um livro



de Humberto de Campos, escrito do Além, com dedicatória assinada por Humberto de Campos, tambem do Além. Está assustado porque recebeu carta de um medium dizendo que, logo que ele, Malba Tahan, morrer, está à sua disposição para algum livro que queira escrever do Outro Mundo.

Malba Tahan diz que absolutamente não pretende escrever nenhum livro depois de morto; quando morrer, quer descanso. A assembléa aprovou por unanimidade uma moção em que a Sociedade se solidariza com Ivan Pedro De Martins, autor do romance "Fronteira Agreste", livro cuja circulação foi proibida por um diretor interino do DEIP do Rio Grande do Sul. A Sociedade declarou sua convicção de que a censura a criações artisticas e literarias é incompativel com o desenvolvimento da cultura e serve diretamente à causa do fascismo. A Sociedade espera que o ato injustificavel seja anulado por quem de direito.

O professor Roger Bastide está no Nordeste estudando a influencia africana na população. Declarou à Agência Nacional que tem visto muitos tipos de beleza feminina na Bahia, no Recife e em João Pessoa. Muito bem, professor. Fez anos ontem Moacir Werneck de Castro, crítico literario deste jornal. O "Times" noticia que "New Yorker" resolveu não permitir mais nenhuma condensação de artigos, publicados em suas colunas no "Reader's Digest", porque esta revista está subsidiando outras para publicar artigos que, ela lhes dá, e depois condensa. Enquanto negocia a paz com a Finlândia, a Russia manda 600 aviões bombardear Helsinki. E' o que se chama uma pressão de cima para baixo, que deve causar uma pressão de baixo para cima: dos franceses contra os governantes pró-nazistas que os levaram à guerra contra a URSS. E fora disso não há nada: choyc, aumentam as filas de leite, faz calor...



Ordem do Dia

Rubem Braga

Muito hã essa noticia que está nos jornais: Dulcina vai para o Municipal oferecendo a 10 cruzeiros a noite na peça de Bernard Shaw, Giraudoux e Garcia Lorca. O grande poeta que os esbirros de Franco mataram em Granada (mataram como aqueles gordos e ferozes porcos haviam estracalhado um cordeiro na presença do poeta) vai reviver para a nossa mente nas cenas dramáticas de sua "Bodas de Sangre". Não deixem de ver.



"Bodas de Sangre" é Espanha: é a mais alta e profunda Espanha, não essa de hoje, escravizada a cabeças tão pobres e corações tão vazios, esse brejo morno de sangue coagulado em que voza, ao sabor de qualquer vento, a canção de um pequeno caudilho. Nem com a ajuda de Hitler, de Mussolini, ou dos punhais dos mouros, o general Franco poudo liquidar a Espanha. Ela está viva em "Bodas de Sangre"; Garcia Lorca buscou as forças mais elementares de sua raça e se mostra poderoso como Shakespeare. O poeta assassinado trará ao Rio uma profunda mensagem de seu povo. A tradução é de Cecilia Meireles; não a li, mas não escolheria no Brasil outra pessoa para fazê-la.

Dulcina topou uma parada forte propondo-se a nos dar Garcia Lorca; façamos votos para que se haja bem.

E já que estamos no Municipal, vamos descer até o Asirio. All em baixo, onde era o cabaré vai ser inaugurado amanhã um restaurante do SAPS que servirá de escola para cozinheiros, copeiros e garçons. O publico terá suas refeições a 8 cruzeiros e meio. A idéia é boa. Podiam fazer tambem um restaurante que servisse de escola para... fiscais de restaurantes. Por falar nisso, haverá mesmo fiscais de restaurantes? Deve haver, em um país tão cheio de fiscais como o nosso. Mas com certeza eles não comem nos restaurantes nem muito menos examinam as suas instalações internas: são homens de estomago delicado e olfato sensível. Exploração do publico, sujeira minuciosa, desde os copos sujos até as instalações sanitarias horrendas e, em muitos, as toelhas incríveis, deenduradas, molhadas, negras, que transmitem a cada mão a imundicie de cinquenta mãos. Toda a pior tradição de sujeira italiana e portuguesa brilha e pompeia, aperfeicoada pelo calor dos trópicos, nos restaurantes cariocas. Ainda bem que não se vêem as cozinhas: laboratorios infernais povoados de moscas e restos. E como a exploração é totalmente livre (não há tabelamento nem nominal, nem desonesto, nem de jeito nenhum) os pratos diminuem e os preços aumentam. A sujeira é que não aumenta porque não tem por onde. O novo restaurante vai ensinar aos empregados, essa historia de vitaminas, calorias e outras galinhagens profundamente científicas. Está muito bem: eu pessoalmente não gosto dessas coisas, que me tiram o apetite, mas enfim não creio que façam muito mal. Mas por que não começam por ensinar os meios de combate às moscãs, às baratas, aos ratos e ao sujo, ao grande sujo, ao tremendo sujo, aos vergonhoso sujo carioca dos restaurantes, mais sujo que o italiano, mais sujo que o português, flôr imunda de mil raças sujas?



CONVENIO

— E isso porque ainda não dispomos de fornos modernos, porque então o fabrico seria ainda mais rapido.

NO SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDUSTRIAS DE PANIFICAÇÃO

Deixando aquele sindicato patronal, dirigimo-nos ao dos Empregados nas Industrias de Panificação.

— Ali fomos atendidos pelo sr. José Colone, da diretoria, o qual, além de ser um antigo profissional, já occupou por diversas vezes cargos relevantes na diretoria daquele orgão.

Falando sobre os 20% do salario noturno que os trabalhadores dessa categoria vão perder este exclamou:

— Foi fixado o salario minimo profissional para todas as categorias de trabalhadores da nossa classe. As vantagens são grandes, tanto para o trabalhador de industria como para o comercio de panificação, sendo que na parte do comercio, os beneficios serão ainda maiores dos que tinham até agora os entregadores.

Depois do convenio — continua o nosso interlocutor — o salario profissional do trabalhador passou a ser de Cr\$ 425,00, sem prejuizo das comissões que já vinham recebendo anteriormente.

FIXAÇÃO DO SALARIO PROFISSIONAL

Proseguindo, acrescenta: — O vendedor geralmente, levantava-se ás 3 ou 4 horas, conforme o local em que residia e vinha vendendo todas as especies de dificuldades para pagar o servico ás 5 da manhã. Agora, isso não mais se verifica.

Com a fixação do salario profissional para todos os que trabalham na industria de panificação, acho que muito lucrôu a nossa classe. Muita gente tem feito alarde pelos jornais, porém estes são aventureiros da classe e garantio que não possuem a carteira profissional nem a do nosso sindicato, nor que toda a classe aceita o convenio. — concluiu o sr. José Colone.

Ontem, no Rio Negro

DESPACHARAM COM O PRESIDENTE DA REPUBLICA O MINISTRO DA FAZENDA, O PRESIDENTE DO BANCO DO BRASIL E O PREFEITO DO DISTRITO FEDERAL — RECEBIDOS EM AUDIENCIA

O presidente da Republica recebeu ontem, para despacho, no palacio Rio Negro, em Petrópolis, os srs. Artur de Souza Costa, ministro da Fazenda, João Marques dos Reis, presidente do Banco do Brasil, e Henrique Dodsworth, prefeito do Distrito Federal. Em audiência, o chefe do governo recebeu o sr. Berent Friele, representante do coordenador dos Negocios Inter-Americanos no Brasil e adido à embaixada dos Estados Unidos.

O sr. Romero Estelita esteve no palacio Rio Negro, afim de agradecer ao presidente da Republica o telegrama de felicitações que lhe enviou por motivo de seu aniversario natalicio.

Para Ceder Lugar á Demolição da Prefeitura

ESTÁ SENDO TRANSFERIDO DE SEDE O GABINETE DO SECRETARIO GERAL DE VIAÇAO

Divulgamos recentemente que, em virtude de se encontrar prestes a ser demolido o edificio da Prefeitura, para abertura da avenida Presidente Vargas, seria transferida a Secretaria Geral de Viação, para o edificio Capitólio, na avenida Nilo Peçanha n. 12. Confirmando essa noticia, o gabinete do titular daquela Secretaria acaba de ser transferido para aquele edificio, onde funcionará a partir de hoje. Dentro de poucos dias deverá estar funcionando, também no edificio Capitólio, o Serviço de Expediente daquele importante orgão da Municipalidade e o seu respectivo serviço de protocolo geral.

PERDEU-SE a cautela n.º 591319 da Caixa Economica — Agencia 7 de Setembro.

Alterado o Preço da Formicida Fluminense

O secretario de Agricultura do Estado do Rio acaba de assinar uma portaria alterando o preço da formicida de fabricação de sua Secretaria. Conviem esclarecer que o novo preço de Cr\$ 50,00, fixado para a caixa do produto, não se refere propriamente a este, mas sim ao vasilhame em que é acondicionado e ás respectivas caixas, de difficil aquisição no momento. Nestas condições o preço da formicida continua sendo de Cr\$ 40,00. O aumento de Cr\$ 10,00 representa o preço do acondicionamento, importância que será devolvida ao consumidor desde que este restitua os vidros e as caixas. Aquela Secretaria faz um apelo aos lavradores no sentido

Cr\$ 14.000,00
em 60 prestações sem juros

Ordem do Dia

Rubem Braga

Os verdes mares bravios estão avançando pela terra: invadiram a praia de Itacema, deixaram meio metro de areia na rua, fizeram cair varias casas. Em nenhuma cidade do Brasil eu gostaria tanto de morar como em Fortaleza, a simples, de canoa batidas pelo sudeste, de galopes de jangadas, e panciadas na cada do Bie, cidade cheia de gente viva e amiga de todo mundo. Mas talvez não fosse má idéa um pouco menos de terra e um pouco mais de

mar neste mundo. Ah, que em noite de lua cheia uma grande maré de equinócio quebrasse os bancos, invadissem os bars, arrebatasse os cassinos, derrubasse os apartamentos de Copacabana; e depois de moer e triturar todo o cimento, todo o tijolo, todo o aço e todos os objectos das lojas de antiguidade, pusesse tudo num fundo de charco até além de Barata Ribeiro, até a montanha, e entupisse os tuncis. Os homens e as mulheres voltariam depois, pela Gavea, e não veriam mais que areia e lagoas de agua salgada enchendo e vasando devagar com as marés. Os pobres dos morros desceriam para pescar sirlis. Sim, pode ser que o prefeito e os proprietarios de moveis não aproveem essa idéa. Mas eu não sou um tribuno do povo nem um escriba do governo: apenas um pobre cidadão particular. E haveria em meu peito uma limpeza e um sossego; a boa areia cobriria, a boa agua do mar atorgaria alições antigas, recordações que são tenues fantasmas que seguem um homem ao longo das ruas; e o tocariam nas espinhas, e o espreitavam na porta dos edificios, e o chateavam de madrugada, no fundo de um bar... Agua, areia, limpeza no peito, sossego no peito.

E como não posso pescar nem, com certeza, sel pescar, o remédio triste e ir comprando livros sobre pesca. "La Pêche au bord de la mer", de Lucien Jauenne e J. H. Perreau, edição da Librairie J. B. Baillière et Fils, Paris, 1912. Custou cinco cruzeiros num sebo da São José: prazer barato, tristeza barata. Fiz um terrível plano secreto. Quando a guerra acabar faço uma cavacão qualquer e dou um jacto de ir para a Europa. Chego em Paris, mando cartões postais para os amigos e desapareço. Alguns conhecidos pensaram que estou estudando alguma coisa, visitando os museus cu fazendo reportagens. Outros dizem: "Aquele sujeito? Nada disso. Na certa está lá pelos cabares, bebendo como um samba e espiondo o mulhero."

E estarei em cima de uma pedra qualquer, em qualquer lugar da Bretanha, com uma vara de bambu na mão, pescando talvez cocoróca e pensando cantamente em ti, Joana.

tifica o abuso

s Que Estão Cebando Prees Aos Tabeitados

to cessidades, não assiste aos realistas procederem da forma como alguns vêm procedendo.

A distribuição nos ultimos dias tem sido feita com alguma diminuição em confronto com datas anteriores. Já anteriormente, porém, foi um pouco melhor, ontem igualmente melhorou e espera o Serviço de Abastecimento que o de hoje

A Primeira Restauração

Ordem do Dia

Rubem Braga

Os líderes anti-fascistas italianos — democratas, socialistas e comunistas — protestam contra o apoio que Churchill deu a Badoglio e ao rei. Anuncia-se, para sábado, uma greve de 10 minutos, em Nápoles. Os italianos, que sempre viram o rei e o general ao lado de Mussolini, garantido com a sua espada e com o prestígio da coroa e a quadrilha dos camisas negras, não têm nenhuma confiança nos dois velhos — e fazem muito bem. Não valha a pena mesmo libertar a Itália para entregá-la a mãos tão sujas. Essa política não é, sem dúvida, a mais própria a animar os heróicos pobres diabos que, em outros países dominados pelo fascismo, estão lutando pelas democracias.

E a Inglaterra de hoje faz lembrar a França do Diretório, que não tinha mais democracia para o consumo interno, mas ainda podia exportá-la. Faz lembrar às avessas.

460 padarias resolveram instituir no Rio o regime do pão duro matinal. Isso é uma dessas coisas que essa gente inventa, depois de muito pensar, com uma única finalidade positiva: chatear a população. Achem que o povo está muito alegre e muito folgado e combinam lá uns com os outros: vamos fazer essa turma comer pão dormido? E o trabalhador que se levanta cedo para pegar o trem do subúrbio acaba de tomar o café com um sorriso nos lábios e sai para a estação cantarolando e dizendo consigo mesmo: "Bem, é verdade que essa viagem de trem é horrível e a de bonde é de smargar. É verdade que o trabalho está duro e o dinheiro cada dia dá para menos comida, e cada dia há menos comida para comprar com o dinheiro. Mas felizmente agora tem esse pão dormido..."

Oh, senhores, assim acabaremos todos como aquele camaráda da anedota de Mario Neme, que dizia: "Eu tenho mulher e seis filhos e ganho só 400 cruzeiros; mas, em compensação, vai tudo em farmácia." Assim acabaremos todos! Todos, não. "Eles", não. "Eles" não acabam...



a Terá Fresco

OS DOIS SINDICATOS PADARIAS



lavradores noturnos veio pro-

outras coisas, resolve o seguinte:

Suspender definitivamente a vigência do contrato coletivo, firmado entre os citados sindicatos convenientes, ressalvado aos mesmos o direito de fazer nova convenção que atenda aos interesses das classes, e quanto ao descanso semanal, salário e outras condições constantes do contrato suspenso, sem importar, entretanto, na obrigatoria alteração do regime de trabalho no que concerne ao horário da entrega com que o pão vinha sendo servido aos habitantes do Rio de Janeiro.

Venda de Generos Diretamente ao Povo

RECEBIDA PELO PREFEITO UMA COMISSÃO DE LAVRADORES

O prefeito recebeu, ontem, em seu gabinete, uma comissão de lavradores do Distrito Federal, da zona servida pela Central do Brasil, que foi propor ao chefe do governo da cidade, medidas para a venda direta à população carioca, dos seus produtos, bem como o aumento de produção e o respectivo escoamento.

O prefeito recebeu com a maior simpatia o propósito dos lavradores cariocas, prometendo entender-se, a respeito, com as demais autoridades a que estivesse subordinado o assunto, e ainda tomar providências com relação aos transportes para o escoamento da lavoura. Para

O Carioca Terá, Hoje, Carne Com Fartura

O serviço de abastecimento, através do órgão encarregado de carne e derivados, distribuiu ontem aos açougues 270.000 ks. de carne que serão vendidos, hoje, no varejo, à população.

A distribuição de hoje, para o consumo de amanhã, domingo, será ainda maior, pois atingirá a 300.000 ks. quantidade mais que suficiente para o abastecimento da cidade na época atual.

Por outro lado, desde ontem os hotéis e restaurantes estão sendo abastecidos com carne argentina, o que favorece a população pela diminuição da compra pelos mesmos hotéis e restaurantes da carne nacional.

O Comandante Amaral Peixoto Visitou o Mercado Municipal e as Feiras-Livres

O comandante Amaral Peixoto, chefe do Setor de Abastecimentos da Coordenação da Mobilização Econômica esteve ontem no Mercado Municipal e em diversas feiras-livres, verificando os preços das mercadorias postas à venda. S. S. esteve também na Comissão Executiva do Leite assistindo a distribuição e venda do produto.

Foram instaladas nas feiras livres pelo Serviço de Abastecimento barracas de generos alimentícios pelo sistema de vendas diretas ao publico. As primeiras barracas estão funcionando a título de experiência e têm correspondido às expectativas gerais.

A diferença de preços entre os generos da Coordenação e os da feira oscila de 20% a 30%. Diversas mercadorias, em consequência da instalação dessas barracas, conforme se pode verificar já baixaram de preços, esperando-se que novas outras sejam criadas para atender às necessidades do povo.

CONSULTAS "5\$000"

Olhos - Ouvidos - Nariz e Garganta -

Dr. Fortunato

Especialista com prática nos hospitais da Europa - Rua da Carioca, 6, 4.º andar, das 10 às 18 horas, diariamente

A Seção do Pessoal do DASP, Tem Novo Chefe

O presidente do Departamento Administrativo do Serviço Público, por ato da ontem assinado, designou o técnico de administração Tomás Vilanova Monteiro Lopes, da Q. P. do DASP, para exercer as funções de chefe da Seção do Pessoal do Serviço de Administração daquele departamento.

O sr. Tomás Vilanova Monteiro Lopes foi um dos treze classificados no primeiro concurso para técnico de administração, realizado em 1941, tendo chegado uma das scores da Divisão de Seleção do DASP. Ultimamente, vinha desempenhando suas atividades na Divisão de Aperfeiçoamento daquele departamento.

C\$ 14.000,00

em 60 prestações sem juros

Ordem do Dia

Rubem Braga

Contando o desastre de Inhaúma, em que morreram estupidamente 9 pessoas e ficaram feridas muitas outras, o "Diário" de ontem narra o desespero dos que tinham parentes ou amigos viajando no trem. Entre os corpos estragalhados e os feridos que gemiam ou gritavam, as mulheres e os meninos tinham crises nervosas, e os homens revoltados depredavam ônibus pertencentes à mesma empresa daquele que causou o desastre. E no meio dessa barafunda de dor e aflição apareceu "Moleque Geraldo" que "se meteu entre a massa popular e, aproveitando-se da confusão, bateu uma carteira contendo 2 mil cruzelros de um homem que ali se achava".

"Moleque Geraldo" foi preso na hora por um investigador. Talvez ainda esteja preso, o que é uma injustiça. Por que prender "Moleque Geraldo"? Ele não é um homem, é apenas um símbolo. E' o símbolo de todos os que aproveitam estas horas de sangue e aflição da humanidade para bater carteiras. Que outra coisa estão fazendo certos cavalheiros de nossa alta finança? Falam da guerra, dizem que estão ao lado do povo — e estão mesmo batendo carteiras. Não precisam meter a mão no bolso de ninguém. Todo mundo é obrigado a tirar o dinheiro e entregar direitinho: todo mundo que precisa de casa, comida, remédio, roupa, transporte, todo mundo que precisa viver. Liberdade para "Moleque Geraldo"! Soltem esse homem!

São sei si a Prefeitura tem muitos funcionarios efficientes, mas alguns eu conheço: esses homens que ficam nos postos para salvar a vida dos que estão se afogando. Esses homens deviam ganhar mais do que os sonolentos chefes de seção que nada fazem e ainda atrapalham. Tenho assistido a muitos salvamentos: eles sabem trabalhar e trabalham com destemor e zéio. A's vezes até com um pouco de zéio de mais. Outro dia, em Copacabana o mar estava desgraçado, e dois salvadores saíram nagua para buscar um senhor careca. O homem debatia-se lá fora, com certeza arrastado por uma corrente. A praia ficou cheia de gente. Varando as ondas, os dois salvadores se aproximaram do homem e o agarraram. Cá de longe parecia que estavam lutando; um instante de ansiedade. Finalmente, os dois salvadores conseguiram arrastar o homem. Quando chegaram à areia vimos que era um cavalheiro gordo, que ainda se debatia nos braços musculosos dos salvadores. Bebê-ra agua, certamente, e não podia falar. Quando falou, vimos que estava enegado era de raiva: "Ora essa, que absurdo! Eu estava muito bem, não pedi a ninguém para me salvar. Que sujeitos brutos! Estúpidos! Eu não estava morrendo coisa alguma! Quasi que me afogam!"

E uma grande via, com chuva de areia, abafou as outras palavras do senhor gordo.

CURSOS DE FRANCÊS

Ordem do Dia

Rubem Braga

FOI-SE embora Ludmila, de 16 anos e meio, atímido, olhos verdes. Ludmila é irmã de Tatiana e filha de Sergel Alexevich Orloff, ministro da U.R.S.S. no Uruguai. Ludmila recebeu os reporteres conversou direitinho, ajudou o papai a dar entrevista e disse que estava achando muito bonito mesmo o Rio de Janeiro. As pessoas que estiveram no Hotel Gloria notaram com assombro que apesar de seu nome (Orloff, Orloff!) e de sua procedência (Moscor, Moscou!) o embaixador é casado com uma senhora (penas e tem duas filhas moças que andam vestidas como qualquer moça direitinha de uma família da Tijuca, calçam sapatos, comem com colher, penteiam os cabelos e não mordem nem dão colce.

E o sorriso adolescente de Ludmila apareceu nos jornais — pequena mensagem afetiva da Sexta Parte do Mundo.

OS Estados Unidos fabricaram em fevereiro 350 aviões por dia; voltamos a ter o pão fresco; e apareceu carne. Dizem que a Rumania também mandou um homem a Estocolmo se entender com madame Kolontai, que outro dia recebeu o sr. Paasikivi da Finlândia. A Bulgária também pensa em paz. Nesse andar qualquer dia Hitler também manda um de seus calhordas a Estocolmo chorar no colo de madame Kolontai. Morreu, presa na Alemanha, uma filha de Giraud. Volta Seca foi preso outra vez. Betty Grable fez cesariana e deu à luz a pequena bailarina Vitoria Ellsabeté, com sete libras de peso; e como estou escrevendo isso no sábado, e falta água no bairro, e a fila de leite está enorme, o remédio é tomar um chopp! — passem bem, meus senhores!

Aproveitem!
 Os últimos lotes a 35 minutos do
 centro.

Cr\$ 14.000,00

em 60 prestações sem juros

Ordem do Dia

Rubem Braga

CHEGOU de Washington o sr. Julio Barata, e contou, entre outras coisas mais ou menos importantes, que Carmen Miranda esteve passando mal, quase morreu, porque fez uma operação para consertar o nariz. Não sei se vs. se lembram do nariz de Carmen: avançava um pouco e era meio torto, o que lhe dava certa graça. Agora ela está com outro nariz, made in U. S. A. Que restará de nossa Carmen? Perdeu o nariz torto, perdeu a bossa, inventou uma história de mexer com as mãos que afinal não tem graça nenhuma e faz no cinema papéis confusos de latino-americana. E os americanos gostam, ela ganha dinheiro, engorda, envelhece e inventa que é baiana; e tudo isso é pena. Porque afinal Carmen Miranda (a portuguesa, a norte-americana Carmen Miranda) já foi um verdadeiro patrimônio nosso. Eu me lembro: em 1929... Ah, não é Carmen, sou eu quem envelhece.

ACENTRAL "realistou" os preços das passagens nos trens do interior. Uma passagem para Entre Rios — esclarece um jornal — que custava Cr\$ 19,50, passa a custar Cr\$ 35,50. A barafunda argentina aumentou os Estados Unidos e a Inglaterra suspenderam as relações com o novo governo. O novo governo continua "de mal" com os países do Eixo. A Argentina vai acabar ficando entre a democracia e o fascismo como aquele sujeito que indo morar na Inglaterra esqueceu o português e não aprendeu o inglês. Navios de aviões cruzam a Mancha para jogar bombas de 5.400 quilos sobre a Alemanha; dizem que agora vai mesmo haver a invasão Zhukov marcha sobre Odessa. Os alemães não querem sair da Finlândia; os finlandeses não podem botar os alemães para fóra, e não querem que os russos entrem na Finlândia para fazer isso. Os russos estão impacientes; isso vai acabar mal. Na Inglaterra o maquinista de um noturno enlouqueceu; deixou na estação o chefe de trem e vários passageiros e locou a toda a velocidade pelo meio da noite, passando pelas estações sem parar. Aqui na Leopoldina e na Central não são os maquinistas, são os passageiros que ficam adidos. E as viagens estão demorando tanto que esse aumento que houve agora é inteiramente justo; afinal de contas para ir daqui a Entre Rios, os passageiros agora gastam tanto tempo mais do que antes que não estava direito que continuassem pagando a mesma coisa.

« é Decisivo Brasil »

« Edição — Expressiva Horas No Parque de Anhangabau da Pasta da Guerra »

sua comitiva, regressou à tarde do mesmo dia a esta Capital, tendo o avião especial em que fez a viagem de ida e volta decido no Aeroporto Santos Dumont pouco depois das 17,30 horas.

Aquele titular teve concorrida recepção, notando-se a presença dos generais ora no Rio e de todos os adjuntos do seu gabinete, tendo à frente o respectivo chefe, Cel. Bina Machado.

HOMENAGEM DO EXERCITO BRASILEIRO AO GENERAL HILL

Ante-ontem, às 20 horas, no Copacabana Palace Hotel, realizou-se um jantar que o Exército Brasileiro ofereceu ao Cel. Milton Hill, membro da Comissão Mista da Defesa Brasil-Estados Unidos. O agape foi presidido pelo general Maurício Cardoso, chefe do E. N. E., que também representou o ministro Eurico Dutra.

A solenidade, fez uso da palavra aquele oficial-general, saudando o Cel. Hill, tendo o homenagem agradecido. Estiveram presentes, além de outras pessoas, os generais Mascarenhas de Moraes, Alvaro Fluzza de Castro, Canrobert Pereira da Costa, Anor Teixeira dos Santos e Kroner, este adiido militar junto à Embaixada dos Estados Unidos, nesta capital; Cel. Bina Machado e tenente-coronel Leoni de Oliveira Machado, respectivamente, chefe e ajudante do gabinete do ministro da Guerra.

4.214 Alunos

Segundo dados colhidos no relatório das atividades da Universidade do Brasil, que o professor Leitão da Cunha acaba de enviar ao ministro Gustavo Capanema, o total dos estudantes que se matricularam em 1943 nos institutos de ensino da Universidade elevou-se a 4.214, assim distribuídos:

- Faculdade Nacional de Direito, 839; Faculdade Nacional de Medicina, 825; Escola Nacional de Engenharia, 700; Faculdade Nacional de Filosofia, 516; Escola Nacional de Belas Artes, 312; Escola Nacional de Música, 280; Faculdade Nacional de Odontologia, 165; E. N. de Educação Física e Desportos, 163; Escola Nacional de Química, 105; E. N. de Minas e Metalurgia, 104; Faculdade Nacional de Farmácia, 20; Escola Ana Nery, 165; total, 4.214.

Dr. Newton Motta

Médico

GINECOLOGIA — OPERAÇÕES — PARTOS

Consultório: — AV RIO BRANCO, 108 s/392

Tel.: 42-2171

(Ed. Martinelli)

2as., 4as., 6as. — 9 às 12

Receberam batinas 36 novos seminaristas, no Seminário São José, no Rio Comprido.

Realizou-se ontem à tarde, na capela exterior do Seminário de São José, localizado no Rio Comprido, a cerimônia da recepção de batinas dos novos seminaristas, em número de 36. A solenidade foi presidida pelo padre João da Mota e Albuquerque, reitor do Seminário, estando o templo pontificado de famílias, professores e seminaristas.

Antes da realização da solenidade, o arcebispo de J. Jaime Câmara estava no Seminário, a fim de empessar ali, nos cargos de direção, os seguintes sacerdotes: padre João da Mota e Albuquerque — reitor; cônego Otton Motta — diretor espiritual; padre José Alberto de Castro Pinto — ministro de disciplina; padre Sérgio de Sampaio e Silva — secretário; padre Romeo Brighenti — economista; padre Vandaer Tavares Feliciano Lapenda Neto e Aloisio Evertsen, além de outros sacerdotes, aos quais o arcebispo, do Rio de Janeiro, confiou a formação intelectual e espiritual dos futuros sacerdotes.

Após a solenidade da recepção das batinas, falou o padre Otton Motta, que se dirigiu aos novos seminaristas, convidando-os ao espírito de piedade e disciplina, para a formação de um clero sempre digno e útil à Pátria e à Família.

CONSULTAS "5\$000"
Olhos - Ouvidos - Nariz e Garganta —
Dr. Fortunato

Ordem do Dia

Rubem Braga



DEPARTAMENTO dos Correios e Telegrafos inaugurou o serviço de telefone entre Rio Recife e Porto Alegre. O sr. ministro falou com os srs. Interventores, o sr. Diretor do DIP falou com os srs. Diretores dos DEIPS e o sr. Herbert Mosef falou com os senhores Herberts Mosef e duals. Eu não falei com ninguém, porque não me convidaram, grande injustiça. Deviam ter convidado. Ah, eu não falaria com diretor nenhum de nada, eu falaria com vaza pessoas e talvez apenas com sombras e fantasmas. AIA, é de Recife? Faça o favor de ligar para o mercado do Bacuráu. Ainda tem o mercado do Bacuráu? Pode ter a honradez de chamar dona Gilberta? Não são 2 da madrugada? Ela deve estar aí comendo sarapatel e bebendo cachaca. Espera, eu quero falar com a rua dos Pires, diga ao Capiba para pedir aos irmãos Suassuna para cantar no telefone, ou então toque para a casa do sr. Alfredo, veja se a Leda não está lá. O que? Chamei então o Odorico, ele deve estar em algum bonde de Olinda, foi ver a noiva. Já casou? Está na Baía? Que diabo, ligue para a pensão, diga ao Valdemar, ao Diégues, é ao Ulisses... Escute, a senhorinha podia dar um recado pessoal de minha parte a certa mulherzinha de uns quarenta anos chamada... ah, me esqueci o nome, mas dá assim mesmo: ela é magra, pobre, eu a acompanhei até a polícia, havia junto um rapaz integralista de bigode muito nervoso, que queria prender todo mundo... Mas é Porto Alegre? E' do bar 17? Não? Ainda ha o bar 17? Não tem aí uma pequena alta com um sujeito baixinho? Chame, por favor! Não, ela não me conhece, com certeza não se lembra de mim, diga que eu sou aquele sujeito que uma vez estava aí. Faça o favor de ligar para o terraço do edificio Santa Rosa ou então para o meio da rua da Praia, se não puder ser, ligue para o Liliptu. Mas por favor, senhorinha, não faça confusão, eu estou falando para 1935 ou para 1940? Hein? E' do shipchandler, não, eu não quero falar com o shipchandler, ligue para a sombra de um coqueiro em meados de setembro na praia da Boa Viagem, ligue para o "Brasil Novo", chame Severino de tal. Está na ilha? Mas, minha senhora, pelo amor de Deus, estou reconhecendo a voz dessa judia de cabelos crespos dos Moinhos de Vento; não quero ouvi-la, não quero ouvi-la! Alô! Aqui quem está falando sou eu! Hein? Sou eu também aí? Oh, senhorinha, as linhas estão cruzadas, a vida vai para a frente e fica para trás, desligue tudo, não quero falar comigo, estou aqui em março de 44, desligue tudo, ligue para minha casa, pergunte se eu estou, se não estiver diga que eu já vou, se estiver diga para eu não sair; aqui fora ha fantasmas e sombras querendo comunicação impossível e telefone não adianta nada, não adianta nada.

Curioso nos desgras Aristas para lutas nos eminar, curso, Dutra: vemos é tinos do NISTRO

tra, mi-ontem, Rio, rumpanhia bas de sta, Os-rias e ritos, te-gueiredo antes da

10! lotes a 35 minutos do centro.

14.000,00

estações sem juros.

Algo- Conservatorio Nacional

A Comissão de Enquadramento Sindical Iniciou os Seus Trabalhos

Instalou-se, ontem, sob a presidência do sr. José Segadas Viana, diretor do Departamento Nacional de Trabalho, a Comissão de Enquadramento Sindical, que tem por objetivo organizar a vida sindical brasileira, definir as categorias econômicas ou profissionais e estabelecer as diferenças entre aquelas categorias.

do Serviço de Estatística e Previdência do Trabalho.

O sr. José de Segadas Viana, após congratular-se com seus companheiros, deu início aos trabalhos que a Comissão compete realizar.

Fazem parte da Comissão os srs. Euvaldo Lodi e João Baylonque, representantes dos empregadores; Jaime Nobrega Santa Rosa, do Instituto Nacional de Tecnologia; Vicente de Paula Imbelton de Sousa

RAIOS X

Exames radiológicos em residência

Drs. Victor Côrtes

Ordem do Dia

Rubem Braga

UM médico — o dr. Doraci de Souza — e sua senhora adotaram uma indiazinha do Amazonas. A menina foi batizada com o nome de Jacira, e é forte e esperta. Vendo que ela já estava na idade de entrar para a escola, o pai adotivo levou-a ao Colegio da Congregação Notre Dame, um colegio de freiras que funciona á rua Barão da Torre, em Ipanema. As freiras que são na maior parte estrangeiras, recusaram a menina por ser india.

O caso está em um vespertino e já foi levado ao Serviço de Protecção aos Indios e ao Ministerio da Educação. Diz o dr. Doraci que muitas freiras do tal colegio de nome francês são alemãs.

Ora, eu não vejo nisso apenas um caso de Ministerio da Educação, eu vejo nisso, tambem, um caso de policia. A primeira providencia a tomar é pedir a ficha dessas senhoras freiras, saber quem são, quando chegaram a este país, de onde vieram, e o que fazem. A diretora, que fechou as portas do colegio á indiazinha Jacira, deve ser chamada á policia para explicar sua conduta. Ela não pode alegar nenhum motivo religioso, porque Jacira é batizada e portanto, tão catolica quanto o Papa. A menina foi recusada apenas porque não é ariana. O incidente serviu para mostrar esta bela escola que funciona no Brasil — no Rio de Janeiro — em Ipanema, Barão da Torre 308, telefone 47.3122 — uma escola cuja diretora tem uma tal mentalidade que recusa matricular a uma brasileira filha de indios. O atrevimento não é maior que a lamentavel falta de fiscalização, de nossas escolas. Que Congregação é essa, e que especie de religião professa? E essa diretora, onde foi educada? Onde lhe ensinaram a separar as pessoas pela raça? E que fez no Brasil, que fez neste país de brancos, pretos, indios, mulatos, cabanos e caboclos, essa Soror Rosenberg, essa Madame Hitler?

Jacira irá estudar em outro colegio e certamente lucrará em não ser "educada" nessa casa. Feliz é Jacira e infelizes são as crianças brasileiras cujos pais deixarem que continuem aos cuidados dessa escola. Pais realmente brasileiros e realmente catolicos não poderão fazer-lo: só o farão os que não tiverem vergonha na cara a ponto de permitir que seus filhos sejam educados sob a direcção de uma freira nazista e de uma estrangeira que não hesita em cuspir, na face de uma criança innocente, o seu desprezo pejo nosso povo.

Quando algum alemão exaltado ou bebedor insulta a bandeira brasileira ou diz qualquer coisa contra o Brasil, ele vai para a cadeia. Será permitido a essa freira fazer o que fez — e continuar solta, e continuar como diretora de uma escola? Não sei qual é a sua nacionalidade — pôde até mesmo ser uma brasileira degenerada, porque neste país, ha de tudo. Mas o insulto que ela fez á indiazinha Jacira dói a todos os brasileiros e reclama uma punição severa. Continuaremos assim, dispostos a assistir sem fazer nada a esse ato de estupidez? Essa diretora deve ser processada e a sua escola nazista deve ser fechada imediatamente. O que ela fez não é apenas um insulto a uma criança brasileira; é uma ofensa a todos os que, catolicos ou ateus, vêem na ideologia racista uma estupidez criminosa, que ninguem tem o direito de pregar ou praticar aqui — e muito menos freiras.

tema do Abastecimento de s à População Carioca

da Opinião Pública — As Exigências da Situação —
A Colaboração da Prefeitura

Dods-
conce-
nal fez
bre a
tura do
órgãos
cimento

prefeito
ambem,
a solu-
empe-
a Muni-

OPÍ-

sição o
dsworth
gência e
carioca
lhecidas
ates. A
acon-
e Jus-
popu-
lente se
s fatos
ntarios,
ntanca-
oclusão

equili-
ticia —
lita no
dministra-
ir, co-
do in-
os obl-
ue

s invo-
rais da
a senti-
as con-
que, por
s che-
artificio
do pe-
" ino-

com e
de co-
que o
de to-
de da
o an-
s gera-
guerra.
ataques
a con-
eu pa-
o do
cambio
entre
os do

ASTE-

pitan-
nevi-
neci-
sensa-
de dos
o e o

rrada-
hato.



Henrique Dodsworth

sem sequer indiretamente, nos setores ligados à navegação às estradas de ferro, aos frigoríficos, aos transportes interestaduais, não tendo contacto com os centros produtores, não poderia ficar com a responsabilidade de abastecer a cidade, especialmente nos momentos de dificuldades excepcionais, que requerem a dispensa de formalidades burocráticas, a ação pronta de todos os órgãos cujo funcionamento se torna indispensável para a solução urgente dos problemas. Em outras palavras a Prefeitura não poderia ter sob o seu controle e direção os elementos das repartições federais. Foi por bem entender esse aspecto fundamental que o espírito clarividente do presidente Vargas, prevendo a necessidade de um rendimento total de esforços a serem empenhados para enfrentar a crise, que a situação de guerra haveria de criar, na América do Sul, especialmente no Brasil, dada a sua participação sem reservas e entusiástica, no conjunto das Nações Unidas, confiou o órgão federal, centralizador, os poderes necessários para superintender o estudo e resolução dos assuntos nascidos sob a contingência da guerra.

Esse órgão foi a "Coordenação" que desde logo graças ao dinamismo do ministro João Alberto, atacou o problema articulando os elementos para vencerlo.

Amaral Peixoto para a árdua e importante missão trazida, além do mais, o sentido

imprensa; assim o intérpreta, com noção perfeita dos seus deveres de colaboração, o próprio povo. Ele sabe que a crise principal é de distribuição de viveres por acarração do sistema de transportes. E mais, grado as solicitações raras, e algumas destituídas de qualquer autoridade, para inquietar o seu raciocínio, ele permanece fiel como deve a sua norma de bom senso e de reconhecimento da verdade.

PARA ATENDER ÀS EXIGÊNCIAS DA SITUAÇÃO

— Dentro e fora do Distrito Federal — continua — o governo mobilizou todos os elementos capazes de atender às exigências da situação. Não se lhe apontam omissões nas providências já tomadas à frente das quais o sr. comandante Amaral Peixoto pôs em execução um plano de abastecimento, que circunstâncias imprevisíveis como o desabamento da aboboda de um túnel da Central obra pura da fatalidade, prejudicam por período de duração felizmente curto. Essas providências, dentre outras varias, como a criação dos mercados regionais, pelo Serviço de Abastecimento, já em construção e a cargo do coronel Jesuino de Albuquerque, articuladas com o funcionamento do Entrepósito Geral de Generos, em construção, pela Prefeitura, e temporariamente substituído por instalações provisórias no Cais do Porto, dão agora, e futuramente, os resultados inevitáveis a que se destinam. Não se limitaram a isso, porém, as providências.

A ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E OS TRANSPORTES

— Como elemento indireto para diminuir as dificuldades oriundas da falta de combustível e de veículos — acrescenta o prefeito Dodsworth — anelou a Prefeitura para a Associação Comercial afim de que fosse estudado o escalonamento de horários das diversas atividades, tendo em vista o que ocorre em varias cidades do mundo, sujeitas, hoje, por imposição da guerra, às mesmas dificuldades. A Associação Comercial nunca faltou, com modelar espírito publico, a atender a um apelo direido á competência dos seus órgãos especializados e ao corpo dos seus associados, que representam, na frase feita, mas honrosa, por verídica, o "honrado comercio desta praça", e "as classes conservadoras". A sugestão já entregue, por incidir, tambem, no estudo de outras entidades do governo, terá brevemente a adoção aconselhavel. E concluindo:

— Essas declarações são feitas com o objetivo unico e simples de informar a população

Ordem do Dia Rabem Braga

Um preto pobre, desconhecido, atirou-se sob as rodas de um trem elétrico, no Realengo. Um braço ficou esmagado, houve fratura no crânio e ferimentos pelo corpo — mas o pobre negro ainda não morreu. E sabemos agora mais detalhes da prisão de "Volta Seca". Foi preso na rua, em Inajaroba. Não vestia a roupa de couro dos cangaceiros, mas um macacão de operário. E dizem que, afinal, é um rapaz de sentimentos delicados. Tanto assim que uma vez sangrou sete soldados em uma praça publica, em Queimadas, mas não matou o sargento porque varias senhorinhas da sociedade local lhe pediram, chorando, que o poumassem. "Volta Seca" explicou sua fuga da maneira mais simples: fuztu porque não gosta da cadeia, quer liberdade. E não ia mais voltar para o cangaço, ia arranjar um serviço qualquer e trabalhar. Como se vê, uma flôr de cidadão. Que fique essa flôr na estufa.

...E que lua tão grande, que noites de puro azul. Se faltel dois dias nesta cronica, façam o favor de atribuir a esse grande luar, que dá vontade de fazer mil coisas, nenhuma das quais tem qualquer ligação com o que se chama trabalho. Concito os meus concidãos a se reunirem á beira do mar para assistir ao nascimento da lua. Aproveitem, que ela ainda está bem cheia, mas vai esvaziando dia a dia. Aproveitem! A lua é bela e mansa, e sexta-feira que vem já é quarto minguante. Aproveitem, que ainda está bem cheia, mas cada noite aparece menor — e quem sabe, meu Deus, nestes tempos atrapalhados, com tanto racionamento e falta de transporte, quando teremos outra vez uma lua cheia! Aproveitem! E' gratis e dá para todos, não precisa levar cupon nem fazer fila. Vinde todos, amigos consumidores, e vós, almas queridas, d. Maria Simpatia E' Quase Amor Resende, Ana Vamos Passear, Juliana Quisera Eu, Toninha Pudim Carnal, e tú, Joana, simples Joana, minha Joana...



EMPRESA EXTERMINADORA DE CUPIM
SÃO LOURENÇO
Completa garantia na extinção de
CUPIM - BROCA - CARUNCHO.
Imunização de todas as madeiras aplicadas em prédios, móveis, pianos, quadros, máquinas de costura, livros, etc.
ORÇAMENTOS SEM COMPROMISSO
Escritório RUA PEDRO ALVES, 199. Tel. 43-4431
RIO DE JANEIRO

Dispensas e Designações de Oficiais da Armada

O ministro da Marinha, em avisos assinados dispensou os capitães de corveta Joaquim Carlos do Rego Monteiro, do Escritorio de Compras da Marinha, em Washington; e Carlos Almeida da Silva, do Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras; capitão tenente Arnaldo Vilar, de comandante do NT "Potengi"; capitães de corveta Alvaro Pereira do Cabo, de comandante do CT "Mato Grosso"; e Raimundo da Costa Figueira, de imediato do G. "Bahia"; capitão tenente Julio Xavier de Araujo Silva de comandante do NHI "Lahmoyer"; capitão de corveta Celino Barbusa Cabral, de encarregado do Departamento de Maquinas do TDT "Belmonte"; capitão tenente José

nente Julio Xavier de Araujo Silva, para imediato do NA "José Bonifacio"; capitão de corveta José Moreira Maia, para imediato do NE "Saldanha da Gama"; capitão tenente José Francisco da Silva, para imediato do CT "Paraíba"; capitão tenente Aloisio Galvão Antunes, para oficial de gabinete do ministro da Marinha; capitão tenente Ari Gonçalves, para ajudante da E. C. Radiotelegrafica; capitão de corveta Ernesto Frederico de Verna, para capitão dos portos do Estado de Mato Grosso; capitão de fragata Manuel Roberto de Castilho, para servir na Diretoria do Ensino Naval; primeiros tenentes medicos Edilio Guertizezsteis e Raul de Souza Garcia respectivamente

Ordem do Dia

Rubem Braga

DISCURSANDO na Associação Comercial do Rio Grande do Sul, disse o ministro da Fazenda que as emissões de papel-moeda elevaram a circulação de cruzeiros de 6.246.525.340 em 1941 para 10.980.849.287 em 1943. Disse que nisso nada há de excessivo. Não teria razão, portanto, os cavalheiros que vivem por aí apavorados com a inflação. Eu não entendo dessas coisas, mas aviso aos senhores que estiverem incomodados com a excessiva quantidade de papel-moeda que me dispoulo a aceitar gratuitamente uma boa porção. Pois disponho ainda de algum espaço nos bolsos. Estou disposto a fazer esse esforço de guerra mesmo que me arrisque a entrar na triste categoria das vítimas do imposto sobre lucros extraordinários. Aliás estou de pleno acordo com um capitalista desta praça homem que vive honradamente de emprestar dinheiro a juros legais cobrando apenas por fora uma pequena taxa de uns 3 ou 4 por cento ao mês, justo prêmio de seu respeito à lei. Ele me dizia:

— Veja o senhor: agora o governo quer dinheiro e vai tirar exatamente de quem mexe com o dinheiro. Isso é um absurdo! Um sujeito como eu que trabalha com o dinheiro, que tem o dinheiro como mercadoria, é exatamente quem precisa do dinheiro. Um operário, evidentemente, não precisa tanto, porque o operário não vive da renda de seu dinheiro, vive do seu trabalho. O lavrador também, vive de suas batatas, de seu feijão, sempre tem um jeito de se arrastar. E você? Você tem a sua pena, uma pena brilhante! Mas nós, capitalistas, que vivemos de juros, e não adamos fazer mais nada, nem temos outra fonte de renda? Eu não falo por mim, porque essa lei não me atinge: meus negócios quase não dão lucros, quanto mais lucros extraordinários. Estou falando em defesa de outros, pobres contados. Por mim não: você sabe que esta porcaria deste banco me dá mais aborrecimentos do que lucro... Eu, afinal de contas, não tenho nada!

E como ele silenciasse, melo abatido pela sua triste condição, eu me despedi comovido, passando-lhe, no aperto de mão, uma notinha de 5 cruzeiros com o retrato do Barão do Rio Branco, para a média e os cigarros.

Ordem do Dia

Rubem Braga

UMA reportagem de Magalhães Junior sobre a repercussão, nos Estados Unidos, da condenação à morte de Danielle Darrieux. A reportagem diz coisas tristes e pesadas sobre Danielle, anfitriã de Otto Abetz e outras figuras nazistas. Por maldade ou mais provavelmente por levandade Danielle já levou um patriota francês a um campo de concentração e dois à morte. A reportagem traz um retrato de Danielle. Lá está a sua carinha bonita, com ar doce e frívolo, um pouco triste.

Há tantos marinhanjos felizes e ruins na França e em outras partes do mundo que podiam ser liquidadas que, palavra, a condenação dessa menina é uma idéia que me faz mal. Sei que se pode falar na Justiça, na necessidade de dar o Exemplo, etc. Mas é duro pensar nisso, e há muita coisa que pensar contra isso. Eu não matarei Danielle. Há alguma coisa de invencivelmente desagradável em matar essa pobre Danielle, flôr da frivolidade e inconsciência criminosas de uma civilização que apodrece. Pelo menos, enquanto não forem punidos os industriais, banqueiros, sacerdotes, generais e intelectuais, os verdadeiros culpados e beneficiários do fascismo, os inimigos do povo que aculam e estruam os bandidos fascistas, às vezes às claras, às vezes em segredo — (e quantos deles, na França e na Itália, estão condenados à morte?) — acho estúpido lançar a pena de morte sobre essa tonta mulher. Danielle é uma leviana. Pensemos antes nos que matam e fazem fascismo não por levandade, mas por negocio. Nos burgueses da França que viviam com a boca cheia de Pátria e preferiram entregá-la a Hitler a correr o susto de uma revolução do povo.

No meio de tantos responsáveis, de tão monstruosos e calculados egoísmos, vejo Danielle quase como uma irresponsável. De um modo ou de outro ela terá o castigo de seus tristes erros. Mas não lancem tão expressamente sobre sua pequena e linda cabeça vazia a fúria de uma condenação que não estamos certos de que atinja cabeças bem mais responsáveis. Antes de esmagar essa pequena mariposa venenosa vejamos se não restam vivos muitos morcegos do fascismo. Ah, os morcegos, os morcegos que agem no escuro e sugam o sangue dos povos, os morcegos! Estamos realmente seguros de que muitos não sobreviverão felizes, aclamados como ptimbas da Paz, ou outra qualquer ave doméstica útil e respeitável?

Ordem do Dia

Rubem Braga

MEU amigo dr. Sobral Pinto, o monstro, é um desses homens que padece pela Fé. Agora resolveu tomar a defesa das freiras do Collegio Notre Dame, de Ipanema, que recusaram matrícula á menina Jacira por ser india. A defesa é enorme e excelente, e tem apenas o pequeno defeito de não defender nada: pelo que o dr. Sobral escreve chegamos á conclusão de que de fato a menina foi repelida por ser india. Oh, meu caro monstro. Oh tu que procuras com tanta séde a Verdade e a Justiça: fica lá com tuas "santas e beneméritas" irmãs norte-americanas, holandesas, belgas, polonesas, alemãs e brasileiras do Collegio grã-fino de Ipanema; mas deixa que alguém possa falar em defesa dessa indiazinha que nem sabe ler nem escrever. Por que na verdade, oh Sobral, eu te digo: essa meninazinha enxotada das portas de um collegio, essa criança que veio dos matos do Amazonas para ser repelida pela tua illustre instituição católica de Ipanema — ela vale mais do que o resto. Ah, Sobral, o teu bom Deus não criou um Paraiso para gente branca; não, eu creio que ainda não. E quem sabe se a indiazinha Jacira, quando chegar ao Céu, não verá abertas de par em par as grandes portas de Pedro, e as tuas orgulhosas freiras e tu mesmo, oh Sobral, oh excelente monstro, não teréis de ficar de môlho algum tempo nas caldas do Purgatorio?

Ah, não precisas dizer, eu sei: meu caminho é o grande Inferno. E muito bem: que seja! Não há de ser nada, nasci para sofrer, sou assim mesmo, que venha o Inferno com cem mil diabos: que venha, que venha! Mas eu te digo, Sobral, que no meio das minhas torturas eu hei de ter algum malvado consólio em pensar que, enquanto a indiazinha Jacira brinca nos balanços do Céu, tu, de óculos e anel de gráu, e as freiras de Ipanema, estareis gemendo — ai! ai! ui-ui-ui! — nas caldeiras provisórias do Purgatorio. E quando tiverdes ordem de transferencia e chegardes também á porta do Céu, é possível que Pedro, o pescador, vos receba assim:

— Oh meu caro dr. Sobral, oh queridas irmãs, não seria possível ficardes um pouquinho mais lá em baixo? A Jacira está tão contente, está se divertindo tanto! Forderleis assultá-la com a vossa presença: ela deixaria de brincar e ficaria conomingando num canto, porque, coladinha, é india — e vós sois tão brancos, tão brancos e tão rígidos, sois tão importantes, sois tão exclusivos!

E a indiazinha inocente gritará lá de dentro:

— Como é, São Pedro, você quer, ou não quer pescar pirarucú hoje?

E Pedro irá aprender a pescar pirarucú, porque eis que Pedro é pescador e é um pobre judeu, não se incomoda da menina ser india. E em verdade mais vale pescar pirarucús e piásus com a alma limpa do que pescar almas para o Senhor com hipocrisia. E o antropófago que almoça e janta com toda innocencia, homens de qualquer raça — esse é o mais puro, oh Sobral — que o educador que só ensina a palavra de Deus a quem traz a pele branca, e enxota de suas portas soberbas a indiazinha Jacira.

Ordem do Dia

Rubem Braga

VICENTE LOMBARDO TOLEDANO, líder dos trabalhadores do México e de quase toda a América Latina, é um eloquente, mas é um calmo. Ele pensa as coisas que diz, e são coisas bem pensadas. Tem cara de sujeito da terra da gente; podia ser muito bem, com aquela cara mesmo, um agrimensor de Cachoeiro do Itapemirim. Um agrimensor; um homem que está constantemente a medir terras, idéias, fábricas, multidões, salários, sentimentos; que os mede devagar, com toda a atenção e critério, porque tem um importante trabalho a fazer. É um trabalho vitalmente de construção; mas sem dúvida também em botar abaixo. Esse homem tão medido e refletido é tipicamente um homem de ação, acostumado a ensinar e a dar ordens. Toda a veemência mexicana de seu caráter não lhe tira o gosto pelo exercício constante da crítica.

Fala do Brasil — evidentemente está bem informado. Acentua a importância de nossa cooperação com as Nações Unidas. Teve uma decepção em São Paulo. Ouvira falar do grande parque industrial e fôra imediatamente visitar as fábricas de tecidos, como já o fizera em Porto Alegre. A indústria têxtil brasileira — concluiu ele — está atrasada seguramente 30 anos. As grandes organizações têm fábricas com máquinas tão velhas que na verdade não chegam a constituir uma indústria; são o artesanato, em grande escala, em escala de elefantes. Elementos anti-econômicos, difíceis de dirigir, custosos e lentos.

Fala de Volta Redonda. Ouviu falar em possibilidades de exportação de aço brasileiro. Mas os brasileiros — diz — não precisam de modo algum de exportar aço; precisam de ter aço para fazer máquinas, para estruturar a economia do próprio Brasil.

Conta como se fez a reforma agrária de seu país, em três etapas. A primeira foi dar pequenos trechos de terra aos camponeses para explorá-los por conta própria, ao mesmo tempo que continuavam como assalariados rurais. A segunda foi deixar de lado os trabalhadores rurais das fazendas e dar terras aos lavradores dos povoados, das comunidades. Ao lado dessas comunidades agrícolas continuaram os latifúndios. Tudo isso provou ser mais ou menos inútil, porque as melhores terras do país continuaram em mãos dos fazendeiros. A terceira etapa foi desapropriar essas terras entregando-as aos camponeses, que se organizaram em uma espécie de cooperativa de produção, financiados pelo governo ou por particulares.

Fala de Roosevelt, da China, de Cuba, da Argentina, fala outras coisas do México. Fala devagar; é um agrimensor, mas não apenas de Cachoeiro do Itapemirim, das Américas; mas também de Cachoeiro do Itapemirim, no sentido de que poderia explicar qualquer coisa a um colono de Cachoeiro do Itapemirim que o colono compreenderia e teria confiança nele. E nessa coisa simples está a força de Vicente Lombardo Toledano.

egro
PRESI-
CA OS
HO E
A, E U
"AO -
NCIA
epublica
pacho,
em Pe-
do Tra-
stro da
do Go-
general
sidente
Requi-
o em-
ry, dos
rica do

Olinda
tem, no
e agra-
epubli-
cinal, sr.
de An-
ciferano
é.
cio do
da Ve-
presi-
vro de
ntigos".

m as
colas

7 CRI-
O A'S
TURA
anciado,
tem as
umarias
numero
és ma-
gistrado
to na-
Os dias
m como
ão de-
os zlu-
findo e
so dui-
tivo; o
a-feira,
ula dos
com a
prefeito
seguida
Educa-
atriculas
n atro-
rapidez.
dia 31

de se cé-
du vos-
OS PA-
CEGOS
- Rio
48 5202

As Impressões do Ministro da Fazenda Sobre a Sua Viagem ao Sul

DECLARAÇÕES AOS JORNALISTAS

Recebendo, ontem, os representantes da imprensa em seu gabinete, o ministro da Fazenda, sr. Artur de Souza Costa, com estas palavras comunicou-lhes impressões recolhidas na viagem que acaba de realizar ao Rio Grande do Sul e São Paulo:
— "Trago a melhor impressão de minha viagem ao sul. Trabalha-se muito intensamente no Rio Grande e as perspectivas da safra de arroz e outros cereais são excelentes.
E' do domínio publico o acordo recente que fizemos com os nossos aliados, para o fornecimento dos excedentes da nossa safra de arroz, pelo prazo de dois anos. A produção do arroz, somente naquele Estado, eleva-se a 8 milhões de sacos, o que permitirá uma exportação de 5 milhões para o estrangeiro.

Deixei acertados todos os detalhes indispensáveis para o financiamento, através do Banco do Brasil, dessa produção, que já tem mercado assegurado.
Em São Paulo ouvi os interessados na produção algodoeira e já possuo os elementos de informação necessários para levar o assunto ao conhecimento da Comissão de Financiamento da Produção, cujo projeto de financiamento será oportunamente submetido à consideração do sr. presidente da Republica.
Na reunião com os produtores de algodão tive oportunidade de accentuar o grande empenho do Governo na defesa do real interesse desse setor de nossa economia, cuja organização constitue um verdadeiro motivo de orgulho para o grande Estado de São Paulo.

Assinaturas do Leite

PRORROGADO O PRAZO PARA A ENTREGA DAS DECLARAÇÕES DOS ASSINANTES DA C. E. L.
A Comissão Executiva do Leite resolveu prorrogar, até 31 do corrente mês, o prazo para a entrega das declarações de seus assinantes. Afim de facilitar os serviços, a C. E. L. apela para os mesmos ao sentido de que faciam suas declarações por carta registrada, valendo o recibo postal como documento comprovante.

Atestado de Vacinação Anti-Amarilica

PARA OS PASSAGEIROS QUE SE DESINAM A PORTUGAL
Em face dos entendimentos havidos entre o Ministerio da Educação e as companhias Panair do Brasil e Panamericana Airways, ficou estabelecido que só será permitida a aquisição de passagens, por via aerea, com destino a Portugal, ás pessoas que exhibirem atestado de vacinação anti-amarilica, o qual só poderá ser expedido pelo Serviço Nacional de Febre Amarela depois da necessaria applicação da vacina nos indivíduos interessados.
Para maior facilidade desse trabalho, foram criados os seguintes postos de vacinação anti-amarilica:
Distrito Federal — Rio — Avenida Pedro II, 283; de segunda ás sextas-feiras — das 2,0 ás 4,0 p. m.; aos sabados: das 10,0 ás 11,0 a. m.
Bahia — Salvador — Avenida 7 de Setembro, 363.
Pernambuco — Recife — Rua Fernandes Vieira, sem numero.
Ceará — Fortaleza — Rua Solon Pinheiro, 2.
Pará — Belém — Avenida Nazareth, 274.
Amazonas — Manaus — Rua

Abertas as Inscrições á Escola Técnica de Aviação, Em S. Paulo

S. PAULO, 20 (A. N.) — Estão abertas as inscrições á Escola Técnica de Aviação, em São Paulo, para os candidatos do Estado do Rio de Janeiro e do Distrito Federal, as quais poderão ser feitas na sede do Aero Clube do Brasil, no Rio de Janeiro, São as seguintes: as exigencias para a matricula:
CANDIDATO CIVIL: — Ser brasileiro nato, ter mais de 17 anos e menos de 34, no ato da inscrição, comprovados mediante certidão de idade, ou carteira de reservista, ter licença dos pais ou tutores, se for menor e não for reservista; quando maior de 18 anos, apresentar prova da situação militar; apresentar atestado de boa conduta, passado pela autoridade policial da localidade em que residir, ou por dois officiaes das forças armadas; ser solteiro e não servir de arrimo de familia, apresentando os atestados respectivos; requerer inscrição para exame de admissão, ao representante do Ministerio da Aeronautica, junto á Escola.
CANDIDATO MILITAR: — Ter menos de 34 anos de idade, boa conduta e ser solteiro.
Vai Ser Desobstruída a Lagoa Rodrigo de Freitas
O PREFEITO APROVOU A CONCORRENCIA PARA ESSE FIM
Em despacho da Secretaria Geral de Viação, o prefeito aprovou a concorrência publica

Ordem do Dia Rubem Braga



bilhete assim dizia: "Minha querida Elza — Já estou cansado de esperar. Mas isto é demais. Eu vou me suicidar. Eu só espero a morte. Elza, você foi muito ingrata."

O taifeiro Adriano escreveu isso e mandou á Elza, que deixara a casa da rua Mazille e subira o morro da Manueira pelo braço de outro homem. Elza não desceu, e o taifeiro embebou as roupas em alcool e tocou fogo. Quando começou a arder, correu pelo quintal e jogou-se dentro de um poço. Está no hospital, onde também está Maria Flora, residente á travessa dos Prazeres, s/n. Travessa dos Prazeres Sem Numero! Maria Flora brigou com José Antonio, e alguma coisa que José Antonio disse a feriu demais. Saiu de casa e ateou fogo ás vestes no meio da rua Almirante Alexandrino — não na travessa dos Prazeres Sem Numero Em Niterói, "Baiano Brabo" foi á casa da mulher dizer que queria viver com ela outra vez, e a mulher não quis. "Baiano Brabo" pegou a filhainha de 3 anos e jogou-a pela janela. A menina foi cair no telhado do vizinho e morreu. "Baiano Brabo" surrou (o jornal diz: barbaramente) a mulher; os vizinhos acudiram, ele puxou faca e fugiu. O menino Antonio, de 14 anos, foi tomar banho de mar na Avenida Niemeyer, morreu afogado. Em Belo Horizonte morreu Geralda, e o jornal diz: "esse acontecimento provocou dolorosa impressão, pois a morta contava 18 anos de idade e possuía rara beleza". O marido, um rapaz de 19 anos, apontou-lhe no coração uma garrucha velha e puxou o gatilho, pensando que não tinha bala. Tina. Geraldo brigou com a sua mulher Corina; Corina deu-lhe um tombo, ele caiu, baten com a cabeça numa pedra, está com fratura no cranio. Paro de ler os jornais e fico pensando no amor, o errado amor, e o desprezo, o ciúme, o ridiculo a brutalidade, as doideiras do amor. E a força das coisas puxando, empurrando matando os homens e as mulheres: Joana! Se não vieres eu me queimarei; se vieres, atearás fogo ás vestes, eu te espancarei (barbaramente) te mandarei bilhetes e ficarei desgraçado como o taifeiro, Joana! Há uma casa desocupada na Travessa dos Prazeres, Á uma casa sem numero. Vem. E eu me lançarei incendiado no poço. Joana, vamos morar na Travessa dos Prazeres Sem Numero, ou no Beco das Tristezas Sem Numero, não importa a rua, eu quero é a falta de numero; jamais receberemos cartas; de nada sabermos nunca; lá não irão jornais e eu não lerei as tristes coisas do amor. Joana, eu colocarei uma pedra no quintal para me fraturar o cranio quando me derrubar. E nossos nomes serão errados no jornal, entre a noticia da surra que o Flamengo levou e o avanço dos russos pela Rumania. Plantaremos couves e as comeremos como coelhos para alimentar o meu triste e o teu radioso organismo; e também grandes figuras bravas onde se enforcarão os doentes de amor das gerações futuras.

Destile Dos Regimentos Expedicionarios na Vila Militar

Os Regimentos de Infantaria componentes da 1.ª Divisão Expedicionaria, aquartelados na guarnição da Vila Militar e Deodoro, foram na manhã de ontem inspecionados pelo ministro da Guerra que ali compareceu, inesperadamente acompanhado do seu ajudante de ordens, 1.º tenente Nilton Freixinto.
Recebido pelo general Zenobio da Costa, o ministro Eurico Dutra passou imediatamente a apresentar os nossos soldados. Não seria demais que as altas autoridades militares proporcionassem ao povo desta capital um desfile pelas ruas de nossa cidade, afim de que melhor pudessem ser aplaudidos os nossos patriotas que dentro em pouco marcharão para o front.

O Preceito do Dia

Ordem do Dia

Rubem Braga

HITLER mandou chamar ao seu Q. G. o regente Horthy, da Hungria. Não foi, com certeza, pelos seus belos olhos, porque esse admirante terrestre é um dos sujeitos mais felos e antipáticos de toda a Europa. Hitler começou a conversar com Horthy. Queria saber se não era possível a Hungria fazer mais força na guerra ou se não era interessante deixar que os nazistas ocupassem completamente o país. Naturalmente o calhordaco achou que eram propostas a examinar, mas tomou a liberdade de ponderar que aliás... A conversa foi interrompida pela notícia de que os nazistas já tomaram conta da Hungria. Os telegramas, ainda são confusos, mas parece que enquanto Horthy foi conversar com Hitler o ex-primeiro ministro Bela Imredy tomava o poder com o apoio de Hitler. Dizem que há resistência, ordenada pelo ministro Nicholas Kallay.

Há nos jornais uma nota de indignação contra essa traição de Hitler ao velho amigo. Eu por mim não chorarei, mesmo que Hitler mande cortar o grande nariz do regente.

Hitler disse: "Gengis Khan massacrrou milhares de mulheres e crianças, premeditadamente e sem remorsos. Nele, a História vê unicamente o fundador de uma nação. Para mim é completamente indiferente o que a Europa ocidental, civilizada e decadente, possa dizer de mim."

Disse aos generais: "Sede duros! Sede sem compaixão! Agi mais rápida e brutalmente que os outros! As populações da Europa ocidental devem tremer de pavor. Este é o mais humano dos métodos para conduzir a guerra, pois o medo impedi-los-á de lutar."

Disse também na hora de organizar uma provocação vulgar para invadir a Polónia: "Para mim tanto faz que o mundo creia ou não em mim. O mundo, na realidade, só acredita numa coisa — no bom êxito."

Certamente Horthy também leu essas palavras e muitas outras que Hitler tem dito e escrito. Certamente soube de milhões de homens, mulheres e crianças mortos pelas torturas, pela força, pelo fuzilamento, pela fome. Coisas, afinal, sem importância, porque o mundo só acredita no êxito. Horthy estaria agora disposto a negociar a paz com os aliados, porque os russos é que estão tendo êxito no momento. Mas ainda pode ser que apesar da talseta o admirante se ajelte com Hitler — ao menos temporariamente. É a filosofia do êxito, e por enquanto Hitler está tendo êxito na Hungria.

A filosofia do êxito... Um dos seus partidários mais encantadores chamava-se Virgílio Gayda. Uma bomba matou Virgílio Gayda. O "plafond" de seu gabinete estava coberto de adjetivos que subiam de sua cabeça para cantar as glórias do Duce, mas a bomba atravessou tudo. Na parede havia um enorme retrato de Mussolini, mas o retrato não esticou os braços para pegar a bomba no ar. Gayda mentiu, mentiu, mentiu, tinha êxito, adorava o êxito, era a favor dos que tinham êxito, era contra os pobres negros dilacerados na Abissínia e os montanheses massacrados da Albânia porque eles não tinham êxito. Entretanto uma bomba, uma simples bomba, provavelmente analfabeta, matou Virgílio Gayda...

S NO RIO



Sr. Edward Leslie Burgin

neiro, passou duas semanas em Nova York, três no Canadá duas nas Antilhas, uma na América Central, Colombia e Venezuela, e deve ainda permanecer duas semanas no Brasil, mais duas nas Antilhas e outras duas nos Estados Unidos. Por isso, o dr. Burgin — que fala correntemente português e francês — é um homem que fala pouco.

NAO TEM GRANDES COISAS PARA CONTAR

Cordial, gentil, afável, ele veio receber-nos à porta do hotel, de braços abertos, como fazem os brasileiros. Fez tudo para nos deixar à vontade, convidou-nos a sentar, posou para o fotógrafo, forneceu-nos uma fotografia para o arquivo e relatou que não está fazendo a presente viagem com nenhum objetivo especial. Naturalmente, como parlamentar e ex-ministro, a Embaixada Britânica cerca-o de atenções, mas isso é apenas um dos muitos ditames da política inglesa. Declara-nos que não tem grandes coisas para contar. Com referência aos problemas econômicos do pós-guerra, opina que ninguém, no momento, pode avaliar com bom senso a amplitude com que eles se apresentarão. A necessidade dos povos europeus, em gêneros alimentícios, artigos de vestuário, materiais de construção, medicamentos e matérias primas será tão grande que só mesmo quando a guerra houver acabado avaliar-se-á devidamente a amplitude da tarefa a cumprir. Desde já, porém, todos sabemos que certamente ela será enorme.

O BRASIL CHAMADO A COLABORAR

O Brasil — é óbvio — será chamado a colaborar nessa verdadeiramente obra de socorro. País rico em matérias primas, teremos muito para fornecer. E nossa indústria deverá também entrar com o seu quinhão no volume dos artigos manufaturados a fornecer-se nos continentes. Afirmo, ainda, que acha

A Venda de Tecidos Populares No Rio e Em S. Paulo

Comunicam-nos da Coordenação da Mobilização Econômica, por intermédio da Agência Nacional:

"1. Nas feiras livres do Distrito Federal, foram vendidos, na primeira quinzena de março, 154.696,70 metros de tecidos populares, e na cidade de S. Paulo, 180.242,25 metros, perfazendo o total de 334.938,95 metros, sendo a seguinte distribuição por artigo: Chita, 120.340,90; Algodão cru, 57.323,85; Riscado, 35.357,80; Linon, 100.435,30; Brins, 7.910,10; Morim, 4.570,00.

2. Ainda, na mesma quinzena, foram enviadas quotas suplementares de tecido populares para diversas localidades do interior dos Estados de São Paulo e Minas Gerais, além do fornecimento de tecidos e artefatos populares de algodão à algumas Associações Assistenciais, inclusive a L.B.A. de S. Paulo

Explosão Na Inglaterra

LONDRES, 22 (U. P.) — O Alto Comando das Forças Norte-Americanas para a Europa anunciou que 29 soldados estadunidenses pereceram, enquanto oito ficaram feridos, por efeito de uma explosão registrada durante uma manobra realizada em algum lugar da Inglaterra.

Vai Ser Inaugurada, No Proximo Sabado, a Ponte Internacional, Ligando o Brasil ao Uruguai

PORTO ALEGRE, 22 (A. N.) — No próximo sábado, será inaugurada com grande solenidade a ponte construída sobre o rio Chui, ligando o Brasil ao Uruguai, com a colaboração dos dois países amigos. Do lado brasileiro, as obras estiveram a cargo do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem, sendo nelas empregado exclusivamente material nacional.

Comparecerá ao ato o interventor Ernesto Dorneles, acompanhado dos secretários de Estado e de outras pessoas de projeção da administração rio-grandense.

O chefe do Executivo gaúcho viajará de avião e os demais membros de sua comitiva, inclusive representantes da imprensa local, em automóveis movidos a gasogenio.

Também estará presente o embaixador Batista Lusardo, chefe da representação diplomática do Brasil no Uruguai, e altas autoridades do país vizinho e amigo.

Terminado o ato inaugural, haverá, do lado uruguaio, uma festa em honra às autoridades brasileiras.

As Faltas e Férias dos Extranumerarios

BAIXADA, PELA PREFEITO. UMA RESOLUÇÃO SOBRE O ASSUNTO

Ordem do Dia

Rubem Braga

Hoje no Brasil uma espécie de preciosismo técnico-burocrático que vai complicando os problemas com uma terminologia tão pedante que desespera. Isso se manifesta em vários ramos; pululam técnicos em alergias crepusculares, em padronização do tamanho dos clips e em sociologia de ruas transversais. Parece que estamos em um país sofisticadíssimo, super-fino, e há sujeitos que não dormem porque não têm certeza de que conseguirão penicilina se por acaso precisarem de penicilina. Chegamos à perfeição de ver, entre os pontos do exame do Itamarati para a carreira diplomática, um dedicado exclusivamente à discussão da autoria das "Cartas Chilenas", devendo o estudante saber quem era a favor desta e daquela tese e quais os argumentos de um lado e de outro. Descobriu-se, subitamente, a necessidade inadiável dos rapazes aprenderem latim ou grego. Surgiram de uma hora para outra estudos de questões especialíssimas, mil críticos de Proust e técnicos em estado corporativo.

E' por causa de tudo isso que um homem simples as vezes leva um choque quando repara em alguma coisa simples. Eu por exemplo tive outro dia entre as mãos o resultado de inqueritos de laboratório feitos em varios lugares da Amazonia e do Rio Doce sobre vermes intestinais. Praticamente 100 por cento dessas populações sofre de vermes. A grande maioria é opilada e quase nunca na um verme só na barriga de cada sujeito; em geral o sujeito acumula varias especies. Ora, isso não é novidade nenhuma. Todo mundo sabe que nossas populações rurais são cheias de vermes, que o homem do campo e quase sempre um opilado e tem no ventre uma serie de ciculinhos que sugam o seu sangue e escangalham a sua saúde. Ninguém ignora isso — mas acontece que isso não está na moda. O que está na moda é ter aergia de pena de peú. Um outro relatório que vi contava a historia de um medico que foi chamado a certo lugar do interior para combater uma "doença misteriosa" que estava matando o pessoal. Devia ser, com certeza, uma dessas doenças que a gente adquire lendo "Seleções" e tem um nome tão interessante que dá vontade de mandar por no cartão de visita. O médico, um desses médicos do interior, meio rude, que vive isolado de nossa grande civilização carioca, chegou à seguinte e estúpida conclusão: a doença misteriosa era fome. Outra coisa fora de moda, outro problema sem atualidade. O importante hoje e fazer uma intensa campanha no sentido de convencer a todas as pessoas céticas de que o complexo vitamínico J.M3, que se encontra em grandes proporções no baunilha das abacozas pretas só tem valor contra a tendência sonolenta de madrugada quando combinado com a aplicação de raios infra-ruvres sob as unhas da mão esquerda.

Grças a tudo isso o nivel cultural do país vai subindo assustadoramente. Esta visto que essa transformação tem suas vantagens. Por exemplo: antigamente um funcionário posar molria occcutamente de tuberculose, deixando toda a família na miséria. Hoje, apesar de todas as dificuldades criadas pela guerra, ele ainda pode conseguir o mesmo, desde que cumpra todas as formalidades exigidas pelos casps e ipases.

Sei uma anedota que é um pouco velha, mas pode ser que algum leitor nao conheça. É a historia do sujeito que tinha um papo enorme e enjouo de consultar médicos e mais médicos. Não havia meio do papo sair. Aímal um conhecido disse que sabia de um remédio infimidade: graxa de sapatos.

— "Esquente um pouquinho a lata de graxa e passe bem devagar pelo papo, com um paninho. Depois outcaus uns cinco minutos e passe outra vez. Pegue então um pedaço de fiavela e esfregue com todo o cuidado: quanto mais esfregar, melhor.

— Mas isso cura mesmo o papo?

— Bem, se cura não sei, mas dá um brilho formidavel!

Um graxas, vaselinas, isperetèques, ipasitiquins!

O BARÃO DE ITARARE

está hoje em

Ordem do Dia

Rubem Braga

O Sr. Paulo Lira, alto funcionario do Ministerio da Fazenda, proibiu que as senhoras e senhorinhas que trabalham sob suas ordens fumem durante as horas de expediente. Eu já sabia do caso, contado, com indignação, por uma funcionaria, que por sinal me pediu que escrevesse alguma coisa a respeito. "Aquilo é um mascarado! Espinafre com ele!" Foram as expressões textuais usadas pela jovem fazendaria. Mas uma das tradições dos Braga é não se deixar levar pelo que as mulheres dizem — e uma das minhas tradições pessoais é jamais ficar contra aqueles senhores que detêm uma certeza que seja dessa coisa sagrada que é o Poder do Estado.

"Aquilo é um mascarado! Espinafre com ele!" Não, eu não o faria de modo algum, e se me atrevo a tocar no assunto é porque um jornal já abordou o sr. Lira, ao que diz esse jornal, acha que fumar é contra a compostura burocrática, é uma coisa que não flui bem a senhoras e senhorinhas que lidam com o dinheiro da Nação.

Eu também acho que esse negocio de mulher fumar é meio esquisito, mas, para falar com franqueza, já vou me acostumando. Antigamente, quando se via uma senhora fumando, logo se fazia um diagnóstico de certa gravidade. "E' macuco" — murmuravam os caçadores de aventuras frívolas. A fumaça do cigarro era uma especie de flamula desfraldada aos quatro ventos anunciando temperamentos facéis. Mas hoje em dia as esposas e filhas dos cavalheiros que ocupam as mais altas posições e se cercam da mais perfeita respeitabilidade fumam à vontade — e nem por isso deixam de ser, com o perdão da palavra, "familla". Essas senhoras e senhorinhas é que devem ter ficado mais irritadas com a ordem do sr. Lira, que afinal de contas atinge a respeitabilidade de todas as senhoras fumantes, e não apenas das que têm o prazer de trabalhar sob suas ordens.

Francamente, sr. Lira, o melhor é deixar que as moças fumem. Deixe as moças fumar, sr. Lira. Que é que tem? Um cigarrinho até que sossega, até que desfaz. Um cigarrinhos... Há tantos males e vícios neste mundo e o sr. agora vai implicar com o cigarrinho das moças. Se o senhor quer uma repartição às direitas, daquelas "de nosso tempo", então o melhor é não admitir mulher aí, porque o lugar da mulher é em casa, é junto do fogão, é cuidando das crianças. Mas já que não pode barrar essas interessantes senhoras e essas gárgulas senhorinhas à porta da repartição, deixe que elas entrem com seus cigarros, com suas manias modernas, com seus vícios e virtudes, com seus nervos e seus encantos, fumando, mascando chiclets, cruzando as pernas sem ineia — e que seja tudo pelo amor de Deus, sr. Lira, seja tudo pelo amor de Deus!

PRE-
SILICA
AÇÃO
JOOR-
ZACAO
HEFE
BIDOS

publica
respa-
Negro,
General
a, mi-
m Pe-
estro.
o João
Mobi-
coronel
le pol-
al em
governo
st. di-
a Cia.
a.

é on-
te para
la Re-
esentár
Car-
visitar
cien-
s. Mu-
ção de

Rego
do De-
Tra-
Pala-
agrade-
publi-
ca pre-
para-
progra-
Conf-
Tra-
Fila-

O Nome do Embaixador Macedo Soares na Biblio- teca Pedagógica Central do Departamento de Educação

Justa Homenagem ao Conhecido Homem Publico, Diplomata e Festejado Historiador, Que Foi Quem Oficializou Aquele Departamento Educacional

S. PAULO. (Do correspondente) — O nome ilustre do embaixador José Carlos Macedo Soares, será dado à Biblioteca Pedagógica Central do Departamento de Educação. A feliz iniciativa partiu do professor Sud Mennucci, diretor geral desse importante departamento, que deve a sua oficialização e engrandecimento a s. excia., quando secretário do Interior. Quando a Biblioteca foi oficializada, contava, se tanto, uns 800 a 900 volumes. Alguns anos depois, o embaixador Macedo Soares oferecia aquela prestimosa instituição 9.000 volumes, aos quais se incluem livros selecionados e coleções raras e caríssimas, na maior parte adquiridos por s. excia. em Paris e outras capitais do velho mundo.

Não obstante o ex-titular das Relações Exteriores continuou a dedicar grandes cuidados àquele Departamento Educacional que conta quase 16.000 volumes e poderá ser considerado a pri-

meira e a melhor do Brasil, no genero.

Dar mais justas, por isso mesmo, é a homenagem que o governo paulista, por intermedio do professor Sud Mennucci que nesse gesto se junta ao sr. Sebastião Nogueira de Lima, secretario da Educação e Saúde Publica, vai prestar ao conhecido homem publico diplomata e festejado historiador.

A homenagem será efetivada por meio de um decreto do interventor Fernando Costa.

OFICIO AO SECRETARIO DA EDUCAÇÃO

Sugerindo que seja dado o nome do ex-ministro da Justiça à Biblioteca Pedagógica Central do Departamento de Educação o atual diretor geral do ensino enviou o seguinte officio ao sr. secretario da Educação e em que, reunindo argumentos, salienta perfeitamente a justiça da homenagem:

"Sr. secretario — O assunto que me traz á presença de v. excia. é daqueles que tocam de perto ao movimento educacional do Estado. Trata-se de dar o nome de Biblioteca "Embaixador José Carlos de Macedo Soares" à Biblioteca Pedagógica Central deste Departamento. A quem deve ella o seu maior acervo em obras sobre educação, psicologia, filozofia, em numerosas revistas especializadas, manuaes, ensaios, tratados, dictionarios e outras formas de publicação da matéria.

Além disso o nome do ilustre brasileiro recomenda por si uma instituição como esta, pois desde moço a sua primeira actividade foi no campo educacional e condicionou sempre á funç. educadora os melhores esforços e a fecunda actividade de sua brilhante intelligencia.

Acrescente-se tambem aos argumentos que esclarecem e justificam esta indicação o ter sido elle quem officializou a Bibliotheca pelo decreto-lei n. 4.795 de 17 de dezembro de 1930, quando occupava o cargo de secretario do Interior, doando, a seguir, cerca de 9.000 volumes seleccionados e preciosos, constituindo, assim, a primeira e a melhor biblioteca do Brasil em assuntos de educação.

Tomo, pois, a liberdade de submeter ao v. g. julgamento de v. excia., a suggestão de se dar á Bibliotheca Pedagógica Central do Departamento de

Ordem do Dia

Rubem Braga

F OI denunciado ao Tribunal de Segurança o contra-mestre de uma fábrica de tecidos de S. Paulo, que é acusado de "greve branca". Isso consiste — diz o jornal — em provocar o desgaste do maquinário. Apesar de não diminuir a produção da fábrica, o contra-mestre teria feito com que se alterasse a sua qualidade, tornando-a inferior, e se desgastassem as engrenagens, o que é um sério prejuizo em um momento em que a importação é tão difficil.

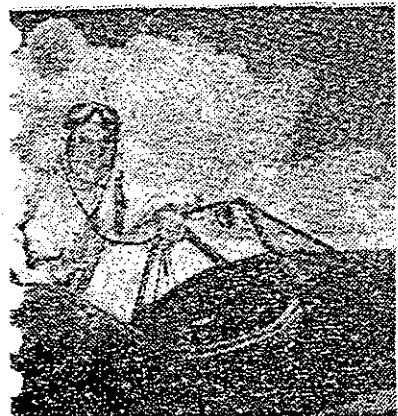
Está visto que eu não sei se a acusação é verdadeira. Deve, em todo o caso, ser uma acusação difficil de provar. E' verdade que o Tribunal de Segurança, sendo um tribunal de exceção, acima ou fóra das regras jurídicas vulgares, do genero das que ingenuamente me dei ao trabalho de aprender (ou "colar") nos saudosos tempos da Faculdade, lavra suas sentenças muito mais á vontade que uma corte de justiça comum. Não será de admirar, portanto, que o homem vá para a cadeia. Se realmente praticou o crime, nada me parece mais justo. Um crime contra máquinas é sempre uma coisa repugnante, pois as máquinas não devem ser culpadas das extorções e oppressões que os homens praticam utilizando-as.

E nós, no Brasil, temos bem poucas máquinas para que nos possamos dar ao luxo de estragá-las. O tipo mais abundante de máquinas que possuímos — e assim mesmo em numero inferior ao necessario — é o dessas máquinas a que chamaremos, com uma certa boa vontade, humanas. E eis um problema a meditar: o desgaste que se faz, no Brasil, nas máquinas de carne e osso. Vá o leitor assistir, de manhã ou de tarde, a uma partida ou chegada dos trens suburbanos em que viajam essas máquinas de carne e osso. Ah, sim, é possível observar o desgaste violento, quase afflitivo, das maquinarias. E' difficil acreditar que estamos ali diante da mesma especie animal que se exhibe nas artérias de Copacabana. A maioria das mulheres e dos homens, inclusive das crianças, tem um ar de coisa usada — e abusada. Uma infinidade de gente mal-acabada e mal-tratada, um rebanho triste de povo iraco ou doente, cujas caras reflectem abrutecimento e necessidade — e onde brilha apenas, raro e raro, a beleza viril de algum rapaz atletico ou a graça troca de alguma jovem morena. E até esses bons exemplares de pertam melancolia, parecem incapazes de resistir durante muito tempo, são arvôres sãs numa plantação que a praga de tão difficuldades e deficiencias vai estragando.

E' que as criaturas humanas são máquinas muito delicadas — e não há outras máquinas neste país de que se cuide menos. Fobres máquinas de carne e osso! Para mantê-las em bom estado de funcionamento, para que rendessem mais e durassem mais, seria preciso que recebessem, na razão que a Vida lhes oferece todo dia, um pouco mais de carne e um pouco menos de osso — desses ossos innumeráveis que a maioria de nossa gente tem de roer com tanta furia e tão maus dentes, e daquela carne que não é apenas a que tantas vezes não existe no fim das intermináveis filas, mas tambem tudo o que na vida tem substancia e sangue, as alegrias mais naturais e necessarias ao corpo e á alma a que todos têm direito e tão poucos têm acesso. E dizer que outro dia eu li um artigo de um cavalheiro no jornal dizendo que o nosso povo precisa se fortalecer fazendo ginastica! Ah, ginastica, ginastica! Ginastica para viver, ridicula e patetica ginastica que tanta gente faz todo dia simplesmente para isso: para continuar. Ah, ginastica! Isso cansa, meu caro senhor, isso cansa.

do C. P. O. R. ronautico

Lora Anésia Pinheiro Machado



ando após a execução de um vôo

Entregue ao Ministro do Trabalho o Ante-Projeto de Reforma da Lei de Acidentes do Trabalho

Aumento do Valor de Indenização, Pagamento da Indenização Por Super-Invalidez e Outros

Ordem do Dia

Rubem Braga

Um telegrama da Reuters conta o que aconteceu numa cidade russa ocupada pelos nazistas. No meio da noite uma corda partiu. Um dos enforcados veio abaixo, mas caiu de pé e ficou um instante plantado no chão, o corpo duro, os olhos mortos abertos na escuridão. Depois tombou para a frente, de cara na terra. O sentinela nazista que vigiava a grande força também tombou, os olhos também esbugalhados: o Medo lhe travou o coração, ele caiu morto. Pois não era apenas um enforcado que estava em sua frente: eram milhares e milhares de enforcados, de mulheres de ventre rasgado a baioneta, de crianças massacradas aos montes, de moças agarradas pela fúria bestial do invasor e conspurcadas até a morte; eram as famílias no bojo dos caminhões sinistros, abafadas pelo gás assassino; eram os montes de torturados da Gestapo, os enterrados vivos no seu doloroso estertor. Não foi a morte que tornou rígido o corpo do enforcado e o equilibrou um instante, no meio da noite, perante os olhos do sentinela. Foi a força da vida, a força do homem que está no seu chão, e que podia dizer: "Aqui estou eu, nazista. Dispara-me um tiro contra a nuca, tortura-me até a loucura, bate com o tacão de tua bota na minha cara; aqui estou. Estou de pé no meu chão; este é o meu chão. Eu sou um russo. Podes meter a baioneta no meu ventre, e se quiseres, arrancar todas as minhas unhas. Podes me emascular com torturas para que eu não faça mais filhos; podes cuspir na minha cara, aqui estou. Mas, cuidado, estou morto! Estou morto, mas de pé, na tua frente, nazista; estou morto e te mato. A minha mão está gelada; mas eu agarro teu coração, eu o agarro com toda a força da morte, eu, aperto, ele não bate mais, estás morto. Por que vieste me vigiar, soldado nazista? Por que ainda depois de morto tenho de ter, diante dos olhos esbugalhados, a tua figura sinistra, armada para o assassinio e para o roubo? Que temes? Que me enterrem? Quer me enterrem ou me queimem, ou me deixem pender até que o tempo e os corvos me consumam, eu continuo. Por que ainda me vigias, assassino? Eu continuo; eu sou um russo, há milhões de russos na terra dos russos. Esta terra já foi empapada de muito sangue e de muito suor: foi com sangue e com suor, com a mais dura guerra e o trabalho mais duro que nós, os homens da Rússia, conquistamos para todos os russos a terra de toda a Rússia. Cai morto, nazista. Tu e os teus invadistes nossa terra livre para fazer dela uma terra de escravos; tu e os teus, soberbos de vossa raça e bestiais de vossa mística, agarrastes nossos irmãos e nossos velhos, e nossas mulheres e filhas, e eles em vossas mãos conheceram a vergonha, o desespero, a dor e a raiva que matam. Agora, morre tu. Ninguém precisa vigiar teu corpo: nenhum corvo ou chacal da Rússia suportará comer a tua carne, corvo, chacal nazista."

ORDEM DO DIA

Rubem Braga

UM telegrama de Londres fala de um aparelho chamado "electro-encefalograma", que serve para ver o cerebro por dentro. Dizem que com esse aparelho é possível saber as verdadeiras aptidões de cada individuo. O professor Mauricio de Meideiros deu uma entrevista meio pessimista, embora reconheça grandes virtudes no aparelho.

Eu por minha sou a favor da liberdade de investigação científica, mas acho que ela deve ter um limite. E' o caso desse aparelho, que pode se transformar numa coisa perigosa. Imaginem se de repente alguém resolve fazer uma "revisão de valores" graças ás indicações frias e precisas do "electro-encefalograma". Podia até acontecer uma subversão social, uma horrivel subversão: cada um passar a ocupar o lugar indicado pelo aparelho. Eu de mim nem sei o que seria. Quanto a outras pessoas nossas conhecidas, confesso que tenho grandes temores. Ia ser uma barafunda de gente saindo de um cargo para outro, mudando de profissão e de patente! O dr. Paulo Lira, por exemplo, era capaz de abandonar a Directoria da Fazenda e pegar um bom tambor do F. C. C. da Salvação. (Neste ponto uma funcionaria funvante que lê o que escrevo fica indignada: "pois sim! Isso é o que ele quer que os outros pensem!") Jornalistas de renome iriam ser fogueteiros, e outros engraxates; e certos cavalheiros que nos acostumamos a ver exaltados nas páginas dos jornais e nas ondas do radio como benemeritos e geniais iriam ser... Não, esse aparelho precisa ser proibido!

Estão falando outra vez — agora com mais animação — na construção do "metro" no Rio. Viajaremos por baixo da terra. Os engenheiros da Central acham que pode ser. E' um melhoramento formidavel, está certo, mas é uma coisa triste. Viajar debaixo do chão! De casa para o trabalho, do trabalho para casa, sempre por debaixo do chão... Ah, Senhor, a gente já anda tão por baixo! Ah, Senhor, para os que trabalham nesta cidade e, ano após ano, sonham inutilmente em passar um mês, uma semana, um dia na roça ou no mar, — livres nas ondas, soltos no pasto! Ainda é um consolo, entre a casa e o trabalho, ver um pouquinho de mata em alguma encosta de morro, ou deixar os olhos irem nadando nas aguas sem fim. Seremos tatus, tristes e cansados tatus circulando por baixo do chão: seremos burros de mina. Todo mundo está sonhando, para depois da guerra, com autogiros e balões: por favor, senhores engenheiros, não ameacem nos condenar a viver por baixo do chão. Nós queremos céu, sol, nuvens, ar. Por favor, não estraguem nossos planos secretos de Depois da Guerra — esse Depois da Guerra de que toda gente alimenta hoje suas vontas esperanças. O que os senhores estão fazendo é uma crueldade: apontar como caminho para Depois da Guerra a boca preta de um túnel. Mas exatamente, senhores, exatamente o que acontece é que todo mundo está enjoado de andar dentro de um túnel. Não temos feito outra coisa! Queremos ar, vento, tempestade — rolar das imensidades, varrer os mares, tufão!

ORDEM DO DIA*Rubem Braga*

MAIS uma vez anda Chaplin no tribunal às voitas com uma mulher. Agora, com 55 anos de idade, lhe aparece uma Joan Barry, de 25 anos, com uma história escabrosa em que se fala de um filho que afinal não houve, de dinheiro, de aperitivos seguidos de visita a um apartamento no Waldorf Astória, cenas de revolver na mão e vidraças partidas em Beverly Hills. Uma sujeira enorme, com uma horrível publicidade — ao pessimo gosto norte-americano — desaba sobre a cabeça zingara de Chaplin. Pelo que se lê, parece, afinal, ter sido um caso vulgar — uma pequena aventura que seria sem consequências se não fosse com Chaplin. A moça andou querendo aparecer em um filme e quando soube que não era possível brigou, depois se arrependeu, depois pediu dinheiro ameaçando escândalo, etc etc.

Está visto que no meio de tudo isso a moça é muito bonita e o sr. Chaplin faria bem deixando para gerações mais novas as moças de 25 anos. A propósito de Chaplin: Orígenes Lessa, que o entrevistou em Nova York (nesse mesmo e famoso Waldorf Astória) foi a certa altura lavar as mãos no banheiro do apartamento. Viu ali um pente — e “bateu” o pente, como lembrança de Chaplin. No pente havia (e ainda há) um fio de cabelo. O fio parece ser louro. Não será de Joan Barry? Eis um detalhe terrível que a justiça norte-americana podia apurar para elucidar bem o caso. Esse fio de cabelo, bem explorado, dá uma boa “manchette”. oh prezados colegas dos fogosos vespertinos desta nobre capital!

O atual diretor da Central recebeu uma justa manifestação de apreço de um grupo de comerciantes, porque resolveu de maneira feliz um dos mais antigos problemas da Central do Brasil: a desobstrução do tunel 8.

Ordem do Dia

Rubem Braga

○ poeta Carlos Drummond de Andrade requer minha atenção para as lavadeiras de Aguas Fereças. A Light cortou o "taioba" e essas lavadeiras precisam agora caminhar longos quilômetros de trouxa à cabeça — ou desistam das Aguas Fereças, ou da lavagem de roupas. Insistua Drummond, que o assunto é de minha especialidade. Não, não é verdade, eu não sou especialista em lavadeiras — embora de modo algum queira desfazer dessas senhoras, visto que um Braga humilde jamais diz "que desta seiva não beberel". Agua! Bebo a que me dão, se tenho sede. Falar em lavadeiras me exalta os demônios da memória, eles me cataram para a beira do Itapemirim, me dão 14 anos... Para o inferno, demônios! Olha-te ao espelho, homem, e toma tenência, como diz o vulgo: já muitas águas correram desde aquela tarde de verão, e ainda estás a dizer bobagens — e com esta cara! Francamente, francamente... Mas é a tal coisa: vá um homem envelhecendo, e cáia na tolice de pensar que envelhece por inteiro — famosa tolice! Alguem já notou: envelhecemos nisto, não naquilo; este trecho ainda é verde, aquele outro já quase apodrece; aqui há seiva; além é coisa murcha. A infancia não volta, mas não vai — fica recolhida, como se diz de certas doenças. Às vezes dá um ataque! Outro dia sofri um ataque de adolescência: precipitei-me cétere, árdego, convulso. Meus olhos estavam úmidos e ardlam; tremor nas mãos; os tais demônios me apertavam a garganta; estava inibido por dentro, mas agia desenfreado por fora. Exatamente o contrario do que convém a um senhor de minha idade e condição... É lamentável. Isso não se repetirá. Joana, além disso, me dá ataques de infancia... Mas basta! Trata-se de escrever sobre uma questão publica: a Light, as lavadeiras. Ora, é evidente que em um momento como este, em que o nosso país se empenha em guerra, essas minharlas não merecem atenção. Trata-se além do mais, de uma empresa de serviço publico de nacionalidade aliada. É uma grande benemerita! Sim, porque é evidente que se não houvesse Light não haveria bondes, nem gás, nem telefone, nem luz elétrica — talvez nem mesmo cachoeiras! Sabe-se, além disso, que esta empresa trouxe para o Brasil um formidavel capital — milhões, milhões! — e que lucro vai tirar desse povo quebrado, essa multidão de pé-rapados do Rio? O "taioba", suprimido certamente o foi porque depunha contra os nossos foros de povo civilizado; e não é por causa de um tostão nem vinte centavos que ninguém vai ficar pobre. As lavadeiras, se não quiserem andar a pé e tiverem pressa, tomem "taxi"; basta economizar na cachaça. Até em cinema essa gente gasta dinheiro — gastar dinheiro em bobagem em um momento como este, que é de sacrificio para todos! Como é que essas negras fuleiras podem comprar vestidos de baile para ir ao Flor-de-Abacate? Naturalmente querem viver à custa da Light. Eu, francamente, se fosse dono da Light, não deixava certa gentinha andar de bonde, nem ter luz elétrica. E ainda há quem reclame o preço do telefone! Querem ficar conversando mole — quando o momento é de ação e não de palavras! E' como dizia um sujeito que estava conversando outro dia comigo: brasileiro é assim mesmo...

Somos assim mesmo, Deus Misericordioso! Somos assim mesmo! Com "taioba" ou sem "taioba", com dinheiro ou sem dinheiro...

ORDEM DO DIA

Rubem Braga

A CONTECE em Copacabana, não sei se também alhures; as pavorosas vitrinas do patriotismo escolar. A gente passa de bonde, é noite, e se vê uma casa fortemente iluminada. A sala da frente, com janelas e portas escancaradas e luzes furiosamente acesas, está vazia. Podem-se vêr as carteiras e, na parede do fundo, esticada na parede, uma Bandeira Nacional, encimada pelo retrato do presidente da Republica.

Não tenho nada a opôr ao uso de retratos do presidente da Republica e de Bandeira Nacional nas escolas. Mas transformar uma sala de aulas numa vitrina, usando essas coisas como chamariz, em um estardalhaço noturno de patriotismo de propaganda comercial, isso me parece um pouco de mais. Qualquer dia uma dessas casas comerciais do ensino é cadaz de contratar um camelô, vestido de verde e amarelo, para ficar nna calçada batendo palmas e gfitando aos transeuntes:

— "Entrem, entrem! Aqui! E' o Instituto Superior Pedagógico Nacional do Coração do Brasil! Muito patriotismo! Religião, moralidade, civismo e ciencias a granel! Aproveitem as ultimas matriculas! Preços especiais! Dois filhos têm abatimento, três filhos têm mais abatimento! Aproveitem! As loucuras de março! Abaixo os lafranhudos da zona! E' o Super-Pedagógico Nacional Coração do Brasil! Eu aqui, minha senhora! Eu aqui! E' aqui! Val' querer?! Quem mais?!" E lá dentro, junto á caixa registradora, de fitinha auri-verde á la péla, o gerente do estabelecimento espera os filhos dos papalvos.

Ah, dona Palmira, da escola do Centro Operario e de Proteção Mutua, que saudade de sua escola tão simpiezinha e decente.

Plano de Produção Algodão de 1943-44

Presidente da República Mantendo a "Cota Especial" Motivos do Ministro da Fazenda Sobre Essas Duas Providencias

Parágrafo único — Os remanescentes da safra de algodão de 1943, a que se refere o decreto-lei número 5.582, de 17 de junho de 1943, continuam sujeitos às disposições desse decreto-lei.

Art. 2º — A arrecadação, recolhimento, escrituração e aplicação da "Cota" especial a que se refere o artigo anterior, obedecerão às mesmas disposições já previstas para a cota de que trata o decreto-lei número 5.582, de 17 de junho de 1943.

Art. 3º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º — Revogam-se as disposições em contrário".

A EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS DO MINISTRO DA FAZENDA

Acompanhava os dois decretos-leis acima, a seguinte exposição de motivos do ministro Arthur de Souza Costa:

Em agosto do ano passado reuniu-se a Comissão de Financiamento da Produção para estudar a proposta apresentada pelo Interventor Federal no Estado de São Paulo de distribuição de sementes de algodão destinadas à semeadura do povo ano agrícola presentes a iniciar-se.

Decidiu-se, então, de comum acordo, com o Governo de São Paulo, manter-se, na estação agrícola de 1943-44, a mesma área da anterior, distribuindo-se para isso a mesma quantidade de sementes aos lavradores de algodão.

Por motivo, sem dúvida, do encarecimento decorrente dos preços satisfatórios da safra anterior, preços esses que se elevaram, em média, no Estado de São Paulo, a cerca de Cr\$ 25,50, por arroba de 15 quilos pelo algodão em caroço, forma por que os lavradores paulistas negociam sua mercadoria, não pode o governo do Estado de São Paulo manter a área algodoeira dentro dos limites assentados pela Comissão de Financiamento da Produção, tendo sido obrigado, a fim de evitar plantio de sementes clandestinas, a permitir distribuição, sensivelmente superior à largada acertada para esse novo ano agrícola, apesar de dispor, como é sabido, de uma das melhores organizações técnicas de controle e fiscalização de lavras do país.

Desse modo, a área algodoeira daquele Estado, em lugar de manter-se no nível aprovada pela Comissão de Financiamento da Produção, será no ano agrícola já em curso sensivelmente superior à de estações passadas.

Essa expansão da área algodoeira de São Paulo é particularmente única no país, porquanto as safras de outras regiões como o Nordeste e o Norte, em vez de acusarem aumentos, registam sensível declínio em relação aos períodos

anteriores, estando determinadas acentuadas expansões da área algodoeira, sobretudo no Estado de São Paulo em detrimento de outras atividades agrícolas indispensáveis às necessidades básicas nacionais.

2º — Os preços do algodão brasileiro registam acentuada tendência altista, quer no mercado interno, quer no mercado externo, o que vai ocasionando a redução de nosso poder de competição nos centros consumidores estrangeiros.

3º — A acentuada diminuição das vendas para o exterior nos últimos dois anos vem acarretando progressivo aumento dos estoques de algodão no país, especialmente no Estado de São Paulo, cujo montante não embarcado ascendia em 31 de dezembro de 1943 a mais de 400.000 quilos, apesar de ter-se expendido consideravelmente o consumo interno das fábricas.

4º — A situação econômica da lavoura de algodão do país é satisfatória, em face dos preços médios recebidos e do valor global apurado pelos lavradores.

5º — E' da conveniência da economia algodoeira nacional manter diferença razoável de preços entre os nossos algodões e os de maiores competidores de nossas vendas, quando as transações normalizarem.

6º — Julga-se acertado manter-se estabilidade das cotações em vista de possibilidade de queda de preços nos mercados externos quando a concorrência atingir maior intensidade.

7º — A expansão exagerada das áreas algodoeiras, estimuladas pela maior alta dos preços, terá como consequência o aumento de custo de produção, pelo aproveitamento de terras menos apropriadas a essas melhorias e pela participação em tais atividades de agricultores sem a necessária experiência.

A vista dessas conclusões a que chegou a Comissão de Financiamento da Produção depois de ouvir não só os esclarecimentos que lhe prestaram seus representantes como os representantes das associações de classe, mas também os que lhe foram presentes pelo Sindicato dos Exportadores de Algodão de São Paulo, pela Seção de Estudos Econômicos e Financeiros do meu Gabinete e pelos depoimentos individuais de lavradores (vai anexo a esta Exposição um desses depoimentos); a vista desses fatos, e levando em conta que, dado o melhor desenvolvimento das lavouras no ano em curso, o provável aumento do custo de exploração decorrente do encarecimento das utilidades básicas usadas pelos agricultores é compensado pelo aumento

ORDEM DO DIA

Rubem Braga

MEU primeiro sentimento, na tarde de sexta-feira, vendo o desfile dos rapazes do Corpo Expedicionário, foi de melancolia. Muitos homens de minha idade hão de ter sentido o mesmo que eu, vendo passar aqueles moços. Passados ali, à margem do desfile, sentimos que o nosso lugar certo era lá, no meio de algum pelotão, e o meio-fio nos pareceu humilhante. Mulheres, velhos e crianças batiam palmas, jogavam flores ou saudavam alegremente os soldados. Um amigo de trinta e poucos anos que estava ao meu lado olhava quase com frieza os moços que marchavam. Mas não era frieza; era aquele sentimento de despeito viril que, de súbito, ele revelou numa frase:

— Bolas! Esse pessoal não é mais forte do que eu. Sou mais velho 15 anos que a maioria deles, mas era capaz de partir a cara de meia dúzia desses meninos.

Gabolice, mas não de inveja baixa, sim de fraternal inveja. Na verdade eles merecem ser invejados. Vão fazer alguma coisa de certo e de simples, de verdadeiro e acima de qualquer discussão: vão lutar com os nazistas, para matar ou morrer. Para eles não digo que não haja mais problemas; há muitos, que irão resolvendo, mas são problemas de circunstância; o problema fundamental do dever não existe mais. O caminho é claro. Esses moços que vão para a guerra levam na consciência uma paz. Nós outros poderemos dizer o mesmo?

Ainda não podemos. Estamos às vésperas da partida desse contingente, e precisamos pensar na gravidade disso. Agora não estão mais em jogo preferências nem pontos de vista. Temos diante de nós um fato, e um fato sério: milhares de moços do Brasil — de todas as classes, de todos os Estados, raças e ideologias — estão ali marchando juntos. Estão queimados pelo mesmo sol, identicos e irmãos em seus uniformes simples, avançando seguros na mesma cadência. Vão lutar juntos, vão dispor de suas vidas sob a mesma bandeira, contra o mesmo inimigo. Não duvido das providências das autoridades para garantir tudo o que for necessário a esses moços. Mas a retaguarda não é somente um problema de suprimentos e de ordem material; é, ainda um problema moral. Essa retaguarda moral é que precisa ser firmada sem demora. Temos falado muito em união nacional de guerra, falado e discutido; mas, na verdade, ela não está feita, e o primeiro passo para fazê-la é reconhecer francamente isto. E quero escrever aqui, sem disfarces, a palavra que está na boca e no coração de todos: anistia. Anistia há de ser o sinal de uma verdadeira união. Homens da direita, da esquerda e do centro liberal — todos poderiam estar ontem na Avenida, livres, para assistir à marcha daqueles rapazes bronzeados pelos rudes exercícios ao sol; e todos se sentiriam irmãos. Não se trata neste momento de saber se eu quero um parlamento e você quer um sindicato, se fulano é a favor do ensino religioso e sicrano reclama a autonomia dos Estados. Tudo isso é grave para quem pensa e acredita nas idéias que pensa, mas há qualquer coisa de mais grave e imediato: a guerra em que entram agora a carne e o sangue dos moços do Brasil. O Governo está forte. Pode dar e pode exigir e a justiça que fizer aumentará sua autoridade para traçar deveres e cobrar sacrifícios. Sejam banidos de qualquer posto de mando todos os aproveitadores e todos os comodistas; dê-se ao povo a certeza (que nenhuma propaganda dirigida incute, mas os mais simples fatos podem firmar) de que os sacrifícios que ele fizer são benéficos para o Brasil e não lucros para fulano ou sicrano. E que, então, as filas de mantimento tenham leguas, as durezas da vida sejam dobradas: ele aguentará com firmeza viril. Somos um povo rude e rústico; temos uma grande resistência. E há em todos, eu afirmo, boa vontade. A tarefa a empreender é grande, mas uma vez iniciada ela avançará com força. Os que trazem na boca o "esforço de guerra" e enchem a burra, ou manobram com displicência varinhas de condão para fazer brotar flores de caprichos — esses tentarão reagir, mas a mão do Governo não precisará cair com dureza sobre suas cabeças, porque a pressão do povo os condenará e anulará.

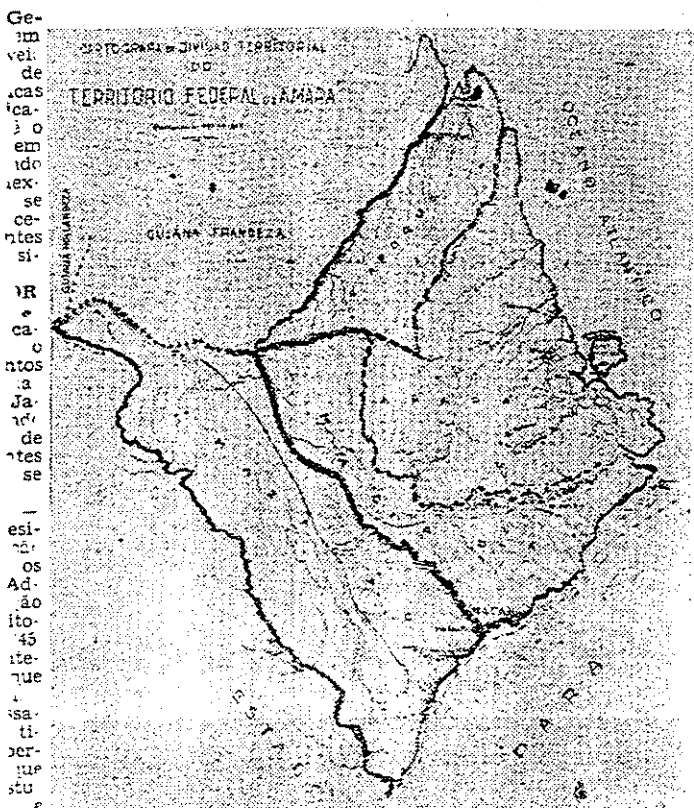
Como aqueles moços que marchavam ao sol da Avenida temos também uma guerra a lutar. E' uma guerra sem sangue mas é longa e áspera. Junte o Governo os homens de boa vontade e dê força no seu meio ou fora dele aos que lutam para impôr decência e ordem no meio de tantas confusões mesquinhas. A crítica livre ajudará a construir. Os homens passam sem leite, sem carne, sem pão, sem trem. Eles têm, sobretudo, mesmo aqueles que não o suspeitam, fome e sede de justiça.

MAPÁ

PO ABERTO A

AS ATIVIDADES

VIÃO JANARY GENTIL NUNES, GOVERNADOR DAQUELE TERRITÓRIO
 ao Administrativa e Judiciária — Proposta a Criação de Oiapoque — Macapá, a Nova Capital — A Construção de um Governo Sobre as Muralhas de Uma Velha e Histórica Cidade — Possibilidades Econômicas da Região



A divisão territorial do Amapá

apropriadas ao alto mar, ficando distante quase o dobro do trajeto do natural armazém de abastecimento do Território — a capital do Pará.

Assim, em Macapá, já está instalada a sede do governo do Amapá. Os fatores geográficos e econômicos impuseram essa retificação. Aliás, historicamente, Macapá foi teatro de perigosas lutas para a conquista da foz do Amazonas, em que morreram milhares de nossos avós, e ali ainda se acha a monumental fortaleza de São José de Macapá, estilo Vauban, construída pelos portugueses em 1764, onde se prepararam parte das tropas que conquistaram Caçena, em 1806.

UM MUSEU HISTÓRICO
 Pretendemos pedir autorização à Comissão de Patrimônio Histórico Nacional, acrescentou o entrevistado, para construir o Palácio do Governo sobre as muralhas

Essa obra constituirá muito breve tempo motivo de turismo, pois se acha destruída sobre o lado magistral do Amazonas, oferecendo lindíssima paisagem.

POSSIBILIDADES ECONÔMICAS
 E concluindo sua entrevista, fomos nós o governador do Amapá:

— Contamos expor amanhã a todos os compatriotas — as magníficas oportunidades de emprego de capital na região do Amapá.

O nosso Departamento de Produção e Pesquisas já está atuando para a localização e exame dos depósitos minerais mais fáceis de serem explorados economicamente e também iniciamos a batalha para a melhoria da alimentação do povo afirmando de podermos receber em futuro próximo os inúmeros colonos que estão interessados em formar na vanguarda dos

ORDEM DO DIA

Rubem Braga

E SSE sr. Harry F. McLean, que interrompeu o trânsito de uma rua de Windsor, Ontário, jogando pela janela cinco mil notas de um dólar (total: 100 contos de réis) e declarou — "gosto de ver pessoas satisfeitas e esta é a maneira de propagar a alegria entre o genero humano" — é, sem dúvida, um homem simpático. Está visto que sua maneira de distribuir dinheiro consulta mais os interesses da Publicidade que os da Justiça — e do ponto de vista policial tem o inconveniente de interromper o trânsito e provocar brigas na rua. Mas, enfim, Santo Deus, eis um homem que lança aos ventos, para o povo, os seus "lucros extraordinários", jogando dólares à multidão como quem joga milho às galinhas.

Sim, deixemos de lado quaisquer restrições que possam ser feitas ao alegre sr. McLean que aliás, segundo o telegrama, já é famoso pelas suas liberalidades. Pensemos apenas, com inveja, nos habitantes de Windsor. Aqui nesta cidade o dinheiro jamais cai do céu, jamais, jamais! Quando a gente passa sob a janela de um de nossos ilustres capitalistas o mais que se recebe é alguma carteira de cigarro rigorosamente vazia, jogada lá de cima. Já é de se dar graças a Deus quando o dinheiro que levamos no bolso, ao passarmos por uma dessas janelas, não sai voando paredes acima para entrar na burra do homem. Há mesmo casos em que se desconfia de que nessas janelas existem irmãs ou aspiradores elétricos invisíveis para chupar o dinheiro transeunte. Não aterrissam na rua absolutamente, essas agradáveis cédulas de 200 e 500 cruzeiros. Ca em baixo o que funciona é o enxame das notinhas de cruzeiro e dois cruzeiros, que chamam de "japonesas", tão velhinhas enrugadas e rötas que até dá vergonha de gastar. Se o sr. McLean agisse no Rio certos capitalistas locais eram capazes de pedir ao sr. Mac Dowell para denunciá-lo ao Tribunal de Segurança por crime contra a economia popular: jogar dinheiro fora quando com 100 mil cruzeiros e um pouco de habilidade, se pode "incorporar" esplendidos edifícios do lado da sombra. Do lado da sombra! Quem lá os anúncios de imóveis chega à conclusão de que não há sol nesta cidade: tudo é do lado da sombra. Do lado da sombra! Do lado da sombra! Oh, bemaventurado seja o sr. McLean que distribue dinheiro ao sol. Deus o proteja — e lhe acrescente, sr. McLean!

Os Anúncios de Ofertas de Casas e um Apelo do 3º Delegado Auxiliar

O dr. Eunápio Castelo Branco, 3º delegado auxiliar, com o objetivo de facilitar a fiscalização da Polícia, solicitou do público a especial atenção para a forma de redigir e publicar anúncios de ofertas de casas, apartamentos e trapassos dos mesmos, com mobílias.

Convém, pois, que tais anúncios, doravante, sejam padronizados, isto é, obedçam um sistema direto, esclarecendo a intenção dos ofertantes, como as instruções que se seguem: Bairro, local, especificação, descrição, preço, condições, prazo, nome do proprietário, telefone, etc. Se for mobilizado, dizer o preço do aluguel do mobiliário, à parte da casa. Toda via, se se tratar de quarto ou sala, esclarecer se é com direito a cozinhar e lavar.

A 3ª Delegacia Auxiliar ti-

cará gratis com o relevante serviço da imprensa à economia popular com a recusa sistemática de anúncios em que se peçam ou ofereçam vantagens proibidas por lei, assim como, pagamento adiantado de aluguel ou "luvas" ainda que sob o disfarce de gratificação ou indenização por "benfeitorias".

Assim, é de se esperar que o pretendente ao negócio, senhor das condições, não sofrerá surpresas desagradáveis fazendo diretamente a transação ao alcance de suas posses.

Tudo e qualquer anúncio no genero diferente do padrão acima mencionado, será inquinado de suspeita e terá a investigação rigorosa daquela Delegacia Auxiliar com a sujeição do infrator à punição da lei.

A Entrega do Pavilhão Nacional ao 1º Grupo do

ORDEM DO DIA

Rubem Braga

NOEMIA vai expôr no Museu Nacional de Belas Artes talvez no dia 20 deste mês o que é meus senhores, uma suave notícia. Pois acontece que Noemia Mourão Cavalcanti faz desenhos e quadros a óleo que são uma delicia. Façam o favor de ir ver — e aqueles dentre vós que possuir dinheiro logo terá o impeto de comprar e levar para casa uma daquelas mulheres ou meninas de Noemia. Mulheres e meninas de sonho que nos olham tristes e suaves entre flores, ou de um balcão. E ás vezes há uma pomba, ás vezes cortina, ou a moça tem um vestido antigo. E sempre elas têm nos olhos e nos cabelos uma graça tímida, são mocinhas perante o destino que talvez as machuque. Não deixela de ver. E subir as escadas e passar 20 minutos all, dá tempo de espisar os 40 quadros. Então descereis correndo para a fila de onibus; mas entre as filas de onibus e as manchettes dos jornais berrando as coisas da guerra e a austera, apagada e vil tristeza dos tempos de Camões e de nossos tempos de hoje levareis um resto de luar dentro dos olhos. E isso nunca fez mal a ninguém, e até pode ser que ajude a ganhar a guerra. A alma da gente, meus senhores, é grande. Cabem muitas imagens em seus museus: os enforcados, os torturados, os famintos, e nossos amores e parentes, e inimigos ruins e velhos amigos e conhecidos chatos e agradáveis, e um cliché de reportagem de José Silveira sobre os mineiros desgraçados da mina de São Jerônimo e uma triste e sensual mocinha de Noemia. Enquanto esperais que a exposição se abra eu vos aconselharia a sair pela rua (sempre que possível perto do mar) esta noite. Pois eis que veio um vento sudoeste raivoso que todo mundo que gosta de tomar banho de mar xingou muito porque não poudo ir á praia domingo; mas o vento tinha razão. O mar está barbaro, feroz, mas vieram grandes aguas frias que esfriaram o ar, e o sudoeste varreu o verão. E deixou o céu limpo com estrelas brilhando e a lua crescendo. Doce inverno do Rio de Janeiro o sudoeste o trouxe em abril, derrubando o ouro das acélias, fazendo silenciar as cigarras e fazendo estrondar o mar em grossa espumarada. Abril! Podeis, no intervalo, ler Vicente de Carvalho: "o claro mês das garças forasteiras..."

Eis abril. Desculpai-me se não gostais de estrelas e crescente em noite de frio, nem de mocinhas de sorriso tenue e olhos tristes como as filhas de Noemia. Ah, desculpai-me. Mas aquele português que, segundo o telegrama, deu á noiva como presente de casamento um bacalhau — ele não tem razão. Eu, João, eu vos ofereço de presente o mês de abril — espumas do mar, olhos bobos das filhas de Noemia, noite azul, estrelas no ar frio. E este velho coração, menina.

PORTAÇÃO DE PRODUTOS Americanos Para o Brasil

MODIFICAÇÕES NO SISTEMA DE COMERCIO DE IMPORTAÇÕES E SCLARECIMENTOS DO EMBAIXADOR JEFFERSON CAFFERY



O embaixador Jefferson Caffery

de ora em diante ser encomendados diretamente pelos consumidores brasileiros aos seus exportadores norte-americanos, que os fornecerão a preços limitados pelo controle de preços de Exportação.

SETENTA E CINCO POR CENTO A MENOS DE PEDIDOS DE PREFERENCIA!

O sr. Jefferson Caffery friza com uma expressão de contentamento na fisionomia:

— Com isto ficam eliminados cerca de setenta e cinco por cento de "Pedidos de Preferencia".

— E' quase comercio livre... S. excia. fez com a cabeça um sinal de assentimento e nota:

— O senhor disse bem: quase. E depois de repetir o "quase" como para destaca-lo bem:

— Mas não quer dizer que todas as mercadorias liberadas estejam em abundancia e em condições de livre fornecimento. A maioria dos embarques requererá Licença de Exportação nos Estados Unidos. O essencial, entretanto, é que tanto aqui como lá foram evitados um consideravel ir e vir de papeis, e as demoras que isso acarretava com prejuizos sensiveis para o importador brasileiro e para o fornecedor norte-americano.

REINTEGRAR O COMERCIO NOS SEUS PROCESSOS NORMAIS

Tinhamos o bastante para uma reportagem util e clara. Mas, ao despedirmo-nos do embaixador Caffery, ainda tentamos outra pergunta, que ele respondeu com a mesma boa vontade e a mesma franqueza:

— Haverá em futuro proximo outros artigos retirados da lista?

— E' de se esperar que, na proporção em que as circunstancias melhorarem outras facilidades sejam concedidas. A politica dos governos dos Estados Unidos e do Brasil neste sentido é simplificar ao maximo as funções do controle e reintegrar o comercio nos seus processos normais, tanto quanto lhes permitir o desenvolvimento vitorioso da guerra que sustentamos contra o Eixo".

seria aguardar um momento propicio para introduzir modificações efficientes naquele estado de coisas. Afinal, o momento foi se apresentando gradativamente.

MELHORAM AS CONDIÇÕES DE SUPRIMENTO

— Começaram a melhorar as condições de suprimento dos Estados Unidos — prosseguiu o ilustre diplomata. E á medida que a melhora se acentuava iam sendo oferecidas ao importador brasileiro e ao exportador norte-americano certas facilidades possiveis, que agora culminaram, em proveito dos mesmos, na modificação quase que radical introduzida no processo de encaminhamento de encomendas e embarques das mesmas. Hoje, conforme o senhor leu na publicação feita pelo Banco do Brasil, somente uma pequena lista de produtos dos Estados Unidos está sujeita a formalidades severas de pedido e despacho. Todos os demais podem

Coroneis e Capitães Transferidos Para Reserva

Dispondo sobre a transferencia para a reserva de coroneis e capitães de Mar e Guerra o presidente da Republica assinou o seguinte decreto-lei:

"Art. 1.º — Aos atuais coroneis das Armas e dos Serviços do Exército e aos atuais capitães de Mar e Guerra dos Armas

CARDILO FILHO ADVOGADO AV. ERASMO BRAGA, 72 6º ANDAR (ESP. CASTELO)

Atões, consultas e pareceres sobre Direito Civil e Commercial. Ajustamento de estatutos de sociedades anônimas em geral de todas as espécies, especialmente empresas de seguros, bancarias, ou concessionarias de serviços publicos.

ORDEM DO DIA

Rubem Braga

As mulheres fizeram justiça ao pobre Chaplin. E ele merecia. Valeu o escandalo faroz por esse minuto em que Chaplin, chorando de gratidão, foi aclamado pelas mulheres, e uma delas disse: "você é o maior homem do mundo". Está o vagabundo outra vez livre — mas que melancolia! Talvez ele agora resolva envelhecer sozinho com a sua arte, sem tentar mais nenhum amor. Esse homem que quiseram apresentar como um criminoso tem um coração de vitima. Ah, criminosos e victimas nessa historia de amor se confundem, e ninguém sabe quem fere nem é ferido, quem está matando nem morrendo. Aquela senhora que morreu deixando toda a fortuna para o filho e dois dolares para o marido (um para comprar uma corda com que se enforcasse) vai ver que era uma boa senhora. O marido disse: "ela foi má para mim durante toda a minha vida". Mas vejiam, ficou um dolar sobrando. Nesse dolar está o misterio da alma feminina. Que farias tu, leitor, com esse dolar? Chaplin era capaz de se enforcar de tristeza, gastando um dolar com a corda e outro com um ramo de flores para o tumulo da senhora morta. Talvez, ao morrer, ela tivesse essa seprera esperança: porque na mulher mais ruim sempre há um pedido de ternura. Um dolar para morrer, um dolar para meditar. Um dolar que é um coice, outro dolar que é uma nuvem. A senhora Mary Gress Cubery lança da eternidade um dolar para uma corda que puxe até lá o marido e outro dolar sem sentido, mas tão estranho, tão puro e tenso de brumas. Ah, Deus, abençoei as mulheres que nos dão, com a moeda maldita, a moeda de todo o misterio. Ah, Joana, um dolar pelo matto triste com vento do mar e grilos, escurecendo. Um dolar pelo ouro das tardes perdidas; com o outro me enforcarei obediente.

E por falar em amor, recebi uma carta em que há uma acusação a um médico encarregado de examinar as jovens alunas de um estabelecimento de ensino. Esse médico, naturalmente muito amoroso, está ofendendo de maneira desnecessaria e moleque o sentimento de pudor das moças. O autor da denuncia promete trazer algumas das moças á redação, caso au o deseje, para que atestem o que ele diz.

Não é preciso que as moças venham á redação, nem desejo publicar aqui nenhum nome. Mostrei a carta a um médico meu conhecido, e que tambem conhece o serviço de que se trata. Ele disse que era muito provavel que fosse verdade, pois já tivera alguma informação a respeito.

Fica, portanto, o doutor "pilantra" avisado de que suas galanterias, estão irritando. Modere seu entusiasmo, e ouça um bom conselho: se tiver absoluta necessidade de fazer exames desse tipo, que vá examinar a avó — e fique tudo em familia!

Armazenamento de Vinhos

IMPORTANTE PORTARIA DO MINISTRO DA AGRICULTURA

O ministro Apolinio Sales, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo art. 72 do Regulamento aprovado pelo Decreto n. 2.499 de 16-3-38 e considerando a situação anormal criada para o comercio dos vinhos nacionais, pela dificuldade dos transportes, baixou portaria resolvendo o seguinte:

1) Fica o Instituto de Fermentação, do S. N. P. A., do C. N. E. P. A., autorizado a permitir, a titulo precario e até ulterior deliberação, aos produtores nacionais inscritos no Registro Vitivinícola, que estiverem nos grandes centros de consumo do pais estabelecimentos devidamente instalados e aparelhados, a juizo do I. F. a receber vinhos de sua produção em barris, transportando-os para vasilhame de

Ministerio da Marinha

PREÇO DE FARDAMENTO

Organizada pelo Deposito Naval, está publicada no Boletim 13 de março ultimo, a tabela de preços de peças de fardamento, em dinheiro, para o Corpo do Pessoal Subalterno da Armada.

DISCIPLINA

Foram excluidos do serviço da Armada a beu da disciplina Ernani de Lima; e por deserção Adolfo Francisco Pereira, Molquedades Campos, Bernardino Francisco Mões, Renato Pereira Dias e AbGon Bento de Lima. Foram reincluidos no serviço ativo, por diversos motivos Adolfo Francisco Pereira, Jorge de Oliveira Pinheiro e Valter Batista do Nascimento.

DIARISTAS

Foram admitidos pelo ministro — Adolfo Barros, Carlos Hilario de Oliveira, Candido Amancio da Rosa, Antonio Maurício da Rosa, Osvaldo dos Santos Cunha, Flavio Fernandes de Albuquerque, Jorge José Desiderio, Domingos Ferreira dos Reis, Altamir Batista, Egídio

Ordem do Dia

Rubens Braga

HOJE estou sem vontade de escrever, mas resolvi não deixar em branco este canto de página. Vou transcrever.

Em carta dirigida á revista "Diretrizes" desta capital escreveu um português, o sr. Gervasio M. Novais, uma longa defesa do ministro Oliveira Salazar. A revista publicou esta carta "movida por um estrito dever de ética profissional".

Eis um trecho dessa carta:

"Ao lema Integralista — inspirado pela "Action Française" — da "politique d'abord" (na definição de Charles Maurras), Salazar opõe e adota um principio diametralmente oposto, que os marxistas, aliás, perfilham. Tal é: primeiro o financeiro, depois o politico. E é assim que só depois se resolve o problema financeiro — pelo equilibrio do orçamento, pelo restabelecimento do credito interno e externo, já a Nação considerada e julgada solvente. Salazar é chamado a enfrentar o problema politico. E fá-lo dando ao país uma nova Constituição pela qual se declara que o regime é uma Republica unitaria e corporativa. Há quem, por motivos politicos, pretenda vêr que a forma corporativa portuguesa representa uma imitação do regime fascista. Nada menos verdadeiro. O sistema corporativo português tem fundas raizes nacionais, vem dos primordios da propria nacionalidade — através das cortes, em que o povo tinha voz, através da Casa dos Vinte e Quatro e através das Corporações de Artes e Officios."

O jornal "A Noticia", de ontem, transcreve isso e depois escreve: "Quem contesta o sr. Gervasio M. Novais é o proprio e illustre sr. Oliveira Salazar, que assim define a orientação da sua politica:

"Somos anti-parlamentares, anti-democraticos, anti-liberais, e estamos determinados a estabelecer o Estado Corporativo segundo o modelo italiano. Crer que a liberdade do povo está ligada á democracia é ser cego á evidencia apresentada pela Historia."

Ordem do Dia

Rubem Braga

O general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra, concedeu ontem a "O Radical" uma entrevista que fornece muita matéria de meditação. Diz inicialmente que "o Exército é parte integrante do povo, e por isso acompanha todas as variações de força e fraqueza que este experimentar." Depois de fazer referência á campanha de Blac, acentua:

"No Estado moderno, o poder civil domina o poder militar, mas é imprescindível que o espírito publico e as necessidades da defesa do país permaneçam sempre perfeitamente associados."

Cita o exemplo da França, impotente porque dividida:

"A massa humana da terra de Joana D'Arc assistiu estarecida a uma invasão sem resistencia, vendo seus Exércitos fundirem-se nos campos de batalha. Não se inflamou a centelha divina que iluminou aquela gente ao fazer a Revolução Francesa, a combater nas Campanhas Napoleônicas, a resistir a todo o custo para vencer em 1818. O povo tinha um ideal que ninguém compreendeu."

Refere-se, em seguida, á mistica da Linha Maginot e a outros fatores, para afirmar:

"Grande deveria ter sido a confusão, porque a França não resistiu. A guerra é um elemento unificante. Quando o inimigo transpõe as fronteiras de um país, á sombra da mesma bandeira reúnem-se os filhos deste, esquecendo-se das quizílias e divergências políticas, diante do alarma angustiioso da Pátria em perigo."

E logo depois:

"O exemplo citado é uma lição. Bebamos-lhes avidamente os ensinamentos, derrubando todos os obstáculos e as hesitações que dividem e apartam os brasileiros dignos deste nome, para que, juntos, irmanados, somando seus esforços, possamos lutar de mil formas e maneiras, atim de desafrontar a nossa Bandeira humilhada e preparar o progresso rápido da Nação."

Depois de tocar em outros assuntos, aponta os que, a serviço do inimigo, fazem obra de desagregação, e junta:

"Além de tudo isso, devemos ficar atentos contra os aproveitadores da guerra, contra aqueles que encaram a luta nefanda que deprime a Humanidade, como um meio para obtenção de bons negocios. Neste transe, o sacrificio deve ser coletivo, e todos devem ter em mira uma unica coisa — trabalhar, honesta e eficazmente, para que o Brasil possa saldar seus compromissos com honra e gallardia."

Ordem do Dia

Rubem Braga

○ Sr. Armando Boaventura, colaborador e diretor do suplemento literário do jornal "Brasil-Portugal", escreveu um artigo no numero 1 desse novo e brilhante matutino, aparecido a 11 de abril corrente. Definindo seus propósitos, diz, na chave de ouro do artigo, o sr. Boaventura:

"Uma política ao serviço e a bem da nação portuguesa e a serviço e a bem da nação brasileira. Cultura luso-brasileira — para a defesa da Civilização cristã — contra o barbarismo oriental, dissolvente e corrupto. qualquer que seja a bandeira e qualquer que seja o local onde essa bandeira se arvore..."

No numero 2 do mesmo jornal escreveu o mesmo sr. Boaventura um outro artigo em que diz, a certa altura, o seguinte:

"A Verdade sobre Salazar é uma Verdade (as mal-uscias não são minhas, são do Boaventura) que se impõe por si mesma. Di-lo o país e proclama-o o mundo culto e civilizado para o qual Portugal é e será — porque foi — um dos principais esteios, e hoje o principal esteio da civilização Cristã no Ocidente."

No numero 3 fez outro interessante artigo, em que nos informa que Salazar tem apenas uma casaca testá escrito "casa", mas deve ser erro de revisão) na qual ele aparece "discreto e impecavel". Impecavel, apesar de a casaca ter sido feita "não por "tailleur" de fama, mas por alfaiate modesto e anônimo."

Como se vê, os artigos do sr. Boaventura são muito informativos. Ficamos sabendo que o sr. Salazar tem apenas uma casaca — e olhe lá — e que Portugal é hoje o esteio principal da civilização Cristã do Ocidente. Essa civilização — também nos informa o intrépido sr. Boaventura, está ameaçada pelo "barbarismo oriental, dissolvente e corrupto."

Em troca de tão preciosas informações, vamos dar também algumas ao sr. Boaventura. Não serão tão sensacionais, não serão nem mesmo Verdades mas — isso eu garanto — são verdades."

a) — O Brasil é um país que está atualmente em guerra contra a Alemanha e outros países, ao lado da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Rússia e de outros países.

b) — Portugal pode ser esteio de tudo que o sr. Boaventura quiser, mas, enquanto a coisa val e vem, é um esteio neutro.

c) — Essa historia de "barbarismo oriental" é muito interessante, mas não é nova. Foi para defender a Civilização Cristã no Ocidente contra o citado barbarismo que o sr. Adolf Hitler começou esta guerra.

d) — Quanto á casaca do sr. Salazar nós todos estimamos muito saber o que nos informa o sr. Boaventura.

Ordem do Dia

Rubem Braga

SEGUNDA-FEIRA, manhã de chuva. Acabo de ler os suplementos de domingo. A literatura anda briguenta. O sr. Carpeaux volta a defender-se das acusações que lhe foram feitas e assinala que Bernanos não respondeu ao seu reptu de honra. O reptu foi lançado há dois meses e até agora o sr. Bernanos — mōita.

Mas o sr. Carpeaux é infeliz querendo sustentar um insustentavel artigo que escreveu sobre Romain Rolland. Sua alegação sobre mistura de literatura com politica, tenha paciencia, mas não pēga. O artiguete era tambem politico, e desse ponto de vista completamente injusto para com o grande lutador anti-fascista. Isso valeu ao sr. Carpeaux uma verdadeira chuva de pancadaria. Não concordo nem simpatizo com a maneira pela qual ás vezes tem sido atacado esse homem, mas em principio a chuva foi merecida. Pode ter havido excesso (ah, meus Deus, nós somos tropicais, e sempre chove muito nestes paizes) mas afinal de contas o sr. Carpeaux tem um temperamento tropicalissimo — o que aliás tambem acontece com o tōrrido sr. Bernanos, que chama habitualmente de idiota todo mundo que não concorda com ele e com Joana d'Arc.

O sr. H. C. (que é o sr. Alvaro Lins) está tambem desgodoso com o "terrorismo literario" e reclama liberdade. Eu, por mim, sou a favor da liberdade, cuja ferocidade parece que está sendo um tanto exagerada. Eu acho que não se pode mesmo obrigar um poeta que está pensando na doce curva do joelho da amada a meter um poema sobre Sebastopol. Cada um faça o que quiser — e muito faz quem não atrapalha. Meu triste amigo Lucio Cardoso acha a guerra monotona e suspira na mesa do Zepelin; eu tambem suspiro na mesa do Zepelin e de outros bars desta praça e não acho a guerra monotona. Que Fazer?

Entretimentos o sr. Tristão de Ataíde recomeça a fazer critica literaria, e com uma novidade importante: cansou-se da direita e volta a atuar no centro. Elogia Rui e o livro de João Mangabeira sobre Rui. E', sem duvida, o caso de conversão mais interessante dos ultimos tempos, o desse reacionario ultramontano que levou tanta agua benta ao moinho integralista e agora retorna aos ideais democraticos. Muito bem, antes isso. E não esqueça de avisar aos rapazes que aquela historia toda que o senhor contou para eles não vale mais:

Duas revistas praticamente novas: "Hoje", em São Paulo, agora dirigida por Artur Neves, e "Renovação", no Rio, de um grupo de rapazes. Boas revistas — assimem! Outra novidade: um grupo de jornalistas, escritores, banqueiros, revisores, operarios, senhoras, senhorinhas e leitores em geral está promovendo uma grande homenagem ao Barão de Itararé. Haverá provavelmente um grande almoço numa churrascaria, a preços democraticos. Várias associações já aderiram. Informações maiores podem ser dadas pelo dr. Francisco de Assis Barbosa, na sucursal da Livraria do Globo, rua 13 de Maio, 44, telefone 22-4577. O Barão pronunciará um grande discurso.

Ordem do Dia

Rubem Braga

DN abril
1969

DIZ um homem que vai viajar — e então já não é o mesmo. Pois aqui está João, o nosso amigo João, que vemos todo dia, com quem discutimos hoje, amanhã jantamos, depois de amanhã bebemos, ou pedimos 200 cruzeiros emprestados, ou enganamos, ou ele nos engana, ou ouvimos anedotas, ou nos chateamos — e de repente João diz que vai-se embora e eis que é outro João. Ali está a sua cara, a cara que estamos enjoados de ver, a sua cara de sempre; mas agora há, entre essa cara e nossos olhos, o prestígio azul da futura ausência.

É o presente João desde logo morre; existe agora o futuro ausente João. É um outro João, mais teledado, vagamente falecido, um João que já não é o que é, mas o que vai deixar de ser. Isso acontece com João. Que dizer quando isso acontece com Joana?

Ah, Joana. Aqui está Joana: olho os seus olhos, pego as suas mãos, meus dedos brincam com seus dedos. Aqui está Joana, calada, última, a doce Joana, a minha Joana. Minha não mais. Joana vai viajar, Joana parada em nossa frente já está, na verdade, viajando, seus cabelos sentem docemente a brisa da distância, sua voz dizendo a coisa mais banal parece dar um recado para sempre. Já não há mais fatos com Joana: este beijo não é mais um beijo, é a futura lembrança de um beijo. Estamos cheios de uma terrível e inconsciente responsabilidade embrialhada em tristeza. E estamos ansiosos. Um tango velho e malcriado dizia: "Que te vas? Que te vayas bien!" E sem querer, pelo simples fato de que Joana vai-se embora, sabendo que vamos roer as cores saudades de Joana, passamos a querer que Joana se vá logo. Joana, a desejada, pátria de nosso desejo, é desde logo Joana, a indesejável.

E então acontece a tragédia: Joana ou João anuncia que não vai mais, a viagem fracassou, por isso ou por aquilo. Olhamos decepcionados o falso futuro ausente; já lhe tínhamos preparado, dentro da alma, o competente funeral; e ali está o morto ou a morta. Ali está Joana viva e costumeira, sem o prestígio azul, ocupada indebitamente de nossas saudades antecipadas. Temos que desarrumar a alma toda outra vez, por novamente tudo nos ligares, cobramos a João aqueles 60 cruzeiros que ele já viajara sem nos pagar e jamais lembráramos, ou tornamos sem efeito o perdão que havíamos facilmente concedido a Joana por não haver telefonado como prometera naquela tarde de sábado.

Pascoal Carlos Magno despediu-se de todo mundo na Inglaterra, ganhou almoços e banquetes, foi convidado para isso e para aquilo, todo mundo adorava o Pascoal, que saudade vamos ter do Pascoal diziam um para os outros os lords e as ladies, lá se vai o Pascoal, precisamos nos despedir do Pascoal, que pena o Pascoal ir-se embora! Mas a Inglaterra trancou as portas: não sai nem entra ninguém. E Pascoal Carlos Magno é hoje certamente o homem mais odiado do mundo diplomático de Londres: é o defunto que recebeu as lágrimas, os telegramas e as cartas e, a última hora, anunciou que por motivo de força maior deveria de falecer. O indesejável Pascoal! Como é chato o Pascoal!

Ordem do Dia

Rubem Braga

FOI com emoção que eu soube, por uma notícia de jornal, que um amigo de infância está entre os oficiais do Corpo Expedicionário. Lembrei-me, vendo o nome daquele capitão, de uma conversa que tivemos quando ele entrava para a Escola Militar, tantos anos atrás. Eu entrava para uma escola superior, onde fui estudar coisas que jamais me foram de qualquer utilidade — e não entendia a razão pela qual ele preferira a carreira das armas. Tanta coisa para estudar — e vai um homem aprender a matar! Por que não estudava coisa mais útil, mais construtiva ou, pelo menos, mais bela?

Mas a vida rodou. Crescemos ele e eu em um mundo cheio de lutas, e esse mundo não fez outra coisa, desde os nossos 15 anos, do que preparar nosso espírito, através de conflitos e guerras parciais, para esta horrível guerra mundial. Ele é que tinha razão. Ele é o homem de seu tempo, e a tarefa que tem pela frente é a mais útil, a mais construtiva e também a mais bela que qualquer homem do Brasil pode empreender hoje. É bem possível que o capitão não se lembre mais daquela distante conversa de cadete; está demonstrando ocupado em se preparar, e preparar os homens de sua Companhia, para a guerra nos campos da Europa.

Prepara-se para matar — ou para morrer. Mas matando ou morrendo ele não estará destruindo, estará construindo. Não estimo ler artigos nem ouvir discursos em que esta guerra é apresentada como um conflito entre o Bem e o Mal — o Bem do nosso lado, o Mal do lado de lá. Os homens e os países não se dividem em anjos e demônios; dividem-se segundo uma complexa dinâmica social, correntes de sentimentos e interesses que se misturam e se chocam.

Deflagrada pelo imperialismo faminto dos capitalistas alemães, esta guerra desde o início já foi, porém, algo mais que uma luta inter-imperialista. Os governantes que na França e na Inglaterra haviam assinado o pacto de Munique e começaram a fazer a guerra fracassaram exatamente porque não compreenderam ou fingiram não compreender isso. O que molesteram pretendiam fazer era uma outra guerra de 1914-18; e a França nos deu o exemplo vergonhoso de burgueses mais ciosos de seus privilégios de classe que de qualquer sentimento de dignidade nacional e humana. Nos livros que contam a queda da França vemos muitas vezes o exemplo desses "donos do país", entregando a Hitler todo — os soldados, a terra, o povo — na esperança mesquinha de salvar as rendas. Naquele momento o Brasil ficou neutro — e não era cabível outra atitude. O que nos cumpria fazer era nos irmos preparando para a guerra — que já se anunciava, também para nós, perfeitamente inevitável — sem nos comprometemos em uma luta que era jogada quase exclusivamente, e por culpa do reacionarismo dos "democratas" tipo Chamberlain, no terreno da disputa de interesses imperialistas. Com toda a sua formação conservadora, Churchill foi entretanto, bastante inteligente e conseqüente para desprezar os "slogans" da propaganda nazista. A aliança entre a Inglaterra, os Estados Unidos e a Rússia, condição essencial da derrota nazista, não teria sido possível ou teria perigado se Churchill se deixasse levar, como outros o fizeram, por odios e temores de classe.

Seria ingenuo querer raocer os graves problemas que a Vitória trará para o mundo. Já no desenvolvimento da guerra eles vão surgindo, às vezes de maneira inquietante. Mas se os velhos exploradores e explorados trabalham no escuro para ajeitar a Vitória a seus interesses de grupo, as grandes massas da humanidade enxergam seus próprios problemas com uma clareza cada vez maior. E tenhamos confiança: através das lutas e incompreensões o mundo irá marchando para melhor. Nós, brasileiros, temos fortes motivos para acompanhar com o maior interesse essa guerra surda que se trata na retaguarda dos exércitos. Mas não temos dois caminhos a seguir. Nossa tarefa é clara: ajudar a arrebentar a máquina monstruosa do nazismo, ameaça ao Brasil e ao mundo. Isso é o essencial, é o urgente — é, a só um tempo a necessidade, a honra e o dever. A estupidez nazista já se encarregou de vir até nos fazer demonstrações frias e covardes de si mesma. Entramos na guerra. Nosso Corpo Expedicionário não vai resolver a parada; mas nenhuma espécie de quinta-colunismo me parece mais sordida que a exploradora da tese do "não adianta". Aplicada aqui e ali, pelo mundo afora, essa tese teria entrado no mundo inteiro às mãos ensanguentadas de Hitler. Adianta? Nesses soldados se juntarão os soldados de outras partes do mundo; é com milhares que se fazem milhares. Mandaremos tantos milhares de homens adestrados e equipados quantos pudermos. Mandassemos 10 homens — e seriam 10 homens capazes de matar homens, ou de morrer como homens. Isto é o importante, e nesse momento o que não é isto não é importante. Unámonos para a guerra — e que, nesta tarefa de união, os que mais podem fazer sejam os que mais façam, e mais rapidamente.

Ordem do Dia

○ Comandante J. G. Aragão, superintendente geral da Companhia de Carris, Luz e Força do Rio de Janeiro — ou, para evitar conversa, a Light — deu uma entrevista a um matutino. A certa altura, diz que “no caso dos bondes... o ponto crucial da questão reside para nós na impossibilidade em que nos encontramos de obter o pessoal suficiente e capaz de atender aos carros que, considerados inservíveis, podem entretanto ser utilizados como reboques para aumento da capacidade de transporte.

E continua:

“A crise de pessoal é verdadeiramente alarmante. Não nos tem sido possível contratar o numero suficiente de condutores e motoneiros, muito embora sejam bem razoáveis os salarios de começo de carreira pagos pela companhia.”

Mais para a frente diz estamos em “situação normal” que requer “medidas extraordinarias” para “abrandar o rigor de exigencias perfeitamente cabíveis em tempos de paz”. Lembra que estamos em guerra e, “sendo de exceção a situação”, precisamos de “leis de exceção”.

O comandante falou, falou e não se explicou. Que “leis de exceção” são essas que a Light está querendo para dispor um maior numero de condutores e motoneiros para os seus “reboques inservíveis”, esses “infra-taiobas” que pretende lançar? Desejará obrigar alguém a trabalhar nos seus bondes com os “salarios bem razoáveis”? Não sei.

Mas dou uma sugestão. Faça-se uma lei fixando um salario mínimo inicial para condutores e motoneiros em importancia duas vezes maior aos “bem razoáveis”. A Light não poderá se queixar, porque, como bem explica o senhor comandante, sendo de exceção a situação”, precisamos de “leis de exceção”. Garanto que logo aparecerão motoneiros e condutores aos póles. Além do mais eu, por mim, acharia isso natural, porque notei que hoje estou pagando pelo bonde o dobro — e em certos casos quatro vezes mais — do que pagava até algum tempo. Ai fica a sugestão, que vai gratis, Sirva-se, comandante.



Paulista, vindo-se da esquerda para a direita, o chefe do Governo na tria; o prefeito Prestes Maia quando, mais trava a "maquete" do viaduto. Motores: um aspecto da audiência nos prefeitos do interior paulista, idente Vargas e um Grupo Escolar da capital bandeirante

feren-
ministro
mirante

OTOS VI-
NAVAL
SILEIRO

ferencia-
ios as-
o esfor-
o-brasi-
ação ao
estrcia
imentos
os Esta-
sil, esti-
Gabinete
na além
.. alm-
them, o
coman-
tra Ame-
li; o al-
teira de
o Maior
ain, S.
Missão
Brasil.

Atos do Chefe do Governo

Criando o Serviço de Lucros Extraordinarios Na Divisão do Imposto de Renda — Promoções Na Reserva de 2.ª Classe do Exercito

O presidente da Republica assinou um decreto-lei e um decreto criando o Serviço de Lucros extraordinarios na Divisão do Imposto de Renda e alterando o Regimento interno da mesma Divisão. E' o seguinte o ato que criou o Serviço de Lucros Extraordinarios:

Art. 1.º — Fica criado na Divisão do Imposto de Renda (D. I. R.), sob a immediata orientação, administração, coordenação e fiscalização do Diretor do D. I. R.

Paragrafo Unico — O S. L. E. será mantido enquanto perdurarem os motivos determinações do decreto-lei n.º 6.224, de 24 de janeiro de 1944.

Art. 2.º — O S. L. E. compõe-se de:

Seção de orientação e Fiscalização (S. O. F.);
Seção de Controle (SZC.)

Art. 3.º — Haverá em cada

uma das Delegacias Regionais da D. I. R. no Distrito Federal e no Estado de S. Paulo, uma Seção de Lucros Extraordinarios (S. L. E.)

Paragrafo Unico — A S. L. E. compreende:

Turma de Lançamento (T. L.); Turma de Arrecadação (T. A.); Turma de Revisão (T. R.)

Art. 4.º — Haverá em cada uma das demais Delegacias Regionais da D. I. R. nos Estados uma Turma de Lucros Extraordinarios (T. L. E.), abrangendo os serviços de lançamento, controle de arrecadação e revisão.

Art. 5.º — O lançamento e o controle da arrecadação do imposto sobre lucros extraordinarios serão procedidos pelas Delegacias Regionais da D. I. R., de acordo com as instruções que foram baixadas pelo Diretor.

Art. 6.º — Colaborarão com a D. I. R. nos trabalhos que lhe estão afetos, o Banco do Brasil e todos os serviços e repartições do Ministerio da Fazenda.

Art. 7.º — O S. L. E. será dirigido por um chefe, designado pelo presidente da Republica e indicado pelo ministro, por proposta do Diretor da D. I. R.

Art. 8.º — Fica revogado o decreto-lei n.º 6.383, de 29 de março de 1944.

Art. 9.º — O presente decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revoga-

mus de Guerra

encendo Fazem Parte Inteados Antes da Entrega ao Conzação e Não Aos Institutes. . .

Ordem do Dia

Rabem Braga

HOUVE mais um crime passionai: abandonado pela esposa, que foi viver com outro, um homem, guiado pela filhinha, foi até a casa onde estava o par. Duelo de tiros: morreu o amante, a senhora ficou ferida e o marido criminoso foi preso.

Ja fui cronista policial e nunca deixei de ler crônicas policiais. Lendo essa historia de segunda-feira em dois ou tres jornais fiquei depois a pensar nesse misterio profundo que envolve o criterio do redator policial. Há o crime. Horas depois o crime está na rua, impresso, mas não está apenas o crime. Está a sua historia, a sua psicologia, o seu romance. Em cinco ou dez linhas (às vezes, santo Deus, em vinte ou cem) conta-se a historia intima do casal. Quase invariavelmente nos casos como o de segunda-feira, o cronista policial afirma que durante tantos anos o casal viveu em "perfeita felicidade". E com um desembaraço esplendido explica porque sumiu de repente essa felicidade, invadindo a psicologia dos conjuges, distribuindo adjetivos infamantes ou honoríficos, estabelecendo com uma espantosa facilidade o quadro e a mecanica de paixões e sentimentos. E' extraordinario. A historia chega ao citor simples, clara, com uma etiqueta decisiva pregada na testa de cada personagem: o bom, o máu, a traidora, o criminoso, a vítima.

O cronista policial não conhece problemas não padecendo duvidas. Contal-lhe dois fatos secos, ele redigirá um romance immediato, que é sempre, em resumo um episodio da luta entre o Bem e o Mal, entre o Vicio e a Virtude.

E lá estão no jornal os retratos dos personagens (às vezes, como ontem aconiteceu em um jornal, com as legendas trocadas) tristes retratos tirados em outros dias, sorrisos hoje despedaçados a bala ou substituidos pelo carão da tragedia.

Ah, colegas da cronica policial, sejamos humildes perante esses dramas da vida. Evitemos pregar, arbitrariamente, em cada testa, um rótulo definitivo. Contemos o que aconteceu sejamos secos e precisos; não julgemos. Que sabemos nós do coração alheio e como podemos reconstituir em algumas horas, á luz de relampago de um crime, toda a historia emotiva de um casal? Contemos o que cada um disse depois do crime, o que outras pessoas disseram; levemos ao publico honradamente palavras e fatos. Não façamos nem um romance nem um julgamento. Acaso sabemos ler nos corações?

Nenhum coração está tão perto do meu como o de Joana; e que sei do coração de Joana? ele tem tristezas secretas e alegrias intimas que Joana guarda para si. Ele tem a decepção e o fervor; ele tem a raiva e a ternura. E si nem as palavras, nem os risos e as lagrimas de Joana podem me contar esse mundo, que me resta fazer? Ser humilde. Eu sou humilde, Joana. Sejamos humildes, colegas da cronica policial. Por que dizer que a mulher já não amava os filhos? Como, por que, para que dizer? Não digamos nada. Contemos que o primeiro tiro foi dado presumivelmente a quatro passos de distancia; máis a primeira decepção, a primeira onda de ternura, o ultimo suspiro de fêdio ou pranto de desespero — não, isso não sabemos. Não sabemos, ninguém sabe. Nem sequer devemos saber.

No Gabinete do Ministro da Guerra Um Membro do Conselho Supremo de Justiça Expedicionaria

O ministro Eurico Dutra recebeu na manhã de ontem, em conferência, o dr. Washington Vaz de Melo, ministro do Supremo Tribunal Militar, que acaba de ser nomeado pelo governo para membro do Conselho Supremo de Justiça, que acompanhará a Força Brasileira Expedicionaria.

Bernardino Machado

UM TELEGRAMA AO "DIARIO CARIOCA"

A proposito do topico com que o DIARIO CARIOCA registou o falecimento do grande republicano português, Bernardino Machado, recebemos do sr. Lucio dos Santos, o seguinte telegrama:

"Como português e republicano, peço acieitem meus sentimentos de gratidão pelas justas palavras que acompanharam a noticia da morte do presidente Bernardino Machado, que até ontem foi o simbolo da resistencia portuguesa contra a opressão fascista inter-

Abordado pelos jornalistas ao

Ordem do Dia

Rubem Braga

que o presidente Getúlio Vargas disse, no Pacaembú, sobre a aplicação do dinheiro dos institutos de pensões e aposentadoria é o que muitos jornais — e entre eles o DIÁRIO CARIOCA — vêm pregando há muito tempo. Formando um enorme patrimônio com o dinheirinho da multidão, esses institutos suntuosos não estavam — não estão — prestando serviços à altura. Há casos tão ridículos como dolorosos, que toda gente vê e sabe, em que o amparo dado ao trabalhador ou à sua família é tão mesquinho e tão difícil e demorado que mais parece escarneo. Justiça seja feita: a imprensa martelou essas coisas, criticou repetidamente — às vezes com dificuldades e aborrecimentos — o absurdo de certas aplicações. Os responsáveis responderam muitas vezes a pequenos "suetos" com enormes páginas de matéria para "suetos" — os "suetos" é que tinham razão. O presidente da República reconheceu, anunciando a nova lei.

Já que está com a mão na massa, o sr. Getúlio Vargas podia perfeitamente voltar seus olhos para as Caixas Econômicas Federais. O volume do dinheiro depositado nessas Caixas é enorme. Não tenho dados à mão, mas creio que só a Caixa Econômica do Rio tem bem mais de 1 bilhão de cruzeiros em depósito, e a de São Paulo não fica muito atrás. Ora, todos sabem que o maior volume dos depósitos provém de gente humilde: operários, comerciantes, funcionários públicos, famílias remediadas que ali guardam suas economias sob a garantia do governo federal. Essa a fonte do dinheiro. E o destino? Onde é aplicado esse dinheiro? Em benefício da gente do povo que o deposita? Não. Em benefício dos ricos — que muitas vezes não o recebem para nenhuma atividade produtiva e sim para erguer edifícios de apartamentos.

Em resumo: d. Maria, do Banquê, o Josino, empregado da City, o Juca da farmácia e mais algumas centenas de donas Marias, Josinos e Jucas levam seu dinheirinho à Caixa com muito sacrifício. A Caixa pega esse dinheirinho, junta um monte de dinheirão e o empresta ao sr. Guedes. Graças a esse empréstimo o sr. Guedes constrói um prédio de apartamento sem que d. Maria, o Josino e o Juca jamais conseguirão entrar, a não ser pela porta de serviço) e graças à sua habilidade e boas relações ganha alguns milhares de cruzeiros. É justo?

Não é justo. Aplicar o dinheiro de muitos pobres em benefício de alguns ricos não é justo. Já houve, dentro das próprias Caixas quem o sentisse. Lembro-me — por que modestamente conerel nela — da campanha que um diretor da Caixa Econômica Federal de S. Paulo, o sr. João Batista Pereira, empreendeu no sentido da Caixa financiar a construção de casas populares. Seu plano foi aprovado e começou a ser posto em execução, com aplausos da imprensa e enorme interesse de milhares de famílias. Mas não agradava a outras pessoas, que levaram a melhor: o homem rodou da direção da Caixa, os candidatos a casa própria ficaram chutando o dedo e lamentando o tempo e o entusiasmo perdidos — e tudo ficou por isso mesmo.

Somos, talvez, o único país do mundo em que as Caixas Econômicas não pensam em aplicar, em benefício do povo, o dinheiro que o povo lhes confia. Aqui a política é apanhar emprestado dos pobres para emprestar aos ricos. Não é, santo Deus, não é uma boa política.

Ordem do Dia

Rubem Braga

ESCRREVI ontem sobre a aplicação dos depósitos das Caixas Economicas Federais, que juntam o dinheiro de muitos pobres para emprestar a alguns ricos. A verdade é que o espirito que tem orientado as Caixas Economicas Federais é mais propriamente bancario do que publico. Sem duvida os directores dessas Caixas tem altas responsabilidades, e precisam aplicar o dinheiro que recebem com segurança. Ninguem é contra isso. Mas eles não devem esquecer de que não são banqueiros. São homens colocados á frente de institutos que têm uma função social ampla e importantissima, muito superior á função de dar lucros.

Conheço alguns desses homens — a começar pelo illustre dr. Carlos Luz — e sei que muitos deles comprehendem perfeitamente a natureza e a finalidade das Caixas. A verdade, porém, é que, ou pela força da inércia, ou devido a resistencias que nunca faltam quando se trata de fazer alguma coisa realmente em beneficio da coletividade, nossas Caixas Economicas Federais prestam ao povo beneficios muito menores do que aqueles que podiam e deviam prestar.

Quero citar hoje um detalhe para mostrar que mentalidade de tela de aranha ainda predomina nesse assunto. Quando uma familia pobre está precisando de dinheiro, e não tem joias nem valores, o remedio que vê é pegar a máquina de costura e levar para o Monte de Socorro. O Monte de Socorro empresta algum dinheiro (em geral muito menos do que seria licito esperar, pois os avaliadores sofrem do horror á responsabilidade) e guarda a máquina. Para que? Não seria muito mais sensato que a máquina, embora penhorada, continuasse na casa da familia pobre? Muitas vezes ela faz falta ali, na casinha humilde — e muitas vezes faz uma falta enorme, quando se trata de uma senhora que "cose para fora". Retendo a máquina, a Caixa, nesses casos, torna mais difficil, quando não impossivel á familia conseguir o dinheiro para levantar o penhor.

Todo mundo sabe que uma máquina tem um numero. Em outros países do mundo o que a Caixa faz é isso: manda ver a máquina, avalia quanto pode emprestar sobre ela, toma nota do numero, e está feita a penhora. A máquina fica onde estava, no lar necessitado, continuando a prestar serviços. Ninguem tem máquina de costura por luxo.

Já vejo daqui o sr. Burocrata a torcer o nariz e perguntar que prejuizo a Caixa não terá com esse sistema. A experiencia de outros países tem demonstrado que os casos em que a Caixa é prejudicada ou ludibriada são minimos — formando um numero realmente ridiculo na grande massa dos empréstimos. A simples economia de espaço que a Caixa faz não tendo de guardar as máquinas compensa amplamente isso.

As familias brasileiras não são menos novatas que as outras familias do mundo. Estou certo de que os directores da Caixa Economica também pensam assim. O que falta é dar um chute no comodismo, confiar no povo, aproximar-se dele, ajudá-lo. Ele sabe sentir e julgar as coisas; só se queixam dele os que na verdade não merecem a sua confiança. Estude-se o que se fez nos outros países e faça-se uma experiencia aqui. Não tenham medo de "novidades". E quem tiver medo de "novidades" que morra; pois na verdade estão chegando os tempos novos.

Ordem do Dia

Rubem Braga

A revista "Diretrizes" deu a notícia incrível que Osório Borba comentou domingo: a pedido dos comerciantes da rua Direita, o Sindicato dos Lojistas de São Paulo pleiteou e obteve o seguinte da polícia daquela capital: proibição dos negros passearem pelo Triângulo e mudança, para pontos afastados do centro, das sociedades recreativas onde predomina o elemento de cor.

Amigos meus chegados de São Paulo confirmam isso e adiantam que a resolução da polícia despertou uma grande revolta na opinião. Não é para menos. O que os comerciantes da rua Direita alegaram é que o passeio que os negros costumam fazer pelo Triângulo espanta dali muitos fregueses que têm preconceito de cor. Ninguém ignora que a maioria dos comerciantes do Triângulo é de estrangeiros. Isso aumenta a gravidade do caso, e, com ela as responsabilidades do Sindicato dos Lojistas. Quanto à atitude da polícia, é francamente inqualificável. Para atender à solicitação de lojistas de mentalidade imunda, a autoridade policial passa por cima de todas as leis e costumes deste país, dá ordens inconstitucionais e absurdas, e provoca — pela sua posição francamente odiosa e claramente ilegal — uma emoção popular que pode ter as mais desagradáveis consequências.

Ninguém se iluda. Esse caso é muito grave e não deve, não pode ficar — não ficará — por isso mesmo. O que está em jogo não é apenas a dignidade humana dos pretos — é também a dignidade dos brancos. São os direitos mais elementares e jamais discutidos do povo do Brasil. Ceder ou de algum modo transgredir com uma estupidez dessa ordem seria abdicar demasiado. Se há algum prejuízo para a burra de alguns lojistas devido aos preconceitos de algum imbecil, que os lojistas, incomodados, se mudem. Os italianos, alemães, sírios e portugueses que vão comerciar em seus respectivos países, com a passagem custeada, pelo governo do Brasil, e acompanhada de uma ordem de expulsão. Os brasileiros idiotas que acompanharam ou apoiaram esses estrangeiros devem ser segregados de qualquer contacto com elementos de cor em uma cadeia destinada especialmente a arianos puros.

Os negros de São Paulo resolveram requerer mandado de segurança ao juízo competente e vão, além disso, se dirigir ao presidente da República. Assim a estúpida determinação policial cairá torçosamente. Ninguém o duvida. Mas isso não basta. É necessário estabelecer uma vigilância contínua contra esses indivíduos que querem perturbar a ordem e a paz da família brasileira. É preciso que os responsáveis por esse incidente vergonhoso sejam apontados e punidos com toda a severidade — para que amanhã eles ou outros não venham, de maneira mais disfarçada, tentar fazer coisas do mesmo género.

Esse caso de São Paulo não é único: é apenas o mais escandaloso, o mais repugnante, pela desfaçatez. Que ele sirva para levantar — como está levantando — uma reação decidida de todos os brasileiros dignos contra esses conúbios da estupidez, da ganância da miséria moral e do quinta-colunismo divisionista. O que provoca maior escândalo desta vez é ver uma autoridade policial — cujo nome infelizmente não conhecemos — se juntar a um sindicato de lojistas inconscientes que não se envergonhou de endossar a atitude nojenta de alguns de seus membros, para ferir, ainda mais do que as leis e os costumes, os sentimentos do povo.

Esses provocadores de lutas internas que não se enganam. Eles não conseguirão criar no Brasil os conflitos de raça. No dia em que conseguissem, poderiam estar certos de que os negros não lutariam sozinhos: ao seu lado estariam os brancos, todos os brancos decentes e brasileiros de verdade, que ajudariam a limpar o Brasil desses idiotas racistas. Porque não é apenas uma raça que essa sordidez dos lojistas do Triângulo atinge: é, eu já o disse, e eles talvez já comecem a senti-lo, a dignidade de todo o povo.

Ordem do Dia

Rubem Braga

CHEGOU a Lisboa — diz um telegrama da A. P. — a Orquestra Filarmónica de Berlim. A formidável orquestra, que visitou antes varios países da Europa (que, por sinal ficaram tão entusiasmados com Wagner que acabaram se entregando a Hitler) vai executar varios concertos em Lisboa e no Porto sob a regencia do diretor geral de musica, dr. San Kaperbush. Sem duvida teremos, entre as peças de resistencia, a formidável composição: "volfraimio". Os violinistas da orquestra usam caixas semelhantes ás dos "gangsters" de Chicago, com o mesmo material dentro, e apesar das dificuldades de transporte foi levado de Berlim a Lisboa um enorme piano de cauda "Gran Berta". As partituras são escritas em lata extremamente simpatica, e a grande orquestra soltara bilhões de notas para deleite de todos os verdadeiros apreciadores do "Ouro do Rheno" e outras riquezas do tesouro wagneriano, o que fará morrer de saudades o nosso patriota Plinio Salgado que exatadamente há 6 anos atrás (11 de maio de 1938), tentou executar a peça "Caldo Verde ao Molho Pardo" no Rio de Janeiro, sob o patrocínio do embaixador alemão. Outras composições a serem executadas: "Nós, Latinos" e "Hino Nazionalista". Em retribuição a Orquestra Popular Portuguesa está executando a fina composição "Grêves no Ribatejo". Allás um outro telegrama da A. P. (será "Associated Press" ou "Agencia Portuguesa"?) anuncia que embarcou para Madrid a Orquestra Sinfonica Nacional de Lisboa, que executará a peça "Nós, os Neutros" e a formidável sinfonia ibérica "Francazar Salafranco", com letra de Armando Cospeleque Hoaventura.

Como se vê, apesar dos boatos de invasão, a Europa está francamente musical. A respeito das grêves escreve o "Diario da Manhã" de Lisboa, com terrível energia: "Os grevistas serão tratados como traidores a serviço do inimigo".

Isso causou um verdadeiro panico entre os grevistas, sobretudo porque eles não sabem, nem podem calcular quem é o inimigo, uma vez que o país é profundamente neutro. A explicação deve estar em outro telegrama da A. P. de Lisboa, dizendo que o pescador Manoel Pinto Amaro pegou um peixe de 60 centímetros de comprimento que possui duas cabeças, duas bocas, quatro olhos, dois rabos e duas barbatanas. Abrindo o estranho animal, continua o telegrama o pescador encontrou dentro dele outro exemplar com 30 centímetros de comprimento, o que aumenta o numero de bocas, rabos, cabeças e barbatanas para 3 e o de olhos para 6. Trata-se de um peixe morador de aguas turvas, de corpo escorregadio e com um accentuado cheiro de bacalhau com chucrute. Enfim, é grande a confusão.

Ordem do Dia

Rubem Braga

NÃO adianta escrever sobre isso. A coisa está resolvida.

- Mas você não acha um absurdo?
- Acho.
- Mas.

- Não tem mas nenhum. A coisa está resolvida. Todo mundo já escreveu sobre isso, todo mundo já mostrou e provou que é um absurdo. Se você quiser, escreva também. Ficam-lhe muito bem esses sentimentos, mas devo avisar que você estará fazendo papel de palhaço. Vai perder tempo discutindo uma coisa que está resolvida.

Apesar desse diálogo, aqui estou escrevendo sobre o caso da Fundação Gaffrée-Guinle. Aqui estou repetindo o que a imprensa vem repetindo há meses. Sei disso, mas repetirei. Sei que não adianta nada, mas repetirei. Sei que estou fazendo papel de palhaço, mas repetirei. O que "está resolvido" sobre a Fundação Gaffrée-Guinle é acabar com ela. A Fundação Gaffrée-Guinle é uma instituição de combate à sífilis onde são matriculados 500 000 habitantes do Rio de Janeiro. Tem um hospital com 300 leitos e 10 ambulatórios espalhados pela cidade. Durante o ano passado os médicos desses ambulatórios deram 662 378 consultas. Foram feitos 54 470 exames de laboratório e 21 843 reações sorológicas. Foram aplicadas 330 010 injeções. Foram feitos 124 421 curativos. A Fundação Gaffrée-Guinle está atendendo todos os dias, nesta cidade, a cerca de 30 000 doentes de sífilis. A Fundação Guinle é uma coisa que funciona bem neste país onde tanta coisa funciona mal e tanta coisa simplesmente não funciona. A Fundação Gaffrée-Guinle tem um nome conhecido e respeitado em todas as partes do mundo onde se cuida da sífilis. A Fundação Gaffrée-Guinle tem mais do que isso: tem um nome abençoado por milhares e milhares de criaturas pobres que foram tratadas e medicadas de graça e se livraram dos horrores da sífilis.

Que adianta tudo isso? A Fundação Gaffrée-Guinle vai acabar. Ela não deve acabar. Mas vai acabar. Há mil motivos para que ela continue a funcionar como tem funcionado splendidamente durante 20 anos. Mas há um motivo para que ela acabe, um único motivo, e o motivo é este: "está resolvido".

Que fazer? Aconselho aos milhares de homens, mulheres, velhos e crianças pobres que se tratam na Fundação Gaffrée-Guinle a que façam o seguinte: nada. Vão para casa, fiquem cegos, fiquem doidos, mofram, se danem com a sua sífilis. Sífilis não nos interessa. Se quiserem ser tratados, tratem de arranjar cancer. Quando forem ao ambulatório à procura de um médico ou de uma injeção e baterem com o nariz na porta, consolem-se com esta idéia: todo mundo que pensa alguma coisa neste país, os médicos, os jornalistas, os homens do povo, todo mundo quis impedir que aquela porta se fechasse. E se ela se fechou não foi por descuido, nem por má vontade, nem por estupidez, nem por nenhum outro motivo feio ou bonito. Não. O grande motivo, o formidável, o intransponível, o onipotente, o miraculoso, o divino motivo foi este que o meu colega de jornal me disse quando eu anunciei que ia escrever sobre o assunto:

- A coisa está resolvida.

rão é a o Ensino

Edições Populares a Pre-
ta de Transporte Aponta-

lares sem ornamento e capas luxuosas que só servem para encobrir o livro. O livro, hoje, é o mesmo que o pão e a água — tal a sua influência na formação intelectual de um povo. **NEGÓCIOS, NEGÓCIOS—ESTADO A PARTE...**

Que nos diz sobre a possibilidade de o Estado se reservar a tarefa de editar livros didáticos? — perguntamos.

"Não sou completamente favorável à interferência do Estado, concorrendo com a indústria privada. Negócios são negócios—Estado à parte... O que mais se evidencia são a concessão de certos favores aos industriais, e a duração de, pelo menos, cinco anos para cada livro escolar. Tudo isso se faria após rigoroso inquerito.

Não acha que o papel para livros deve gozar das mesmas isenções concedidas ao papel de imprensa? Inquirimos.

"Essa isenção — observou o sr. Moses — não é aconselhada no momento, devido à falta de transportes. Seria pretérita outros elementos mais vitais para a vida nacional, porque a prioridade de transportes também deve ser considerada. Tudo se resume na falta de transportes — finalizou o entrevistado.

Militar Elegerá Nova Diretoria

Presidencia os Generais José e Benício da Silva

nacional e a presidência entregue ará a um oficial eleito pela Assembleia. Após esta eleição, nos dias 25 e 31, ainda deste mês, outras eleições especiais serão realizadas, dentre elas as da Assistência e da Mortuária, cujos nomes divulgaremos oportunamente. Para comodidade dos votantes, o diretor-secretário do Clube autorizou a instalação de postos para receber e passar para o livro de chamada o nome dos interessados. Um dos postos está localizado na sala da administração pelo fone: 42-3116. A partir das 20

A IMPORTANTE RESOLUÇÃO ASSINADA ONTEM PELO CHEFE DO SERVIÇO DE ABASTECIMENTO

O Chefe de Serviço de Abastecimento assinou, ontem, a seguinte resolução: "O chefe de Serviço de Abastecimento, usando das atribuições que lhe conferem as Portarias ns. 176 e 226, respectivamente de 27 de dezembro de 1943 e 16 de maio de 1944 do senhor Coordenador da Mobilização Econômica, e, considerando a necessidade de se controlar os mercados fornecedores e consumidores dos gêneros alimentícios; considerando o resolvido na reunião realizada nesta capital dos chefes das Comissões Estaduais de Abastecimento, resolve:

1º — Criar o Setor de Controle de Abastecimento Nacional (S. C. A. N.)

2º — Compete ao S. C. A. N.:

a) estimar os excedentes das safras dos gêneros alimentícios de que trata a portaria n. 220 de 4 de maio de 1944, do sr. Coordenador da Mobilização Econômica bem como prever as necessidades dos centros consumidores, baseando-se nos elementos que lhe deverão ser fornecidos pelas Comissões Estaduais de Abastecimento;

b) autorizar a exportação para o exterior do excedente líquido das safras ou estoques dos gêneros de que trata a letra "a", depois de devidamente suprido o mercado interno, fixando-lhe as quotas máximas e os períodos em que a mesma será permitida, de acordo com o item 4 da mesma portaria;

c) facilitar o escoamento da produção de um para outro Estado;

d) sugerir ao chefe de Serviço de Abastecimento modificações nos preços-base, após entendimento com as Comissões Estaduais de Abastecimento.

3º — Fica subordinada ao S. C. A. N. a atual seção de Estatística, Mercados e Estoques".

Dr. José de Albuquerque

Membro da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
RUA DO ROSARIO, 133
De 1 às 7

Uruguaiana vai oferecer uma bandeira ao 2º R. M. M.

A cidade de Uruguaiana, por intermédio de uma comissão, que esteve na tarde de ontem no Ministério da Guerra, vai oferecer a uma unidade expedicionária, em nome das associações e da sociedade locais, uma Bandeira Nacional. O ministro Eurico Dutra, depois de louvar aquela iniciativa, sugeriu então que a bandeira coubesse ao 2º Regimento Moto-Mecanizado, que futuramente terá sua sede naquela cidade gaúcha. A referida comissão,

Ordem do Dia Rabem Braga

ESCREVI, um dia destes, uma crônica sobre a repugnante atitude do Sindicato dos Lojistas de São Paulo, que, pletiteou, junto a polícia, que proibisse o passeio de negros pelo Triângulo, e obrigasse a mudança do centro da cidade das associações frequentadas, principalmente por pessoas de cor. Citei, então, como fonte de informação, a revista "Diretrizes", adiantando que amigos meus, cnegados de São Paulo, tinham confirmado a história.

Logo depois de publicada a minha crônica, apareceu nos jornais, distribuída pela Agência Nacional, uma nota do governo paulista, desmentindo tudo. A nota estava redigida com enfase, e tinha inclusive um tom polemico, malcriado, acusando a revista de tendenciosa. Depois dessa nota categorica, outros conhecidos meus vindos de São Paulo confirmaram a verdade do acontecido.

Em seu numero de hoje a revista "Diretrizes" também confirma. Publica uma carta assinada pelos diretores de tres sociedades paulistas, confirmando a historia. E mais: transcreve trechos de uma estúpida entrevista de um tal João Di Pietro, presidente do triste Sindicato dos Lojistas, que, tentando da maneira mais torpe se justificar, também confirma a pratica não só a atitude do Sindicato como também a atitude vergonhosa e deplorável da policia paulista.

Não quero mais tocar no assunto em si mesmo, porque francamente me dá enjoo, como brasileiro, esse conluio de estupidez, mercantilismo e quinta-colunismo no meio do qual brilha, gritando "a noi" na rua Direita, esse sr. Di Pietro, que a policia devia ter metido no xadrez como racista e provocador, no lugar de lhe seguir as nojentas sugestões.

O que desejo acentuar hoje é a notavel facilidade com que se desmente, com a mais perfeita segurança, do modo mais categorico e com as frases mais incisivas, qualquer informaçao da imprensa. Acontece alguma coisa que não está certa, alguma roupalheira, alguma irregularidade, algum descuido. Os prejudicados reclamam, o povo murmura, a imprensa toca no assunto. Que fazer? Antes de mais nada — desmentir!

Não digo que todas as autoridades procedam assim. Ha quem compreenda que uma critica da imprensa é uma coisa util, que ajuda o povo a viver e ajuda o governo a governar. Quando a critica é infundada, nada mais facil a autoridade que desmentir-la fartamente, em todos os jornais, dando provas e argumentos. Afinal de contas o publico não é feito de patetas, e num caso desses quem fica mal é o jornal que informou erradamente. Quando a critica tem fundamento, o que ha a fazer e tomar providencias no caso, mostrando assim que o governo esta vigilante, prestes a corrigir os erros, a remediar os males.

Mas não. Isso não entra na cabeça de certas autoridades, que se julgam acima da critica.

Ora, o resultado, todos estão vendo. O governo paulista desmentiu uma coisa que era verdadeira. Ao mesmo tempo me o fez, corrigiu (pelo menos assim, o espero) a levandade ou estupidez da autoridade policial seduzida pelos argumentos do "signore" Di Pietro. A critica da imprensa foi, portanto, util, porque impediu que se tomasse contra um grupo de brasileiros trabalhadores uma medida odiosa, hitlerista, que repugna ao sentimento de nosso povo. O governo paulista o reconheceu tacitamente, mandando que a autoridade voltasse atrás. Mas, movido por um falso sentimento de autoridade, cometeu o ridiculo desse desmentido. Um governo não pode por acaso admitir que um de seus agentes faça uma tolice? Não, nenhum pode a nenhum governo que seja perfeito. Governar é uma coisa naturalmente difficil. O meio de torná-la mais facil é conquistar a confiança do povo. E isso não se conquista com esses desmentidos categoricos, absolutos, definitivos, e peremptorios — que não convenceu ninguém...

do general Valentim Benício, vai providenciar no sentido de dar o maior brilhantismo á so-

Designado Para a Co-

Um Belo Exemplo de Democracia o Pleito de Antem no Clube Militar

FALANDO À IMPRENSA, O GENERAL JOSÉ PESSOA FAZ UM APELO A TODOS OS SOCIOS DAQUELA ASSOCIAÇÃO PARA QUE COOPEREM UNIDOS VISANDO A SUA PROSPERIDADE — AS IMPRESSÕES DO CANDIDATO VITORIOSO

Em toda a sua tradicional e histórica existência, jamais assistiu o Clube Militar a um pleito tão movimentado e concorrido quanto o de antem, quando foi eleito a nova diretoria da prestigiosa associação da Avenida Rio Branco.

Na verdade, um interesse extraordinário e um entusiasmo empolgante caracterizaram a reunião, ali ocorrendo figuras da maior projeção do seio do Exército.

Esse interesse, aliás, parece traduzir o propósito que a todos anima de manter sempre de pé as honrosas tradições do Clube Militar, cuja existência, quer lá se soma por algumas décadas, está intimamente ligada a acontecimentos culminantes da nossa História.

Dois candidatos apenas, os generais José Pessoa e Valentim Benício — reunindo todas as altas qualidades exigidas pela investidura do cargo e contando ambos com os mais vastos círculos de simpatia no seio da numerosa classe, nada mais seria necessário para justificar o entusiasmo pelas eleições.

A apuração, que se prolongou por toda a noite até as seis da manhã, foi acompanhada por elevado numero de socios, que ali permaneceram à espera do resultado. Este, como se sabe, foi favorável ao general José Pessoa, cujas impressões tiveram oportunidade de recolher após haver sido proclamada a sua eleição para sucessor do general Meira de Vasconcelos.

ENTUSIASMADO TAMBÉM COM O PLEITO

Fomos ouvir o ilustre militar em seu gabinete de trabalho, no 12.º pavimento do Palácio da Guerra. O inspetor geral da Arma de Cavalaria foi sóbrio, mas expressivo nas suas palavras.

— "Há muitos anos o Clube Militar não via tão grande afluência de socios em sua sede social — diz-nos o general José Pessoa. Talvez pela apresentação de dois candidatos, o pleito foi movimentado e cercado de intenso entusiasmo, mas a nota impressionante da reunião foi o ambiente de alto espirito de camaradagem e cavalheirismo com que foi processada a eleição. Como exemplo do interesse verificado, basta citar que marechais e generais, que há vários anos não iam ao Clube, lá estiveram para votar".

O ELEITORADO



General José Pessoa, novo presidente-eleito do Clube Militar

conteste vitória, congratulo-me com a atual Diretoria pelo criterio com que foi feita a apuração e faço votos para que sua direção nos destinos do Clube Militar seja do mais edificante proveito para nossa tradicional instituição social. A General V. Benício da Silva, cont. da 1.ª R. M."

Como Transcorreu o 7.º Dia da "Semana da Enfermeira"

Realizou-se ontem o 7.º dia da "Semana da Enfermeira". Como vem acontecendo, grande tem sido o entusiasmo dessas sessões. Pela manhã foi celebrada Missa na Capela da Escola em intenção dos médicos brasileiros. Às 14 horas foi feita visita ao Centro de Material Sanitário do Corpo de Saúde do Exército.

A tarde realizou-se mais uma sessão em Botafogo, à Av. Rui Barbosa, 762. A senhora Luiz Neto dos Reis presidiu a sessão, dando a palavra ao conferencista do dia, dr. Ari

Ordem do Dia

Rubem Braga

A ACADEMIA elegeu o sr. Luiz Edmundo para a vaga de Fernando Magalhães, mas não chegou a um resultado positivo na eleição do sucessor de Pereira da Silva. Os méritos do sr. Luiz Edmundo são indiscutíveis, e sua escolha foi, sem dúvida, bem recebida por todos. O segundo pleito foi mais interessante, com 7 candidatos disputando a cadeira em 4 escrutínios.

Entre os candidatos ao lugar de Pereira da Silva, — sem desfazer de outros méritos — ha dois que literariamente avultam: Jorge de Lima e Afonso Schmidt. Afonso Schmidt, velho jornalista, bom poeta e bom prosador, é um homem modesto que vive em São Paulo, não sabe fazer força para arrastar as coisas, não tem jeito para pedir nada e com toda a certeza não será eleito. É um tipo que honraria certamente o Petit Trianon. Quanto ao sr. Jorge de Lima, todo o país o conhece de sobra e seu nome está entre os de maior destaque na literatura moderna. Homem frequentemente de direita, volúvel em gostos e caprichoso em tendencias, é, porém, um homem de letras que possui títulos mais que suficientes para ocupar uma cadeira na Academia. Sua eleição seria, sem dúvida, olhada como um ato de justiça.

O mesmo não seria possível dizer sobre dois outros candidatos: um máu poeta, que tem se destacado pelo odio com que investe contra as melhores manifestações da arte e da literatura do Brasil moderno. Trata-se de um homem que tem sobre as coisas da cultura incoerência as mesmas idéias de Hitler. É na realidade um inimigo da intelligencia; sua admisión á Academia seria um escândalo para todos quantos presam a dignidade da livre criação artistica. O outro, se não tem mostrado um tal encarniçamento contra as expressões mais legítimas da cultura brasileira de hoje, tem um passado recentissimo de atuação politica que devia contraindicá-lo definitivamente para um lugar no seio de uma instituição tão importante de um país que está em luta contra o nazismo.

Todos sabem que os homens do Petit Trianon — são, com frequencia, mais valor á questoes de prestigio social, amizades e conveniencias que ao valor intelectual dos candidatos. No caso porém, desses dois, os senhores academicos devem meditar um pouco antes de lhes dar votos. Votar em um homem até bem pouco tempo conhecido pelas suas atividades pró-nazistas ou em um homem que tem se tornado tristemente conhecido pelo seu odio ás manifestações livres do pensamento e da arte modernas é comprometer a dignidade de um gremio onde, afinal de contas, brilharam nomes como os de Machado de Assis, Euclides e Rui.

Um dos motivos pelo qual a Academia perde o respeito de muita gente é o fato chocante de não terem sido chamados ao seu seio alguns homens que afinal de contas, representam o que ha de mais importante na literatura brasileira de hoje — um José Lins do Rego, um Gilberto Freyre, um Graciliano Ramos, um Mario de Andrade, por exemplo, — e de estarem lá dentro algumas das mais notáveis nulidades intelectuais do país, — os Claudios de Souza, os Atulsulos de Paiva, etc., etc., etc., etc. Se ainda por cima forem eleitos tão tristes candidatos como aqueles dois, então a Academia estará definitivamente desmoralizada. Os academicos precisam se lembrar de que não são herdeiros somente da herva do velho Alves; são herdeiros também de um patrimonio cultural. Os dois candidatos em questão podem ter excelentes qualidades pessoais, ou mundanas ou sociais ou sentimentais ou astronomicas, ou o rão que os parta. Mas, positivamente, não são filzuras indicadas para ter ingresso, neste momento, em uma academia que se supõe ser de letras e que se supõe ser brasileira.

A Questão do Wolframio Portugues

"Nenhum Acordo de Cooper. Internacional Com..."

RECUO DESORDENADO EM PONTECORVO E TERRACINA

Os Franceses Flanquearam Santa Olívia e os Poloneses Capturaram Piedmonte — O 8.º Exército Avança No Vale de Liri



q. G. ALIADO NA ITALIA. 20 (David Brown, correspondente especial da Reuters) — O rompimento da Linha Hitler determinou uma coisa quase inédita na história do exército alemão. Os soldados da Alemanha, muito embora abatidos, sabem sempre fazer retirada em ordem, de modo que nunca suas hostes se apresentem desmoralizadas.

As brechas abertas no poderoso sistema de defesa que o general Gerselting preparou como sucessor da Linha Gustav, em que sempre pareceu não confiar muito, fizeram com que as divisões hileristas quase se desorganizassem.

DESORGANIZADOS E ACROSSADOS

O colapso da linha Hitler em toda a sua extensão territorial (continua na 12.ª página)

SOLDADOS NORTE-AMERICANOS ABREM CAMINHO ATRAVÉS DA CIDADE CAPTURADA DE CASTELPORTE, a vista de um "tanque" norte-americano que foi posto fora de ação — (Radiofôto recebida pela "Radio Internacional do Brasil" e distribuída por "I.N.S.")



Aspecto tomado durante os exercícios de tipo real da artilharia da Força Expedicionária.

NOVA CRISE Na Bulgária

NOVA YORK, 20 (A. P.) — O rádio de Berlim anuncia nova crise no gabinete búlgaro, em que o "premier" Dobri Bojilov apresentou a sua renúncia. Alterações no gabinete "estão tendo lugar" mas a crise acrescenta o rádio de Berlim — nada tem a ver com as relações germano-búlgaras.

CEM MIL MÃES VÃO SER CONDECORADAS

ESTOCOLMO, 20 (R.) — A DNE, numa irradiação anual de vida, anunciou hoje que 101 000 mães alemãs vão ser condecoradas com a "Cruz Maternal", emenda, que é na Alemanha "O Dia das Mães". Essa "Cruz Maternal", é conferida, na Alemanha a toda mulher que tenha quatro ou mais filhos.

coação dos brasileiros através dos tempos. Nenhum movimento político, por mais profundo que seja, consegue abrir uma solução de continuidade na história harmoniosa das sociedades humanas. O Brasil vem de longe. As pedras que o edificaram foram correadas, através muitos sofrimentos e sacrifícios, por seus filhos, que hoje dormem no seio da terra bendita. Toda vez que olharmos para atrás, rendendo o culto da nossa gratidão a esses obreiros desaparecidos, estaremos nos glorificando no nosso sangue, elevando o nosso espírito no altar de nossas origens.

Eis aí porque o sr. Souza Costa proporcionou algumas horas de agradável convívio intelectual ao seu auditorio, ante-ontem, no Instituto Histórico. A inteligência é uma festa onde aparece: maiormente quando, se deitando em nossa própria tradição, transforma-se num veículo benéfico de justiça e de estímulo.

O QUARTEL DE EISENHOWER AVISA:

'Estejam Prontos Para a Invasão'

As Instruções Aos Exércitos de Patriotas da Europa Ocupada

LONDRES, 20 (Reuters) — Um portador do general Eisenhower, comandante supremo da Força Expedicionária Aliada, dirigiu hoje, pelo rádio, um apelo à Europa ocupada pelos nazistas, apelo esse endereçado aos exércitos dos movimentos de resistência, que se acham preparados para cooperar com as forças aliadas de invasão.

A irradiação foi feita pela recentemente instituída "Estação Emissora Norte-Americana da Europa."

É o seguinte o texto do apelo: "O comandante-chefe supremo dos Aliados conta conosco, como parte de suas forças que, atualmente, se concentram (continua na 12.ª página)

Distrito Federal

Demonstrada a Eficiência da Artilharia Divisionária no Brasil

O DIARIO CARIOCA Na Força Expedicionária

Um correspondente do DIARIO CARIOCA acompanhará a Força Expedicionária Brasileira nos campos de batalha da Europa. Rubem Braga, o brilhante cronista que diariamente aparece em nossas colunas, foi escolhido para essa importante missão. Incorporado às forças nacionais que partem para a luta, ele dará aos nossos leitores, em sucessivas reportagens, as suas impressões sobre a participação que couber aos nossos valorosos soldados na grande batalha final contra o poderio nazista. Já ontem, nos exercícios de Gerclino, Rubem Braga exerceu as suas novas funções, escrevendo a crônica que se segue:

O inimigo estava lá, do outro lado do vale, a uns quatro quilômetros de distância. O sinal de reconhecimento foi obrigado a parar, e o observador avançou ligou o rádio. Ouvimos a sua voz, e logo depois três tiros. Imediatamente ele mandou outras indicações, e novos tiros partiram. Vimos a fumaça das explosões, mas antes de chegarem até nós os últimos estampidos o observador deu novas indicações. As baterias, atrás de nós, voltaram a disparar. Os obuses passaram sobre nossas cabeças com um ruído suave, como o de uma folha de bananeira farfalhando no vento nordeste — e o objetivo que o maior nos indicava foi, segundos depois, rodado pela fumaça das explosões.

Depois das fases de contacto e engajamento passaram a atrair dois grupos para permitir o avanço de um regimento de infantaria — mas a infantaria não conseguiu avançar, tão forte era o fogo do inimigo. Os estampidos ecoavam nas quebradas do Capim-Melado — mas a resistência inimiga era ainda forte, e nossos infantaria não progrediam. (Nesse ponto da demonstração o general Zenobio fez saber que aquela infantaria teórica tão lenta em vencer o inimigo (também teórico não era, certamente, a sua infantaria divisionária). Passaram-se três ou quatro dias (que no exercício estão resumidos em duas horas) e chegamos à última fase: os quatro grupos, num total de 48 canhões, concentraram o fogo sobre um objetivo e depois sobre outro — e foi encerrado o exercício.

Esse exercício, a que assistiram ontem o presidente da República, o ministro da Guerra e as altas autoridades civis e militares, é igual ao que toda semana faz a Artilharia Divisionária comandada pelo general Corduro da Faria.

Assim, nos campos de Gerclino, os nossos artilheiros são treinados para que cheguem aos campos da Europa com um perfeito conhecimento dos processos modernos de guerra. Aqueles 48 canhões espalhados por trás e pelos lados do morro do Periquito que ontem funcionaram com uma tão bela eficiência, estarão, em breve, treando nos campos da Europa. O trabalho dos homens é árduo, o treinamento é duro e constante, tanto para os homens do serviço de transmissões como para os médicos e enfermeiros do destacamento de saúde. Um aprende a ver, outro a atirar, outro a remaniciar ou reabastecer, outro a comandar — e todos aprendem, nesses exercícios rudes, a disciplina e a camaradagem que o fogo do inimigo cimentara.

A nota que os jornais publicaram ontem, mandada pela Agência Nacional, dizia que os correspondentes de guerra assistiam à concentração de fogo e "assim terão uma visão exata do que vai ser a ação militar do Brasil no front europeu". Não tivemos essa visão, e nada, a não ser a própria guerra, a dar a ninguém. O dia estava claro e lindo, e todos os obuses explodiram lá longe, enquanto bebíamos guaraná gelado. Mas voltamos de Gerclino com a certeza de que os artilheiros do Brasil farão boa figura onde quer que forem — e eles nos disseram que estão impacientes para que chegue o dia em que vão graduar suas alças não contra os inocentes pontos brancos do Capim Redondo do Campo de Instrução, mas contra as posições do inimigo nazista. Esse dia está próximo.

RUBEM BRAGA

(Noticiário completo dos exercícios de Gerclino no alto da 3.ª página, sob os mesmos títulos).

Ordem do Dia

Rubem Braga

A MANHÃ a cidade vai assistir a um desfile da 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária com todos os elementos que a compõem, inclusive a Artilharia. Tempos atrás, quando desfilou a Infantaria, lá, nesta seção, um apelo no sentido de que fossem tomadas certas medidas para firmar a retaguarda moral, na base de uma união verdadeira de todos os brasileiros sinceramente anti-nazistas. Disse o que senti vindo passar, em suas fardas de campanha, aqueles moços que vão para a guerra. Não tenho de que me desdizer, e o contacto que depois disso tive com a Força Expedicionária só fez com que se tornassem mais firmes as minhas convicções.

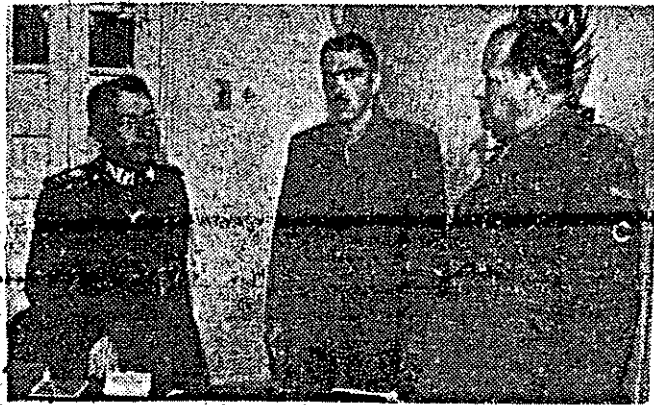
Mas não é aos homens do governo e sim aos homens do povo que desejo falar hoje. É ao homem da rua — e quero lhe falar sobre a sua alta responsabilidade neste momento. Sua responsabilidade em relação à Força Expedicionária.

Um Exército tem máquinas, hierarquias, fundamentos — mas um Exército é composto fundamentalmente de homens. Muita coisa é importante em um Exército — mas o que é realmente fundamental é o homem. As armas que nossos homens vão levar aos campos da Europa, estarão (certamente) na hora da partida, bem ajustadas, reguladas e lubrificadas, prontas a funcionar com o máximo de eficiência. Entre essas máquinas há peças extremamente delicadas, aparelhos de alta precisão que a técnica da guerra moderna exige. Mas nenhuma peça desses aparelhos é mais delicada e complexa do que o homem que a maneja. O soldado cuida de sua arma e a cuida com todo o desvelo porque a sua própria vida está na dependência de sua arma. Esse soldado é um filho do povo. Ele não vai atravessar os mares para lutar por tirano nem por sicrano, por um governo ou uma organização, por um partido ou uma secta. Ele vai lutar pelo povo, contra o inimigo número 1 de todos os povos, contra o pior de todos, o mais chulo, o mais bárbaro, o mais miserável de todos os inimigos do povo: o nazismo. Acabo de ver um álbum de fotografias autênticas dos restos dos invasores nazistas na Rússia. Vi pilhas de cadáveres decompostos amontoados em tussas. Vi cadáveres de crianças com um olho arrancado a bala; de moças eslapradas e depois massacradas. Vi corpos de homens com enormes estrelas de cinco pontas rasgadas nas costas ou na cara. Vi pulsos entorçados, crianças com as mãos cortadas a serrote, velhos torturados longamente, em cujas faces a morte não pôs nenhum descanso, mas o rictus de uma dor bestial. Vi defuntos queimados, vi o quarto em que Tolstói escreveu a "Guerra e Paz" transformado em barraca imunda, vi, jogados no chão, os cadernos de música de Tchaikovsky que não foram aproveitados, como outros, para acender o fogo. Por que fizeram isso os nazistas? Porque os russos não quiseram ser seus escravos, e os russos não são arianos, são uma raça inferior. O que eles fizeram ali fizeram por toda parte; fariam no Brasil se aqui chegassem. Todos os brasileiros que eles puderam matar estão mortos no fundo do Atlântico.

É contra esses bárbaros imundos que nossos soldados vão lutar. E o soldado cuida de sua arma com todo o carinho. Quem cuida do soldado? Quem deve cuidar do soldado é o povo. O Governo, os oficiais, podem dar ao soldado o melhor tratamento do mundo; mas o soldado depende principalmente do povo. Eu posso fazer mil crônicas, os melhores jornalistas podem escrever grandes artigos, os maiores oradores podem pronunciar os mais eloquentes discursos. Não é nada disso que faz a força do soldado. O que faz a força do soldado é o apoio que ele sente do povo. É a maneira pela qual o povo trata o homem da rua. Isso ele sente. Porque ele é um filho do povo e sente como o povo.

Quando você encontrar em qualquer lugar, na vida quotidiana, um soldado do Brasil, pense nisso. Aquela moço não usa aquela farda nem vai embarcar para discutir, nem para fazer bonito, nem por isso nem por aquilo. Aquela moço não é pobre, nem rico, não é católico, nem ateu, não é da esquerda nem da direita, nem do centro. Aquela moço é apenas um soldado, e tudo o que vai fazer é lutar. Ele vai lutar por você, vai lutar por nós todos. Ele não tem culpa de alguma coisa que você ache errada ou ruim, ele não é uma opinião, não é um cálculo, não é um argumento. É um moço que foi chamado para lutar, e vai lutar. Para que ele lute bem é preciso que seus superiores o tratem bem e o instruam bem, e o compreendam e lhe façam justiça. É preciso que as autoridades tomem esta e aquela providência, mas é preciso principalmente que "você" o apoie. Porque é de "você" que ele recebe a arma secreta de todo o bom guerreiro, é de "você" que ele recebe a verdadeira força. Ele é um filho do povo, e é o povo que faz o seu estado de alma. Não lhe faça perguntas, nem lhe dê bantos, nem o convide a discutir; dê-lhe apenas, da maneira mais simples, o seu apoio. Não é preciso mesmo nenhum gesto: ele é como você, homem da rua, ele sente o que você sente.

Você gosta muito de criticar. Faz bem, e está no seu direito. Eu acredito que é preciso criticar, e defendo contra todos os dogmas e "ukases" o direito da crítica. A crítica é a base de toda a ação eficiente. Você tem um dever para com o moço que vai para a guerra. Cumpra-o — e cumpra-o com todo o coração. Assim ele saberá cumprir o duro dever dele.



Rubem Braga e Raul Brandão quando se apresentavam ao general Mascarenhas de Moraes.

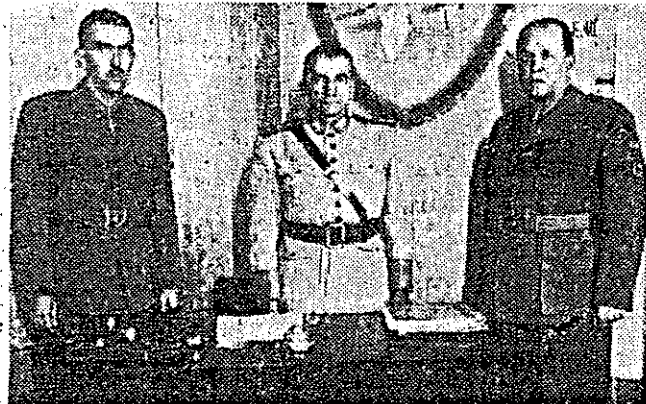
MAIO
1911

24

QUARTA-FEIRA

DIARIO CARIOCA Junto às Forças Expediciona- rias Brasileiras

Apresentou-se, Ontem, ao General Mascarenhas de Moraes o Nosso Companheiro Rubem Braga



Rubem Braga e Raul Brandão, já com as fardas de correspondentes de guerra, recebidos pelo coronel Floriano de Lima Brayner.

NO desfile de hoje das Forças Expedicionárias o DIARIO CARIOCA far-se-á representar pelo nosso companheiro Rubem Braga, que seguirá com aquelas tropas como correspondente de guerra.

Rubem Braga é um jornalista brilhante, de longas tradições na imprensa brasileira, nome que se impôs no conceito publico, não somente pelo talento e pela cultura, como também pela independência das suas atitudes.

A escolha do nome desse jornalista para representar o DIARIO CARIOCA no teatro das operações de guerra, obedeceu, portanto, a um justo critério de seleção. Brevemente, os nossos leitores terão oportunidade de ler as crônicas que Rubem Braga enviará sobre os acontecimentos que vai presenciar

Ontem mesmo, Rubem Braga apresentou-se ao general Mascarenhas de Moraes, comandante em chefe das Forças Expedicionárias e ao chefe do seu Estado Maior, coronel Floriano de Lima Brayner, juntamente com o nosso colega do "Correio da Manhã", sr. Raul Brandão.

Ordem do Dia

Rubem Braga

NO meio dos milhões do Brasil somos na verdade alguns poucos milhares a conhecer a sua capital secreta. E eis-me aqui nesta cidade. Aqui, as raízes; aqui, o coração; aqui, as cabeceiras. Realmente, que outra cidade mais honrada e mais viva? Nem preciso dizer, já o sabéis; estamos em Cachoeiro do Itaipemirim. Onde ruas mais afiladas entre os morros verdes e o rio torto e murmure; onde essa gente, esse pé de fruta-pão, o cajueiro, as pontes? Agora as casas se pintam de novo, o prefeito reforma a praça, há cartazes pela parede, concursos de musicas, e ansiedade. Pois aí vem o dia 29 de junho. Antigamente e apenas o dia de São Pedro, o padroeiro da cidade, e havia, de frente da igreja, uma grandiosa batalha naval aérea de fogos de artifício. Jamais a esquecerel. Mas agora 29 de junho é o dia da cidade inteira, e a festa não é da igreja, é de todos, é esportiva, é escolar, é musical, é literária, social, agrícola e pecuária. É o dia do Cachoeirense Ausente; Trophanes Ramos virá de São Paulo com um escudo na lapela e no escudo o perfil do Itabira. Que Itabira? Não, esta não é Itabira do Mato Dentro. Aqui não há minério de ferro nem poemas de Carlos Drummond de Andrade; Itabira é uma grande pedra, a mais bela do Brasil, que tem direito a se mirar nas águas do Itaipemirim e a ganhar sonetos de Benjamin Silva; de que mais precisa? Vamos á Boa Esperança caçar inhambús; João Madureira leva os bolsos do macacão cheios de pios que a família Coelho faz na ilha da Luz. A família Coelho faz pios para todos os bichos e os vende para todo o Brasil. João pia o inhambú, nhambú não vem. João pia João, chorão, juriti. Ouvimos um estampido na outra capoeira. Lírio, Jerônimo, Toninho estão matando inhambús, só a minha Laport não mata nada. João põe a culpa no carascal sujo, eu ponho a culpa no pio de João. De raiva mato uma barulhenta maritaca; na verdade não sou caçador. Almoçamos na casa do José Vieira, andamos no cavalo de Dima Moreira. Agora na caminhonete vejo os pastos muito limpos entre os cafezais dos morros. Há dois motivos para esses pastos estarem tão limpos: primeiro, que agora nesta zona está-se caprichando na criação de gado; segundo que a guaxima está dando dinheiro. Outra vez Cachoeiro, o Guandú cheio de gente pobre e ativa. Eis o Aquidaban, um bairro; no meu tempo era um pasto do céu. Anacleto Ramos. Esta cidade cresce, seus problemas também crescem. A guerra faz os ricos mais ricos, os pobres mais pobres. Estamos na Ponte Municipal. Aqui passou outrora aquela a quem tanto amei em silencio. Aqui passou o enterro de meu pai, o enterro de minha irmã; aqui passou o enterro do chauffeur Quitito e do pedreiro Oréstes, que os integralistas mataram. Lembro estas coisas, e outras mais antigas. Esta cidade está carregada de lembranças; hoje me dizem que o Amarelo não é mais um caminho, é rua. Mas não são apenas lembranças que sinto. Há, nessa trepidação, um futuro ansioso. A cidade cresce. Sim, que cidade mais honrada e mais viva? Vejo velhas fotografias de família; vejo as crianças, filhas das crianças de meu tempo, no recreio do Grupo Escolar. Vejo inumeras caras desconhecidas, ou será que a minha cara é que está ficando desconhecida? Não tem importancia, pode tudo ficar desconhecido, que importa derrubem o coreto da praça o quartinho escuro onde se guardavam os trastes velhos; derrubem até o cajueiro do alto do morro, façam novas pontes e novas gentes, tudo desconhecido. Eu, Cachoeiro, não desconheço teu coração.

Ordem do Dia

Rubem Braga

O último discurso de Churchill continua a levantar aqui e ali reparos às vezes bastante amargos. E não é para menos. Milhões de homens estão na ilha esperando a hora da invasão. Muitos e muitos milhares morrerão na certa para que os outros firmem pé no Continente, onde vão lutar contra Hitler. Churchill escolhe esse momento para fazer o elogio de um pupilo de Hitler, o general Franco. Dá-lhe medalha de bom comportamento. Promete que ele poderá ficar sossegado, se continuar a ser bonzinho.

Isso pode ser habilidade política, mas então será habilidade demais. Quando Churchill diz que esta guerra, à medida que se aproxima de seu desenlace, perde o seu caráter ideológico, está indo de encontro à verdade, mas acompanha, com certeza, os seus próprios desejos. O líder conservador inglês já começa a mudar de linguagem, como se agora temesse mais a paz do que a guerra. Dizer que o franquismo é uma questão de política interna da Espanha é falsificar os fatos de um modo tão escandaloso que se torna impossível acreditar que o próprio Churchill leve a sério o que está dizendo.

Nem pelas suas origens nem pelos seus fins o fascismo de Franco é uma questão interna. Quem implantou o fascismo na Espanha não foi o povo espanhol: foi uma camarilha ajudada pelos mouros, pelos nazistas, pelos fascistas e pelos pobres "viriatos" portugueses. O franquismo não foi uma revolução: foi uma invasão. Churchill não o ignora. Quanto aos seus fins, estamos vendo a todo momento, na América Latina, quais são eles. Estamos vendo em Buenos Aires. Estamos vendo nas conspirações abortadas em varias capitais: a falange, com a sua "hispanidad", substituindo os agentes nazistas expulsos. Vemos com toda clareza essa nova internacional fascista que se articula e fortalece, liho-te da outra, sua pupila e socia, como Franco e socio e pupilo de Hitler.

Roosevelt procurou desmanchar a péssima impressão causada pelo discurso de Churchill declarando que "a Espanha ainda não reduziu suficientemente o volume de material estratégico destinado à Alemanha" e afirmando que em relação àquele país o governo dos Estados Unidos "trabalha, na base da situação citada pelo auxílio espanhol aos alemães." A senhora Roosevelt, sem as responsabilidades oficiais do marido, falou com mais franqueza: disse que Churchill "tem seus pontos de vista firmados há sessenta anos e parece que não deseja mudar."

Não muda o sr. Churchill. Descobre azinhas nas costas de Franco como antigamente descobria virtudes e talentos raros no palerma Afonso XIII. Mas, a Inglaterra muda, o mundo muda. A Inglaterra escolheu Churchill para fazer a guerra, jogando fora Chamberlain com seu guarda-chuva empoeirado. No momento oportuno o charuto de Churchill também se apagará, porque ao invés que dar fogo para acender a mecha dos velhos canhões do heroísmo inglês só dará fumaça para aumentar a confusão. Nenhuma cortina de fumaça esconderá aos olhos do mundo os crimes repugnantes do fascismo na Espanha.

Churchill é importante; mas há alguma coisa mais importante do que Churchill: é a causa da libertação dos povos. E a Espanha não é apenas pouco de minério e pouco de estratégias. É também um povo — e que alto e profundo, que fabuloso, sagrado povo! Libertá-lo é um dever e é também uma necessidade. Os homens que ajudaram Mussolini e Hitler levaram o mundo à guerra mais desgraçada e sangrenta da história. A mocidade inglesa está jogando com "suor, sangue e lágrimas" esse erro criminoso de seus velhos políticos. Ela não acompanhará Churchill nessa política de engordar Francisco Franco.

Reguladora de
Estimulos da Pre-
feitura

pagas, hoje, as seguin-
tes:
71009 — 71010 — 71012
71014 — 71015 — 71016
71018 — 71019 — 71021
71023

Curso Para Oficial
AdministrativoTRANSFERIDA A PROVA
DE PORTUGUES

Departamento de Organi-
zação da Secretaria Geral de
Instrução, está cientifi-
camente interessados de que
a prova de português, do con-
curso para oficial administra-
tivo, por motivo de maior não foi realiza-
da no dia marcado, será leva-
da a efeito na próxima terça-
feira, dia 6, às 19 horas, no
sala do Instituto de Educa-
ção, devendo os candidatos
comparecerem 15 minutos an-
tes da hora marcada.

Boas Recebidas On-
tem Pelo Prefeito

O prefeito recebeu ontem em
seu gabinete os sr. Amandino
Carvalho, Vivaldo Leite Ri-
beiro, ministro Ataúlfo de Pal-
meira, e Jorge Schpooor.

Siliboldo
GRANADO
NORMALISA
AS FUNÇÕES
DO FIGADO

Ordem do Dia

Rubem Braga

QUANDO amanhã alguém quiser escrever a história da vida brasileira deste último quarto de século terá, com certeza, muita dor de cabeça. Pois os tempos são confusos; e há tanta história que hoje a gente não consegue saber direito; e os escritos desta época andam tão chelos, ora de inverdades, ora de subentendidos, ora de omissões e enganos, que, entre as linhas e entrelinhas dos documentos, o historiador ficará a coçar o queixo — se for um homem prudente. Quando o leitor vir um artigo ou um discurso de um sujeito que conhece, experimente se colocar do ponto de vista de um leitor de 1990, fazendo abstração de tudo o que sabe, de informação pessoal, sobre as circunstâncias, conveniências, restrições, intenções, etc., etc., que dirigiram a palavra do autor. Ficará certamente espantado: o documento, olhado com essa inocência, perde 80 por cento de seu sentido — quando não adquire outro muito diferente.

Direito por linhas tortas, torto por linhas direitas, assim escrevemos todos, sem falar do que dizemos e não dizemos nas entrelinhas. Pois assim são os tempos.

E eis aí: o historiador honesto, que quiser fazer um trabalho sério sobre os tempos de hoje, será obrigado a encarar como plihérias (em geral de mau gosto) muitos artigos de fundo e outros escritos soleníssimos de hoje e se valer, para um trabalho sério, daquilo que hoje faz toda gente rir. Então figurará entre os homens realmente representativos de nossa época, no que ela tem de mais sério e mais nobre, um senhor de brancas barbas que jamais entrou para a Academia e cujo nome nunca é citado nos rodapés da crítica: Aparício Torelly, Aporélly, o senhor Barão de Itararé.

O senhor Barão será homenageado no dia 9 do corrente às 22 horas com um jantar, na A.B.I. Será um grande jantar, e o preço é 60 cruzeiros, pagos na hora de assinar a lista, que pode ser encontrada na Livraria José Olímpio (Ouvidor, 110), na "Folha Carioca", no "Diário de Notícias", na A.B.I., e em outros locais. O homenageado não arranha emprego para ninguém, não facilita negócio de nenhuma espécie: é um simples cidadão particular que, apesar de Barão vive do seu trabalho. Trabalho, além do mais segundo murmuram as más línguas, honrado. Honrado e triste. Honrado, triste — e tomem lá! — histórico tem sido o trabalho desse Barão.

Vamos comer em sua honra, perante as suas velhas barbas. Vamos todos. O Barão tem muitas qualidades extraordinárias, e a mais extraordinária de todas é a de, tendo tantas, ser um homem decente. É um desses homens que não se avacalha diante de nada — nem mesmo de um jantar. Ele estará presente, com seu olho severo e o cáldo sorriso. E sua presença encherá de nobre conforto nossos frios corações plebeus.

ões Raiivosos Vagando Pelo Bairro

NEGANDO AO POVO CARIOCA O PLENO USO DOS DIREITOS

A DITADURA NÃO QUER AUTONOMIA DO DISTRITO

1/04/1945 - Capa

A bandeira da autonomia do Distrito continua de pé. Em vão os agentes do governo que apoiam a candidatura oficial, com o padre Olímpio de Melo à frente, procuram negar aos dois milhões de cariocas os direitos de que gozam os menores municípios do país. Os inimigos dessa autonomia costumam referir o caso de Washington, capital dos Estados Unidos, em que o povo não vota. É um absurdo. Por que não compararmos o Rio a Paris e a Londres, que sempre escolheram livremente seus governantes locais? Washington é uma exceção, talvez única no mundo. Em tempos normais, é uma cidade "autogerida", construída para capital da União, sendo proibida a instalação de grandes indústrias e quartéis em sua área. Imaginava-se criar uma cidade puramente burocrática, onde o governo federal pudesse trabalhar num ambiente sereno e seguro. Por isso, nunca sua população, normalmente, atingiu a um milhão de habitantes, e isso num país em que há inúmeras cidades com população muito superior a essa cifra.



Por que Nova York, quando foi capital dos Estados Unidos, não se viu despojada de seus direitos políticos? Foi esse absurdo que aconteceu no Brasil: a cidade mais culta, mais rica e mais populosa da República, não tem o direito de escolher seu governador!

Agora, a opinião pública reclama completa autonomia para o Distrito. E uma nítida linha divisória existe, na política local, entre os poucos que querem a autonomia plena do município e os que a negam. Velhos e influentes políticos, recusando o seu apoio à candidatura oficial, levantam a bandeira da autonomia, que já figurou como lema do partido majoritário do sr. Pedro Ernesto. O ex-senador Julio Cesar de Melo e seus amigos pronunciaram-se por esse grupo. Do outro lado estão "coordenados" do conego Olímpio de Melo, — que declarou ante-onhem à imprensa ser contra a autonomia municipal — decididos que se acham a apoiar o Ato Adicional, que não restituiu ao povo do Rio de Janeiro os direitos que lhe foram roubados em 1937.

DEVIDO À CENSURA ARBITRARIA E IDIOTA DO DIP NOS DESPACHOS VINDOS DO "FRONT"

FAZIA-SE NO BRASIL UMA IDÉIA ERRADA DA GUERRA



OS CORRESPONDENTES ACREDITADOS JUNTO A F. E. B. — Em cima: Rubem Braga, do DIÁRIO CARIOCA; Fred. Worell, do Coordenador de Assuntos Inter-Americanos; Thassilo Witke, da Agência Nacional; Harry Bagley, da Associated Press; Earl Brandt, do "Correio da Manhã"; e Horacio Gusmano, do Serviço Fotográfico do Exército; Em baixo: Allan Fisher, do Coordenador dos Assuntos Inter-Americanos; Joel Silveira, dos "Diários Associados"; Egídio Squit, do "O Globo" e Fernando Stamatto.

OS BRASILEIROS LUTAM E SOFREM NA FRENTE ITALIANA TODOS OS DIAS

Uma Correspondência de Harry Bagley, da A. P., Aprovada Pelo Comando da FEB, Transcrita No "Crazeiro do Sul" e Proibida No Brasil Pelos Censores do DIP

RUBEM BRAGA
 (Correspondente de Guerra do DIÁRIO CARIOCA)
 COM A FEB NA ITÁLIA — estava mal informado. Os correspondentes de guerra acreditados junto à FEB têm plena liberdade de ir à linha de (Conclusão na 2ª pag.)

O entrevistado, certamente de boa fé, procurou explicar os motivos pelos quais o público brasileiro não estava sendo, a certa altura, bem informado sobre as duras condições de luta de nossos soldados na Itália. Disse que só podíamos ir à frente quando chamados que não visitamos posições de infantaria, não temos contato direto e constante com os soldados, etc.
 Não é exato. O entrevistado

Siga enquanto avança!
SEM COAGULAR!

A DITADURA E A QUESTÃO

J. E. DE MACEDO SOARES

PARA o próximo "queremos-Getúlio", os agentes propagação, sendo finalmente remodelada e posta no estado atual pela Câmara dos Deputados. lei n. 222 de 10 de mãos desembaraçadas, com todos os recursos técnicos e facilidades políticas para resolver sábiamente o arranjos de capital, violando atuais em que se dá para garantir o di

FAZIA-SE NO BRASIL UMA IDÉIA ERRADA DA GUERRA

(Continuação da 1ª pag.)

fronte, e podem visitar, e têm visitado posições avançadas, onde encontram a vontade com soldados e oficiais.

Se a explicação do entusiasmo não era esta, qual o motivo pelo qual o público ficou, até certa altura (certo que já não acontece o mesmo) fazendo uma ideia tão errada da guerra que os soldados brasileiros estão fazendo?

O principal desses motivos era a censura. Era a censura que fazia a guerra ser só um espetáculo e que pode ser ao inimigo. Mas a censura política — a censura arbitrária e frequentemente idiota feita ao Brasil pelo DIP. Vor dar um exemplo concreto do que afirmo.

Em 30 de dezembro, Harry Bagley correspondente da Associated Press, redigiu um despacho, que transcrevo fielmente:

"Quartel General Avançado da FEB na Itália — (A.P.) — Oficiais brasileiros no "front" têm recebido cartas do Brasil dizendo que o povo brasileiro pensa que a vida neste "front" deve ser muito fácil e agradável. Houve muitas discussões sobre o assunto em uma reunião de oficiais superiores.

Acidentalmente tive conhecimento disso. Ninguém me pediu para escrever este artigo, mas o povo do Brasil pensa, porque, que a vida na linha de frente é agradável, e tempo de que ele perca esta ilusão.

Esta é uma guerra de balas e bombas, sangue e corações, mortos e feridos. Não se parece de modo algum com as manobras militares das coristas do Casino da Urca.

Se você nunca saiu do Brasil, provavelmente não saberá o que as verdadeiras condições de uma guerra de campo são, e como dura e solitário, as temperaturas abaixo de zero. E certamente não saberá o que é ser as mãos enfiadas pelo frio e as pés tão endurecidos que não sentimos os dedos quando os agitam.

O soldado brasileiro que está na linha de frente, dentro de um "fox-hole" ou de sua trincheira, sabe, agora, e que são estas coisas. Com suas roupas pesadas, roupas interiores, calças e calças grossas, botas, giletes, luvas, meias "avulsas", jaqueta, sapatos, capas de lã, capoteira de lã, e uma lata de café — eis toda uma lata de vida.

Os soldados brasileiros que estão na linha de frente, dentro de um "fox-hole" ou de sua trincheira, sabem, agora, e que são estas coisas. Com suas roupas pesadas, roupas interiores, calças e calças grossas, botas, giletes, luvas, meias "avulsas", jaqueta, sapatos, capas de lã, capoteira de lã, e uma lata de café — eis toda uma lata de vida.

Os soldados brasileiros que estão na linha de frente, dentro de um "fox-hole" ou de sua trincheira, sabem, agora, e que são estas coisas. Com suas roupas pesadas, roupas interiores, calças e calças grossas, botas, giletes, luvas, meias "avulsas", jaqueta, sapatos, capas de lã, capoteira de lã, e uma lata de café — eis toda uma lata de vida.

Os soldados brasileiros que estão na linha de frente, dentro de um "fox-hole" ou de sua trincheira, sabem, agora, e que são estas coisas. Com suas roupas pesadas, roupas interiores, calças e calças grossas, botas, giletes, luvas, meias "avulsas", jaqueta, sapatos, capas de lã, capoteira de lã, e uma lata de café — eis toda uma lata de vida.

do a sua vez na fila com o prato e o copo e depois comer de pé ou acocorado.

O soldado precisa permanecer na frente durante semanas sem tomar um banho, tendo como única bebida água sem capacidade de aquecimento, só em sonhos. Durante semanas ele é obrigado a usar as mesmas roupas e a mesma toalha. Nunca recebe bebidas alcoólicas, embora geralmente tenham bastante cigarro e fumo. Raramente vê uma mulher.

Mesmo os homens estacionados na retaguarda podem ficar sem aquecimento e dispõem só de iluminação de vela, embora geralmente tenham um conforto razoável.

Para os oficiais a vida é muito pouco melhor. Sub-tenentes, tenentes e capitães vivem com seus homens quase exatamente nas mesmas condições. Majores e coroneis — menos numerosos — estão algumas vezes em melhores condições. Não há luxo, nem mesmo para o general Mascarenhas de Moraes, e general Zeno da Costa, e o general Cordeiro de Farias.

Quando viver somado todos esses desconfortos — e apenas três dias de um esboço rápido — o leitor deve considerar ainda o fato de que os brasileiros estão lutando contra um inimigo ex-

periente, que tem boas posições, e é rápido e análogo para lutar.

A's vezes a morte vem zombar — no assombro de uma estrada que se abre para a esquerda, furiosos e põe à nossa pátria seus milhos, ou no tiro silencioso que atinge um ponto vital. Mas frequentemente, porém, o homem morre em agonias, com o sangue escorrendo, pelo chão gelado. Ou sobre a maca, a caminho do hospital, ou ainda na mesa em operação.

Mais numerosos são os que vêm feridos, mas continuam vivos às vezes para voltar à luta, às vezes para ficar mutilados o resto de seus dias.

Você sabe que a guerra é assim — naturalmente. Porque não pensa nisso quando escreve uma carta?

A Força Expedicionária Brasileira não é mencionada com muita frequência nos comunicados diários do Quinto Exército. Não conquistou nem perdeu nenhuma grande extensão de terreno desde que se transferiu para este setor em começo de novembro. Em comparação com as frentes da França e da Rússia, as notícias importantes são raras em qualquer setor da frente italiana. Isso não significa, entretan-

to, que nada aconteça aqui. Os brasileiros lutam e sofrem todos os dias — e alguns deles morrem.

Essa despesa de Harry Bagley foi aprovada pela censura militar. Uma cópia, mostrada às autoridades da FEB, causou um bom impressão que foi pedida a Bagley licença para que essa correspondência enganavam: a correspondência fosse transcrita no orfício da FEB "O Cruzeiro do Sul", o que foi feito no número de 7 de janeiro.

Os soldados da FEB leram essa correspondência e ficaram satisfeitos, porque viam que a imprensa no Brasil estava publicando uma coisa que dava uma ideia fiel da luta e da vida no front. Mas os soldados se enfadavam: a correspondência de Bagley não foi publicada no Brasil, porque a censura do DIP proibiu.

Deixo a vocês os comentários — e deixarei para outra ocasião algumas coisas interessantes sobre as dificuldades que os correspondentes e oficiais encontram para vir ao Brasil e outras coisas cómicas e melancólicas que podem acontecer aos homens de imprensa sob um regime totalitário — mesmo quando os homens do povo vêm ao estrangeiro lutar pela Democracia.

RECONHECEM TER PERDIDO A GUERRA

NOVO GOVERNO ALEMÃO PARA NEGOCIAR A PAZ

OS ALIADOS AMPLIARÃO O GRUPO DE VON PAULUS — EM SOLUÇÃO AS FORÇAS NO OESTE

WASHINGTON, 31 (A. P.) — O "Army and Navy Journal" disse que os aliados talvez tenham de "criar" um novo governo alemão destinado especialmente a aceitar a rendição incondicional.

Acrescenta a mesma publicação que se Hitler se ocultar com manobras com seu bando de criminosos, não poderá ser mais considerado como governo.

Será talvez criado então um novo governo com a ampliação do "grupo de Von Paulus, patrocinado por Stalin", ou outro grupo que mereça a aprovação do governo russo.

Quer seja instalado ou não um novo governo, o país estimado sob controle militar aliado, quando a resistência inimiga for definitivamente quebrada, acrescenta o "Army and Navy Journal".

"Na Junta de Controle Militar, acrescenta a mesma publicação, cada comandante militar aliado terá um ajudante diário, e de conformidade com o sistema alemão de dez de-

partamentos, haverá também dez divisões, controladas por grupos de oficiais das quatro potências aliadas, acrescentando-se nos casos políticos, que serão dirigidos por civis aliados. Os funcionários que auxiliarem esses grupos serão elementos não nazistas.

Os elementos familiarizados com a situação dizem que vários milhares de oficiais americanos treinados na Escola de Governo Militar de Charlottesville, na Virgínia, serão incluídos nessa organização.

Alguns deles serão localizados no quartel-general em Berlim, e outros serão destinados às zonas de ocupação.

Asserção que se torna cada vez mais evidente que não haverá rendição do regime de Hitler, mas apenas a rendição isolada de oficiais, que pretendem representar a Alemanha, a mesma publicação comenta: "Essa é a conclusão que se tira dos referendos secretos feitos pelo marechal Von Rundstedt — ex-comandante alemão na frente ocidental — para a sua rendição e de todos os homens, caso lhes permitissem regressar aos seus lares, que no entanto não puderam ser aceitos. Em virtude de os aliados terem concordado em não fazer nenhuma paz separada, era necessário que as propostas de Rundstedt fossem discutidas entre eles. Antes que a resposta pudesse ser formulada e comunicada ao referido oficial alemão, ele já tinha escapado e comando da frente ocidental. Era subentendido pelo marechal Kesselring, nazista fanático, de quem não se pode esperar nenhum pedido de rendição.

PREPARAM-SE OS GENERAIS ALEMÃES

ESTOCOLMO, 31 (A. P.) — O "Tidningen" anuncia que os generais alemães se preparam para começar, imediatamente

O COMANDO ALEMÃO EM DIVERGENCIA COM HITLER

ESTOCOLMO, 31 (A. P.) — O "Tidningen" declara que o Alto Comando alemão avisou a Hitler, durante uma reunião do Conselho de Guerra, que a continuação da guerra era impossível, que os Exércitos alemães no oeste estavam em dissolução e que não se podia controlar as tropas.

A notícia — que não tem confirmação em outras fontes — diz que o Alto Comando deixou claro os seguintes fatos: 1) — o Volksturm não se mantem firmemente em ponto algum, em vez se rende em massa;

2) — os abastecimentos de combustível estão esgotados e os viveres para as tropas são insuficientes, de maneira que as forças alemãs, a semana passada, têm vivido somente com rações de emergência;

3) — a situação no leste pode piorar rapidamente, logo que os russos desfechem a sua nova ofensiva.

4) — com a apresentação desses fatos é necessário declarar que os dirigentes nazistas perderam a guerra e devem pensar em as consequências desse fato.

ACUSADO DE COLABORAÇÃO

RAÇÃO

Será Julgado o Ex-Secretário do Partido Fascista

ROMA, 31 (A. P.) — Anunciava-se que o sr. Nicola San Sanelli, ex-secretário geral do Partido Fascista será, brevemente, julgado pela Alta Corte de Justiça, por colaboração com o estabelecimento da ditadura. San Sanelli foi também, nos primeiros dias do fascismo, o

A DITADURA NÃO QUER A AUTONOMIA DO DISTRITO

(Continuação da 1ª pag.)

procurando salvar alguma coisa em meio a este mar encapulado de opinião pública restaurada em sua força.

Homens que pensaram jamais teriam que prestar contas ao povo, jamais necessitariam de seus sufrágios, e desta forma traíram o povo acatando-se sob as salas generosas da Ditadura, acordam subitamente em meio ao sono, e ao sonho têm que enfrentar a dura realidade do povo restaurado, do povo decidido e julgando.

E dão-se cenas de Juízo Final. Telegrafamos como aqueles que saíram da reunião do Conselho do pessoal da copa do prefeito, adirindo à candidatura oficial. Desde a redação, tentando-se a falar em "consciências da responsabilidade que neste momento recaem sobre os homens públicos de todos os países para a solução dos problemas agravados pela guerra tanto no âmbito interno quanto no plano internacional" — com esse jeito de veredictos falando linguagem de Câmara, — o despacho é de um comício irresistível. Dizem eles que acatam a "colaboração de quantos se dispõem a trabalhar pela união, etc., etc." — quando o problema na verdade é saber se alguém os aceita depois de tudo.

Por fim, depois de dizerem coisas até indolências ao seu candidato — como aquela de acreditar como quem se esqueceu: "cuja personalidade constitui também um dos mais altos padrões morais da nacionalidade", etc. — o telegrama termina.

E ali é que vem o mais estragado: por proposta do sr. prefeito, cada um acrescentou à assinatura, o cargo eletivo que tinha antes do golpe de 10 de Novembro, principiando o próprio sr. Dodsworth por juntar depois os jameiros: "ex-deputado federal". E as coisas vão por ali a fora: ex-deputado, ex-agente, etc., etc. Quem lêia esta lista de "ex" indicou aqueles que o golpe fascista teria lançado ao digno ostracismo do ex, há de rifar-se. Verá que vários desses cidadãos que tudo receberam deste mesmo golpe, que se encamparam em empregos muito rendosos, prelo da Ditadura e seus bons serviços, e que pensavam nunca mais ter de apelar para o povo e por isto o desceravam, agora humildemente vêm se postar diante deste mesmo povo fantasiados de "faz de conta que não raíam", sustentando os situações que o povo lhes dera do golpe de Estado e da sua traição: ex-deputado, ex-vereador, etc. por que não escrevem direito? Assim: prefeito, presidente da Comissão Central da Pesca, Tabalio! etc., etc.

CONGOLO OLIMPIO, OUTRO SIMBOLO

Ora acontece que a falta de líderes e de homens nas alturas da ditadura é tão grande que chegaram ao ponto de ter que recorrer para chefiar o bando a essa figura que é um símbolo: congo Olimpio de Melo. É o homenzinho enfiado-de-ca-li-der mesmo e vive para lá e para cá, varrendo com sua batina os tapetes do gabinete do sr. Azamemnon.

E foi justamente ao sair do gabinete de seu parceiro superordenador da candidatura oficial, que o congo, trazido por outro Ernesto à vida pública, teve oportunidade de falar nas formalistas sobre a política do Distrito. E falando-lhe foi me-

deve provar as maiores desconfiâncias.

Conta-se mesmo um fato que é uma amostra do homem do malho do "congo". Celebrando missa domingo de Ramos numa capela dos santinhos particulares do sr. Pedro Brando, ao evangelho, fez a sua parábola. E nela havia, entre outras coisas, uma passagem mais ou menos assim, talvez em linguagem mais capotera, como costuma ser a do "congo": "Hoje, domingo de Ramos o mundo se engalana como a Jerusalém daquela dia e a minhama de pastor se enche de jubilo para saudar a entrada triunfal do Filho de Deus na cidade Santa do povo eleito. Hoje, igualmente, o Brasil se engalana e a minhama de brasileiro se enche de jubilo para saudar a entrada triunfal do digníssimo, ilustríssimo e excelentíssimo sr. general Eurico Gaspar Dutra na vida política de nossa Pátria..."

Acuteia-se, pois, o ministro da Guerra, Por Pedro Ernesto, seu criador, a devolução de chapéu e assumir estes delirios canzonadores. E que a traição vai ser também muito maior. O mínimo que o homem, isto é, o "congo" pode ser é agente do "Queremos Getulio".

PEDRO DANTAS

COLABORAÇÃO DO CONGO INTELECTUAL E "TURFMAN" NO "DIÁRIO CARIOCA"

Inicia hoje a sua colaboração no DIÁRIO CARIOCA, sob o pseudônimo de Pedro Dantas, uma das mais brilhantes figuras dos nossos meios intelectuais. Pedro Dantas, que além de fino intelectual é entusiasta "turfman", ficará encarregado de escrever, diariamente, comentários e impressões sobre as corridas no "Jockey Club", desta cidade e do movimento turfista no Brasil e no Continente.

Restabelecido o Tráfego Entre Belem e Sertão

CONTINUA, FOREM INTERROMPIDO, A CIRCULAÇÃO. Comunicam-bus do gabinete do diretor da Central do Brasil, por intermédio da Agência Nacional:

"Foi restabelecido, ontem, a circulação de trens entre Belem e Sertão, ficando interrompidos os trechos de Sertão e Vera Cruz devido a quedas das pontes de Santa Branca e Monte Líbano, e entre Araxozé e Avilcar, onde caiu a ponte Faria."

Os passageiros que se destinam às estações de Vera Cruz até Araxozé seguem de S-3 S-5 até a estação de Desempenho, onde deverão fazer baldeação.

Os passageiros que se destinam às estações de Quilombo e Santa Rita de Jacutinga seguem de S-2 e S-3 até Desempenho, onde farão baldeação, sendo que os passageiros que se destinam a Vila de Valença e até Santa Rita de Jacutinga somente deverão seguir pelo S-5 nas terças quintas e sextas-feiras, e nos demais dias da semana, isto é, nas segundas, quartas, sábados e domingos pelo S-3.

ULTIMA HORA ESPORTIVA

DIFICIL VITORIA DO VASCO SOBRE O BOTAFOGO

2 x 1, o Resultado de Ontem Nas Laranjeiras

Uma assistência bastante numerosa compareceu, ontem ao estádio da rua Alvaro Guerra, para presenciar o jogo entre o Vasco e o Botafogo.

O tempo inicial, embora relativamente favorável ao Vasco, terminou com um empate. Na etapa final, os botafoguenses vieram com valentia derrotar o Vasco noticiando o gol de vitória. Nos derradeiros minutos de luta os alvi-neros

um "fool" perto da arca e o juiz marcou. O centro avançado botafoguense chuta a falta e marca o

1.º GOAL DO BOTAFOGO. Reagem os empurrados de modo altamente para a defesa alvi-negra. Quando traucorrem 30 minutos o goleiro Santo Cristo bates uma falta e Elgema emendou com sucesso, marcando o

BRASIL E FRANÇA DISPUTAM A PREFERENCIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA, NO APÓS-GUERRA

INACIO SILONE, EX-COMUNISTA E HOJE DIRIGENTE SOCIALISTA ITALIANO, ACHA QUE O GOVERNO DE SEU PAIS NAO DEVE FACILITAR A SAIDA DE TECNICOS E OPERARIOS

Ha Cinco Anos a Noruega Foi Invasida

Passa amanhã, e quinze aniversária que a pacífica Noruega foi invadida pelas tropas nazistas. Desde então, os seus habitantes, e não a história milenar desta pobre nação nórdica. Desde esse tempo os noruegueses combateram no lado das Nações Unidas, prazerosamente em seu território, e depois da vitória, com um heroísmo que tem provocado a admiração geral.

Com a perda de mais de 200 mil soldados e de milhares de homens, os noruegueses tiveram que abandonar suas terras de guerra sem combalido e sem a proteção necessária. Os noruegueses são os únicos que não foram obrigados a abandonar suas terras. Na frente italiana a resistência norueguesa foi a primeira a ser vencida, e a única a ser vencida sem a ajuda de outros países.

Desde a queda do comunismo em 1945, a Noruega tornou-se um país livre e independente. Desde então, os noruegueses têm vivido em paz e prosperidade. A Noruega é hoje um dos países mais desenvolvidos do mundo. A Noruega é hoje um país que tem a capacidade de resolver os problemas do mundo.

ALMOÇO COM O CELEBRE ESCRITOR

O Socialismo Fixará os Italianos ao Solo Patrio — Trieste, os Ingaletos e os Comunistas Italianos — A Libertação do Norte da Itália e o Proletariado da Zona Industrial — Embarcações de Um Mai Poliglota Diante de Uma Conve Recheada — O Aspecto Internacional dos Vizinhos do Mediterraneo

(Correspondente de guerra do DIARIO CARIOCA)

ROMA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Março de 1945 — Via avará — O homem que vem me receber no "hall" do hotel Plaza é um cavalheiro vestido de preto, com um bigode preto e uma gravata. Deve andar perto dos 50 anos e não é nenhum prodígio de estatura.

O ITALIANO TEM DE EMIGRAR

O escritor me faz algumas perguntas sobre o Brasil e diz saber que seu livro foi adotado por um homem que ali conhece apenas por correspondência — Petrópolis, litorale na vaga, petropolis que tenho de escrever um italiano anti-fascista que a política brasileira a certa altura dos acontecimentos acabou e acabou mesmo quando entrou a política de Mussolini. Com a perspectiva que lhe foi dada pela nossa política, petropolis que tenho de escrever um italiano anti-fascista que a política brasileira a certa altura dos acontecimentos acabou e acabou mesmo quando entrou a política de Mussolini.

Silone acha isto possível. Diz que muitas das indústrias italianas — frutos da mania autárquica de Mussolini — desapareceram depois da guerra. A boa política do governo italiano será facilitar, através de acordo com varios países, a emigração de brasileiros, a migração de trabalhadores dessas indústrias.



Rubem Braga visitando um "proletário" em sua "forabola", na escada de Torre de Bercem.

Silone é um militante revolucionário e tem, naturalmente, uma vida atropalhada. Foi membro do Partido Comunista até 1937. Depois ficou algum tempo fora de qualquer partido — e viveu na França, na Suíça e em outros países, sempre aborrecendo, tanto quanto lhe era possível, o governo fascista de seu país. Há alguns anos voltou ao Partido Socialista, a que pertencera em sua juventude.

Quando aos comunistas, diz que a internacional foi extinta, mas a vida e a identidade de milhares de comunistas italianos com os comunistas de outros países da Europa estão ligadas. A política interna dos países está ligada a correntes internacionais.

DE S. PAULO

Se Filac Fosse Vivo Estaria Com Getulio

A Interessante Conclusão a Que Chegou Um Ex-Vereador, Ex-Deputado e Ex-Bancario

S. PAULO, 7 (De sucessor do DIARIO CARIOCA) — A campanha em favor do candidato oficial está se tornando cada vez mais silenciosa. Ninguém quer pagar a "parada". Parece que há reação de se imobilizar em ordens e foliolaria com o "Quemous Getulio". Ainda há dias, um grande qualquer ocupou o microfone de Getulio de Sul para fazer o elogio de sr. Getulio a seu candidato. (Mas?)

O rapaz falou nas leis trabalhistas, na continuidade do governo e acabou declarando firmemente Olavo Bilac. Afirma, entre outras coisas "sensacionais", que se o autor de "Via Lábia" fosse vivo estaria com o presidente.

DR. HELIO SILVA

Institutor — Meta e Anua — Rodrigo Silva, 14-5 — 25-2118 e 25-2119.

No Gabinete do Ministro da Guerra

Foram recebidos ontem, pelo general Gaspar Dutra o sr. Cláudio Junior, de S. Paulo, Luíslavio Alves, ex-interventor italiano, e Afonso de Albuquerque, antigo dos generais Alcides Costa, do Artilharia Divisória, André Teixeira dos Santos, chefe do E. M. de F. E. L. Silion de Freitas Almeida, da Divisão Blindada do Exército, e Silva Rocha, da Remonta do Exército.

Cartas dos Nossos Leitores

MAIS UMA RESOLUÇÃO ANTI-PATICA DO D.A.S.P.

Recebemos e seguiste carta: "Sr. Redator: Em 23 de outubro do ano passado vários rapazes fizeram um concurso para gerencia da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, cuja base de salário era de Cr\$ 900,00, que embora não dá nos tempos atuais, não supria as necessidades de uma pessoa, servia entretanto de amparo ali que aparecasse ociosos.

O D.A.S.P. todavia, que sempre primou pelos seus atos anti-páticos e anti-democráticos.

COMO É FEITA NO ESTADO DO RIO

Rubem Braga

COM A FEB NA ITALIA—(De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Via aérea) — O pessoal da Engenharia tem o seu proprio jornal "E' diario" — e consta de uma unica folha mimeografada dos dois lados. O titulo é "Só Penas..." E' um pouco difficil explicar sua origem. No começo era um dito para exprimir insucessos de conquistas amorosas dos praçinhás, mais depois passou a ser aplicado ao serviço. Quando os homens estão trabalhando e rebenta uma granada nazista, perto, e ninguém fica ferido eles dizem: "Só penas", referindo-se aos estilhaços.

O jornalzinho, era feito de linco, pelo cabo Kataiama e sargento Erico Paulo. Durante algum tempo foi dirigido pelo sargento Waldeck, mas em seguida a outra "crise de direção" passou a ser feito pelo sargento Luis André de Melo. Toda gente colabora — com artigos, "peruadas" e desde os praçinhás aos oficiais.

"Só Penas" tem uma parte de noticiário brasileiro e internacional colhido pelo radio. Isso é a primeira pagina. A segunda traz piadas, versos, reclamações, aniversários, conselhos etc. O já citado cabo Kataiama, filho da japonesa, que é um excelente desenhista, ilustra o jornal.

Em um dos seus proximos numeros "Só Penas" vai publicar um artigo do capitão Raul Cruz Lima. Acho que ele será muito interessante para os leitores do DIARIO CARIOCA, pois dá uma idéa bem realista das missões que os homens dessa Arma tem desempenhado na Italia. Com licença do capitão Raul, vou transcrever o seu artigo.

"MISSÕES DA ENGENHARIA
"Dentro as Armas, não há, por certo, outra de emprego mais sutil e variado que a Engenharia.

Seus encargos absorvem-na numa ação ininterrupta que, não raro, parece ultrapassar o limite das suas possibilidades, dando-lhe um caracter peculiar de persistencia, desprendimento e altruísmo.

(Correspondente de Guerra do DIARIO CARIOCA)

Mesmo com a ampliação de seu emprego devido á guerra moderna, e com a diversidade de meio e clima que tem enfrentado, sem fraquejar vai vencendo todos os obstáculos. Inclusive os proprios elementos, numa luta silenciosa e continua.

De dia ou á noite, contra a neve ou a lama, ás vezes contra as duas, enregelada pelo frio ou envolvida na tempestade de neve, molhada até os ossos, persiste no trabalho muitas vezes rude, que facilitará as comunicações, a proteção e a garantia da propria vida dos camaradas das outras Armas.

Na maioria de suas missões, tem um inimigo alcançado que a espreita, passo a passo, para surpreendê-la no momento oportuno, ou que a espera em um ponto determinado, porque sabe que ela vai procurá-lo, furtivamente, ou então procura neutralizar ou impedir o trabalho do soldado de luvas de couro e botas de berracha.

O praçinha da Engenharia, com a experiencia de alguns poucos meses de front entenderá, não sem um sorriso de compreensão, provocado pelas reminiscencias de emoções experimentadas, mais ou menos fortes, as palavras "missões de Engenharia".

Experimentou o que é transformar, com urgencia, uma simples trilha esburacada para uma e meia via, para caminhões ou para tanques, mais ou menos apressados, sem interromper o trafego, que a todo o momento paralisa seu braço no ar, no instante de encontrar o "veio" da pedra ou de arrancá-la, numa pancada segura, lançando ao motorista inoportuno um olhar que bem pode dizer: passe logo, por favor...

Ou então abrir a toda pressa uma variante numa estrada engarrafada, para esgar toda uma columna que se espreme e se impacienta em negar ao destino — "e a Engenharia ainda não preparou esta estrada!" O grande numero de

carros pôde atrai: um bombardeio rapido e inesperado, quando então se operam uniões nas leis do trafego, com veículos enguiçados "pegando" rapidamente, e com um lançamento desaje geral — "trabalha depressa, Engenharia!"

Experimentou, depois de terminado seu serviço, vê-lo tarificação pelo inimigo ou pelo tempo, ter de retirá-lo, mergulhando na lama, sem certezas, quando arrebatamentos em concentrações ou de simples inquietação lembram-no de que o inimigo não aprova seus serviços, feitos muitas vezes as suas barbas.

Experimentou, depois duma sugada jornada de trabalho, ser acordado á noite, embarcar num caminhão, com os ossos moídos, para retomar o trabalho num local desconhecido, enquanto seus oficiais, na penumbra ou na escuridão, reconhecem um local de acesso para tanques passaram na madrugada seguinte, e num trabalho em silencio e com cautela: conduzi-los ás proximidades do inimigo. Tem prazer em fazer esse serviço de tal modo mascarado que possa dizer: depois, na sua jirra simples:

"Destá vez o tedesco bo-beou..."

Já experimentou retirar minas, durante o assalto, em estradas de ninguém com um inimigo obstinado a querer fazê-lo desistir. Debaxo de bombas ou á noite, com o ouvido atento cravou seu bastão de prova na chapa empedrada e enganadora, até encontrar um objeto aparentemente inofensivo, porém colocado para reduzi-lo a pedaços...

Seus sentidos se subdividem em varias direções, e suas mãos vibram, procurando, apalpando na mimica estranha de quem tem a morte sob os proprios pés. Ou, quem sabe naquele simples arame?

Viu os tanques atravessarem pela trilha aberta com sacrificio, atingido ou não seus objetivos, surgindo talvez novas dificuldades para seu braço já exausto resolver.

Com seu roupão branco de ca-

mullagem, carregou á noite, como quem transporta um tesouro, muitas e muitas minas, para enterrá-las sob a neve, em algum ponto, talvez á frente dos P. A. de Infantaria, em terras de ninguém, com ou sem patrulha de proteção de modo que o inimigo não o perceba nem o pressinta, plantando a estranha carga com as mãos enregeladas pelo frio, quando os dedos precisam atarrachar mucanismos delicados, adicionar "booby-traps" sensíveis, depois duma longa caminhada de val e vem com as preciosas cargas, afundando na neve até os joelhos.

Construiu, nesta ou naquela casa, escavando uma visceira na alvenaria, horas a fio, enquanto ao lado uma parede ruia sob um impacto direto, um P. O. para o observador avançado da Artilharia poder regular com segurança os tiros que nos ajudarão a acabar com "eles" — "eles" que mataram amigos nossos, que ontem talvez estiverem fazendo esse mesmo trabalho.

Finda a missão, talvez sua casa ou o seu quarto estejam sob um monte de escombros, numa vingança de coincidência, fazendo com que ele trabalhe um pouco mais. Ou node vir um chamado de socorro a um tanque que se despencou encosta abaixo.

Enfim, o soldado de Engenharia já passou por estas e outras — e encara seu trabalho com serenidade e a convicção de quem cumpre o dever e defende de corpo e alma com o seu sangue as Armas do Brasil.

Acima desses encargos, sabe que há muitíssimos outros, mais complexos e importantes, que possivelmente terá de enfrentar, em progressão crescente, pondo á prova todas suas possibilidades e seus recursos, contra um inimigo feroz na sua resistencia contra outra Engenharia velha na luta, e averenciada em requintes e embustes, e contra os elementos de uma Natureza que lhe prepara tantas surpresas, verdadeiros "booby-traps" do tempo.

São apenas, missões de Engenharia..."

14/04/1945 — Pagina 4

Reservistas da Aeronautica Chamados

Devem comparecer com urgencia a Divisão do Pessoal da Reserva Afim de tratarem de assuntos de interesse proprio os reservistas Adolfo Cullman, Ari Alencar de Castro Goulas, Efraim Pereira da Silva Milton de Queiroz Almeida e Manuel Simplicio de Andrade.

espíritos cultos e devotados, como a de guerra contatá-

O PESAR CAUSADO PELA MORTE DO PRESIDENTE DOS EE. UU.

Visivelmente Compungido Churchill ao Comunicar a Morte de Roosevelt

Eloquente Mensagem do Rei Jorge VI á Esposa do Grande Estadista Norteamericano — Declarações do Ministro das Relações da França á Imprensa

LONDRES, 12 (De A. J. S. ...)

AM LIBERTADOS AINDA S POLÍTICOS DE SÃO PAULO

RUBEM BRAGA DESCREVE A CAPTURA DE MONTESE

CUSTOU CORAGEM, SACRIFICIO E SANGUE AOS BRASILEIROS

FEITO GRANDE NUMERO DE PRISIONEIRO ALEMAES NAQUELA CIDADE ITALIANA

COM A FORÇA EXPEDICIONARIA BRASILEIRA, NA ITALIA. 20 — De Rubem Braga, correspondente do DIÁRIO CARIOCA — Os correspondentes de guerra que visitaram Montese, depois que essa cidadezinha foi ocupada pelos brasileiros, não fizeram, por certo, um passeio muito sossegado. Dois deles tiveram, várias vezes, de saltar do "jeep" a mergulhar no chão ou se esconder à margem da estrada. Um deles machucou-se um pouco quando pulou do "jeep" perseguido por granadas.

Dentro da cidade os visitantes não passaram. As explosões são intermitentes. Em Montese os correspondentes não encontraram um só italiano, porque os alemães tinham feito evacuar a cidade, e a pena para os civis que desobedecerem a essa ordem é uma só — o fuzilamento.

Arrebatada e triste, com a

Mais Cidades Conquistadas Na Frente Italiana Pelos Brasileiros

alta e bela torre esburacada por um tiro de canhão, sem fala de mulher nem riso de criança, Montese não é, positivamente, um ponto de turismo.

Quando o tenente Iporá Nunes de Oliveira chegou, a 14 de abril, dentro das casas bombardeadas os alemães resistiram. A's 3 horas da tarde, o tenente Iporá estava senhor da situação, mas às 6 horas atrapalhado com prisioneiros, ele ainda lutava.

Parte da mesma companhia estava detida em campo minado. Os alemães passaram a bombardear a cidade, e os nossos homens continuavam a fazer a limpeza das casas. A noite inteira choveram granadas, mas o outro dia veio o passo, e os brasileiros continuaram donos do lugar.

Com a ajuda de um pelotão, os brasileiros acabaram de limpar o reduto, mas 7 dos prisioneiros feitos em Montese têm uma história muito especial para contar. Estavam escondidos no porão de uma casa. Na cidade, as explosões da artilharia se sucediam, e

eles esperavam o momento oportuno para retornar às suas linhas.

Depois de muitas horas de medo e horror, ouviram o ruído de passos. Ficaram na expectativa. Um deles sussurrou: — Pode ser que sejam alemães, mas eu creio que são americanos ou brasileiros.

Acontece, porém, que o sargento Müller, da 3ª Companhia do 9º Batalhão de Infantaria tem um bom ouvido. Fez um sinal ao tenente Alvim Miguez Vinhais. Os nossos soldados recuaram, com os dedos nos gatilhos, e o sargento Müller exclamou:

— Olá! É alemão que está aqui!

Os alemães saíram e foram aprisionados.

Inteligentemente, nem sempre é tão fácil prender soldados inimigos.

A conquista de Montese custou coragem, sacrifício e sangue e hoje ainda as granadas estouram nas suas ruas.

E' o alemão que está cuspidando a sua raiva sobre a terra que perdeu.



METALURGICOS EM VISITA AO "DIÁRIO CARIOCA" — Esteve em nossa redação uma grande comissão de metalúrgicos, representando quase todas as oficinas metalúrgicas existentes em São Paulo. Esses operários vieram prestar uma homenagem à imprensa democrática da nossa capital, pela brilhante campanha em prol da democratização do nosso país.

A comissão, que se compunha mais ou menos de trinta pessoas e traziam diários alusivos à nossa Força Expedicionária que combate na Itália, esmagando o nazifascismo, manteve-se alguns minutos em palestra com um dos nossos companheiros, reafirmando as idéias democráticas dessa classe.

Todos eles reafirmando sua alegria e contentamento pela iminência da queda de Berlim, prestes a ser totalmente ocupada pelos exércitos soviéticos.

Desejaram-lhes eles que pretendem dentro de poucos dias fazer uma visita aos feridos da guerra brasileiros que se acham recolhidos ao Hospital Central do Exército.

O "dichê" acima mostra um aspecto desses operários na sua visita empreendida ao DIÁRIO CARIOCA na tarde de ontem.

ATOS DO CHEFE DO GOVERNO

AUMENTADA A DOTAÇÃO DO ESTADO ÀS FILHAS DO BARÃO DO RIO BRANCO

Criado o Museu do Ouro, Cabendo-lhe Recolher, Classificar, Conservar e Expor os Objetos Historicos — Outros Decretos

Criando o museu do ouro o presidente da Republica assinou o seguinte decreto-lei:

"Art. 1º — Fica criado o Museu do Ouro, com a finalidade de recolher, classificar, conservar e expor objetos de valor historico e artistico, relacionados com a industria

cada uma das beneficiadas, e quanto tiverem.

Art. 5º — Revogam-se as disposições em contrario.

A HABILITAÇÃO AOS BENEFICIADOS DO SEGURO SOCIAL

interessados requirirem a devolução desses processos no prazo de um ano dessa vigencia.

Art. 3º — Revogam-se as disposições em contrario."

O NOVO DIRETOR DO MUSEU

O Triunfo da Democracia

BOAS DA MORTE DO PRESIDENTE ROOSEVELT

O general Pedro Cavalcanti, presidente da Comissão Central de Requisições recebeu do seu colega, general Hayes Kroner, adido militar e chefe da missão americana junto ao Exército Brasileiro, o seguinte telegrama:

"Os meus officiais e eu apreciamos profundamente as vossas expressões de simpatia pela tragica perda so-

outro decreto teve, apenas, em mira, reter nas fileiras, durante 180 dias o atual efetivo tempo suficiente para a preparação de elementos com os quais seriam preenchidos os claros abertos.

O sargento Crepaldi, de Itapira, no Estado de São Paulo, praça do Regimento Sampaio, demonstrou grande heroísmo numa ação de patrulha na região de Flocchi, quando sob o fogo do inimigo protegeu a retirada de companheiros feridos, ficando sozinho por mais de 10 horas, numa posição artilharia, ameaçado de cerco, conseguindo mais tarde levar os seus homens para uma posição segura, cumprindo dessa maneira a sua espinhosa missão de patrulheiro.

Carlos Prestes e demais camaradas favorecidos decreto anistia.

Com forte e afetuosos abraço proletário. — MAJOR BRAS CALMON".

A AÇÃO DA NOSSA FORÇA EXPEDICIONÁRIA NA CONQUISTA DE MONTESE

OS TANQUES SURGIRAM DE REPENTE SURPREENDENDO BRASILEIROS E ALEMÃES

COM A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA, 22 (De Rubem Braga, correspondente do DIÁRIO CARIOCA, por intermédio do B.N.S.) — Nos combates que levaram os brasileiros à posse de Montese, a FEB não teve apoio da aviação. Centenas de aviões apoiaram na Estrada 64 a conquista de Bolonha, e outros estiveram em ação à direita do nosso setor, na Estrada 65. Mas não vi nenhuma bomba aérea cair na nossa frente.

Em compensação, tiveram os nossos soldados o apoio inesperado e valioso dos tanques. Até 11 de abril, o capitão ame-

E FORAM RECEBIDOS ENTUSIASTICAMENTE PELOS INFANTES DA F. E. B., QUE PASSARAM A TER VALIOSO APOIO DA ARMA BLINDADA NO ASSALTO ÀS POSIÇÕES NAZISTAS

Rubem Braga

(Correspondente de Guerra do DIÁRIO CARIOCA)

ricano coçava a cabeça: o tanque era um verdadeiro "aba-caxi" blindado. Era impopular

entre os nossos infantes, assim como aos infantes de outras nacionalidades.

É fácil de explicar: a natureza do terreno não permitia que os carros avançassem com rapidez. Durante ataques anteriores, os tanques não tinham por onde progredir e depois regressavam para a proteção de alguma colina. O resultado é que atraíam os tiros e morteiros dos canhões nazistas. E os nossos infantes pegavam as sobras.

Os tanques ficavam normalmente parados às encostas das colinas, e subiam de vez em quando à crista: disparavam tiros e se recolhiam novamente. Os infantes podiam contar com uma desagradável chuva de fogo alemão.

O general comandante do 4.º Corpo e que está integrada a FEB reconheceu e disse que o papel do tanque não é o de ficar escondido. Tanque não é artilharia. Os carros devem avançar com os infantes.

Mas a intervenção dos carros no dia 14 foi uma surpresa para os correspondentes e para os oficiais da FEB. Quando começaram a avançar, ouviram-se exclamações de entusiasmo e de alegria. Levantavam nuvens de poeira. Hostilizados pelo fogo contrário, paravam, mas tocavam depois para a frente.

Os prisioneiros alemães (mais de uma centena) feitos naquele dia confessaram que os tanques foram também uma surpresa para eles.

A FEB não dispõe de tanques, mas de carros de reconhecimento, armados com metralhadoras. Estes tiveram até agora fraco emprego, mas o dia se aproxima em que poderão avançar contra o inimigo.

A arremetida dos tanques foi surpresa para nós e para os inimigos — para estes, por certo, mais desagradável.

Mas a intervenção da artilharia e dos tanques apenas ajuda a fazer a guerra. Quem faz, porém, é o pobre soldado de infantaria, essa pequena máquina humana, tão frágil e tão fácil de destruir.

25/04/1945 — Página 3

CHAMPAGNE

ESPETACULO N.º 1 DA CIDADE TODAS AS NOITES NO

OPACABANA

clip

Argel do pes-Relações presente-argo no

AYMOND a Escola Saint-agregado Améri-teira vez de be-bolsa de ndo, ob-

rite e ho-jade, fol-ente das destina-4.º pag.)

COM OS REFUGIADOS SURGEM TAMBEM OS ESPIÕES INIMIGOS

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Via aérea — abril de 1945 — "Essa gente está me desmoralizando a guerra." — diz o major X, chefe do Serviço de Contra-Inteligência.

POR ISSO, TODOS TEM DE SER CONDUZIDOS A RETAGUARDA, REVISTADOS, REGISTRADOS, INTERROGADOS, ALIMENTADOS E ABRIGADOS — NÃO OUVIR MAIS OS ALEMÃES GRITANDO BRUTALMENTE ORDENS, SUPREMA FELICIDADE

Rubem Braga
(Correspondente do DIARIO CARIOCA)

Ele se refere ao velho e a mulher que acabam de chegar com dois bois e um pequeno carro cheio de tarêcos, incluindo uma grande cesta com varias galinhas. São camponezes italianos que atravessaram a linha, vindos do Norte.

tregam a outras autoridades aliadas. Se é suspeito, será susse não é será preciso providenciar sua moradia. Nos ultimos tempos a media diaria de rejeito á novos interrogatorios, e fugiados é uma centena, e é facil imaginar que essa gente dá trabalho a um bom numero de homens-brasileiros da seção de Contra-Inteligência. Mas os detalhes do funcionamento desse Serviço são das numerosas coltas em uma guerra que o reporter não deve, nem pode crescer.

dadelra (tive a impressão de que não era) tinha ao menos a virtude de ser interessante e movimentada. **FORQUE PASSAM A LINHA** Ainda ontem, dando um passeio pela frente com o capitão Plinto Pitaluga, comandante do Esquadrão de Reconhecimento, vimos um bando de refugiados que acabava de passar a linha. A sombra de velho carvalho, junto de uma igreja, eles explicavam aos soldados de um nosso posto avançado o caminho que tinham seguido. Conversei com um velho lavrador que viera com a mulher e dois filhos e depois com uma jovem de uns 20 anos que trouxera a sua vaca. Sempre que pode, o refugiado, ao passar a linha, traz a sua "muca" — a vaca leiteira, a que o camponio é tão agarrado como á terra.

É raro o dia em que algumas dezenas de italianos não fazem o mesmo. São os refugiados — os "sfollati" — e cada um deles constitue em si mesmo varios problemas.

O primeiro desses problemas é o da espionagem. Quando os alemães resolvem mandar um espião ao nosso lado certamente não saltam na estrada um cavalleiro de motocicleta com uma bandeira nazista cesfraldada. O agente inimigo vem como um pobre camponio, sozinho, ou metido num grupo ou trazendo a sua vaca.

Há tempos atrás mandei uma entrevista que fiz com um espião. Fui informado de que o meu entrevistado já foi competentemente fuzilado. Depois disso conversei com um suspeito. Contou-me uma longa historia que se não era ver-

lavrador me disse que pagou 1.200 liras por cabeça de vaca — trouxe tres. Outro disse que dera somente 500 liras ao "guia", que era seu conhecido. Esse "guia" naturalmente está em ligação (e sociedade) — com algum sargento alemão. Ele indica aos fugitivos o caminho que devem seguir, os pontos que devem atravessar mais depressa, os trechos minados que devem contornar, etc.

Explorando os fugitivos, esses "guias" fazem, certamente, uma boa fortuna. O fato de militares alemães (geralmente sargentos da linha de frente), entrarem nessa "marmitta", mostra uma certa desagregação moral nas fileiras nazistas. As vezes acontece que, apesar de terem pago as "taxas", os fugitivos são alvejados. Pode também acontecer que eles sejam vítimas de algum bombardeio na terra de ninguém, ou ainda que sejam alvejados, por alguma patrulha nossa que na escuridão pode confundir-los com alemães.

E ha ainda o perigo das minas — alemãs ou nossas. Mas os camponezes preferem uma hora ou meia hora de medo a viver eternamente sob o medo.

O barbeiro de uma cidadezinha, que depois de "evacuado" para um lado e outro, conseguiu vir para o nosso lado com a mulher e o filho, me disse:

— "Não ver mais os alemães, não ouvir mais aquelas bestas berrando, dando ordens! Que felicidade!"

Falava com odio de um homem longamente humilhado e impotente. Ah, seria interessante encarregá-lo de fazer a barba dos prisioneiros nazistas...

As últimas notícias dos Estados Unidos são agora irradiadas, de hora em hora, ao dar meia hora. Notícias completas de todo o mundo, para suplementar as informações locais. Se deseja estar sempre bem informado, sintonize, ao dar meia hora, de 18,30 até 23,30.

AS EMISSORAS DOS ESTADOS UNIDOS:

WRCA
As 18:30 - 19 mts., 15.15 mpsca.
Das 19:30 em diante
31 mts., 3.67 mpsca.
WCBX **WGEN**
31 mts., 3.49 mpsca. 29 mts., 11.85 mpsca.

Ontem, No Rio Negro

DESPACHOS E AUDIÊNCIAS DO CHEFE DO GOVERNO

O chefe do Governo recebeu, ontem, para despacho, no Palácio Rio Negro, em Petropolis, os srs. general João de Mendonça Lima, ministro da Viação, Joaquim Pedro Salgado Filho, ministro da Aeronáutica, coronel Anápio Gomes, coordenador da Mobilização Econômica e ministro João Alberto, chefe de Polícia. Em audiência o chefe do Governo recebeu a Missão Cultural Francesa, chefiada pelo sr. Pasteur Valery Radot.

GRANDE HOMENAGEM A MARIO DE ANDRADE

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES convida os homens de letras, musicos, artistas plasticos, alunos das escolas superiores, jornalistas, admiradores de Mario de Andrade á homenagem que prestará ao mestre da nossa revolução literaria, a realizar-se no auditorio da A. B. I. (Associação Brasileira de Imprensa), segunda-feira proxima, dia 30 de abril, ás 17 e 30. Falarão os srs. MANOEL BANDEIRA, PRUDENTE DE MORAIS NETO, CARLOS DRUMOND DE ANDRADE, GUILHERME FIGUEIREDO e AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT.

A entrada é franca.

FUNDADO O PARTIDO REPUBLICANO UNIVERSITARIO

A INICIATIVA DOS ALUNOS DA FACULDADE DE DIREITO DO RIO JANEIRO



Flagrante da primeira reunião do Partido Republicano Universitário

Os alunos da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro deliberação um partido da mocidade, para congregar todos os acadêmicos que desejem trabalhar pelo retorno do Brasil ao regime da ordem jurídica. Assim nasceu naquela escola de ensino superior o Partido Republicano Universitário. Para dignificar o novo partido foi eleito a seguinte chapa: — Faculdade

Heitor de Andrade Mendes, presidente; — João David e José Furtado, 1º e 2º vice-presidentes; — Aury Valente de Avillez, secretário geral; — Hermógenes Corrêa e Nadir Braga, 1º e 2º secretários; — Ludgero Mateus Capelleiro e Delcio Carlos Nogueira, 1º e 2º tesoureiros; — Raul Araújo, Orlando Carneiro e José Nogueira da Gama, assessores.

OBSE-
POR
CIA
siste-
clara o
polícia
er va-
os na
entre
ar Ro-
re-
strio-
ra afi-
nradt
do da
supra-
meri-
caviado
lemão.
munici-
por te-
e 31
"DR-
es ocor-
o sr.
já vi-
Braun
priso,
ais ele-
Rio e
S PARA
ades de
depois
sociare-
surto —
"or in-
ta em
ina.
vicia o
diretor
ria de
grande
soiçado,
a, vin-
e sub-
perden
não es-
ar da
irrup-
encon-
randes-
a guer-
a oca
A-II do
A-II
de es-
e sbo-
ss lin-
e foi
destein
do Su-
mo su-
os de
peravam
ara or-
s onde
TAGEM
OBJO
destein
os sa-
m en-
decla-
arte dos
por
um. As-
pianos
ois me-
instala
uburbio
instru-
a prá-
otagem.
a dina-
os cor-
fabri-
m aqu-
las pri-
o fre-
tes e
e in-
struções
mpenho
S DAS
ERIA
prosse-
Braun-
400.000
on no
America
carta de
Paru-
il á sua
Sul. re-
atitas e
uaquino
adeiro

NA GRANDE NOITE AZUL DE UMA PRIMAVERA TEMPORÃ

RUBEN BRAGA

(Correspondente do DIÁRIO ARIOCA junto à FEB)

COM A FEB NA ITALIA — De Rubem Braga, Correspondente do DIÁRIO CARIOCA — Via aérea — Março de 1945 — Foi nos campos romanos, há um mês atrás, naquelas planuras graves do Lacio, que primeiro a entrevi. Pequenas flores alvas repontavam aqui e ali na relva; adiante já formavam, na extensão verde, suas manchas brancas. E quando paramos para abrir nossas caixas de Ração K, e o silêncio desceu sobre o feio caminho 3/4 e nossas caras empoçadas setiminas na brisa a revelação do segredo: a primavera estava chegando. D'pois, bem mais ao Sul, em Caserta, numa área do grande Palácio do Rei de Nápoles, nós recebemos de súbito, pela manhã, um frio desmentido: um vento gelado nos lançava neve na cara, em grandes flocos.

Mas hoje, 10 de março, há uma pequena macleira florindo do lado da porta do quartel. E a Primavera começou a subir as montanhas.

Ontem percorri meio quilômetro da linha de frente. Um dia estranhamente calmo, em que a guerra de repente parece um "pic-nic" em que esqueceram de convidar as moças, um "pic-nic" triste e sem graça. Metidos em suas bucas postadas em suas posições ou espichados ao sol do lado de cá da encosta, os soldados me davam os seus nomes para sair no jornal.

A sombra de uma árvore, sentado, com vários homens, fiquei espionando a terra de ninguém e a terra do alemão. O sol, que descia para as montanhas em nossas costas, não deixaria que o inimigo lá da frente nos visse. No grande vale havia, aqui e ali, casinhas solitárias ou pequenas aldeias. Outras subiam pelas montanhas do outro lado, e azulavam longe, subindo-se em vagas manchas.

Fazia frio, e o céu era azul. Acabou-se no momento, aquela desgraça do inverno, com todas as posições brasileiras abaixo das alemãs. Daqui, de onde o nazista ficava, de dentro das casamatas e abrigos que ele abandonou, podemos ver lá atrás as casas onde dormíamos, as estradas por onde tínhamos de andar, as pontes que a todo momento passávamos. E é com um binóculo alemão que um soldado me emprestou (sua presa de guerra) que posso contar os carros que esperam em fila para passar naquela ponte.

Daquí eles regulavam o tiro de seus canhões. Identifico àquele telhado sob o qual dormi nas noites geladas de janeiro acordando com o fragor das explosões. Do alto desta montanha e de muitas outras, à esquerda e à direita, eles viam os nossos movimentos espionavam a nossa vida de atribuições e sobressaltos. Para não sermos vistos em todos os lugares a todas horas, estendíamos redes para vedar as pontes, entupíamos a estrada com fumaça artificial, descíamos essas mullatiras vertiginosas com os faróis apagados, na escuridão de buracos e precipícios.

Agora passeio na frente dos "fox-holes" com a tranquilidade de quem passeia na praia do Leão. O alemão se arrisca até aquela pequena grupo de casas, suas patrulhas rondam às vezes aquela aldeia à esquerda e aquela outra à direita, mas sua linha deve ser nas montanhas do outro lado. E com certeza ele não virá aqui: ele espera nossos homens nas montanhas além do vale, onde cavou suas tocas e dispôs suas armas.

Oh! essas montanhas, São belas inimigas. Veja, longe,

um rebanho de carneiros, e a pastora é mulher ou menina. Ainda hoje andei na neve, pisel borões de terra gelados. Mas nos galhos nós das árvores há pequenos brotos — e aqui e ali na encosta, surpreendemos as primeiras, tímidas flores. Descortamos a montanha a pé, andamos uma hora, vai escurecendo e quando chegamos ao P. C. do Batalhão já brilham estrelas no céu. E tudo é uma grande paz entre as montanhas.

Mas de súbito ouvimos, de vários lados, o estrondo dos tanques e dos canhões, e o sibilar das granadas, e as explosões distantes. No P. C. nos informam: em algum ponto foram vistos 300 alemães e toda a artilharia da divisão brasileira e muitos canhões do IV Corpo varreram o mesmo trecho da montanha, em dois minutos, com mais de 1.200 tiros. Depois há apenas um ou outro espoucar de morteiros, e a forte companhia de lenço na cabeça nos arranja alguma coisa de comer. Me dão uma "cama-casulo", estendo duas mantas no chão. E enquanto um homem fica ali, vigília para atender ao telefone nós dormimos na doçura de uma primavera temporã, no frio fino da grande noite azul.

DORES NAS COSTAS, NO PEITO OU NOS RINS?

EMPLASTRO PHENIX

CINTA VERMELHA DE GARANTIA

DOS ESTADOS

Pará

F OVOCADORES A SOLDO DO GOVERNO

BELEM (Do correspondente) — Nos municípios que se realizam nesta capital, por dirigidos Eduardo Gomes, surgem sempre conflitos, em virtude de simpatias provocadoras, a mando do governo, tomaram parte nos mesmos com propósitos de se borden.

Maranhão

TRIZENTAS CASAS INUNDADAS

S. LUIZ (Do correspondente) — As enchentes do rio Acauari continuam a provocar grandes prejuízos na cidade de Princesa. Cada uma das 200 casas já foram inundadas, muitas das quais ruínas. Não se registou, felizmente, nenhuma perda de vidas por parte da população.

Ceará

AUXILIO AS FAMILIAS DOS EXPEDICIONARIOS

FORTALEZA (Do correspondente) — Os trabalhadores das indústrias metalúrgicas, mecânicas e metalúrgicas, iniciaram um movimento de auxílio às famílias dos bravos expedicionários cearenses.

Rio Grande do Norte

SEBIA SUBSTITUIDO O GENERAL FERNANDES DANTAS

NATAL (Do correspondente) — Nos últimos tempos desta capital corre a notícia de que o general Fernando Dantas será substituído no governo do Estado pelo deputado Ruy de Fátima, ex-José Augusto.

Paraíba do Norte

INAUGURADO O MAUSOLEU A ANTONIO NAVARRO

JOAO PESSOA (Do correspondente) — Tiveram lugar nesta capital várias solenidades em homenagem do 15º aniversário da morte de Antonio Navarro, que faleceu quando no cargo de interventor, foi para o Rio, a serviço do Estado, em homenagem o novo sepulchro construído para o varão do Estado sobre a sua túmulo.

Baía

A Acao do Serviço de Intendencia no "Front"

Do general Mascarenhas de Moraes, comandante da 1ª D. I. E., em operações de guerra alim-mar, recebeu o general Souza Doca, diretor de Intendencia, o seguinte radio: "Serviço e Companhia de Intendencia" prestam relevante colaboração nossas tropas no momento em que estamos empenhados na perseguição do inimigo. Congratulo-me com v. excia. pela feliz e profícua atuação do órgão de Intendencia, que assim confirma o elevado crédito que gozamos no meio das forças brasileiras.

Instituto de Geografia e Historia Militar do Brasil

Para comemorar o centenario do barão do Rio Branco este Instituto fará realizar, no proximo dia 2 de maio, às 17 horas, no salão de conferencias do Clube Militar, uma sessão solene, sob a presidência do general Souza Doca.

Sobre o illustre estadista, fará o general Paula Cidade, que abordará o tema: "A corrente historica a que pertenceu Rio Branco".

Goiás

A EXPOZICAO TERÇA ORGANIZAO MODERNA

GOIANIA (Do correspondente) — A Exposição Permanente de Goiás, está inaugurada a 5 de junho do corrente ano, quando se levava a efeito aquela capital o I Congresso Economico do Oeste.

Além de trazer para seus amplos e bem organizados mostruários toda sorte do produto economico do vasto, rico e prospero Estado Central a Exposição Permanente de Goiania terá, tambem, a seu cargo, um caracter exclusivo, o Museu de Goias, que não pode até hoje tomar forma definitiva, apesar das tentativas promovidas a esse respeito.

São Paulo

AUMENTO DA COTA DE GASOLINA

S. PAULO (Do correspondente) — O coronel José Carlos Barreto, acaba de declarar à imprensa de esta capital, que autorizou um aumento da cota de gasolina para este Estado, além de dar ordem ao transporte das antras do álcool e a cota de aumento esse que atingiu a um milhão de litros.

Tambem está sendo estudada a possibilidade de ser fornecida uma cota de gasolina aos médicos.

ELETRIFICACAO DA SOBOCABANA

S. PAULO (Do correspondente) — Foi aberto em credito de Cr\$ 200.000.000 quanto essa que se destinam aos serviços de eletrificacão, da Estrada de Ferro Sorocaba, os trabalhos já foram iniciados, devendo ficar concluídos dentro de um ano.

Rio Grande do Sul

A DELEGACAO SAOARA AO CONGRESSO DE TEREOPOLIS

PORTO ALEGRE (Do correspondente) — Para representar a delegação do Estado ao Congresso das forças economicas, nacionais, que se realizará em Teropolis, amanhã, dia 29, a Federação das Industrias enviou para aquela cidade (fluminense) a seguinte delegação: Herbert Bley, Antonio Fernandes Ferreira, Calep Leal Marques, Ernani de Lorenzi, Bruni Link Amant, Monjarán e Leoncio Toubato.

HA SEIS MESES NAO CHOVE EM CACHOEIRA

CACHOEIRA (Do correspondente) — A seca continua assolando este município, que é um dos maiores produtores de arroz do Estado. Há mais de seis meses que as terras não têm chuva, sendo que os prejuizos sofridos pela lavoura mantem a crescer por cento.

Catete - Leilão Judicial

Magnificos Predios Para Negocio

RUA DO CATETE, 318-320-322-324 e 326

O leiloeiro Cesar Leite, venderá em leilão estes magnificos predios para negocio, em terreno de 24 x 34, terça feira 8 de Maio de 1945, ás 16 horas, em frente aos mesmos.

O "QUEREMOS GETULIO" EM FRIBURGO

Ameaçado de Agressão o Jornalista Augusto Lima Brandão, Diretor do Jornal "A Paz"

Por mais de uma vez o DIÁRIO CARIOCA tem tratado das atitudes insolitas assumidas pelos elementos excitados do "Queremos Getulio", na cidade de Friburgo. Audaciosos e insolentes, esses elementos provocadores tornaram-se de uma agressividade incrível, constituindo, naquela cidade fluminense, um sério obstáculo à manutenção da ordem pública.

Na redação do seu jornal não o encontrando, já estando a mesma de portas fechadas. Ficaram, então de tocaia, e quando o diretor de "A Paz" saiu de casa, em companhia da sua esposa, foi abordado pelos getulianos que lhe entregaram um papelucho, intimando-o a publicar no seu jornal, sob pena de ser agredido fisicamente, a notícia de que a esposa do diretor, na redação do seu jornal, não o encontrando, já estando a mesma de portas fechadas.

Estão Demolindo a Casa

Ameaçados os Inquilinos de Ficar ao Relento



...dos economicos, fazendo e repetem
...logo acentua, da Ditadura, gera
desconfiança e cria a antipatia
torno da materia.

...dizem os decretos e repetem
...ciosos, cobras e lagartos de
tudo já se.
Que aqui o mais não será do que
ajuntamento politico-eleitoral, a
de "Queremos Getulio".
Que não haverá "Fair Play" nas
causas, cujo desfecho, no fei-
do comandante Peixoto, repre-
sentará nada mais, nada menos, do
um "Pretium affectionis" da
existencia da Associação e vellos
legais e companheiros.
Que, enquanto a F. E. B. mar-
cha para a gloria, para a imortal-
idade e para o heroismo, que tra-
z o ensinamento das pugnas da his-
toria da Liberdade e da Democracia,
o Comercio, carneada, como
impre tangida, vai ser o socorro
de socorro do "Fico" do manue-
linal, manipular da cozição de
mercancias ludicos e impraticas
reis. Assim, a F. E. B. marcha
para cima, numa ascensão lumino-
sa de sangue e de sacrificios, a o
numero, passivo e consentidor, se
arruga para baixo, numa senda in-
terna, obscura, sem voadas.

Votos sinceros são os que tor-
namos para que tais perditas se-
jam "in-totum", desmentidas e que
Comercio, vitima das desconfian-
ças, arbitrariedades e atrocidades
da Ditadura, evidencie ao país, a
necessidade das suas reformas e a
necessidade das suas patrioticas.
Fugadas destinadas à nossa his-
ta, são os fatos que no presente
se desenvolvem.
Refletam os homens que atende-
m ao toque de reunir em Terra
após a queda de Certas do Atlanti-
co de Dumbarton Oaks, do Chapul-
tepec e sob a sombra benfazeja da
Conferencia de São Francisco, que
podem as classes que lhes cum-
be dignificar, passar à posteriori
e com o estigma de incensuradas,
acusados, passivos e benicos, se
podem sem autoridade e repellido
da consciencia nacional.
O Brasil, todo o seu povo, vit-
ima das ignominias e da mordaga go-
vernamental, que, destrógeram a
honra do país, toda essa pri-
meira de filhos, ainda que abrangida
na penuria e pela fome de 15 anos
campo de concentração, quer ver
assar, na tóia dos acontecimentos,
Conferencia de Teresopolis.

Reclamam os Funcionarios dos S.A.P.S.

Funcionarios do S. A. P. S.,
reclamam por nosso intermédio
para as autoridades competentes
no sentido de ser feita
uma sindicancia, afim de apu-
rar as causas da grande maio-
ria de funcionarios daquele
departamento não ter recebido
o aumento de vencimentos nem
serviço-familia, quando gran-
de parte de servidores de et
do estão recebendo facimen-
tes esses vencimentos que fizem
muito jus pelo decreto assinado
pelo chefe do Governo.
Eis aqui uma irregularidade
que serve bem para atestar a
falta de organização do Estado
previsto pelo sr. Getulio
 Vargas. Decretos nada signifi-
cam...

Jornalistas Brasileiros Feridos na Front

Acidentados Num "Jeep" Rubem Braga do DIARIO CARIOCA e Raul Brandão do "Correio da Manhã"

COM A FEB NA ITALIA.
30 (De Henry Bagley, da As-
sociated Press) — Os corres-
pondentes de guerra brasilei-
ros Rubem Braga, do
"DIARIO CARIOCA", e Raul
Brandão, do "Correio da
Manhã", ambos do Rio de
Janeiro, foram feridos num
acidente de "jeep" e hospita-
lizados.

O correspondente Rubem
Braga fraturou um dedo e
sofreu contusões, ao passo
que Raul Brandão recebeu
contusões e ficou em estado
de choque. Ambos foram
conduzidos para o 33º Hospi-
tal de Evacuação, onde fo-
ram tratados por medicos e
enfermeiras brasileiras. Mal-
tarde, Rubem Braga foi
transferido para o 7º Hospi-
tal de Evacuação, afim de
continuar o tratamento do
dedo, porém parece que está
em condições de continuar a
escrever, pois pediu a seus
colegas que lhe enviassem a
máquina de escrever. Raul
Brandão, por outro lado foi
transferido para o 7º Hos-
pital Geral, afim de repou-
sar e restabelecer-se.

Afirmaram os dois corres-
pondentes brasileiros as en-
fermeiras que o acidente
ocorreu quando avistaram
subitamente os alemães num
ma estrada em que viajavam
e o motorista na precipita-
ção para se desviar, atirou o
veículo de encontro a uma
cerca. Os feridos foram en-
contrados por alguns ita-
lianos, que cuidaram deles e
mais tarde uma ambulancia
os conduziu ao hospital. Com
grupos de alemães isolados
e as forças principais e pro-
curando fugir, é frequente se
encontrar alemães perdidos
pelas estradas. Os corres-
pondentes muitas vezes via-
jam através de zonas perigo-
sas, mas foi essa a primeira
vez que os correspondentes
brasileiros se viram face a
face com o inimigo.

Ocupadas Turim, Veneza e Treviso

(Conclusão da 1ª página)

dições de Santa Dona di Pia-
ve e outras tropas do 13º Corpo
do Exército britânico irrom-
pendo para alem de Treviso
capturaram intacta a importan-
te ponte sobre o rio Piave, nas
imedições de Nervesa.

O comunicado somente fez
menção sobre a resistência in-
imiga na Arca do norte do lago
Garda, onde as tropas norte-
americanas estão sustentando
os contra-ataques locais.

Os elementos da 10ª Divisão
de montanha fizeram a travessa-
da do lago Garda em barcos
de assalto e capturaram a an-
tiga "Villa Mussolini" na praia
do oeste em Organo, to-
mando posições ao longo da es-
trada que margeia o lago, e
contando uma das poucas vias
de escape do inimigo.

Estes elementos tomaram de-
pois a direção do Passo de
Breuner.

Colunas blindadas aliadas
que estão operando a oeste de
Milão, atravessaram o rio Li-
ciano.

O Quartel General do 8º Exér-
cito britânico revelou que de-
pois da queda da cidade de
Pádua, uma grande coluna in-
imiga que avança sobre esta ci-
dade, pelo sudoeste, foi inter-
ceptada e dispersada, tendo si-
do feito milhares de prisionei-
ros.

Está imminente a junção das
forças anglo-americanas com as
do exército francês ao noroeste
da Italia, e com as forças lu-
govianas do marechal Tito a
noroeste.

O 442º Regimento de Infan-
taria norte-americana que en-
trou na cidade de Turim, está
somente a 28 milhas aéreas
da fronteira francesa. As for-
ças britânicas do 8º Exército
que atravessaram o rio Piave,
atingiram um ponto de 58 mi-
lhas aéreas de Trieste, que
segundo se anuncia, já foi atin-
gida pelas forças do marechal
Tito.

CESSOU PRATICAMENTE O PODERIO MILITAR ALEMÃO DECLAROU CLARK

ROMA, (De Aldo Forte, cor-
respondente da United Press)
— Referindo-se à campanha
da Italia, que durou quase
dois anos, o general Mark
Clark disse que "o poderio
militar alemão na Italia ces-
sou praticamente". O co-
mandante aliado fez essa de-
claração vitoriosa quando a
resistência alemã desmorona-
se por todas as partes, acres-
centando:

— "As tropas do 16. Grupo
do Exército assestaram tana-
ba derrota aos Exércitos ale-

...mões na Italia que o mesmo
foi virtualmente eliminado co-
mo força militar. A des-
truição foi conseguida após
uma ofensiva de 22 dias. Vin-
te e cinco divisões alemãs fo-
ram aniquiladas e não podem
mais oferecer resistência aos
nossos Exércitos. Milhares de
veículos grande quantidade de
armas e equipamentos e mais
de 120.000 prisioneiros foram
capturados e milhares de ou-
tros soldados estão encurren-
do.

"Os guerrilheiros italianos
desempenharam papel mais im-
portante nas etapas finais;
mais importante do que ante-
riormente se acreditava. Os
meios que os aliados levaram
armado e organizado os
guerrilheiros foram agora re-
compensados".

Essa declaração do general
Clark não foi ainda confir-
mada por todos na zona do 16.
Grupo de Exército, porém,
desde esta manhã, dos altos
chefes até ao soldado russo,
nota-se a expressão de satis-
fação da propria tarefa cum-
prida.

Tanto o V como o VIII Exér-
citos pagaram o seu preço pe-
la esplendida operação, porém
as baixas são muito menores
do que se acreditava inicial-
mente. Os nazistas tiveram
muitos mais em mortos e fe-
ridos e o numero de prisionei-
ros aumenta de hora em
hora.

O general Clark disse cla-
ramente que de agora em di-
ante apenas serão efetuadas
operações de limpeza. Esta
informação assinala o fim da
resistência organizada alemã
na Italia. Um ano e 9 mese-
depois dos desembarques efe-
tuados pelos aliados na Sicí-
lia no dia 10 de julho de 1945.

Depois da ocupação de Pádua
uma importante colina in-
imiga, que avançava, em direção
ao sul da cidade, foi intercep-
tada e dispersada tendo sido
aprisionados mais de 1.000
nazistas.

...tes dos aliados entrarem
em Veneza o Comitê Nacional
de Libertação chegou a um
acordo com o comandante ale-
mão para a entrega de qual-
ques navios que se encon-
travam no porto, entre eles o
"Vulcania" e o "Grandisca".
Os alemães também entrega-
ram os mapas de campos mi-
nados.

O general Clark expressou os
seus agradecimentos ao tra-
balho do Comitê Nacional de
Libertação que projetou o le-
vante no norte da Italia com
grande precisão e previsão.

1/05/1945 - Página 2

OS FASCISTAS NÃO ESCAPARÃO AO CASTIGO

MAIS DO QUE AOS ALEMÃES, OS ITALIA-NOS ODEIAM OS CAMISAS NEGRAS

Rubem Braga

(Correspondente do DIÁRIO CARIOCA Junto a F. E. I.)

COM A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA, os italianos não poderão escapar ao castigo do DIÁRIO CARIOCA. Os italianos não coube a honra de participar da arremetida sobre Bolonha. Mas quando os italianos não foram capazes de vencer a resistência contra uma resistência muito dura e desafiadora como a dos alemães, sobre a qual os correspondentes tiveram a sua atenção voltada para a Alemanha, porque não houve um como um episódio que atravessou a linha do horizonte a norte do interior e que ainda hoje se manifesta entre as ruínas de Bolonha, sobre a qual o primeiro. Era como o nome de uma mulher imortal, proibida mas desejada.



os alemães. Os alemães são mais — disse o chefe dos italianos — do que os italianos, são gente da nossa terra e do nosso povo lutando pelos alemães.

Isso fez-me pensar no crime e no ridículo dos nacionalismos italianos. E resultado da atitude do emblema e de fealdade. Começam avançando sobre os povos mais fracos amparando comunistas, meio mundo, existindo em meio vital e sobrem traidor e sua própria terra, permitindo que a sua própria pátria se entregue às exigências de um partido.

Essas camisas negras a debandar ricamente pelo país roubando a mão armada. As bicicletas dos italianos sãos de os mais pobres, os italianos estão prontos para receber ordens dos seus patrões nazistas não se podem enganar. Os gus-freitas de polícia que se patriotas comunistas justifica detem as far comunistas porque fizeram jus ao lema: "Viver perigosamente".

Todos os fascistas estão vivendo "perigosamente" e não escaparão ao castigo. Mas basta que os fascistas não renuncem com novas cartas e pretetos para fomentar novas guerras. Outros que não suportam o diabo do povo como democratas. Eles serão democratas enquanto não puderem ser outra coisa. A Encoberto o seu fascismo até nova oportunidade e quem dá a guerra de perigo mais o que o fascismo produz.

Os povos do mundo não querem viver dentro de suas fronteiras sem fora, não por países, viver perigosamente. Querem viver em paz. E não existe paz interna ou externa verdadeira, onde não existe uma democracia verdadeira.

Diario Astrológico



Hoje, 15-05-43, há um período para o leitor verificar sua situação atual e a sua posição em relação ao mundo.

Atenção! Hoje, 15-05-43, há um período para o leitor verificar sua situação atual e a sua posição em relação ao mundo.

Atenção! Hoje, 15-05-43, há um período para o leitor verificar sua situação atual e a sua posição em relação ao mundo.

BREVEIARE DONNE • EVOLUÇÃO • BREVE

METRO PASSEIO COPACABANA TIJUCA

PERFEITO AR CONDICIONADO PARA SEU BEM-ESTAR

UM GRANDE ROMANCE DE AMOR COM A MAIS BELA MUSICA!

HOJE SENHORA RECRUTA

ROBERT TAYLOR • PETERS

CANÇÃO RUSSIA

5ª FEIRA SOUTHERN SKELTON

AMOR A SEGUNDA VISTA

ESTES FILMES SÃO SERÁ EXIBIDOS EM QUINZE CINEMAS DO DISTRITO FEDERAL DAIAS DE HOJE ATÉ 19-05-43

FILMES METRO - GOLDWIN - MAYER

HOJE

Uma espetacular super-produção direção de CECIL B. DE MILLE

"JORNADAS HEROICAS"

(THE PLAINSMAN), com

GARY COOPER, JEAN ARTHUR, JAMES ELLISON E MILHARES DE FIGURANTES!

IMPRÓPRIO ATÉ 10 ANOS

Compl. Nacionalis

PLAZA ASTORIA STAR OLINDA RITZ PRIMOR

hoje

Gary Cooper • Teresa Wright

CASANOVA Junior

"CASANOVA JUNIOR"

com Frank Morgan Anita Louise

Mac Stevano na foto nº 4-5 e 6 Espalhe em Março 33 e 61 Reportagem P.R. 19-43

Autoridades No Gabinete Dutra

O ministro da Guerra recebeu ontem no seu gabinete de U...

Resenha Dos Livros

PRESIDENTE NAZIO OU O QUE É O RACISMO — Edições Brasileira — São Paulo — 1943. Um livro de Mário de Moraes e Mário de Moraes. O grande valor de José de Moraes é a sua capacidade de fazer um livro de uma hora de leitura. O conteúdo do livro é muito interessante e muito atual. O livro é muito bom e muito atual. O livro é muito bom e muito atual.

Vai Reunir-se o III Congresso Pecuario do Brasil Central

Realizar-se-á entre os dias 25 e 27 de maio próximo em Goiânia, o III Congresso Pecuario do Brasil Central, que prosseguirá a partir de amanhã a cidade que os pecuaristas do centro do país inauguraram em setembro de 1941 e continuaram em Campo Grande, em 1942. O objetivo do congresso é discutir as questões pecuárias e aceitar as soluções de acordo com o interesse da economia nacional.

Pagamento de Pensionistas

O chefe do Estabelecimento de Fundos da 1ª R. M. comunicou, por meio telegráfico, ao Departamento das Finanças do momento urgente e necessário a seguinte situação:

Dia 2 — letras A e J
Dia 3 — letras K e Z

Costuras Na Guerra

Solicitamos a distribuição de regulares de Alfândega de E. M. I. do Rio. Naveira distribui de costuras na guerra, em frente na ordem regular. Dia 3 — sustinente de 12. 3000 de final.

GUANABARA

CARTA PATENTE N.º 157

Autorizada e privilegiada pelo Governo Federal, de acordo com o Decreto n.º 15.673 de 22 de Maio de 1917 e 2.831 de 23 de Dezembro de 1940.

Sede: Travessa de Guadalupe, 28, 3.º andar

Av. L. 9675 — End. Telef. "PIONEIRA" — Caixa Postal 2665

RIO DE JANEIRO

RESULTADO DO SORTEIO REALIZADO EM 30 DE ABRIL DE 1943

PLANO SUPERIOR — SERIE "A"

Premio maior — 5043 de valor de Cr\$ 15.000,00

9 prêmios no valor de Cr\$ 1.200,00

1943 — 5043 — 5043 — 5043 — 5043 — 5043 — 5043 — 5043 — 5043 — 5043

DR. JOSE DE ALBUQUERQUE

MEDICINA GERAL e ESPECIALIDADES de SURTIÇA DE PORTO DOBRES, AVENIDA DO MOMENTO, 112 - RIO DE JANEIRO

O CATARRO PODE CAUSAR ZUMBIDOS E SURDEZ

UM REMÉDIO QUE LIMPA O CATARRO NASAL E ALIVIA O ATUENDIMENTO CATARRAL.

McClellan), "Chicago Daily News", "Pittsburgh Press", "Cleveland Press", "San Francisco News", "Cincinnati Post", "Boston Globe", "Toronto Star" e numerosos outros.

AZ UM CESTO

Agamemnon Provoca o Ex-Presidente — Saber Dos Golpistas — Cesteiro Que Faz Cem

Mania do sr. Getulio Vargas é querer ficar á frente da Nação, por fas ou por nefas. Desta mania é que nasceu e perpetua inquietação em que se encontra o país. O caso é de não saber o que nos cabe, mas o que irá sair de tudo isso, só podem cessar, quando se anunciar que o ditador já não acha "15 anos um bom espaço de tempo" — pelo que dará por finda a sua missão, sem pretender influir mais a própria sucessão apresentando a candidatura Dutra com o firme propósito de fazer eleger uma Constituinte á sua agem e semelhança para que ela o eleja presidente por mais seis anos em 1946, sem dúvida que para o primeiro período de eleição popular não é incompatível o mandato assumido pelo contribuintes. Por outras palavras, o Getulio Vargas "será" presidente "constitucional" até 1958, e depois desta data

(Conclua na 2ª pag.)

ENTREVISTA EXCLUSIVA DO GENERAL CLARK AO "DIARIO CARIOCA"

Uma palestra do bravo comandante aliado na Italia com o nosso correspondente Rubem Braga, ainda em plena campanha — Ressaltando o valor da contribuição do nosso "pracinha" — A perfeita camaradagem que a guerra criou e a paz deve consolidar

Divulgou-se a acatitação por parte do general Clark do convite que o Brasil lhe dirigiu no sentido de vir pessoalmente participar da grande recepção com que o nosso povo acolherá os nossos rapazes da FEB ao seu regresso da luta na frente italiana.

O bravo comandante do Quinto Exército norte-americano que, — primeiro nesta qualidade e posteriormente de comandante em chefe das forças aliadas na Italia. — comandou a Força Expedicionaria Brasileira durante toda a sua participação nos duros combates que trouxeram a vitória naquelle teatro da guerra, é das grandes admirações do nosso povo. Desde os dias da invasão do norte da Africa, através da campanha da Sicília e da penosa caminhada através das montanhas Italianas, o simpático general Clark conquistou por completo a nossa gente.

Agora que se espera a sua vinda a esta capital para se associar ás grandes festas populares aos nossos "pracinhas" vitoriosos, é interessante publi-

car as declarações exclusivas que o bravo cabo de guerra americano concedeu ao nosso correspondente de guerra, Rubem Braga.

Depois de descrever a vitória



O general Clark visto pelo lapicista Rubem Braga

que fez ás posições brasileiras na frente italiana, escreve o nosso correspondente:

"JA' CUMPRIMOS UMA GRANDE MISSAO"

"Terminada a cerimonia, é servido um whisky no Q. G. O general Mascarenhas faz um brinde ao visitante, "voturoso chefe e grande amigo dos brasileiros", o gal. Clark responde que se orgulha dessa amizade. Alguem o chama ao telefone, e sai da sala, levando seu copo. Quando volta, me aproxima dele e peço algumas palavras para o meu jornal. Diz que eu já ouvi o que ele disse aos soldados. Quer acrescentar, porém, alguma coisa, para os leitores do DIARIO CARIOCA. Diz que os brasileiros podem estar certos de que os seus soldados conquistaram a estima e a admiração dos seus companheiros de armas norte-americanos e demais aliados. "Estou certo — diz — que essa amizade dos soldados no campo da luta contribuirá, depois da guerra, para tornar mais amigos os povos. Tenho a esperança de que em tempos de paz nossos povos saberão estar juntos como estamos aqui na Italia".

O general tem cinco listas amarelas na manga, e a uma pergunta minha explica que cada uma corresponde a um semestre de serviços fóra dos Estados Unidos: são dois anos e meio de guerra, e ele não demorará a ganhar mais uma lista. Diz que seria uma boa ideia para os brasileiros adotarem uma indicação semelhante. Responde que agora talvez seja tarde: estamos no fim da guerra. O general repete (com melhor pronuncia, admito) minha expressão "at the end of the war" — e concorda: "acredito que sim".

Mas o general acha que afinal já me deu uma entrevista — e sua atenção é solicitada por outras pessoas presentes.

FALANDO AOS OFICIAIS

"Vou falar aos officiais" — me avisa o general Clark dali a pouco, como indicando que

assim poderel ter outras declarações suas. E fala.

"Sinto-me sempre muito feliz em visitar os soldados brasileiros. Hoje já falei a vossos soldados. Há quase um ano atrás tive oportunidade de me dirigir aos primeiros brasileiros que pisavam o solo da Italia para lutar contra os nazistas. Lixse-lhes então que a luta iria ser dura e difficil. E tem sido. Vós vivestes aqui um trabalho realmente duro. O inimigo que vos tem tido pela frente também tem experimentado muitas durezas — e tenedes sabido vencê-lo. A missão do 5.º e do 8.º Exércitos na Italia era fazer com que o inimigo conservasse nesta frente 25 ou mais de 25 divisões. Não permitir que esses homens fossem fortalecer a frente occidental com a oriental — eis nossa tarefa. Não a cumprimos. E essas divisões tivessem podido enfrentar os russos ou os aliaes no Occidente a historia, certamente seria diferente.

(Conclua na 2ª pag.)

comitiva os srs. Mario Linares, Osvaldo Junqueira, João Francisco Diniz Junqueira, Paulo Austregesilo e Geraldo Junqueira. Com a colaboração desses dedicados correligionarios fizemos intensa propaganda da candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes, mostrando o que ella representa á volta ao regime democratico. No desempenho dessa missão politica, mantivemos estreito contacto com os lideres da lavoura, conhecendo as suas necessidades mais urgentes, discutindo, analisando, estabelecendo, enfim, amplo debate em torno de seus interesses vitais. Não me limitei, porém, a ouvir os lavradores progressistas do interior paulistano. Tive, também, varios dias de agradável convivio com os camponeses e os homens rudes e sinceros que lavram, de sol a sol, as nossas terras, plantando o algodão, o café, o arroz e outros cereais que alimentam os estomagos de pobres e ricos, de burgueses e proletarios.

O PROBLEMA RURAL

— Que impressão teve do nosso caboclo? — O proletariado rural em nosso país — respondeu o sr. Ademar de Barros — continua á merce da generosidade dos nãtões. O governo nenhum sempre eficiente dispensa ao seu esforço tão util e benéfico á coletividade. As leis trabalhistas não vão além das capitais, não alcançam o "hinterland", valorizando o esforço do sertanejo — formiga anônima do nosso progresso — libertando-o da exploração do homem pelo homem.

— E como pensa que poderá

O CANTO DA NOITE

Augusto Frederico Schmidt

Em edição limitada a 200 exemplares e totalmente ilustrada pelo pintor Santo Rosa, o livro "O Canto da Noite" de Augusto Frederico Schmidt. Para esta edição de sua obra predileta, o poeta escreveu o seguinte prefácio:

Para esta reedição do "Canto da Noite" não consegui modificar um só poema e alterar um só verso. O livro vai ao mais de agosto. No entanto, via muito a aliar ao corpo e muita coisa mesmo a acrescentar. A minha relativa experiência de hoje não assara desapercibidas tantas imperfeições, tantas fraquezas de linguagem, tanta pobreza de expressão. Sei o pouco que de esta coleção de poemas, se ao mesmo por frequente uso me reviver para colecionadores de livros de tiragem restrita; sei que este é um livro humilde, que nada tem a ver com a amplitude e forte poesia que amam hoje; sei que um livro de pequenas e sobreconfidências e que não merece um lugar entre o que se acusa para durar. Mas na honra de "trabalhar" novamente poemas de enriquecidos em pouco — como sempre pretendi e desejei — que insuaveis escrupulos, que dificuldades, — e mesmo, de que importância o meu pobre "Canto da Noite" se revestiu diante de mim! Difficilmente compreenderão os leitores que um livro assim, para o seu autor não é lamina obra literária, mas um pouco de propria

vida revelada, imobilizada, tornada frisoneira. Os poemas, que compõem este volume, e que foram escritos num período que vai de 1930 a 1934, são pedacos de algum que eu fui; e relendo-os, agora, senti os sinais do mundo perdido em que eles nasceram, e que foi o meu proprio inquieto e incerto mundo. Relendo, agora, depois de um longo tempo, estas paginas tive a impressão de que os poemas deste livro guardavam e resumiam o essencial da minha vida e que neste "Canto da Noite" se espelhava bem a minha mocidade, com as suas crises, os seus deslumbramentos e as suas lagrimas. Tocar em alguma coisa pois seria tocar na propria essencia do que passou, seria desfazer o misterioso equilibrio que las viver, em mim, pelo menos, estas poucas paginas. Cada verso me pareceu como um gesto que não se refaz, algo que está acabado embora imperfeito e que assim tem de ficar porque a desfiguração seria a propria morte da morte. Não é pois porque julgue digno de resurgir tal como veio a publico, que não aproveite esta oportunidade para remodelar o meu livro. E que não me foi possível tocá-lo. Tra fragil, me pareceu ele, que eu tive a impressão de que o destruiria como a uma rosa morta, se me pusesse a retocar e a dar novo jeito ás suas vilhas petalas, a essas petalas que um dia foram vivas e frescas, e onde se escondem o orvalho matinal da primeira da urca, da inextinguível aurora

'QUE FAZER?'

Newton de Braga Melo

Devo dizer de forma clara e precisa que as criticas por mim dirigidas á linha imposta por Prestes ao Partido Comunista, nada têm de comum com outras criticas endereçadas ao lider esquerdistas, muitas das quais de caracter integralista e reacionario. Nada de comum tenho também com as choramingas religiosas, que condicionam a opposição a Prestes ao fato dele não ter articulado urnas só vez sequer em seu discurso o nome de Deus, o que também costumam fazer os lideres democraticos do mundo, pelo menos na maioria dos seus discursos. Tudo o que digo e faço no momento, relativamente a esta questão, só poderia ter algo de comum — exceção feita a alguns jornalistas democraticos, com aqueles que fazem criticas construtivas e só procuram dizer a verdade.

Meu objetivo não é o de demolir o Partido Comunista, mas é de vê-lo no unico caminho que considero acertado em relação ao momento nacional e internacional que atravessamos, e as legítimas finalidades do socialismo. Eis porque digo o que penso e considero certo, apontando os erros onde quer que eles se encontrem desde que estejam á altura da minha percepção. Não acho que os comunistas possam ganhar alguma coisa cedendo-se do espirito critico, e aceitando com renuncia grevária aquilo que eles próprios consideram errado. E não me venham dizer que neste caso, então, deveria falar balizinho sobre as vilhas

beatas de sacristia, para que o grande publico não tomasse conhecimento de que se passa, porque sei muito bem o que acontece aos que falam balizinho, e porque o grande publico é justamente que precisa saber a verdade.

Acho improdutivo a tática seguida pelos comunistas de sua influencia pessoal de Prestes. Não compreendo como poderão alcançar seu fim que é, segundo dizem, o da democracia honesta e progressista; se não levam em consideração a honestidade dos homens e a sua capacidade de criar o progresso. Pelo caminho que vão poderão conseguir, no máximo, uma democracia legal, decretada por homens conhecidamente desonestos e anti-progressistas, e se é isto e que finalmente quem, visando a legalidade do Partido sob a legalização do poder nas mãos de líderes reacionarios, não creio que na realidade como comunistas, possam de fato dar um passo para frente. Digo isto porque a linha agora em curso na prática que está marchando rapidamente para o seu ponto de saturação, — ponte que atingirá logo que acabe a organização dos comunistas e de um punhado mais de simpatizantes (porque a grande massa abandonou) em Comités Populares Democraticos, — não me parece contar a possibilidade de um futuro apoio ao candidato das oposições, que está á frente das mais expressivas forças democrati-

(Conclua na 2ª pag.)

(Concluiu na edição de terça-feira). (na edição de terça-feira) Robert Livingstone, (na edição de terça-feira) Merry Melsters e a Cla. In-

ENTREVISTA EXCLUSIVA DO GENERAL CLARK AO "DIARIO CARIOCA"

(Conclusão da 1ª pag.)

Nosso papel não foi dos mais agradáveis. O resultado foi porém, bom. O inimigo conseguiu retirar três divisões. Para retirar a primeira, gastou 3 semanas. Para retirar a segunda, gastou mais de 3 semanas. e para retirar a terceira gastou 6 semanas. Agora certamente ele não retirará mais nenhuma — porque não pode. Nossa Força Aérea está bloqueando suas passagens.

Nosso problema agora não é mais, portanto deter o inimigo na Itália: é derrotá-lo. A grande maioria de suas tropas continua aqui, e dá sinais de que quer lutar — mas seu moral é baixo. O inimigo tem grandes dificuldades de suprimentos, e carece principalmente de gasolina. Breve nos lançaremos sobre ele. Posso dizer-vos que o 5.º e o 8.º Exércitos atacarão nas melhores condições. O tempo promete permanecer bom. Temos bastante munição e completa superioridade aérea. Espero uma grande vitória. Nossas tropas nunca deixaram de vencer. Quero congratular-me convosco pelo que

tendes feito. Tendes nos ajudado muito."

(A expressão usada não foi a equivalente a "muito" mas sim "tremendously" mas acho que traduzir por "tremendamente" seria aceitar um evidente exagero ditô por gentileza).

RETRETA

O general terminou com um "Good luck to you" e um "God bless you" — e foi-se embora, enquanto a Banda de Música entrava em outro dobrado. Os generais brasileiros ficaram conversando, a fazer hora para o jantar ouvindo a retreta improvisada. Vários dobrados depois a Canção da Artilharia, seguindo-se ainda um dobrado e depois, coisa mais amena, a "Lili Marlene". Alguém observou que era a segunda peça alemã do repertório — pois a música da Canção da Artilharia brasileira também é alemã. Em vista do que, o general Mucarenhas que estava de bom humor, mandou encerrar a retreta com o "Tico-tico no fubá":

— Esta eu garanto que é brasileira.

Silveira, Alicacio de Machado, Benedito Teff Francisco Garcia, Mier Gilberto Monteiro de C. Em seguida, foi organizada Comissão de Propaganda e foram nomeados os srs. Megalhães, Manoel de Lima, José Pereira Br

SEE
AI
PERIGO
NÃO SE PRIVE
A SUA SAUDE,
DE IRAS ESTERILIZADAS
SEM UN E PODE
MER SEM SUS
VERDURA Q
MENTI
ESTERIL

BANCO FINANCIAL. NOVO MUNDO S

FERIDO, AMORIM DEIXA O SEU POSTO

O aspirante Amorim comandou o seu pelotão deitado durante 14 horas — Uma reportagem que começou nos Apeninos e acabou na rua do Catete

Reportagem de Rubem Braga

Mai se podia conversar: os telefones tinham sido arrombados e os canhões trocavam lá fora a todo instante, fazendo descer callos sobre as nuvens cabeças e pescoços. A volta para os campos italianos. Algumas vezes eu estive o morto e ficava algum tempo atrás de uma trincheira no P. O., mas preferia ficar ali no P. O. com a arma, com a carta na mão e o caderno de notas do lado, acompanhando minuto a minuto a marcha da ofensiva. Tenho ainda as melhores notas, que são muito minuciosas, e historiam toda a jornada que findou com a

ocupação de Montese — a primeira cidade italiana na ofensiva de Prá. Mas dessas notas vou destacar apenas algumas linhas, que se referem ao então aspirante Rêgo Amorim Gonçalves. O ASPIRANTE AMORIM. Ele havia partido cedo, no forte lançamento de patrulhas

alargo seu posto... recebe contra-ataques... responde... solicita constantemente autorização para realizar novas ações contra os alemães... as vezes... insuperáveis... fez nova patrulha... aprendendo... equipamento e material... exemplo de capacidade de comando... espírito



Em sua residência, o aspirante Amorim desfruta da guerra, lendo

U. D. N. em 1 de julho violências do interventor

Jose Brito Freire, irmão do conhecido agitador socialista, Vitorino Freire, oficial de gabinete do ministro da Viação, está percorrendo aquele município promovendo comícios nos quais afirma que tudo que não votar no general Eurico Dutra, será recalcado para a guerra contra o Japão e afirmando que para ser recalcado o candidato é necessário o portador de ordens do próprio general.

Este fato está causando apreensão, temor e esândalo sobretudo porque o tenente Brito abandonou o seu posto no Serviço de Recrutamento nesta capital, para exercer a função política usando a honra política do nosso Exército.

HOMENAGEM AO UM AMADOR

S. LUIZ, 18 (Luzes Paraisópolis) — Foi julgado um daqueles que nos dias de hoje são considerados agitadores locais. Foi acusado de banqueiro e de especulador imobiliário que aproveitava-se das dificuldades econômicas para especular com o dinheiro da cidade e especular com o dinheiro da cidade.

Em ocasião de banquete o Sr. LUIZ foi homenageado por um grupo de amigos que lhe fizeram um discurso elogioso. O Sr. LUIZ respondeu ao discurso dizendo que não se lembrava de ter sido homenageado e que não se lembrava de ter sido homenageado.

ACORDANDO NO PLAZA

Um grupo de amigos se reuniu no Plaza para discutir o assunto da reforma eleitoral. O Sr. LUIZ foi o primeiro a falar e a dizer que não se lembrava de ter sido homenageado.

O Sr. Antenor Neto, recebeu diversos telefonemas causando preocupação o seu estado de saúde.

O aumento e mudança do interventor federal.

OS TRIBUNAIS ELEITORAIS

O processo na matéria de ontem esteve em vista aos Tribunais Superior Eleitoral e Regional. Eleitoral tendo sido rejeitado respectivamente pelo ministro José Linhares e desembargador Afrânio Costa.

O último desses tribunais, que se encontrava em sessão, suspendeu os seus trabalhos para receber o visitante.

CONFERENCIA COM O PREZIDENTE O DIRETORIO DO PARTIDO

Em longa conferencia com o presidente esteve, ontem, em seu gabinete, no Palácio do Estácio o Conselho Municipal, o diretorio Central do Partido Trabalhista Brasileiro.

INCLUSÃO DO EXTRANUMERARIO NA CARREIRA COM 5 ANOS DE SERVIÇO

UMA SUGESTÃO DOS AUXILIARES DA E. F. MARICA — OS APOSENTADOS COLHEM ELEMENTOS PARA PLEITEAR MELHORIAS

O Centro dos Aposentados Federais, Av. General Vargas n. 1773, está recebendo sugestões de todos os inativos para pleitear junto aos poderes públicos a melhoria dos seus proventos.

Tais sugestões devem ser encaminhadas por escrito, assinadas pelos interessados e contendo declarações de idade do proventado, cargo em que foi exercido, etc.

UMA SUGESTÃO

A respeito, recebemos longa carta assinada pelos Sr. Omar Teixeira Paiz, José Teixeira Alves de Oliveira, Diógenes Neto Alves, Ademar da Silva, Gaudêncio, Aníbal Gomes Jardim, Pedro Luiz Costa, Almirante Muniz de Sousa, Sotero Luis Pimentel, Rêgo Paria Mendonça, Sebastião Domingos Barros, Graciliano Romão, Pedro...

19/06/1945 — Página 3

5 – BIBLIOGRAFIA

a) De e sobre Rubem Braga

- ANDRADE, Carlos Drummond et alli. Para Gostar de Ler, vol. 4, São Paulo, Ática, 1980.
- . Para Gostar de Ler, vol. 5, São Paulo, Ática, 1980
- ARRIGUCCI JR, Davi. “Fragmentos sobre a crônica” e “Braga de novo por aqui”. In: Enigma e Comentário, São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
- BRAGA, Rubem. A borboleta amarela, Rio de Janeiro, Record, 1991.
- . Ai de Ti, Copacabana, São Paulo, Círculo do Livro, 1985.
- . As boas coisas da vida, Rio de Janeiro, Record, 1988.
- . Com a FEB na Itália, Rio de Janeiro, Livraria Zélio Valverde, 1945.
- . Crônicas da Guerra na Itália, Rio de Janeiro, Record, 1986.
- . Crônicas de Guerra – Com a FEB na Itália, Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1964.
- . O homem rouco, Rio de Janeiro, Record, 1987.
- . Uma fada no front, Porto Alegre, Editora Artes e Ofícios, 1994.
- . Um cartão de Paris, Rio de Janeiro, Record, 1997.
- . Um pé de milho, Rio de Janeiro, Record, 1993.
- CASTELLO, José. Na cobertura de Rubem Braga, Rio de Janeiro, José Olympio, 1996.
- CASTRO, Moacir Werneck. “Rubem Braga jornalista”, revista *Bundas*, 5 de setembro de 2000, páginas 38 e 39.
- DIÁRIO DE PERNAMBUCO. “*O novo livro de Rubem Braga*”, Caderno Viver, 09 de setembro de 1997, página 1.
- FRANCHETTI, Paulo e PECORA, Alcir. Rubem Braga – Literatura Comentada, São Paulo, Abril Educação, 1980.
- MORAES, Lygia Marina. Conheça o escritor brasileiro Rubem Braga, Rio de Janeiro, Record, 1979.

O Estado de São Paulo, Caderno de Cultura, 24 de outubro de 1987, páginas 1 a 4, ano VII, número 382

SÁ, Jorge de. “Rubem Braga: o espião da vida”, in A crônica, São Paulo, Ática, 1985.

SILVEIRA, Joel. “As guerras de Rubem Braga”, *Gazeta Mercantil*, Caderno Fim-de-semana, 15 de setembro de 2000, página 3.

Veja, “Tolice magistral”, 11 de janeiro de 1989, páginas 90 e 91.

b) Geral

ALENCAR, José de. Crônicas Escolhidas, São Paulo, Ática, 1995.

ANDRADE, Carlos Drummond. Poesia e Prosa, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 8ª edição, 1992

ARRIGUCCI JR, Davi. “Pedaço de conversa (resposta a Antonio Callado)”. In: Enigma e Comentário, São Paulo, Cia. das Letras, 1987.

BARRETO, Lima. Crônicas Escolhidas, São Paulo, Ática, 1995.

———. Recordações do Escrivão Isaías Caminha, São Paulo, Ática, 1990.

———. Vida Urbana, São Paulo, Brasiliense, 1956.

BARROS, André Luiz. “José Carlos de Oliveira – Cronista de um tempo contraditório”, *Jornal do Brasil*, Caderno B, 11 de maio de 1997, página 4.

BAUDELAIRE, Charles. Sobre a Modernidade, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

BENJAMIN, Walter. “Experiência e pobreza” e “O Narrador – Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov”, in Obras Escolhidas – Magia e Técnica, Arte e Política, São Paulo, Brasiliense, 1994.

BENTO, Cláudio Moreira. “Agosto de 1942: o Brasil entra na guerra”, *D.O. Leitura*, São Paulo, 11 de agosto de 1992, página 7.

BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. Nos tempos de Getúlio – Da Revolução de 30 ao fim do Estado Novo, São Paulo, Atual, 1990.

BILAC, Olavo. Vossa Insolência, organização de Antonio Dimas, São Paulo, Cia das Letras, 1996.

- CALLADO, Antonio. "Tiro alvejou no peito os militares e os oradores", *Folha de São Paulo*, Caderno Brasil, 23 de agosto de 1992, página 1-12.
- CANDIDO, Antonio et alii. A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil, Campinas, Unicamp; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANELA, Guilherme. "Marcha do Tempo – entrevista com Ramos Calhelha", in *Observatório da Imprensa* (site www.observatorio.com.br), 20 de outubro de 1998.
- CANO, Wilson. "Brasil: o sonho acabou?", in Soberania e Política Econômica na América Latina, São Paulo, Editora Unesp, 2000.
- CARONE, Edgar. A Terceira República (1937-1945), São Paulo, Difusão Européia do Livro (Difel), 1982.
- CartaCapital*. "O império declina – entrevista com Eric Hobsbawm", 22 de dezembro de 1999, ano VI, número 113.
- CHARTIER, Roger. "Crítica Textual e História Cultural – o texto e a voz, séculos XVI-XVII", in *Leitura - Teoria & Prática*.
- CHIARETTI, Marco. "Quando o Brasil foi à guerra", *Folha de São Paulo*, 28 de maio de 1995, página 5-9.
- CYTRYNOWICZ, Roney. Guerra sem Guerra – A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial, São Paulo, Geração Editorial/ Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2000.
- DIAS, Otávio. "O século radical – entrevista com Eric Hobsbawm", *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 30 de julho de 1995, página 5-7.
- EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma Introdução, São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930, São Paulo, Editora Brasiliense, 1979.
- FENELON, Dea Ribeiro (org.). "Redefinição da Ordem Política e o Desenvolvimento das Instituições", in 50 Textos de História do Brasil, São Paulo, Hucitec, 1974.
- GARCIA, Néson Jahr. Estado Novo, Ideologia e Propaganda Política A legitimação do Estado autoritário perante as classes subalternas, São Paulo, Edição eBooksBrasil.com, 2000

- GOMES, Angela de Castro. "A Política Brasileira em busca da Modernidade: na Fronteira entre o Público e o Privado", in SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). História da Vida Privada no Brasil, volume 4, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- HOBSBAWN, Eric. A Era dos Extremos – O breve século XX (1914-1991), São Paulo, Companhia das Letras, 1995
- ISER, Wolfgang. O Fictício e o Imaginário – Perspectivas de uma Antropologia Literária, Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. A Formação da Leitura no Brasil, São Paulo, Atica, 1996.
- LAJOLO, Marisa. O que é Literatura?, São Paulo, Brasiliense, 1994.
- LESSA, Ivan. Garotos da Fuzarca, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- LEVI, Primo. É isto um homem?, Rio de Janeiro, Rocco, 1988.
- LIMA, Luis Costa (org.). Teoria da Cultura de Massa, Rio de Janeiro, Editora Saga, 1969.
- LUKÁCS, Georg. "Narrar ou descrever?", in Ensaio sobre Literatura, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- MARIA, Antônio. Crônicas, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.
- MARTINS, Wilson. "Um mestre do populismo realista", *O Globo*, caderno Prosa & Verso, 16 de novembro de 1996, página 4.
- MELO, José Marques de. A Opinião no Jornalismo Brasileiro, Petrópolis, Vozes, 1985.
- MELO FILHO, Murilo. Testemunho Político, São Paulo, Elevação, 1999.
- MOISÉS, Massaud. "A crônica", in A Criação Literária – Prosa II, São Paulo, Editora Cultrix, 1997.
- MORAES NETO, Geneton. "Quem disse que víbora não fala?" (entrevista com Joel Silveira), in *Caros Amigos*, páginas 14 a 16, abril de 2000.
- MORAIS, Fernando. Chatô, o Rei do Brasil, São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- NASSIF, Luís. "O cronista do Rio", in *Folha de S. Paulo*, dinheiro, página 3-2, 15 de agosto de 1999.
- NEVES, Luis Felipe da Silva. "A Força Expedicionária Brasileira: 1944-1945", in COGGIOLA, Osvaldo (org.). Segunda Guerra Mundial – Um balanço histórico,

- São Paulo, Xamã; Universidade de São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Departamento de História, 1995.
- ORTIZ, Renato. A Moderna Tradição Brasileira – Cultura Brasileira e Indústria Cultural, São Paulo, Brasiliense, 1991.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. “A revolução no Brasil”, “A terceira revolução (de Getúlio Vargas)” e “A Revolução anunciada”, in Estratégias da Ilusão – A Revolução Mundial e o Brasil, 1922-1935, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- PINSKY, Jaime. “O Brasil nas relações internacionais: 1930-1945”, in MOTA, Carlos Guilherme (org). Brasil em perspectiva, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.
- PONTE PRETA, Stanislaw. Primo Altamirando e Elas, 6ª edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- RIO, João do. A Alma Encantadora das Ruas, organização Raúl Antelo, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, série Retratos do Brasil.
- ROSSI, Clóvis. O que é Jornalismo?, São Paulo, Brasiliense, 1991.
- SÁ, Jorge de. A crônica, São Paulo, Ática, 1985.
- SABINO, Fernando. Deixa o Alfredo Falar!, Rio de Janeiro, Record, 12ª edição, 1987.
- SALIBA, Elias Thomé. “A dimensão cômica da vida privada na República”, em SEVCENKO, Nicolau (org). História da Vida Privada no Brasil – volume 3, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- SANGUINARDI JR. “Assis Chateaubriand”, *D.O. Leitura*, São Paulo, 11 de abril de 1993, páginas 13 e 14.
- SCHNAIDERMAN, Boris. Guerra em Surdina –Histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial, São Paulo, Brasiliense, 1995.
- SELIGMANN, MARCIO. “O século das catástrofes”, in *Folha de S. Paulo*, Jornal de Resenhas, página Especial-4, 12 de fevereiro de 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. “Delenda Carthago”, *CartaCapital*, 21 de julho de 1999, ano IV, n.º 102.
- . “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”, introdução a SEVCENKO, Nicolau (org). História da Vida Privada no Brasil – volume 3, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

- SILVA, Marcos Antônio. "A guerra de Belmonte: humor gráfico e política no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial", in COGGIOLA, Osvaldo (org.). Segunda Guerra Mundial – Um balanço histórico, São Paulo, Xamã; Universidade de São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Departamento de História, 1995.
- SILVEIRA, Joel. II Guerra – Momentos Decisivos, Rio de Janeiro, Mauad, 1995.
- SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Getúlio a Castelo, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da Literatura Brasileira, Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1995.
- . História da Imprensa no Brasil, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- SOLA, Lourdes. "O golpe de 37 e o Estado Novo", in MOTA, Carlos Guilherme (org.). Brasil em perspectiva, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.
- TASCHNER, Gisela. "A Empresa Emergente", in Folhas ao vento – Análise de um conglomerado jornalístico no Brasil, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. "A crise e os conflitos periféricos (1929-1939)", in Segunda Guerra Mundial: as relações internacionais do século 20 (segunda parte), Porto Alegre, Ed. da Universidade/ UFRGS, 1996
- VIGEVANI, Tullo. "Origens e desenvolvimento da Segunda Guerra: considerações sobre a querela dos historiadores", in COGGIOLA, Osvaldo (org.). Segunda Guerra Mundial – Um balanço histórico, São Paulo, Xamã; Universidade de São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Departamento de História, 1995.
- WAINER, Samuel. Minha Razão de Viver – Memórias de um Repórter, Rio de Janeiro, Record, 1987.
- WELLBERY, David. "A relevância do conceito de contingência para os estudos literários", in Neo-retórica e Desconstrução, Rio de Janeiro, Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1998.
- WOLF, Mauro. "A Evolução da Pesquisa Sobre as Comunicações de Massa", in Teorias da Comunicação, Lisboa, Editorial Presença, 1987.